

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

VARIANTE DE PODER E SISTEMAS POLÍTICOS

Dissertação de Mestrado em Sociologia

*O ABSTENCIONISMO DIFERENCIAL  
ENTRE AS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS E  
AS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS  
—OS CONCELHOS DE  
SETÚBAL, ALCÁCER DO SAL,  
ALANDROAL E ÉVORA—*

Bernardina Maria Agostinho Barradas

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria José Stock

ÉVORA  
2000

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

MESTRADO EM SOCIOLOGIA

VARIANTE DE PODER E SISTEMAS POLÍTICOS

Dissertação de Mestrado em Sociologia

***O ABSTENCIONISMO DIFERENCIAL  
ENTRE AS ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS E  
AS ELEIÇÕES LEGISLATIVAS  
—OS CONCELHOS DE  
SETÚBAL, ALCÁCER DO SAL,  
ALANDROAL E ÉVORA—***

Bernardina Maria Agostinho Barradas



120 910

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria José Stock

ÉVORA  
2000

#### AGRADECIMENTOS:

— À Sr.<sup>a</sup> Prof.<sup>a</sup> Doutora Maria José Stock, por ter acreditado em mim, ter confiado em mim e ter-me acompanhado até ao fim da execução deste trabalho;

— Ao Sr. Dr. Carlos Alberto Silva, que me concedeu a sua prestimosa ajuda no tratamento dos dados com suporte informático;

— A todos os que se interessaram por esta tese e para ela contribuíram directa ou indirectamente, nomeadamente, ao Sr. Prof. Doutor Silvério da Rocha e Cunha, com quem tive o privilégio de trocar impressões e ao Sr. Prof. Doutor Francisco Ramos, pela sua infinita paciência;

— À minha família, aos meus pais, à minha irmã e ao Vitor;

— Ao João Henrique — a quem dedico esta dissertação — que me acompanhou desde o início do Mestrado e com quem tenho aprendido o verdadeiro sentido da vida;

Muito Obrigada.

## ÍNDICE

|   | Pág. |
|---|------|
| Introdução  | 5    |
| I – O Abstencionismo — Enquadramento Teórico e Metodológico               | 19   |
| 1.1. – Metodologia  | 19   |
| 1.1.1. – A Abordagem Explicativa  | 19   |
| 1.2. – Modelo Teórico   | 38   |
| 1.2.1. – A Teoria Geral dos Sistemas                                      | 38   |
| 1.2.2. – Legitimidade e Eficácia  | 40   |
| 1.2.3. – Luhmann e a Legitimação pelo Procedimento                        | 43   |
| 1.2.4. – A Teoria Crítica de Jürgen Habermas                              | 49   |
| II– Conceitos e Teorias   | 57   |
| 2.1. – O Abstencionismo Diferencial                                       | 57   |
| 2.2. – O Abstencionismo Diferencial e a Legitimação                       | 71   |
| 2.2.1. – Representatividade / Legitimidade                                | 79   |
| 2.2.1.1. – Democracia Directa e Democracia Representativa                 | 79   |
| 2.2.1.2. – Democracia e Abstencionismo Eleitoral                          | 92   |
| 2.3. – Os Contributos de Luhmann e de Habermas                            | 96   |
| 2.3.1. – Habermas e a Problemática da Legitimação no Capitalismo Avançado | 119  |
| 2.4. – A Cultura Política   | 141  |

|   |     |
|---|-----|
| III – Análise dos Dados                                     | 165 |
| 3.1. – A Análise por Clusters. A Relação entre os Concelhos | 165 |
| 3.1.1. – As Variáveis do Desenvolvimento                    | 178 |
| 3.2. – A Correlação. A Relação entre as Variáveis           | 183 |
| 3.2.1. – As Variáveis do Desenvolvimento                    | 192 |
| 3.3. – A Interpretação dos Resultados                       | 197 |
| <br>  |     |
| Conclusão   | 212 |
| <br>  |     |
| Bibliografia  | 229 |
| 1. Bibliografia Genérica                                    | 229 |
| 2. Bibliografia Temática                                    | 235 |
| 2.1. Sobre Abstenção e Participação Eleitoral               | 235 |
| 2.2. Sobre Democracia                                       | 239 |
| 2.3. Sobre Legitimidade                                     | 243 |
| 2.4. Sobre Cultura Política                                 | 244 |
| 2.5. Sobre Questões Metodológicas                           | 246 |
| 3. Publicações Estatísticas                                 | 248 |
| 4. Legislação   | 250 |
| 5. Outras Fontes  | 251 |
| <br>  |     |
| ANEXOS  |     |
| ANEXO I   |     |
| ANEXO II  |     |
| ANEXO III   |     |
| ANEXO IV  |     |
| ANEXO V   |     |

## INTRODUÇÃO

A democracia pode ser definida, em sentido etimológico, como o poder do povo<sup>1</sup>. Subentende-se, assim, que a democracia ganha real efectividade e representatividade quando é participada. Esta lógica é subvertida quando o povo se recusa a participar introduzindo um elemento de desvio na triologia que, tradicionalmente, se consubstancia na fórmula —poder do povo, pelo povo e para o povo. A crise de participação com que se debatem, actualmente, muitos dos regimes democráticos, torna lícito que se questione onde está o povo e qual a sua relação com um sistema político com o qual nem sempre se identifica.

---

<sup>1</sup> A fórmula “governo do povo” consagrava, na Grécia Antiga, o “governo da maioria”. A democracia aparecia como uma forma de governo situada entre a monarquia (ou governo de um só) e a aristocracia (governo de alguns). A “maioria” era aí dotada de um significado restrito, na medida em que consagrava a participação dos cidadãos reconhecidos politicamente, com clara exclusão para aqueles a quem não era reconhecido este estatuto. As relações políticas eram enquadradas pela Cidade e pela inserção do indivíduo enquanto homem livre na comunidade política. O espaço de igualdade definia-se, pela positiva, relativamente à comunidade em que se enquadrava e, pela negativa, relativamente à estrutura hierárquica assimétrica em que se baseava. Os cidadãos encontravam-se na *ágora*, um verdadeiro espaço público tanto material como metaforicamente. O público é toda a comunidade política e a participação política não funciona em proveito de um corpo administrativo de representantes. É através da comparência dos cidadãos na praça pública que a comunidade se identifica consigo própria. Actualmente, a democracia aparece ligada ao Estado, convertendo-se numa forma de organização política. O Estado passa a estruturar a sociedade como um elemento estranho, independente, com existência própria e que controla a sociedade a partir de fora. A democracia relativizou-se: de “forma de governo”, ela passou a significar uma forma de governo possível. Mais, a democracia passou a funcionar como uma forma de legitimação do próprio poder. A participação passa a fazer-se, preferencialmente através dos actos eleitorais e os cidadãos delegam nos seus representantes a sua capacidade decisória. A liberdade política que é consagrada pelas novas democracias, de intervenção no espaço público, coabita com os limites à participação nos assuntos públicos, determinados pela ordem e pelo bem comum. Cfr. David HELD, *Modelos de Democracia*, Alianza Editorial, Madrid, 1993, pp 27-51 e 175 e ss; João Bettencourt da CÂMARA, *Noites de San Casciano – Sobre a Melhor Forma de Governo*, Vega Universidade, Lisboa, 1997; Norberto BOBBIO, *A Teoria das Formas de Governo*, Universidade de Brasília, Brasília, 1980; Reinhold ZIPPELIUS, *Teoria Geral do Estado*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, pp. 203 e ss.

O abstencionismo eleitoral constitui-se como o reverso da participação eleitoral, ela própria, apenas uma forma —talvez a mais visível, a mais quantificável ou, ainda, aquela que o sistema mais viabiliza— de expressão da participação política.

O nosso interesse pelo tema do abstencionismo prende-se com a crescente relevância deste fenómeno e com a constatação de um comportamento abstencionista diferenciado em eleições autárquicas e nas eleições legislativas.

A justificação para a escolha deste tema radica em razões que se prendem com o interesse científico e pessoal. O estudo do abstencionismo enquadra-se na área da Sociologia Política e, mais concretamente, da Sociologia Eleitoral, que constitui uma área que sempre nos despertou o maior interesse. Em segundo lugar, trata-se de um problema pouco estudado e imerecidamente descurado. O abstencionismo pode funcionar como um excelente indicador do estado de saúde de um regime, de uma organização ou de uma comunidade. Sabemos que o abstencionismo tanto se pode dever a factores internos ao indivíduo, tais como a instrução, o sexo, a idade, a mundividência; como a factores circunstanciais, próprios do ambiente envolvente e que se prendem com opções políticas, alternativas apresentadas e pressões grupais ou sociais. A clarificação do que poderá subjazer ao comportamento abstencionista diferenciado passa, sem dúvida, pela própria natureza do diferentes níveis de poder (poder local, regional, nacional e supra-nacional) e pensamos que poderá constituir uma tarefa meritória a análise da atitude abstencionista face à alteração da lógica política territorial a que actualmente se assiste. Como já defendemos, o abstencionismo é parte integrante da participação eleitoral —ainda que pela negativa— que por sua vez, representa uma forma de participação política, e esta, uma forma de participação social. Clarificar este fenómeno é, na nossa perspectiva, contribuir para um maior co-

nhecimento do sistema sócio-político.

Apesar da carga negativa que comporta, o abstencionismo não é um fenómeno inconsequente. Segundo Lipset, “os membros de uma organização ou os cidadãos de um Estado, não necessitam tomar parte directamente na gestão política para que a sua influência se faça sentir e a sua indiferença, ela própria, não possa deixar de ter implicações políticas.”<sup>2</sup>

Quantas vezes o peso da não-participação pode determinar o resultado de algumas eleições? E quantas vezes ainda, não é a abstenção a força política mais votada? O valor tácito e crítico do abstencionismo só tem paralelo em algumas atitudes participativas de transferência estratégica do voto, conferindo-lhe, assim, um valor instrumental. O contrário também se verifica: em regimes totalitários, os cidadãos são convidados, quantas vezes forçosamente, a participar em actos eleitorais, sem que daí resulte uma influência efectiva nas decisões políticas. O sufrágio eleitoral nestas circunstâncias, transforma-se numa mascarada da democracia<sup>3</sup>.

O abstencionismo e a própria participação eleitoral mantêm uma relação ambígua com a democracia: a participação eleitoral constituiu, algumas vezes, uma forma de legitimação de regimes totalitários, enquanto em Estados com elevadas taxas de abstenção se encontram democracias estáveis; a abstenção tanto pode resultar de uma atitude activa de sanção da actividade política, como pode dever-se a um maior utilitarismo provocado pelo desenvolvimento económico.

---

<sup>2</sup> Seymour Martin LIPSET, *L'Homme et la Politique*, Paris, Éditions du Seuil, 1960, pág. 199.

<sup>3</sup> Não pretendemos com esta afirmação conotar negativamente a obrigatoriedade do voto. O sentido da afirmação deve ser buscado na ineficácia do resultado da decisão do voto. Em algumas democracias estabelecidas e dentro da própria União Europeia, certos sistemas eleitorais consagram a obrigatoriedade do voto. É o caso da Bélgica, Grécia e Luxemburgo. Cfr. António Lopes CARDOSO, *Os Sistemas Eleitorais*, Edições Salamandra, Lisboa, 1993, pp. 93 e ss.



Parece, contudo, indiscutível que a participação é importante para a estabilidade política: “um Estado onde uma parte importante da população se coloca inteiramente à parte da luta política corre maior risco do que aquele em que os cidadãos tomam legitimamente parte nas actividades que lhes permitem influir sobre as decisões que afectam os seus modos de existência”<sup>4</sup>.

Tanto os dirigentes dos Estados democráticos como os dos Estados totalitários, manifestam alguma preocupação pela participação dos cidadãos. O acto de votar é sempre uma prova de aquiescência, de interesse pela coisa pública, pela política, uma forma de legitimação, de conferir ao poder autoridade. A indiferença e a apatia podem ser um sério entrave à afirmação de um regime político. Em causa está a respectiva legitimidade<sup>5</sup>.

É precisamente da relação entre a participação política e a legitimidade que nos propomos tratar. Entendendo-se que a participação eleitoral pode ser considerada como um processo de legitimação (pelo menos de legitimação pelo procedimento), é todo um silogismo que subjaz ao nosso raciocínio e enforma a nossa abordagem, o qual se pode sintetizar da seguinte forma: se a participação eleitoral é uma forma de legitimação, será que o abstencionismo poderá significar uma recusa da legitimação e, assim, enunciar uma crise de legitimidade no sistema político?

Tentaremos explicitar a relação entre estes dois fenómenos,

---

<sup>4</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 200.

<sup>5</sup> A legitimidade pode ser definida como o resultado do processo que confere reconhecimento público à autoridade dos detentores do poder, ou como define Lipset: “o conceito de legitimidade implica uma crença popular no valor social das instituições existentes assim como na capacidade do regime para assegurar a manutenção desta crença”. Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 89. Habermas define legitimidade como “o facto do merecimento de reconhecimento por parte de uma ordem política”, Jürgen HABERMAS, *La Reconstrucción del Materialismo Histórico*, Madrid, Taurus Ediciones, 1981, pág. 243.

nomeadamente recorrendo a três abordagens: a teoria geral dos sistemas, a relação entre a legitimidade e a eficácia e a teoria crítica da sociedade de Jürgen Habermas<sup>6</sup>.

Pleno de significado político e sociológico, o abstencionismo é um fenómeno complexo nas respectivas causas e multifacetado nas formas que apresenta. O abstencionismo pode ser constante ou intermitente, voluntário ou involuntário, de transferência<sup>7</sup> e diferencial, segundo a conjuntura política ou o tipo de eleição.

É do abstencionismo diferencial segundo o tipo de eleição (para as Autarquias Locais ou para a Assembleia da República) que nos pretendemos ocupar adiante, fazendo um esforço de adaptação das diferentes abordagens a este fenómeno concreto.

Tratando-se de um fenómeno complexo, recorreremos na nossa análise a uma espécie de condição *ceteris paribus*, que nos possibilitará a análise do abstencionismo como fenómeno isolado, neutralizando todos os factores (individuais ou colectivos) susceptíveis de influenciar particularmente o fenómeno.

Especificada a temática, definidos os objectivos, justificado o respectivo interesse, estamos em condições de formular as questões de partida para o estudo a que nos propomos e, subsquentemente, tecer as hipóteses de investigação.

A primeira grande questão coloca-se ao nível da causalidade: o que explicará a diferença entre a abstenção nas Eleições Autárquicas e nas Eleições Legislativas?

Podemos ainda subdividir esta questão por forma a precisá-la:

---

<sup>6</sup> Através do recurso ao contributo de autores como Luhmann e Habermas pretendemos opor uma concepção da legitimidade puramente procedimental a uma concepção contratualista e participativa da legitimidade.

<sup>7</sup> O fenómeno do abstencionismo de transferência pretende designar a atitude de abstenção que por vezes caracteriza o período que medeia a transferência de voto de um partido ou de um quadrante político para outro.

— Qual a relação entre os eleitores e as instituições políticas nacionais e locais?

— Qual o peso e a importância simbólica do poder local e dos poderes nacionais?

— Que factores sociais, económicos e políticos existentes nos quatro Concelhos poderão contribuir para explicar a abstenção diferencial?

A partir desta última questão podemos colocar as seguintes hipóteses de trabalho:

— O abstencionismo diferencial está relacionado com as variáveis que caracterizam socialmente os eleitores dos quatro Concelhos escolhidos, pelas razões já aduzidas (o sexo, o estado civil, a idade, as habilitações literárias, a condição perante a actividade económica, a situação perante o trabalho, a profissão, o habitat).

— O abstencionismo diferencial está relacionado com o grau de desenvolvimento dos quatro Concelhos em estudo.

O primeiro pressuposto de que partimos consiste no facto de que o comportamento eleitoral e, nomeadamente, o abstencionismo, é diferente consoante o tipo de sufrágio. As eleições consideradas mais importantes tendem, em princípio, a ser mais participadas.

Com as novas dinâmicas político-territoriais e a consequente transferência de poder, do Estado para níveis supra e infra nacionais, pareceria lógico que se encontrassem a estes níveis as eleições consideradas mais importantes, logo, em princípio, mais participadas.

Por razões que se prendem com a mobilidade geográfica, a consequente desintegração social, o fraco associativismo e a heterogeneidade dos novos agregados, somos levados a supor que as regiões do litoral registam níveis de abstenção superiores aos das regiões do interior.

Nesta medida, e por forma a comprovar as hipóteses de trabalho, seleccionámos como unidade de análise as Eleições para a Assembleia da República de 1976 a 1997 e as Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais de 1976 a 1999<sup>8</sup>, considerando assim, ter delimitado o tema simultaneamente em termos temporais e tipológicos.

Como unidade de análise espacial seleccionámos os Concelhos de Évora, Setúbal, Alandroal e Alcácer do Sal por considerarmos que correspondiam a quatro regiões distintas (embora situadas no Sul do país), com percursos históricos sociais e económicos diferentes, e cuja comparação é susceptível de trazer alguma riqueza à análise que pretendemos efectuar.

Sendo nosso objectivo proceder à identificação dos factores explicativos da diferença de comportamento eleitoral (nomeadamente a abstenção) entre as Eleições Autárquicas e as Eleições Legislativas, propomo-nos indagar a relação entre os eleitores e as instituições políticas nacionais e locais; o peso e a importância simbólica do poder local e dos poderes nacionais e identificar os factores sociais, económicos e políticos que poderão contribuir para explicar a abstenção diferencial.

Definido o objecto de estudo, precisadas as hipóteses e estabelecidos os parâmetros da investigação, cabe referir o percurso metodológico.

Em termos metodológicos, recorreremos ao enquadramento de estudos que foram elaborados nesta área, por diversos autores, nomeadamente, Lipset, Alain Lancelot, Fàbregas e Justel.

Lipset<sup>9</sup> traça um perfil do abstencionista típico, que é caracterizado como o detentor de um nível de rendimento fraco, um baixo ní-

---

<sup>8</sup> Por razões de ordem metodológica acabámos por recorrer apenas aos dados referentes a actos eleitorais próximos dos dados dos Censos, de forma a poder correlacioná-los.

<sup>9</sup> Cfr. Seymour Martin LIPSET, *op. cit.* pp. 199 e ss.

vel de instrução e enquadrado numa das seguintes categorias profissionais: assalariado, doméstica, pequeno funcionário administrativo, operário ou camponês auto-suficiente, para além de ser negro e do sexo feminino. As mulheres seriam, de resto, as menos participantes, sobretudo na faixa etária abaixo dos 35 anos. Com menor participação eleitoral contam-se, ainda, os novos residentes, os celibatários e os não filiados em organizações. O abstencionismo tenderia, também, a aumentar em períodos normais, em contraste com os períodos de crise. Por oposição, as categorias sociais onde se registaria uma participação mais forte seriam aquelas que congregariam os detentores de rendimentos elevados e níveis de instrução elevados, que se incluiriam nas seguintes categorias profissionais: homens de negócios, empregados autónomos, funcionários, camponeses que comercializam as suas colheitas e mineiros; brancos, do sexo masculino, pessoas de meia idade (entre os 35 e os 55 anos), idosos (com idade superior a 55 anos), antigos residentes, casados e filiados em diversas organizações. Para além das reservas que nos pode levantar a classificação de Lipset, nomeadamente por nos parecer discriminatória, esta foi elaborada a partir de estudos realizados por diversos autores e que levaram Lipset a isolar alguns factores que teriam efeito sobre a participação. Apesar disso, cremos não ser possível identificar fisicamente os elementos que compõem esta categoria social e, a partir daí, constituir uma base amostral que pudesse servir de apoio a um estudo de carácter quantitativo.

Alain Lancelot<sup>10</sup>, autor de um estudo empírico sobre o abstencionismo eleitoral em França distingue quatro formas de abordar o abstencionismo: a análise dos cadernos eleitorais, a geografia eleitoral, o inquérito por sondagem e o inquérito psicológico. Os cadernos elei-

---

<sup>10</sup> Alain LANCELOT, *L'Abstencionnisme Électoral en France*, Armand Colin, Paris, 1968.

torais revelaram-se um recurso precioso, por conterem informações relacionadas com a identificação (nome, data e local de nascimento, morada e profissão) que poderiam revelar-se extremamente úteis a uma caracterização do universo de eleitores, votantes ou abstencionistas. Ainda segundo o autor, frente a cada nome é assinalado se o eleitor votou ou não, permitindo assim traçar o percurso individual do eleitor em vários escrutínios e identificar os abstencionistas constantes, os votantes constantes e os abstencionistas intermitentes. Uma outra facilidade que, pelo menos à altura da realização do estudo era facultada, consistia na exposição para consulta, quando solicitada, dos cadernos eleitorais, durante um determinado período de tempo após as eleições. É claro que uma das limitações desta abordagem consiste no facto de ela só permitir uma utilização em unidades espaciais de análise restritas e em estudos de carácter monográfico, o que —tendo em conta a delimitação do nosso estudo— não constituiria qualquer problema. O autor ressalva que a representatividade desta microssociologia é reduzida e requer uma colmatação desta falha através da comparação com outras monografias. Em Portugal, o problema é bem distinto: não só os nossos cadernos eleitorais são bem mais parcus em informação (reduzindo-se esta ao nome), como a exposição ao público é feita antes das eleições.

A segunda forma de abordagem do problema, a geografia eleitoral, permite estabelecer uma relação entre o abstencionismo e as características da população e do povoamento de uma dada unidade geográfica. É conveniente, mais uma vez, que o âmbito espacial do estudo seja restrito, o que no nosso caso não constitui problema, uma vez que delimitámos a nossa abordagem aos Concelhos atrás referidos. Quanto mais pequenas forem as unidades de análise, mais significativas serão em termos sociais, e sê-lo-ão tanto mais quanto se tratar de um meio rural onde o espaço é estruturador da vida social.

Os inquéritos ou as sondagens permitem, à primeira vista, o acesso a um manancial de informação, provocada à medida das necessidades traçadas pelos objectivos da investigação. A informação assim provocada pode ser de carácter individual ou grupal e visar, inclusivamente, as razões da abstenção. No entanto, a validade de um inquérito deste tipo deixa bastante a desejar. O diferencial entre o comportamento efectivo e aquele que é declarado nos inquéritos antes ou depois das eleições, é substancial. Em sondagens realizadas pelo Instituto Francês de Opinião Pública<sup>11</sup> e apresentadas pelo autor, a abstenção observada chega a ser três vezes mais elevada do que a prevista. A diferença tende a aumentar à medida que aumenta o próprio abstencionismo. Também as sondagens pós-eleitorais não parecem ser mais válidas, verificando-se aqui um fenómeno interessante que é o de, por vezes, a abstenção reconhecida ser superior à abstenção verificada de facto. São ligeiramente mais fiáveis do que as sondagens pré-eleitorais, mas enfermam, umas e outras, de um problema que se coloca logo à partida: as questões políticas são “tabu” (são dificilmente abordáveis quando se realiza um inquérito e a prova disso é a colocação estratégica das perguntas sobre esta temática quando se elabora um questionário), o abstencionismo tem uma carga negativa acrescida, porque se trata de um comportamento supostamente desviante, penalizado socialmente.

A forma mais eficaz de abordar as motivações parecem ser os testes psicológicos, susceptíveis de uma análise qualitativa mas cujo tipo de especialização requerido os torna, no caso concreto, inexequíveis.

---

<sup>11</sup> Cfr. Alain LANCELOT, *op. cit.*.

O espanhol Joan Font Fàbregas<sup>12</sup>, autor de uma síntese crítica dos estudos sobre a abstenção eleitoral em Espanha, representa um contributo importante no que concerne às técnicas mais apropriadas para o estudo da abstenção eleitoral. São elas: a análise de dados agregados, a análise de dados recolhidos a partir de inquéritos de opinião e os cadernos eleitorais. Pelos primeiros entende-se os resultados eleitorais publicados. A partir destes é possível estabelecer relações territoriais entre o abstencionismo e as características sociais, bem como abordar a evolução temporal. Relativamente aos inquéritos de opinião cremos ter sido acima já suficientemente exaustivos e tecido as considerações que nos levaram a considerar esta técnica como inadequada para o presente estudo. Finalmente, os cadernos eleitorais também revelam as suas limitações. Resta a possibilidade da realização de entrevistas em profundidade que permitam qualitativamente completar e suprimir as falhas das técnicas quantitativas. O ideal seria que estas técnicas fossem utilizadas em complementaridade. Se aqui realçamos os aspectos positivos ou negativos, isso deve-se a uma preocupação de selectividade, no sentido de adequar as técnicas de recolha de dados face aos objectivos do nosso projecto de investigação.

Manuel Justel também realça “a necessidade, ou, pelo menos, a conveniência, de recorrer com carácter coomplementar a processos analíticos diferentes”, acrescentando que “a própria natureza dos dados disponíveis, individuais uns, agregados outros, reclama por si só essa pluralidade de enfoques e métodos.”<sup>13</sup> Segundo o autor, os dados agregados das estatísticas eleitorais revelam-se mais consistentes do que os dados individuais. Contudo, estes dados apresentam limitações

---

<sup>12</sup> Cfr. Joan Font FÀBREGAS, “La Abstencion Electoral en España: Certezas e Interrogantes”, in *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, Nº 71-72, Centro de Investigaciones Sociológicas, Julio-Diciembre de 1995, pp.11-37.

<sup>13</sup> Manuel JUSTEL, *La Abstención Electoral en España, 1977-1993*, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid, 1995, pág. 38.



devido ao seu carácter agregado e, conseqüentemente, às dificuldades de encontrar uma explicação causal para o comportamento individual. Os dados individuais, por outro lado também apresentam limitações, nomeadamente porque são mais débeis. Uma das suas debilidades pode ser o “atomismo”, quer dizer, que “os dados individuais obtidos por inquérito isolam o sujeito relativamente ao seu ambiente, recolhem a sua reacção individual a estímulos num contexto artificial, que não corresponde, ou pode não corresponder, àquele em que o indivíduo desenvolve a sua vida quotidiana.”<sup>14</sup> A solução, não deve ser recusar ambas as abordagens, mas procurar integrá-las em diferentes níveis de análise.

Se recorremos a estes autores e ao respectivo contributo em termos metodológicos foi por acreditarmos que uma investigação deve otimizar os recursos materiais e humanos e a experiência representa já uma mais-valia, a não descurar. Fazendo ainda apelo às palavras de R. Quivy quando afirma que “uma investigação social não é uma sucessão de métodos e técnicas estereotipadas que bastaria aplicar tal e qual se apresentam numa ordem imutável”<sup>15</sup>, esclarecemos que não é nossa intenção aplicar à letra as técnicas citadas, mas antes adaptá-las aos nossos propósitos e, porque não, às nossas limitações materiais e humanas.

Consideramos, como afirmámos atrás, que o universo de abstencionistas não é fisicamente identificável. Pode não ser sequer estável ou constante: nada nos indica que os abstencionistas sejam os mesmos indivíduos numas ou noutras eleições. A par dos abstencionistas convictos e constantes temos também os abstencionistas intermitentes e, até, abstencionistas de transferência, nos casos em que se

---

<sup>14</sup> Manuel JUSTEL, *op. cit.*, pág. 44.

<sup>15</sup> Raymond QUIVY e Luc Van CAMPENHOUDT, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva, 1992, pág 16.

opta por este comportamento como fase intermédia para uma mudança de opção política. Posto isto, cremos ser bastante difícil o recurso a sondagens, que ainda que efectuadas a uma amostra extraída da população em geral, são de validade duvidosa. Trata-se, ainda, de uma técnica onerosa geralmente executada por equipas de investigadores e com um horizonte temporal mais alargado.

O recurso aos cadernos eleitorais parece-nos impraticável e de pouca utilidade, tendo em conta a escassez de informação. De resto, não é eticamente claro o acesso aos abstencionistas através desta base de dados. Se o secretismo deve ser garantido em relação ao voto, não o deverá ser também em relação ao não-voto<sup>16</sup> ?

Propomo-nos proceder a uma recolha bibliográfica e documental que nos dê acesso a estatísticas e que nos elucide das razões da desmotivação da população. O abstencionismo é um fenómeno macro-social e, como tal, esta técnica encontra plena justificação.

Consideramos que esta técnica de recolha de informação pode ser muito profícua, pois como afirma Quivy ela destina-se à “análise do sentido que os actores dão às suas práticas e aos acontecimentos com os quais se vêem confrontados: os seus sistemas de valores, as suas referências normativas, as suas interpretações...”<sup>17</sup>. Quer se opte por abordar o abstencionismo da perspectiva da cultura política ou da legitimidade este é, sem dúvida, o campo em que nos movemos.

Tencionamos ainda (se tal se apresentar possível tendo em conta a natureza do fenómeno e a qualidade dos dados que possuímos),

---

<sup>16</sup> A mesma opinião encontramos em Fàbregas, para quem o primeiro problema apresentado pelas listas eleitorais “é que em alguns países se trata de uma opção ilegal e que, em todo o caso, coloca problemas éticos relacionados com a privacidade da decisão eleitoral”. Joan Font FÀBREGAS, *op. cit.*, pág. 30.

<sup>17</sup> Raymond QUIVY e Luc Van CAMPENHOUDT, *op. cit.*, pág 194.

proceder à análise de regressão<sup>18</sup>, correlacionando o absentismo com algumas variáveis explicativas (sexo, profissão...). Apesar disso, o paradigma que privilegiamos é, fundamentalmente, o qualitativo, porque pensamos que o que se perde em generalidade neste tipo de abordagem, ganha-se em profundidade e, passe o pleonismo, em qualidade.

O presente trabalho encontra-se estruturado em três partes: numa primeira parte apresentamos e enquadrámos teórica e metodologicamente a problemática do abstencionismo. Na segunda parte procuraremos desenvolver o enquadramento teórico e conceptual, dando particular enfoque, sempre que possível, ao abstencionismo diferencial; a terceira parte, perfila-se enquanto análise concreta do problema, através do recurso à análise por *clusters* e à correlação.

---

<sup>18</sup> De acordo com Jean-Pierre COT e Jean-Pierre MOUNIER, "a regressão pode ser analisada como o método que permite medir a ligação existente entre uma variável que se procura explicar (variável dependente) e uma (ou várias) variável explicativa (variável independente)." Cfr. Jean-Pierre COT e Jean-Pierre MOUNIER *Para Uma Sociologia Política*, Amadora, Livraria Bertrand, 1976, pág. 190. Segundo Manuel Justel, "a análise correlacional com dados agregados (...) não poderá resolver algumas incertezas ou suspeitas sobre a conduta individual, mas oferecerá de forma consistente pautas estruturais de continuidade e mudança em termos agregados que, a este nível, tampouco admitirá dúvidas razoáveis sobre a mudança produzida." Manuel JUSTEL, *op. cit.*, pág. 46.

## I - O ABSTENCIONISMO — ENQUADRAMENTO TEÓRICO E METODOLÓGICO

### 1.1.- METODOLOGIA

#### 1.1.1. - A ABORDAGEM EXPLICATIVA

Segundo Lipset: “o abstencionismo tem causas múltiplas, e num Estado democrático, consequências muito variadas.”<sup>19</sup> O autor acrescenta ainda que “é necessário reconhecer que a interpretação das atitudes e das reacções em matéria política constitui um problema bastante complexo.”<sup>20</sup>

Um fenómeno multifacetado merece ser perspectivado de forma plural. Um dos primeiros modelos de abordagem do fenómeno da abstenção foi o modelo de Michigan. Concebido pelo Survey Research Center da Universidade de Michigan durante os anos 50, o modelo de Michigan assenta numa análise individual, tendo por base inquéritos a nível nacional. O modelo explica o comportamento eleitoral através de factores de carácter psicológico. Em última análise, o comportamento —eleitoral entendido como mais uma das atitudes individuais— dependeria dos recursos disponíveis, que por sua vez, provocariam o acesso a novos estímulos e influiriam, positiva ou negativamente, sobre a participação eleitoral. Definido o sistema de atitudes, este é trabalhado como um índice relativamente estável no tempo e independente de algumas condicionantes sociais, o que lhe confere poder pre-

---

<sup>19</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 201.

<sup>20</sup> Seymour Martin LIPSET, *ibidem*.

ditivo. A ideia da cristalização dos comportamentos é contrariada pelo introdução do factor motivação (bastante mais volátil do que as crenças e os valores) e interesse pela política, que permite classificar a participação eleitoral. A ideia-base desta análise é a de que o sistema eleitoral é estruturado pelo sistema de partidos e a afinidade político-ideológica dos eleitores aos partidos torna espúrios os comportamentos eleitorais que não se enquadram nesse sistema. Por outras palavras, o comportamento abstencionista é um comportamento disfuncional, só explicável com recurso a factores incontroláveis, mas a regra é a identificação do eleitor e a sua integração no quadro do sistema partidário, logo, perfeitamente predictível. Entretanto, a sofisticação e imprevisibilidade dos comportamentos políticos e eleitorais que se vieram a registar com crescente acuidade, vieram pôr em causa o modelo de Michigan —que caíu em desuso na década de 70— e apelar para um outro tipo de abordagem.

Um outro tipo de abordagem pode ser a abordagem explicativa estritamente sociológica: aquela que toma, como unidade de análise, não o indivíduo mas o grupo, e que põe em relevo o contexto social em que o indivíduo se encontra inserido. Ao contrário do que acontecia com o Modelo de Michigan, o comportamento eleitoral deixa de ser encarado como um somatório de atitudes individuais para ser encarado como um comportamento colectivo que adquire significado social graças, precisamente, à sua dimensão colectiva. Um dos representantes deste tipo de abordagem é Lipset.

Lipset afirmava a propósito do abstencionismo que “é preciso reconhecer que a interpretação das atitudes e reacções em matéria política constituem um problema bastante complexo”.<sup>21</sup> O autor adverte ainda que “é possível que os índices de um interesse político que examinamos aqui: o voto, a forma de se interessar e de participar,

---

<sup>21</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág.201.

sejam incapazes de exprimir esta faculdade de escolha e de comprometimento que se encontra na acção política e que apenas traduzam, pelo menos para as classes médias, uma forma de conformação à opinião geral do grupo.” Mas afasta as dúvidas ao declarar que “a participação variável de diferentes grupos pode fornecer-nos indicações preciosas sobre as realidades políticas da sociedade moderna, sem naturalmente permitir-nos estabelecer a significação pessoal e profunda que pode ter em si mesmo o acto de votar.”<sup>22</sup>

Em termos estritamente sociológicos e com base na observação da participação eleitoral em alguns países —nomeadamente, na Alemanha, Suécia, Estados-Unidos, Noruega, Finlândia— Lipset estabelece algumas regularidades. Os homens, os indivíduos com maior grau de instrução, residentes em habitat urbano, de meia idade, casados, pertencentes a organizações várias e de posição social elevada, seriam mais participativos do que as mulheres, os indivíduos com menor grau de instrução, a viver em habitat rural, celibatários, jovens ou mais idosos e menos favorecidos socialmente.

À parte as características sociais susceptíveis de influenciar a participação, o autor identifica determinadas condições sociais susceptíveis de potenciar ou anular a participação: a) as decisões governamentais (que podem tocar e afectar algumas categorias sociais); b) as possibilidades de informação; c) a influência do meio; d) as pressões contraditórias.

a) Apesar do carácter geral das decisões governamentais, existem determinados grupos que são mais afectados do que outros por estas decisões. É, de forma evidente, o caso dos funcionários públicos, mas é também, o caso daqueles que, encontrando-se em situação económica difícil —cuja dimensão ultrapassa a sua possibilidade de acção individual (inflacção, recessão económica, pressões monopo-

---

<sup>22</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág.202.

lísticas, as modificações estruturais da economia)— vêm depender da acção governamental o seu futuro e são impelidos à participação eleitoral. É o caso dos agricultores (a quem os governos asseguram créditos bancários, seguros de colheitas, preços fixos, de forma a garantir alguma estabilidade económica), mas também dos mineiros. Pelo contrário, os desempregados registam (mau-grado a sua condição económica) baixas taxas de participação. Os homens de negócios são também levados a participar por razões de ordem económica, embora aqui em sentido contrário. Mas outras razões de carácter ético ou religioso podem influenciar a participação, nomeadamente, o voto católico pode aumentar face à ameaça comunista ou quando os partidos agendam questões de carácter moral, como o planeamento familiar ou o aborto. As questões éticas parecem conduzir as mulheres à participação e Lipset deixa entrever a possibilidade de que propostas relacionadas com as reformas por idade sejam responsáveis por um aumento da participação entre os indivíduos mais idosos. Mas a participação eleitoral parece estar relacionada com a capacidade de integração dos partidos políticos. O voto da classe operária era, segundo o autor, enquadrado pela existência de partidos de classe. O interesse das populações pela política é ainda função de períodos de crise, que despoletam sentimentos de coesão interna.

b) A relação entre a participação eleitoral e a existência de graves problemas sociais não é determinante. Eleitores com fracos recursos económicos e que teriam, à partida, interesse em melhorar a sua condição económica através da participação eleitoral, não o fazem ou fazem-no em pequena escala. Não será por falta de partidos que integrem os seus interesses. Para Lipset, a falta de informação faz a diferença. Os operários e outras categorias mais desfavorecidas não têm uma visão clara da política e da forma como algumas medidas governamentais afectam a sua condição, não raras vezes, devido ao seu ca-

rácter invisível e à natureza indirecta das suas consequências. Em causa parece estar a capacidade de análise e a possibilidade de estabelecer contactos e relações múltiplas. Por isso, o grau de instrução como função da capacidade de perspectivar os problemas sociais em toda a sua complexidade, é um factor importante de participação eleitoral.

Além do grau de instrução e directamente relacionada com ele encontra-se a actividade profissional. As profissões mais valorizadas, não apenas exigem a montante um maior grau de instrução como favorecem o progresso intelectual. As actividades manuais, que ocupam a maior parte da população feminina, tendem a reproduzir as condições desvantajosas em que se encontram estes grupos sociais. A relação entre a actividade profissional e a actividade política torna-se ainda mais clara quando se tem em linha de conta o recrutamento partidário: mesmo os partidos operários são, na sua maior parte, dirigidos por quadros e profissionais liberais. O único canal de acesso para os operários parece ser a actividade sindical, verdadeiro meio de formação política. Mas a competência política depende também dos contactos e relações que se estabelecem com pessoas que partilham interesses e problemas comuns. Esta rede de contactos —hoje facilitada pelos meios de comunicação social— é determinante para a aquisição e formação da consciência política. As relações sociais assim estabelecidas conduzem ao associativismo, cuja eficácia na organização da acção e participação política, aumenta à medida que se progride na escala social. O associativismo —tão escasso entre os indivíduos de baixa condição social— mesmo quando é apolítico, tem um efeito cumulativo, que conduz à participação. Além disso, a existência de líderes de opinião com capacidade mobilizadora faz parte da dinâmica associativa. Uma outra vertente da actividade profissional tem a ver com os tempos livres: o tempo liberto para a dedicação à leitura, à cultura do



espírito, à reflexão sobre os problemas políticos gerais. A libertação de tempo livre afecta, sobretudo, a mulher casada pertencente às classes mais baixas. Na classe média não há distinção entre a participação política masculina e feminina e, nas classes superiores, esta chega a ser mais elevada.

c) Mesmo os indivíduos desinteressados da política podem ser influenciados pela pressão do meio social e pelo sentido do dever. O contexto social determina, para diferentes classes sociais, comportamentos e atitudes diversas. Segundo Lipset, os indivíduos provenientes da classe média são, de uma forma geral, mais conformistas do que os indivíduos das classes baixas. O reflexo político deste tipo de atitude é a concepção do voto como um dever cívico. Em meios sociais mais insatisfeitos e com condições de vida mais rigorosas, o conformismo é muito mais raro. A nível micro-social pode haver pressões para a participação eleitoral em função dos interesses do grupo. Em meios onde existem organizações de classe (meios urbanos) que congregam e organizam os interesses operários, a participação eleitoral é maior. Ainda a este nível, é possível haver *nuances*: os membros mais antigos exercem, tendencialmente mais, o direito de voto, do que os novos membros. A pressão grupal exige intensidade nos contactos com os centros de formação da opinião. O mesmo raciocínio se pode fazer a nível macro-social: as franjas da sociedade —jovens, por um lado, (recém chegados a uma comunidade de adultos) e idosos, por outro lado (desligados da vida social)— experimentam, regra geral, fraca participação eleitoral.

Por vezes, a pressão grupal relativamente ao voto é de tal ordem que esvazia o acto de todo o significado político: é o caso das eleições em regimes totalitários, por um lado, mas também o caso das democracias “totalitárias” em que uma ameaça exterior congrega todos os recursos e faz do voto uma manifestação de lealdade patriótica.

Num e noutro caso, a racionalidade da escolha e da participação política ficam postas em causa. Contrariamente ao exposto, a pressão do grupo pode fazer-se no sentido da abstenção. É o que acontece quando a ideologia dominante difunde o papel tradicional da mulher ou quando facções anarquistas equiparam o voto á escravatura, ou ainda, quando nenhuma das alternativas em causa é satisfatória. Nestes casos, o comportamento conformista traduz-se no abstencionismo.

d)As pressões contraditórias fazem-se sentir quando múltiplas influências agem sobre os indivíduos, paralisando-os numa atitude de indiferença e de recusa em optar. É o que acontece a indivíduos que são, simultaneamente, comunistas e católicos. A fraca participação eleitoral, registada entre a classe mais baixa, pode também dever-se à contradição entre a pressão para votar em partidos que defendam reformas sociais e económicas —canalizadas tanto pelas suas organizações de classe como pelas suas condições de vida— e a ideologia dominante, veiculada pelos diversos “aparelhos ideológicos do Estado” e que é conservadora. Segundo o autor, “os valores normativos de uma sociedade dividida em classes, através das pressões contraditórias que eles exercem, tendem eles próprios a reduzir a eficácia política das classes inferiores”<sup>23</sup>. A acção política, tendente a uma melhoria de posição social, é neutralizada pela pressão exercida pela sociedade através dos meios de comunicação de que dispõe. O resultado é a reprodução contínua das condições sociais das classes desfavorecidas. De resto, em sociedades abertas, a classe operária não faz uso das possibilidades de promoção social, como faz em sociedades fortemente estratificadas, devido à intensidade de contactos com o grupo de pertença, a que é forçada nestas sociedades. As influências contraditórias explicam ainda as diferenças de comportamento eleitoral entre o sexo masculino e o sexo feminino: as mulheres são mais permeáveis á in-

---

<sup>23</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 229.



fluência religiosa e o seu isolamento social (o autor referia-se a mulheres não trabalhadoras), inviabiliza a formação da consciência de classe. São também mais influenciadas pela ideologia conservadora da classe social superior, que funciona como grupo de referência. Espartilhadas entre a influência de esquerda dos maridos e a influência conservadora dominante, desinteressar-se-iam da política.

Situações de mobilidade geográfica, profissional ou social, são portadoras de influências contraditórias. Divididos que estão os indivíduos entre o que trazem de trás —e que já não lhes pertence— e o que vão apropriando aos poucos —mas que ainda não lhes pertence. Os filhos que pertencem ao mesmo meio social dos pais votam mais do que aqueles que pertencem a um meio social distinto. Nomeadamente, porque o movimento social ascendente requer um esforço energético considerável. Entre as camadas mais jovens as taxas de participação serão sempre mais baixas, particularmente, entre aqueles que se apresentam a votar pela primeira vez. O jovem eleitor não pode ter como referência o voto em eleições precedentes e é muito mais permeável às pressões do meio (vota frequentemente como os seus pais). A participação ficará relegada para segundo plano se estas pressões forem contraditórias: “o jovem eleitor irá votar quando a influência de um meio homogêneo lhe tenha facilitado a decisão e abster-se-á numa situação de conflito.”<sup>24</sup> O facto dos jovens se encontrarem num período de transição, tendo que constituir família, começar uma carreira e estabelecer novas relações, vai preterindo as preocupações com a política.

Os jovens relacionam-se, frequentemente, com pessoas de opiniões contrárias, enquanto entre os indivíduos mais velhos a homogeneidade é maior, seja porque foram filtrando o seu círculo de amigos, seja porque se adaptaram à opinião dominante no meio. Também a

---

<sup>24</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 234.

proporção em que as mulheres votam no mesmo partido que os maridos tende a aumentar com a idade.

Os celibatários, na sua maioria jovens, tendem a participar menos do que os indivíduos casados, entre outros factores porque têm uma vida mais instável, laços sociais menos sólidos e maiores possibilidades de mobilidade social e profissional. Em suma, estão mais sujeitos a influências contraditórias.

Todos os indivíduos sofrem pressões diversas. A teoria das pressões contraditórias fornece uma explicação simples do comportamento político mas que pode ser útil para a análise sociológica.

A explicação sociológica caracteriza-se ainda pelo recurso a binómios do tipo tradição-modernidade de Weber, ou solidariedade mecânica-solidariedade orgânica de Durkheim, ou mais actualmente, desenvolvimento – subdesenvolvimento, e que se consubstanciam na interpretação do comportamento abstencionista como uma função da privação relativa e do atraso nos níveis de desenvolvimento, centralidade e modernidade. A tese apresentada por Lancelot assenta nesta linha de raciocínio binomial. Segundo o autor, a explicação para a abstenção eleitoral encontra-se na integração social: “ao analisar a influência da condição social dos eleitores sobre a sua propensão para se absterem, fui levado a evocar por várias vezes a importância decisiva da integração na sociedade. (...) Quer caracterize a situação de uma categoria social relativamente ao conjunto da sociedade, quer a situação de um indivíduo em relação ao seu grupo de actividade, o grau de integração condiciona muito largamente o nível de participação eleitoral.” Adiante é ainda mais específico: “resulta da análise precedente que o abstencionismo caracteriza simultaneamente as categorias sociais alienadas e as colectividades mal integradas na sociedade global”<sup>25</sup>.

---

<sup>25</sup> Alain LANCELOT, *op. cit.*, pág. 216.

Lancelot isola três tipos de factores que crê serem susceptíveis de influenciar a abstenção eleitoral: as circunstâncias individuais; as condições sociais e as condições políticas. Define circunstâncias individuais como as circunstâncias materiais que forçam o eleitor à abstenção independentemente da sua vontade. Estas circunstâncias condicionam o *abstencionismo forçado*. O *abstencionismo voluntário* ou *evitável* (como parece preferir o autor por considerar que falta a esta atitude passiva a carga volitiva que o adjectivo acarreta), está dependente das condições sociais e políticas. As condições sociais reduzem-se em última análise, a um único conceito: “a integração social: os eleitores abstêm-se tanto mais, e tanto mais regularmente, quanto provêm de categorias ou pertencem a colectividades pior integradas na sociedade global.”<sup>26</sup> O autor reconhece ainda a existência de eleitores cuja posição social propiciaria a participação e que se abstêm por razões políticas, quer se trate de cepticismo em relação ao sistema eleitoral em geral ou hostilidade relativamente ao regime concreto, mas nega-lhes significado estatístico: “a falta de interesse pela política eleitoral e a hostilidade ao sistema representativo estão nitidamente associadas no conjunto da população a características sociais que correspondem à deficiente integração na sociedade. É este factor que aparece aqui em primeiro lugar e parece-me legítimo não constituir em tipo geral o abstencionismo de princípio que tende a ser apenas, hoje, uma excepção ou uma curiosidade”<sup>27</sup>.

Lancelot reconhece ainda, a existência de factores políticos relacionados com as condições particulares de cada eleição, nomeadamente, o que está em causa na vida pública e a relação entre as forças em oposição. Ao modelar a opinião pública, estes factores configuram a participação e a abstenção conjuntural.

---

<sup>26</sup> Alain LANCELOT, *op. cit.*, pág. 249.

<sup>27</sup> Alain LANCELOT, *op. cit.*, pág. 250.

Os diferentes tipos de factores dão origem a três tipos diferentes de abstencionismo: a) abstencionismo forçado, que o autor estima em 7 a 8% dos inscritos, com variações fracas e forte renovação interna; b) abstencionismo de isolamento sócio-político, parcialmente constituído pelos não-inscritos (estimados em 6 a 7% da população em idade eleitoral), e pelos abstencionista propriamente ditos (7 a 8%), ambos de fraca variação, o primeiro de renovação baixa, o segundo, média; c) abstencionismo de conjuntura política, que pode afectar de 0 a 155 dos inscritos, é de variações muito fortes e renovação elevada<sup>28</sup>.

Lancelot conclui que “o abstencionismo não é uma espécie de perversão, dependente unicamente da convicção moral dos indivíduos, mas um fenómeno social condicionado pelo sistema de relações sociais e o sistema de forças políticas, existentes num momento dado; ele traduz, ao mesmo tempo, a relação de algumas categorias sociais com a política e a reacção política de algumas categorias de eleitores, face a uma situação sempre renovada.”<sup>29</sup>

A ideia de um comportamento político ideal e idealizado —a participação eleitoral— bloqueado pela deficiente integração social, é falaciosa. Por outro lado, e na mesma linha de raciocínio, uma melho-

---

<sup>28</sup> Lancelot dá-nos igualmente conta de outras tipologias utilizadas e facilmente concatenadas com a sua, nomeadamente, a tipologia proposta por François Goguel em 1952 e que opõe o abstencionismo de estrutura ao abstencionismo de conjuntura; a classificação de Jean-Paul Charnay que distingue o abstencionismo apolítico - que englobaria a) o abstencionismo forçado e b) o abstencionismo pré-determinado, resultante de causas psicológicas - do abstencionismo político - que compreende a) o abstencionismo de renúncia e b) o abstencionismo de combate. O abstencionismo apolítico corresponde à tipologia de Lancelot, o abstencionismo político foi descurado pelo autor que o considerou muito secundário e o englobou no abstencionismo de isolamento social. Lancelot recusa ainda a classificação de Jean Pataut (1954) que distingue o abstencionismo necessário (onde se engloba o abstencionismo forçado mas também os votos nulos), o abstencionismo local (de carácter nitidamente geográfico e que é recusado pelo autor por valorizar o factor geográfico em detrimento do social e o abstencionismo político). Cfr., Alain LANCELOT, *op. cit.*, pág. 250 e 251.

<sup>29</sup> Alain LANCELOT, *op. cit.*, pág. 260.

ria das condições de privação relativa tenderia a acarretar um aumento da participação eleitoral, o que tem sido desmentido pelo percurso, fortemente abstencionista, de algumas sociedades ocidentais que registam um franco crescimento económico e uma forte integração sócio-económica.<sup>30</sup>

À estabilidade enquanto imperativo do sistema político como, postulava Lipset, sucedem-se comportamentos políticos e eleitorais cada vez mais paradoxais, e até desconcertantes, nas democracias ocidentais. A abstenção eleitoral é um desses comportamentos. A raça, a religião ou a classe social não oferecem uma explicação convincente. Contrariamente ao que seria de supor, um maior desenvolvimento cultural, social ou económico não acarretam um aumento correlativo da participação eleitoral<sup>31</sup>. Muitas vezes verifica-se precisamente o

---

<sup>30</sup> Manuel JUSTEL apresenta no seu estudo sobre a abstenção em Espanha, com base em Thomas T. Mackie, os níveis de abstenção verificados em eleições legislativas entre 1977 e 1990 em vinte e três países, de democracias pluralistas, onde se pode constatar que a Suíça encabeça a lista destes países com 52,1% de abstenção média, sendo a média de abstenção dos referidos países de 20%. Por razões que se prendem com a disparidade dos sistemas eleitorais, nomeadamente, a extensão do direito de sufrágio universal e a obrigatoriedade ou não de votar, o autor reduz a onze o número de países a comparar. A média da abstenção permanece nos 20% com Portugal a manter-se ligeiramente acima da média com 21,1%. Também acima da média se encontram a Espanha (26,7%), a Irlanda (26,5%), a França (25,6%), a Finlândia (25,6%) e o Reino Unido (25,2%). Abaixo da média encontra-se a maioria dos países escandinavos como a Noruega (17,0%), a Dinamarca (15,5%), a Suécia (10,5%), a Islândia (10,5%) e a Alemanha Ocidental (15,0%). Cfr. Manuel JUSTEL, "Composición y dinámica de la abstención Electoral en España", in *Comportamiento Político y Electoral*, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid, 1995. Cfr. infra Nota 61.

<sup>31</sup> Adriano MOREIRA adianta contudo, que "a forma variável do regime parece apenas eventualmente dependente da estrutura da sociedade civil, mas da mudança desta nasce frequentemente uma aspiração à participação no governo político: as formas pluralistas caracterizam o norte do mundo materialmente rico e culturalmente adiantado, de modo que a sociedade civil amolda evolutivamente o regime às suas necessidades (critério do tempo demorado); enquanto que os vários monopolismos proliferam nas sociedades pobres do sul, recentemente nascidas para a independência ou dominadas por elites desenvolvimentistas que assumem o poder com um projecto ideológico (critério de aceleração no tempo), frequentemente de concepção marxista. Também parece assim que, em qualquer dos casos, as alterações da sociedade civil implicarão a mudança, pacífica ou violenta, do sistema político e que, embora sejam fenómenos identificáveis autonomamente, desenvolvimento e modernização política tendem para a interde-

contrário. Manuel Justel registou grandes alterações no comportamento destas variáveis típicas. Assim, a correlação ( $r$  de Pearson) verificada em Espanha entre a abstenção em eleições gerais e a população urbana que era negativa em 1977 (-0,11), passou a ser positiva em 1986 (0,03), 1988 (0,08), 1993 (0,07); a correlação com o índice de desenvolvimento passou de -0,32 em 1977 para 0,16 em 1993; a correlação com o rendimento médio das famílias passou de -0,32 em 1977 para 0,10 em 1993, tendo-se tornado positiva em 1989; a correlação com os empregos na agricultura que era de 0,45 em 1977 tornou-se negativa em 1993 (-0,03) e a correlação com os diplomas superiores passou de -0,26 em 1977 para 0,17 em 1993. O mesmo se verifica em relação às eleições municipais: a correlação com o índice de desenvolvimento que era de -0,20 em 1979, é de 0,29 em 1991; a correlação com o rendimento médio familiar é de -0,23 em 1979 e de 0,20 em 1991; a correlação com os empregos na agricultura era de 0,14 em 1979 e de -0,31 em 1993 e a correlação com as licenciaturas passou de -0,19 a 0,27 entre 1979 e 1991<sup>32</sup>.

A inversão das correlações, com correlações crescentemente positivas em sectores integrados, centrais e “desenvolvidos”, levam o autor a concluir por um aumento da abstenção táctica e política e por uma “sofisticação do comportamento abstencionista”. Segundo Justel, “continua a haver manifestações e evidências de que parte da abstenção se associa ou depende de factores pessoais e contextuais de marginalidade social ou privação relativa ou, noutros termos, de “incompetência política”, mas torna-se também evidente que outra parte,

---

pendência, porque a primeira lança exigências (in-put) no sistema às quais este deve dar respostas (out-put) de adaptação, consensuais ou impostas, assim como o sistema político com projecto ideológico lança imposições (in-put) na sociedade civil, que responde com alterações (out-put) que por sua vez geram novas exigências ou apoios (in-put) ao sistema político, e respostas deste (out-put).” Adriano MOREIRA, *op. cit.*, pág. 12.

<sup>32</sup> Manuel JUSTEL, *op. cit.*, pág. 40.



tendencialmente crescente, ainda que flutuante, da abstenção eleitoral se associa ou depende de atitudes tácticas ou críticas para com ou face ao sistema político ou ao seu funcionamento conjuntural, atitudes que não cabe ligar a condições pessoais ou sociais de privação ou incompetência, antes pelo contrário.”<sup>33</sup>

À abstenção, entendida como atitude passiva, deve acrescer a abstenção activa. Fora do eixo da representação, que opõe o dever ao direito de votar, existe a atitude pessoal e colectiva de resistência e crítica ao sistema democrático no seu todo, ou, selectivamente, a alguns aspectos do seu funcionamento. Se é verdade que a abstenção passiva aparece associada à privação relativa e à marginalidade sócio-económica, a abstenção activa aparece dissociada das variáveis sócio-económicas, ou por outro lado, potencia-as. O abstencionista activo faz uso dos seus recursos em matéria económica e de informação para criticar activamente o sistema e, se for caso disso, abster-se.

Por outro lado, as mutações verificadas nos sistemas políticos democráticos afectam decisivamente o comportamento eleitoral. As variáveis sócio-económicas, tradicionalmente definidoras das clivagens sociais, perdem, por isso, o seu potencial explicativo. As teses baseadas no binómio desenvolvimento – subdesenvolvimento e que interpretavam o comportamento abstencionista como uma função da privação relativa e do atraso nos níveis de desenvolvimento, centralidade e modernidade, tendem a ser desacreditados. A normatividade começa a dar lugar a modelos mais complexos de análise do comportamento político e eleitoral.

A análise de dados agregados é também incompleta e insatisfatória. A própria análise multivariada é problemática. Não apenas pela selecção das variáveis em causa, mas sobretudo porque algumas dessas variáveis podem ter um efeito inverso consoante o tipo de abstenção. Como afirma Manuel Justel, “não basta interpretar

<sup>33</sup> Manuel JUSTEL, *op. cit.*, pág. 42.

ção. Como afirma Manuel Justel, “não basta interpretar a abstenção no contexto genérico da apatia política e da “incompetência”, como fruto ou correlato do grau de marginalidade ou falta de integração social. Não basta nesse sentido, a explicação sociológica clássica, sem que ao menos uma parte (variável) da abstenção requeira interpretação e explicação política (voluntária e activa). Parece impor-se, portanto a necessidade de atender a componentes distintos do bloco abstencionista.”<sup>34</sup>

Justel apresenta uma tipologia da participação/abstenção extraída de Dominique Memmi, em que distingue a abstenção passiva ou sociológica da abstenção activa ou ideológica. A primeira é interpretada como sinónimo de isolamento geográfico ou social e reflecte-se na falta de interesse pela política; a abstenção activa ou ideológica é encarada como um acto político e reflecte-se na rejeição da legitimidade do sistema político.

Para M. Justel, a abstenção pode ser de três tipos: técnica, sociológica e política. A abstenção técnica tem uma dinâmica constante; a abstenção sociológica é decrescente e a abstenção política, flutuante. Entre as causas da abstenção forçada destacam-se os problemas de recenseamento eleitoral, com uma dinâmica flutuante, a médio prazo decrescente; a doença com uma dinâmica constante; a mobilidade quer por motivos profissionais (constante), quer por ócio (flutuante); e a distância das urnas que tende a ser um factor com peso decrescente.

A decomposição da abstenção só pode fazer-se a partir de dados individuais. Talvez por isso, a investigação da abstenção é em Portugal ainda muito incipiente. Num artigo publicado no jornal *Público* de 29 de Junho de 1999, Luís Reto dá-nos conta de um estudo não-publicado, realizado em 1995 para a Comissão Nacional de Eleições, em que os autores estabeleceram a seguinte tipologia: a) absten-

---

<sup>34</sup> Manuel JUSTEL, *op. cit.*, pág. 38.

ção crónica (indivíduos que quase nunca votam e que se manifestam indiferentes à política e aos políticos); b) abstenção selectiva (indivíduos que votam apenas em alguns tipos de eleição —legislativas, por exemplo); c) abstenção flutuante (indivíduos que votam dependendo de factores conjunturais), d) abstenção activa (indivíduos que protestam activamente contra o sistema). Recentemente, com base nesta tipologia, o autor tem vindo a estudar a abstenção através do centro de sondagens da SIC, tendo concluído, apenas para os dois actos eleitorais medidos – referendo sobre a regionalização e eleições europeias – que a abstenção activa e a abstenção crónica mantêm valores similares, pese embora a diferente natureza do sufrágio (abstenção crónica 23% e 28% e abstenção activa 4% e 5%, respectivamente). Luís Reto estima entre 25% e 30% o número de eleitores que se teria já colocado fora do sistema.

Tendo em conta o carácter exploratório e qualitativo deste trabalho, não tivemos acesso a dados individuais que nos permitissem decompor a abstenção.

A qualidade e a escassez dos dados com que trabalhamos relativizam, forçosamente, as conclusões alcançadas em matéria estatística e sugerem-nos que nada há mais subjectivo e instável do que o domínio quantitativo.

Sem pretensões de catalogar o nosso estudo à partida, mantivemos aberta a possibilidade de uma combinação frutuosa entre a área qualitativa e a quantitativa, de forma a que uma e outra pudessem complementar-se e enriquecer-se mutuamente.

A partir da informação disponível procedemos a um primeiro contacto com o fenómeno descrevendo-o primeiro, classificando-o depois, e interrogando-o por fim em busca de uma explicação causal.

Relativamente às limitações da informação que existe disponível sobre esta matéria, resolvemos subdividi-las em três pontos: (a) a

informação estatística eleitoral, (b) a informação estatística geral publicada pelo I.N.E. e (c) a combinação das duas primeiras.

(a) Por informação estatística eleitoral designamos os resultados eleitorais publicados pelo S.T.A .P.E., no seguimento dos actos eleitorais. Estes resultados aparecem inquinados à partida, pela qualidade duvidosa dos cadernos eleitorais que servem de base aos referidos actos: o recenseamento eleitoral tem carácter voluntário, por um lado, e os movimentos demográficos, naturais ou migratórios, há muito que traçam um caminho paralelo e ignorado pelo recenseamento eleitoral.<sup>35</sup> O resultado é um empolamento do número de inscritos que, ainda que seja mais ou menos inócuo quando se trata de contabilizar votos expressos, pode ser grave quando o que está em causa é a abstenção. As consequências são ainda mais gravosas quando o nível de análise é local e casuístico e não é possível anular por compensação os seus efeitos, pelo menos no que toca aos movimentos migratórios. A desactualização dos cadernos eleitorais é responsável por um fenómeno de “virtualização” da representação em alguns Concelhos do país. A existência de eleitores virtuais condiciona a existência de eleitos pseudo-representantes, altera o peso das forças políticas em jogo e tem implicações economico-financeiras a nível da remuneração daqueles que, vivendo “para a política” vivem também “da política”.

(b) A informação estatística publicada pelo I.N.E. conhece um “momento forte” com o recenseamento geral da população, cada dez anos, a que se segue uma actualização anual da componente de-

---

<sup>35</sup> Cfr. Francisco SOARES e Teresa EVARISTO, “Recenseamento Eleitoral: Disfuncionamento e Novas Perspectivas”, in *Análise Social*, Nº 154-155, Verão de 2000, pp 25-44.

mográfica. A cada Censo, a informação conhece diferentes disposições, diferentes quadros, diferentes classificações<sup>36</sup>. A informação que é facultada agrupada num determinado recenseamento geral da população, é no censo seguinte, facultada desagregada e vice-versa, tornando difícil qualquer tentativa de compatibilização e comparação. Além disso, é difícil encontrar publicada informação abaixo do nível distrital (Nuts III no Censo 91). A informação a nível concelhio tem, por vezes, que ser adquirida onerosamente.

- (c) O último nível de dificuldade surge da combinação dos dois tipos de estatísticas supra-citados e forma-se no espaço interstício dessa combinação quando se pretende por exemplo, correlacionar variáveis sem que haja uma correspondência entre o universo eleitoral e o universo demográfico. Muitos residentes têm um local de voto diferente do local de residência. O recenseamento eleitoral contempla todos os indivíduos residentes, ainda que eleitoralmente incapazes, entre estes contam-se os menores de dezoito anos e os incapacitados em geral. E se relativamente aos menores o problema é ultrapassável, através da aquisição da informação desagregada, para a variável idade, não é fácil consegui-lo para as restantes variáveis.

Posto isto, a informação agora apresentada representa um exercício e uma prova para as nossas hipóteses, as nossas questões e as nossas convicções pessoais.

É da abstenção diferencial segundo o tipo de eleição — legislativas ou autárquicas — que nos propomos tratar. Para tal, seleccionámos quatro concelhos: Setúbal, Évora, Alcácer do Sal e Alandroal. Dois desses concelhos foram seleccionados com base no eixo lito-

---

<sup>36</sup> Entre o Censo de 81 e os Censo de 91, a profissão, variável sociológica de extrema importância, viu alterada a sua morfologia da C.N.P. para a C.I. P/88.

ral/interior —Setúbal e Évora— enquanto que com a selecção de Alcalar do Sal e Alandroal, procurámos criar um novo nível de comparação através da dicotomia rural /urbano.

Relativamente à abstenção sociológica, ensaiámos uma incipiente tentativa de abordagem empírica (recorrendo à análise por Clusters e à correlação entre variáveis) que a seguir apresentamos. Da abstenção activa ou ideológica com influência na esfera da legitimação trataremos na segunda parte, nomeadamente, através das abordagens teóricas de Luhmann e de Habermas.

## 1.2. - O MODELO TEÓRICO

### 1.2.1. - A TEORIA GERAL DOS SISTEMAS

O *político* tanto pode ser definido —do ponto de vista institucional— como apanágio do Estado, ou como uma relação de poder generalizada, ou ainda —numa perspectiva de compromisso— como uma relação privilegiada de poder, generalizando e ampliando a nível societal, aquela capacidade de conjugação e submissão de vontades a propósitos alheios, numa diluição da alteridade em função de objectivos estabelecidos. O político só se efectiva em relação. O sistema político deve, por isso, ser concebido como um sistema aberto, dotado de autonomia, mas que não se basta a si próprio, antes se fundamenta nas suas trocas com o exterior. Dele recebe *inputs*, sob a forma de apoios ou exigências, e em troca, emite decisões e acções — *outputs*. O sistema político deve converter as exigências e apoios em decisões e acções apropriadas, ficando sujeito a um novo retorno de *inputs*, os quais carecem de resposta. É neste processo de retroacção que podemos encontrar o significado da participação política.

A retroacção é essencial ao bom funcionamento do sistema. Sem o refluxo de informação pode estar em causa o equilíbrio do mesmo. A informação não regressa ao sistema, este não pode reorientar a acção, os mecanismos homeostáticos falham e num momento, é todo o sistema que está em causa.

As eleições podem ser concebidas como uma forma de comunicação. Na realidade, periodicamente fazem chegar aos centros de decisão um sancionamento às acções e decisões adoptadas. Sem deixar de ter significado em termos políticos, o abstencionismo é um sancionamento negativo, mas que ao invés de funcionar activamente, actua por

intermédio da apatia e da despolitização<sup>37</sup>.

O abstencionismo é uma forma de recusa ao sistema da informação necessária à re-orientação da acção. Tem influência política, mas de forma negativa.

Ao retirar ao sistema político a capacidade de controle da acção, o abstencionismo põe em causa um elemento importante em termos de teoria dos sistemas: a eficácia da acção. Um sistema político será tanto mais eficaz quanto os resultados da sua acção se aproximarem dos objectivos traçados e em caso de desvio, conseguir corrigir a sua acção, ou antecipar-se às próprias exigências.

A eficácia do sistema, a sua capacidade para “guiar”, podem afectar a confiança da sociedade e pôr em causa a própria legitimidade do sistema. Podemos então falar de “crise de legitimidade” pelo efeito directo da não-participação, ou indirectamente, como consequência da (não) retroacção. A “crise de legitimidade adquiriria, então, um carácter cíclico.

Ainda que um governo tenha uma preocupação particular em manter abertos os canais de comunicação, em cuidar da relação com os governados, chegando até, aparentemente, a antecipar-se às exi-

---

<sup>37</sup> Convém realçar que José Manuel Durão Barroso considera que o papel do sufrágio universal, pelo menos durante o período de transição para a democracia a que ele se reporta, é ambíguo: "a eleição pode estar ligada - se bem que paradoxalmente - a uma tendência para a "despolitização" e contribui muitas vezes para a emergência de um fenómeno de decepção, de desencanto" Cfr. José Manuel Durão BARROSO, "O processo de democratização em Portugal: uma tentativa de interpretação sistémica", *Análise Social*, vol. XXIII (95), 1º, 1987, pág. 20. Mais adiante, ainda reportando-se ao processo de transição que constitui o seu objecto de análise, o autor afirma: "o sistema político em formação tinha necessidade de aliviar a "pressão" que decorria de uma sobremobilização dos cidadãos. É possível afirmar a este respeito que a despolitização se inscreveu na própria lógica da consolidação do regime democrático. E essa despolitização - de que a dimensão psicológica nos é dada pelo "desencanto" - exprime-se também, ao nível dos comportamentos, pela "inserção diferencial dos indivíduos no sistema político": algumas camadas sociais terão tendência para progressivamente se afastar dos mecanismos de participação política e reentrar na esfera dos seus interesses privados", *op. cit.*, pág. 32. Registe-se que, pontualmente, a despolitização pode ter este conteúdo positivo embora isso fuja ao objecto do nosso trabalho.



gências, ou até a criar exigências, suscitando questões que não são consideradas necessidades prementes e que funcionam como manobras de diversão, é provável que nas eleições seguintes esse partido no governo tenha como retroacção um sancionamento negativo porque a sua acção não foi eficaz. Permitimo-nos utilizar aqui as palavras de Durão Barroso quando afirma que “o “imobilismo” e a paralisia ameaçam constantemente um sistema político adaptativo e “reactivo” mas incapaz de tomar a iniciativa de decisão nos sectores vitais da economia e da sociedade portuguesa”<sup>38</sup>.

É importante a comunicação entre governantes e governados. Pensamos que ela se processa, fundamentalmente, de cima para baixo e que a participação eleitoral pode ser um dos raros momentos de comunicação de baixo para cima, dos governados para os governantes. No entanto, a comunicação não é tudo e a eficácia da acção que dela deveria resultar é extremamente importante para a sobrevivência do sistema e para o próprio incentivo à participação política.

### 1.2.2. - LEGITIMIDADE E EFICÁCIA

Para Lipset a estabilidade de uma democracia depende da eficiência e da legitimidade do seu regime político. O conceito de eficiência resume-se ao “rendimento funcional” —que o autor designa pela forma como o regime desempenha “tarefas essenciais de governo tal como podem ser concebidas pela maioria da população”<sup>39</sup>.

O conceito de legitimidade tem um conteúdo mais simbólico e valorativo, ele “implica uma crença popular no valor social das instituições existentes, assim como na capacidade do regime para assegu-

---

<sup>38</sup> José Manuel Durão BARROSO, *op. cit.*, pág. 34.

<sup>39</sup> Cfr. Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 89.

rar a manutenção desta crença”<sup>40</sup>.

A eficácia é visível no resultado da acção, enquanto que a legitimidade se situa na esfera subjectiva. A legitimidade, contudo, depende da eficácia da acção. Lipset estabelece combinações entre estes vectores, onde um máximo de legitimidade pode corresponder a um mínimo de eficiência e vice-versa. Mau grado a importância da eficácia, os sistemas em que se verifica a primeira combinação são menos vulneráveis do que os últimos.

Idealmente, as eleições seriam o meio óptimo de fazer chegar aos governantes as aspirações e exigências e de condicionar as decisões políticas. Na prática, não é claro que os eleitores consigam transmitir aos candidatos a sua vontade ou que a sua opção de voto seja produto de informação e reflexão. Também não é claro que os outros agentes do “mercado eleitoral”, os partidos, procedam à elaboração de programas partidários suficientemente esclarecedores dos espíritos mais hesitantes. Finalmente, a decisão tomada com base na vontade da maioria não pode deixar de ser considerada injusta para algumas minorias. Conclui-se assim, que as eleições não têm uma influência directa sobre as decisões políticas mas podem, apesar destes desvios, ter um papel importante, ainda que mediato, relativamente à eficácia do sistema político. Como afirma F. Farelo Lopes “o carácter abstracto e genérico do apoio eleitoral proporciona ao sistema político uma complexidade e uma indeterminação sem as quais o representante dificilmente poderia adaptar-se às flutuações da vontade geral e manter ou construir o consenso nacional”<sup>41</sup>.

É na diluição da individualidade que se pode encontrar o sentido da colectividade. As eleições funcionam ainda como “tempos for-

---

<sup>40</sup> Seymour Martin LIPSET, *Ibidem*.

<sup>41</sup> Fernando Farelo LOPES, “Eleições e Estabilidade Política”, in *Sociologia-Problemas e Práticas*, CIES, Mem Martins, Publicações Europa - América, s. d., pág. 115.

tes” de expressão e exorcismo dos conflitos, permitindo aliviar o sistema de possíveis tensões. A formação de partidos permitiu integrar politicamente as várias camadas sociais e difundir um ideal de igualdade e de nivelamento face às estruturas políticas, que nem sempre tem paralelo na prática. Não é raro ver listas partidárias bastante abrangentes e heterogéneas que mais não são do que uma forma de captar votos de algumas camadas minoritárias sem que os representantes destas minorias ocupem, de facto, lugares elegíveis. Se o direito de voto e a subsequente representação nas instituições políticas são um garante da legitimação do sistema político, o afastamento das instituições políticas conduz à crise de legitimidade.

Para Lipset, as crises de legitimidade são um fenómeno próprio das sociedades modernas, onde clivagens de opinião levam a questionar os valores estabelecidos. Para o autor, uma crise de legitimidade é uma crise de crença, que leva os grupos excluídos da participação política a reivindicarem o acesso às instituições. Se o novo sistema, entretanto constituído, não for suficientemente eficaz para corresponder às aspirações destes grupos, o sistema conhecerá uma nova crise de legitimidade.

Toda a tónica da análise de Lipset assenta na integração sócio-política. Um dos factores que mais testa a eficiência do sistema político é, precisamente, a gestão dos conflitos: “um dos papéis essenciais dum governo democrático será exercer uma acção moderadora sobre a luta das facções (...) Não surpreenderá que tudo o que favoreça este relativo apaziguamento esteja em estreita relação com a legitimidade, concebida como a expressão simbólica da tradição, das situações e dos valores.”<sup>42</sup>

Mais adiante, o autor afirmará: “a estabilidade de uma democracia depende da manutenção de um estado de tensão moderado en-

---

<sup>42</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 95.

tre as diferentes forças em luta. Esta moderação política é grandemente facilitada se o regime for capaz de levar uma solução aos problemas mais importantes antes que surjam novos motivos de divisão. Se se deixar acumular as causas de reivindicações religiosas, cívicas e económicas, elas vão misturar-se, imbricar-se, reforçar-se mutuamente em maior detrimento da tolerância política.”<sup>43</sup>

Relativamente ao abstencionismo propriamente dito, o facto de alguns sectores sociais estarem pouco representados nas instituições poderá levar-nos a questionar se os seus interesses serão defendidos ou descurados aquando do processo de tomada de decisão. É possível que a não-identificação de alguns grupos com as instituições — nomeadamente por não se encontrarem ou sentirem representados nelas— conduza à abstenção, o que por sua vez, levaria os decisores a descurar os seus interesses, aumentando o sentimento de exclusão e o afastamento relativamente à política. O abstencionismo tem efeitos a nível da legitimidade, da eficácia —enquanto gestão de conflitos— e poderá, a longo prazo, pôr em causa a estabilidade política.

### **1.2.3. - LUHMANN E A LEGITIMAÇÃO PELO PROCEDIMENTO**

O problema da diferenciação social constitui o cerne da teoria de Luhmann. É neste enquadramento que são perspectivados os sistemas sociais: a economia, o direito, a política, a ciência, a educação e a religião. Para Luhmann, a sociedade compõe-se de comunicações e não de unidades determinadas (indivíduos, normas...). Através de uma complexa rede de comunicações, a sociedade diferencia-se do seu meio envolvente, distancia-se e ganha corpo (o objecto por excelência da sociologia deverá ser a relação entre o sistema social e o meio).

---

<sup>43</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 102.

A redução da complexidade do meio é um imperativo de sobrevivência: é para poder persistir que a sociedade reduz a complexidade do meio envolvente, e fá-lo através da diferenciação funcional. A diferenciação funcional permite ao sistema especializar as suas respostas e agir de forma selectiva, tendo em vista o cumprimento de determinadas funções. Por outras palavras, “ordena a contingência e as possibilidades do meio em conjuntos de problemas funcionalmente equivalentes.”<sup>44</sup>

A partir do séc. XIX, a sociedade moderna começou a produzir formas de especialização funcional que conduziram ao aparecimento de diferentes subsistemas sociais, vocacionados para funções específicas. O grau de especialização funcional é directamente proporcional à complexidade e ao grau de evolução de uma sociedade.

A redução de complexidade ocorre porque a especialização funcional em diferentes sistemas sociais tem como ponto de partida o mesmo sistema social. A redução da complexidade permite aumentar a eficácia, nomeadamente, da comunicação (o ordenamento do meio exterior reduz as interferências e possibilita uma selecção mais adequada).

A diferenciação e a especialização funcionais possibilitam uma relativa autonomia aos diversos subsistemas. Cada subsistema possui um âmbito específico de comunicação que é enquadrado por uma função determinada. A independência dos subsistemas acarreta também, um fechamento do sistema relativamente ao ambiente exterior, que é constituído pelos outros subsistemas. Apesar disso, os subsistemas podem estabelecer relações baseadas na comunicação.

A diferenciação funcional permite à sociedade, no seu todo, responder mais eficazmente às exigências do meio. Para Luhmann,

---

<sup>44</sup> Ignacio IZUZQUIZA, *La Sociedad sin Hombres – Niklas Luhmann o la Teoría como Escándalo*, Anthropos, Barcelona, 1990, pág. 283.

não existe na sociedade qualquer hierarquia a nível dos subsistemas que a compõem: “a unidade da sociedade será sempre unidade de diferenças: é a unidade da diferenciação em diferentes subsistemas sociais. O que faz com que apesar de cada subsistema ser uma reprodução da unidade do sistema, se torne muito difícil representar a unidade do sistema social no interior desse sistema social.”<sup>45</sup>

A sociedade apresenta-se limitada a dois níveis: a nível externo e a nível interno, pela rede de comunicações que se desenvolve entre os subsistemas.

Um dos subsistemas sociais contemplados por Luhmann é o sistema político. É um sistema particularmente complexo nas sociedades funcionalmente diferenciadas. Tal como os outros subsistemas, dispõe de um meio de comunicação, um código e programas próprios.

O meio de comunicação da política é o poder, mais especificamente, o poder político —um tipo específico de poder referente à tomada de decisões que afectam a comunidade.

Na nossa sociedade funcionalmente diferenciada cabe ao Estado a gestão do poder político, tendo em vista as decisões colectivamente vinculativas. O poder aparece relacionado e é inerente à estrutura política, isto é, ao aparelho burocrático do Estado encarregue das decisões referentes à comunidade. Dominar o poder político passa por dominar a própria estrutura política e ocupar cargos hierarquicamente superiores.

Nesta lógica do poder, o código do sistema político é um código binário, baseado em dois pólos distintos: governo e oposição. É através destes dois vectores que são codificadas e introduzidas no sistema político as informações, que o sistema deve processar com vista à tomada de decisões. O governo é a instância encarregue do exercício do poder e da tomada de decisões colectivas. A oposição, por seu lado, é

---

<sup>45</sup> Ignacio IZUZQUIZA, *op. cit.*, pág. 285.

a instância que almeja alcançar o poder. A sua acção baseia-se na proposta de estratégias alternativas às do governo, visando a posse de cargos influentes e o domínio das decisões políticas.

O programa do sistema político é constituído pelo conjunto dos programas políticos elaborados, quer pelo governo, quer pela oposição. A aplicação do código provoca uma oscilação constante entre governo e oposição, ora reforçando a posição do governo, ora, pelo contrário, dando ênfase à oposição. O objectivo último dos diferentes programas políticos, a sua função primária, é a obtenção do poder e o domínio das decisões susceptíveis de vincular colectivamente a comunidade.

É a articulação entre o código e o programa que confere identidade ao sistema político, tornando-o, a um tempo, fechado relativamente ao seu código e aberto no seu programa. O resultado é um sistema dotado de autonomia que se reproduz incessantemente.

Neste sentido, a democracia adquire um conteúdo cibernético. Como afirma Ignacio Izuzquiza, “a *democracia* é uma complexa perspectiva política que permite, ao mesmo tempo, tomar decisões e assegurar a variabilidade das mesmas, que tem na sua base a relação entre governo e oposição.”<sup>46</sup> A democracia submete-se ao binómio governo/oposição, independentemente dos conteúdos programáticos. A competição que se desenvolve pelo alcance do poder político constitui o cerne do sistema político e, muitas vezes, talvez por isso mesmo, as diferenças programáticas entre governo e oposição não são tão consideráveis como seria de supor. A reprodução do sistema faz-se em torno da posse do poder político. Neste sentido, é mais importante a estratégia do que os conteúdos programáticos.

A problemática da legitimação enquadra-se nesta concepção de domínio inerente ao sistema político. Como afirma Pilar Giménez Al-

---

<sup>46</sup> Ignacio IZUZQUIZA, *op. cit.*, pág. 300.

cover, “a institucionalização de uma determinada forma de legitimação do domínio permitiria a generalização de comunicações em sociedades funcionalmente diferenciadas”.<sup>47</sup> O princípio que norteia a ideia de legitimação prende-se com a aceitação, prévia e generalizada, das decisões políticas.

Nas sociedades complexas, a legitimidade (consenso relativamente aos conteúdos das decisões), não é constatável de forma empírica. Contudo, estas sociedades hão-de deter mecanismos que permitam a criação de decisões vinculativas, independentemente da capacidade do sistema para motivar os destinatários dessas mesmas decisões. Por isso, a legitimidade não está relacionada com a validade ou a correcção das normas ou decisões emanadas do sistema político. Este tipo de legitimidade —que coloca em aberto os temas sujeitos à decisão e os motivos de aceitação— não é próprio das sociedades complexas e funcionalmente diferenciadas.

O sistema político deve poder impor de forma institucionalizada a aceitação das decisões vinculativas, independentemente dos motivos individuais da sua aceitação. A legitimação está associada ao reconhecimento acrítico, transformando-se numa expectativa social, ao invés de constituir uma emanção pessoal. A legitimidade é para Luhmann uma criação do próprio sistema. Ganha assim, sentido a afirmação de Pilar Giménez Alcover quando afirma que “para Luhmann o problema não é fixar limites ao poder mas sim, pelo contrário, aumentá-lo.”<sup>48</sup>

A função deste conceito nas sociedades funcionalmente diferenciadas passa, precisamente, pela ampliação das convicções na força vinculativa das normas e decisões. O consenso em torno dos conteúdos ou a força física constituem recursos escassos, logo, deve apostar-

---

<sup>47</sup> Pilar Giménez ALCOVER, *El Derecho en la Teoría de la Sociedad de Niklas Luhmann*, J. Bosch Editor, Barcelona, 1993, pág. 262.

<sup>48</sup> Pilar Giménez ALCOVER, *op. cit.*, pág. 263.



se na aprendizagem da aceitação das decisões, de forma a que esta apareça aos destinatários como o mais natural possível.

A legitimação é, muitas vezes, assegurada pelos procedimentos, constituindo a sua principal função. A convicção de Luhmann é a de que os procedimentos adoptados pelo sistema podem produzir uma aceitação generalizada.

A aceitação de uma norma ou decisão aparece completamente independente da crença na justiça ou na justeza dos princípios ou valores. A aceitação pressupõe a adopção da decisão e a concomitante reestruturação das expectativas. A aprendizagem —que aqui se aproxima assustadoramente do acto de amestrar— não é uma prerrogativa da liberdade individual, ela resulta da pressão social que age em prol do imperativo funcional.

Os procedimentos são sistemas sociais cuja função é especificamente, a elaboração de decisões vinculativas. Fazem parte das suas características, a incerteza do resultado da decisão, a limitação da sua duração, a sua estruturação abstracta, a atribuição de papéis e a sua autonomia.

Através da atribuição de papéis, os participantes são integrados no procedimento. A recusa de um papel implica a exclusão do indivíduo. O papel desempenhado no procedimento é funcionalmente diferente do papel desempenhado no ambiente exterior ao procedimento (por exemplo, o indivíduo, que no quadro do procedimento eleitoral desempenha o papel de eleitor, desempenha simultaneamente, noutros subsistemas sociais, o papel de pai, amigo, profissional de um determinado ramo...). É através do papel e das expectativas que lhe estão inerentes, que a personalidade do indivíduo se vai moldando e orientando para a aceitação da decisão. A interiorização do papel é uma forma de debelar a frustração e aceitar o resultado, neutralizando os potenciais conflitos.

A autonomia do procedimento resulta do seu carácter processual e da incerteza no resultado. A institucionalização dos procedimentos e a sua forma jurídica não excluem a incerteza do resultado e alguma margem de manobra no desempenho dos papéis.

Neste contexto, quando pretendemos analisar o abstencionismo, é para o procedimento eleitoral que nos orientamos. A atitude abstencionista representa a recusa do papel que ao eleitor está consignado. As motivações para essa recusa podem ser várias e entre elas, a certeza do resultado. O mais importante parece ser o facto de que sem a participação no procedimento, está em causa a sublimação do conflito e a sua canalização através das vias institucionalmente contempladas.

Através do procedimento, é a própria legitimação que é afectada: com implicações a nível do equilíbrio do código binário; do programa do sistema, empobrecido pela falta do *apport* de expectativas dos não eleitores; e do poder, enquanto meio de comunicação do sistema político, que fica enfraquecido. No fundo, a abstenção tem repercussões ao nível de todo o sistema político. Ela é uma forma poderosa de não poder.

#### **1.2.4. - A TEORIA CRÍTICA DE JÜRGEN HABERMAS**

Habermas tenta aplicar a teoria dos sistemas a situações de crise. A ideia de crise conjuga sempre duas dimensões: a exterioridade e a interioridade, a objectividade e a identidade. Como afirma Habermas, “com a ideia de crise vinculamos nós a ideia de um poder objectivo que priva um sujeito de uma parte da autonomia de que normal-

mente dispõe. Por isso, a partir do momento em que interpretamos um fenómeno a título de crise, estamos a conceder-lhe um sentido inequivocamente normativo: a solução da crise traz consigo a libertação do sujeito que nela se encontra subjugado”<sup>49</sup>.

De acordo com Habermas, a teoria dos sistemas concebe o momento de crise como aquele em que a estrutura de um sistema social que se defronta com um problema oferece menos possibilidades de solução do que as necessárias à sobrevivência do sistema.<sup>50</sup> Em causa está um problema de integração sistémica. Para o autor não é clara a eficácia da teoria dos sistemas quando se trata de sistemas sociais. Estes são concebidos como sistemas especiais, dotados de elevada capacidade de adaptação e aprendizagem, podendo recorrer à alteração de elementos do sistema ou dos valores teóricos<sup>51</sup>, ou ainda dos dois concomitantemente, para atingir um novo nível de equilíbrio. A alteração dos dois elementos pode ser pernicioso no sentido em que pode afectar a própria identidade do sistema. No entanto, o processo de aprendizagem permite lidar com a crise sem que se chegue à ruptura e substituição do sistema por um novo sistema. A crise só surge quando os imperativos de estabilidade e continuidade, de integração sistémica (objectividade) se sobrepõem à integração social (identidade)<sup>52</sup>: “só quando os membros de uma sociedade consideram as trans-

---

<sup>49</sup> Jürgen HABERMAS, *La Reconstrucción del Materialismo Histórico*, Madrid, Taurus Editiones, 1981, pág. 274. O mesmo conceito aparece em *Raison et Legitimité*, Paris, Ed. Payot, 1978, pág. 12.

<sup>50</sup> Cfr. Jürgen HABERMAS, *Raison et Legitimité*, Paris, ed. Payot, 1978, pág. 13.

<sup>51</sup> Valores teóricos são os valores que um sistema procura manter e que correspondem ao estado ideal do mesmo sistema. Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 14. A noção de valores teóricos engloba os valores culturais tradicionais e os elementos não-normativos de integração sistémica. A combinação dos dois elementos dá-nos o grau máximo de mudança possibilitado pelas estruturas normativas sem risco de ruptura. Os valores teóricos estabelecem a aliança entre a componente cultural e reguladora do sistema.

<sup>52</sup> A integração do sistema está relacionada com a eficácia dos mecanismos de regulação, enquanto a integração social respeita aos mecanismos de socialização dos actores sociais. Cfr. Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 16.

formações estruturais como críticas para a própria existência deste sistema e sentem ameaçada a sua identidade é que podemos falar de crises. Os problemas de integração do sistema só são perigosos para a própria existência deste sistema na medida em que a integração social está em jogo, quer dizer, quando o consenso que está na base das estruturas normativas está interrompido a ponto de que a sociedade se torne anômica”<sup>53</sup>.

A crise tem também uma componente objectiva: ela advém da existência de problemas de regulação não-solucionados. Os problemas de regulação, os problemas sistémicos não resolvidos desenvolvem depois efeitos colaterais sobre a integração social, dando origem às crises de identidade. “Um conceito de crise apropriado às ciências sociais deve estabelecer a correlação entre a integração social e a integração do sistema”<sup>54</sup>. O problema que se coloca às sociedades, entendidas como sistemas sociais, é o equilíbrio entre os imperativos de integração social e os imperativos de integração sistémica. O que se passa nas sociedades capitalistas avançadas, é a hierarquização dos sub-sistemas, sendo o sub-sistema político colocado num plano superior aos sub-sistemas económico e sócio-cultural. O resultado é uma hegemonia do poder relativamente ao trabalho e à interacção. O Estado, tornado interventor desempenha duas funções: uma função de integração do sistema através da regulação da actividade económica e uma função de integração social. O exercício da primeira função necessita do acordo tácito dos cidadãos, sob pena de pôr em causa a integração social. O fracasso na primeira função dá origem a crises de racionalidade, na segunda dá origem a crises de legitimação. Estas últimas não constituem uma ameaça ao sistema mas à integração social.

---

<sup>53</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 14-15.

<sup>54</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 16.

As crises de racionalidade são crises de *output* porque estão relacionadas com o *output* do sistema político. As crises de legitimação são crises de *input* porque estão relacionadas com o *input* do sistema, com a retroacção, com a lealdade da sociedade.

A necessidade de legitimação é inerente à planificação estatal e o seu *déficit* aumenta à medida que se alarga o seu domínio de intervenção.

Sem a possibilidade de recorrer às tradicionais fontes de legitimação (religião, hereditariedade), o sistema encontra uma solução de compromisso no plebiscito eleitoral. O consenso assim obtido é um consenso parcelar e tácito, por oposição ao consenso racional que defende Habermas, obtido pela discussão irrestrita no espaço público.

Através dos mecanismos eleitorais, os cidadãos delegam no aparelho estatal a sua capacidade decisória e demitem-se da intervenção directa nas decisões políticas. O Estado reage recompensando o afastamento dos cidadãos com incentivos ao consumo, ao hedonismo, como promotor do bem-estar social. Esta intervenção no domínio sócio-cultural pode enfraquecer o peso da tradição e aumentar o *déficit* legitimatório. A crise de legitimidade adquire um carácter tendencialmente cíclico.

A nível do sistema sócio-cultural entre as compensações oferecidas e as expectativas entretanto criadas desenha-se uma nova crise: a crise de motivação. Crise de legitimação e crise de motivação, são ambas próprias do sistema sócio-cultural. A primeira com origem directa nas alterações do sistema político, a segunda com base nas alterações do próprio sistema sócio-cultural.

A crescente intervenção estatal, alargada aos domínios sócio-culturais a par da opacidade em que o poder estatal se escuda, provoca nos cidadãos a necessidade de reagir e intervir através de grupos organizados. Estes grupos não lutam por questões económicas mas

pela reabilitação do sistema sócio-cultural. São movimentos de minorias, mulheres e jovens e de defesa ambiental. As oposições da sociedade capitalista avançada geram-se, não no sistema económico mas no sistema sócio-cultural.

A solução para a crise legitimidade passa, para Habermas, pela substituição do consenso formal pelo consenso imanente da argumentação, da formação discursiva da vontade. Isso requer uma forma emancipada de identidade resultante de um novo processo de socialização e uma nova forma de moral universal: a ética comunicativa. Através dela, as decisões políticas são analisadas de forma crítica e submetidas a um consenso racional formado discursivamente.<sup>55</sup> Nesta perspectiva, e tendo em conta a forma como o autor penaliza os sufrágios, se entendermos o abstencionismo como uma recusa do jogo democrático, racionalmente fundamentada, ela poderia ser um sintoma de reacção ao sistema político democrático tal como está estabelecido. No entanto, somos levados a crer que a crise da participação eleitoral é extensível a toda a participação política e a apatia e a indiferença que grassam na sociedade parecem estéreis demais para gerar movimentos sociais. Também não está claro o potencial emancipatório destes movimentos ou que eles consigam estabelecer um consenso racionalmente fundamentado.

A concepção de uma sociedade, produto de um contrato social primordial e generalizável a um número indefinido de participantes parece uma utopia quando a sociedade capitalista avançada não está

---

<sup>55</sup> A ideia de ética comunicativa pressupõe a verificação de condições para uma intersubjectividade livre de repressões que permita uma comunicação não distorcida e um consenso racional. Para que tal aconteça é necessário que se verifiquem algumas pretensões de validade assumidas pelos oradores: (a) a pretensão de inteligibilidade, (b) a presunção de verdade do que é veiculado, (c) a presunção de legitimidade por parte do orador, (d) a pretensão de sinceridade dos interlocutores. Sobre estas regras pode construir-se a validade do discurso, através dos mesmos argumentos lógicos é possível tornar comum o resultado. O consenso assim alcançado diferencia-se do falso consenso obtido pela coerção ou pela tradição, que mais não são do que formas veladas de conformação.

já numa situação primordial mas problemática. O próprio autor viria a fazer uma inflexão na sua teoria, relativamente ao potencial emancipatório dos movimentos sociais, ao afirmar na sua obra *Facticidade e Validade. contribuições para uma teoria do Discurso Aplicada ao Direito e ao Estado de Direito Democrático*, que tem “uma visão céptica dos espaços públicos das democracias ocidentais, dominados pelos *mass media*. Movimentos sociais, iniciativas cívicas e encontros de cidadãos, grupos políticos e outras associações, em suma: os agrupamentos da sociedade civil têm certamente sensibilidade para os problemas, mas os sinais que emitem, as impulsões que dão, são em geral demasiado fracos para, a breve prazo, induzir processos de aprendizagem no sistema político ou reorientar processos decisoriais”<sup>56</sup>.

Esta dimensão dialógica do consenso pode conduzir a uma certa paralisia política e a decisões medianas. Após meses a auscultar as partes, os governos podem optar por traçar “um risco ao meio” obtendo uma solução, supostamente de compromisso que não satisfaz nenhuma das partes e que resulta questionável em termos de eficácia

Para Chantal Mouffe há que reconhecer o papel do conflito e do pluralismo e o “carácter irreductível do antagonismo”<sup>57</sup>. Ainda segundo a autora “o advento do pluralismo liberal, bem como a sua continuidade, têm de ser encarados como uma forma de intervenção política num campo conflitual, uma intervenção que implica a repressão de outras alternativas”<sup>58</sup>. A decisão tomada nestes termos pode não ser a mais consensual, mas será, certamente eficaz. É impossível fazer tábua rasa das clivagens sociais.

---

<sup>56</sup> Jürgen HABERMAS, *Facticidade e Validade. Contribuição para uma Teoria do Discurso Aplicada ao Direito e ao Estado de Direito Democrático*, Frankfurt/M., Suhrkamp, 1992, citado por Pierre GUIBENTIF na recensão crítica da obra, *Sociologia - Problemas e Práticas*, Nº 12, 1992.

<sup>57</sup> Chantal MOUFFE, *O Regresso do Político*, Lisboa, Gradiva, 1996, pág 12.

<sup>58</sup> Chantal MOUFFE, *op. cit.*, pág. 202.

Em suma, tentámos neste capítulo estabelecer a relação entre o fenómeno abstencionista e três teorias sócio-políticas —a teoria de Lipset, a teoria de Luhmann e a teoria crítica de Jürgen Habermas— cujo único traço em comum bem pode ser o recurso à Teoria Geral dos Sistemas. Esta teoria, que Schwartzenberg define como “um esforço de reflexão incidindo sobre as propriedades gerais dos sistemas e visando a elaboração de um conjunto de conceitos gerais aplicável a todas as categorias de sistemas.”<sup>59</sup>, representa um esforço de unificação, de simplificação da realidade, também, mas sobretudo, abre a possibilidade da comparação entre as diversas abordagens.

É a esta Teoria Geral dos Sistemas que podemos assacar a noção de eficácia da acção, de que se socorre Lipset e compará-la com a teoria de Luhmann, para quem o mais importante não é a eficácia da acção sistémica, mas o poder vinculativo dos procedimentos. Se Lipset acentua os fins, Luhmann enfatiza os meios. Contudo, é o recurso ao mesmo quadro conceptual que permite procurar equivalentes funcionais.

É ainda, com base nesta teoria, que Luhmann traça o quadro geral do funcionamento da sociedade especializada —de cariz conservador— e que Habermas delinea a sua Teoria Crítica Social —de carácter radical. A Teoria geral dos Sistemas apresenta-se como um modelo formal cujo molde permite a multiplicação do modelo com resultados distintos. É a policromia destas três abordagens que vem enriquecer o nosso estudo.

O carácter dinâmico da Teoria Geral dos Sistemas permite a apreensão do correcto funcionamento do sistema em homeostasia, mas permite, igualmente, a aferição dos desvios, das crises, das “patologias” dos sistemas.

---

<sup>59</sup> Roger-Gérard SCHWARTZENBERG, *Sociologia Política*, difel, S. Paulo-Rio de Janeiro, 1979, pág. 112.



O abstencionismo e, em particular, o abstencionismo diferencial, constitui uma dessas patologias. Da sua análise mais detalhada ocupar-nos-emos em seguida. Na segunda parte do nosso estudo tentaremos desenvolver estas teorias, relacioná-las com a problemática da democracia representativa, com a questão da legitimação do sistema político, e avançar para a nossa última hipótese: a de que a explicação para o abstencionismo diferencial pode radicar num problema de cultura política.

## II - CONCEITOS E TEORIAS

### 2.1.- O ABSTENCIONISMO DIFERENCIAL

A noção de abstencionismo diferencial pretende designar a diferença comparativa que existe entre os níveis de abstenção, neste caso, das eleições para os órgãos das Autarquias Locais e das eleições para a Assembleia da República<sup>60</sup>.

Para o nosso universo de Estudo, constituído pelos Concelhos de Setúbal, Évora, Alcácer do Sal e Alandroal, são os seguintes os valores da abstenção nos respectivos actos eleitorais:

---

<sup>60</sup> Debruçamo-nos neste caso sobre o abstencionismo diferencial consoante o tipo de eleição e seleccionámos as eleições autárquicas e legislativas porque nos pareceram as mais significativas e susceptíveis de uma abordagem a nível local. O abstencionismo diferencial pode designar também os diferentes níveis de abstenção no mesmo tipo de eleição, mas cujas variações são explicadas em termos de conjuntura política. Esta última situação requer uma análise diacrónica enquanto o abstencionismo diferencial de que nos propomos tratar, embora não descure uma perspectiva evolutiva, acentua uma diferença mais tipológica do que temporal. Sobre o abstencionismo diferencial segundo a conjuntura política, cfr. Joan Font FÀBREGAS, "La Abstencion Electoral en España: Certezas e Interrogantes", *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*, nº 71-72, Centro de Investigaciones sociológicas, 1995, pág. 13-14.

**Quadro 1 – Abstenção eleitoral nas Eleições Autárquicas no Concelho de Setúbal**

| <b>ANO</b> | <b>CÂMARA MUNICIPAL</b> | <b>ASSEMBLEIA MUNICIPAL</b> |
|------------|-------------------------|-----------------------------|
| 1976       | 33.2%                   | 33.2%                       |
| 1979       | 23.9%                   | 23.9%                       |
| 1982       | 25.4%                   | 25.4%                       |
| 1985       | 35.8%                   | 35.8%                       |
| 1989       | 47.0%                   | 47.0%                       |
| 1993       | 45.6%                   | 45.2%                       |
| 1997       | 54.0%                   | 53.9%                       |

Fonte: STAPE, Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1976 a 1993,

<http://www.stape.pt/resultados.htm>

**Quadro 2 – Abstenção eleitoral nas Eleições Legislativas no Concelho de Setúbal**

| <b>ANO</b> | <b>ABSTENÇÃO</b> |
|------------|------------------|
| 1976       | 14.5%            |
| 1979       | 11.3%            |
| 1980       | 12.5%            |
| 1983       | 17.4%            |
| 1985       | 20.1%            |
| 1987       | 25.3%            |
| 1991       | 31.0%            |
| 1995       | 32.0%            |

|      |       |
|------|-------|
| 1999 | 39.9% |
|------|-------|

Fonte: STAPE, Eleição para a Assembleia da República, 1976 a 1995,

<http://www.stape.pt/resultados.htm>

**Quadro 3 – Abstenção eleitoral nas Eleições Autárquicas no Concelho de Évora**

| ANO  | CÂMARA MUNICIPAL | ASSEMBLEIA MUNICIPAL |
|------|------------------|----------------------|
| 1976 | 26.6%            | 26.6%                |
| 1979 | 19.6%            | 19.6%                |
| 1982 | 23.4%            | 23.4%                |
| 1985 | 31.0%            | 31.0%                |
| 1989 | 42.3%            | 42.3%                |
| 1993 | 39.0%            | 39.0%                |
| 1997 | 40.1%            | 40.0%                |

Fonte: STAPE, Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1976 a 1993, <http://www.stape.pt/resultados.htm>

**Quadro 4 – Abstenção eleitoral nas Eleições Legislativas no Concelho de Évora**

| ANO  | ABSTENÇÃO |
|------|-----------|
| 1976 | 12.3%     |
| 1979 | 9.7%      |
| 1980 | 10.7%     |

|      |       |
|------|-------|
| 1983 | 16.5% |
| 1985 | 19.3% |
| 1987 | 26.5% |
| 1991 | 30.5% |
| 1995 | 31.0% |
| 1999 | 37.3% |

Fonte: STAPE, Eleição para a Assembleia da República, 1976 a 1995,  
<http://www.stape.pt/resultados.htm>

**Quadro 5 – Abstenção eleitoral nas Eleições Autárquicas no Concelho de Alcácer do Sal**

| ANO  | CÂMARA MUNICIPAL | ASSEMBLEIA MUNICIPAL |
|------|------------------|----------------------|
| 1976 | 30.9%            | 30.9%                |
| 1979 | 23.6%            | 23.6%                |
| 1982 | 26.7%            | 26.7%                |
| 1985 | 36.3%            | 36.3%                |
| 1989 | 45.2%            | 45.2%                |
| 1993 | 36.4%            | 36.5%                |
| 1997 | 37.6%            | 37.6%                |

Fonte: STAPE, Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1976 a 1993, <http://www.stape.pt/resultados.htm>

**Quadro 6 – Abstenção eleitoral nas Eleições Legislativas no Concelho de Alcácer do Sal**

| <b>ANO</b> | <b>ABSTENÇÃO</b> |
|------------|------------------|
| 1976       | 12.6%            |
| 1979       | 11.0%            |
| 1980       | 12.6%            |
| 1983       | 19.6%            |
| 1985       | 21.5%            |
| 1987       | 25.8%            |
| 1991       | 33.1%            |
| 1995       | 31.3%            |
| 1999       | 38.7%            |

Fonte: STAPE, Eleição para a Assembleia da República, 1976 a 1995,

<http://www.stape.pt/resultados.htm>

**Quadro 7 – Abstenção eleitoral nas Eleições Autárquicas no Concelho de Alandroal**

| <b>ANO</b> | <b>CÂMARA MUNICIPAL</b> | <b>ASSEMBLEIA MUNICIPAL</b> |
|------------|-------------------------|-----------------------------|
| 1976       | 30.7%                   | 30.7%                       |
| 1979       | 21.1%                   | 21.1%                       |
| 1982       | 26.1%                   | 26.1%                       |
| 1985       | 34.5%                   | 34.5%                       |
| 1989       | 33.9%                   | 33.9%                       |
| 1993       | 31.0%                   | 31.0%                       |

|      |       |       |
|------|-------|-------|
| 1997 | 35.3% | 35.3% |
|------|-------|-------|

Fonte: STAPE, Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1976 a 1993, <http://www.stape.pt/resultados.htm>

**Quadro 8 – Abstenção eleitoral nas Eleições Legislativas no Concelho de Alandroal**

| ANO  | ABSTENÇÃO |
|------|-----------|
| 1976 | 11.3%     |
| 1979 | 9.5%      |
| 1980 | 10.3%     |
| 1983 | 17.5%     |
| 1985 | 21.1%     |
| 1987 | 25.7%     |
| 1991 | 29.4%     |
| 1995 | 30.3%     |
| 1999 | 40.0%     |

Fonte: STAPE, Eleição para a Assembleia da República, 1976 a 1995, <http://www.stape.pt/resultados.htm>

Sabe-se que as eleições consideradas mais importantes registam níveis de participação mais elevados. A média da abstenção nas Eleições Legislativas é de 21.5% em Évora, 22.7% em Setúbal, 21.7% no Alandroal e 22.9% em Alcácer do Sal<sup>61</sup>, enquanto que nas Eleições

<sup>61</sup> Devemos referir que estes valores são inferiores à média nacional que é, para este período, 24.5%. A abstenção nas Eleições Legislativas tem a seguinte distribuição, a nível nacional:

| DATA | ABSTENÇÃO (%) |
|------|---------------|
|------|---------------|

Autárquicas estes níveis elevam-se para 31.7% em Évora, 37.8% em Setúbal, 30.4% no Alandroal e 33.8% em Alcácer do Sal.

A quase universalidade deste fenómeno (pelo menos nos países ocidentais) levou a que as eleições locais fossem chamadas de segunda ordem. A identificação do fenómeno não anda a par com a sua explicação, que está bem mais atrasada. Não está claro qual o motivo que está por detrás desta maior ou menor importância. Estará em causa a tomada de decisões políticas importantes, ou será antes uma questão

|              |             |
|--------------|-------------|
| 1976         | 16,7        |
| 1979         | 12,5        |
| 1980         | 14,6        |
| 1983         | 21,4        |
| 1985         | 24,6        |
| 1987         | 27,4        |
| 1991         | 31,8        |
| 1995         | 32,9        |
| 1999         | 38,2        |
| <b>MÉDIA</b> | <b>24,5</b> |

Fonte: <http://www.stape.pt/resultados.htm>

De notar, a tendência crescente que se verifica na evolução da abstenção. Portugal é, de resto, o país da União Europeia que regista um nível superior de abstenção nas Eleições Legislativas, entre 1996 – 2000:

| PAÍS                  | ABSTENÇÃO (%) |
|-----------------------|---------------|
| Bélgica               | 9.4           |
| Dinamarca             | 14.1          |
| Luxemburgo            | 13.5          |
| Alemanha              | 17            |
| Itália                | 17.1          |
| Suécia                | 18.6          |
| Áustria               | 19,6          |
| Grécia                | 25            |
| Holanda               | 26.8          |
| Reino Unido           | 28.5          |
| Espanha               | 31.3          |
| Finlândia             | 31.7          |
| França                | 32            |
| Irlanda               | 33.9          |
| <b>Portugal</b>       | <b>39</b>     |
| <b>União Europeia</b> | <b>23.8</b>   |

Fonte: <http://www.stape.pt/resultados.htm>



de importância simbólica? Estarão em causa motivos de ordem histórica, de tradição, que enformam a representação que os cidadãos têm das instituições? Ou terá antes a ver com razões de ordem circunstancial como o esforço mobilizador dos diversos partidos? Estas são questões importantes, nomeadamente numa altura em que se verifica uma alteração das formas tradicionais de soberania, com a forma política do Estado a perder terreno para formas sub e supra-nacionais.

Se tivermos em conta que o que se passa com as eleições é também uma questão de mercado, de “mercado eleitoral”<sup>62</sup>, então, teremos de reconhecer que o voto é o resultado do encontro das expectativas ou aspirações dos eleitores e a oferta dos partidos políticos, que se salda em promessas eleitorais.

Um outro factor a ter em conta é a incerteza do resultado. Segundo Farelo Lopes, “a incerteza reveste-se de uma importância fulcral: mantendo vivas as esperanças dos participantes, motiva-os a

---

<sup>62</sup> Anthony Downs descreve a dinâmica eleitoral da seguinte forma: “o objectivo principal de todos os partidos é vencer eleições. Deste modo, todas as suas acções visam a maximização de votos e tratam as políticas meramente como meios para atingir este fim.” Anthony DOWNS, *An Economic Theory of Democracy*, Harper & Row, New York, 1957, pág. 35. Por outro lado, a escolha por parte do eleitor processa-se da seguinte forma: “1. Através da comparação das transferências de rendimento útil proveniente da actividade governamental que recebeu durante o presente governo (...) com aquelas transferências que ele crê que teria recebido se os vários partidos da oposição estivessem estado no governo, os votantes encontram os diferenciais entre os partidos em causa. Eles estabelecem a sua preferência entre os partidos em competição. 2. Num sistema bipartidário, o votante vota então no partido da sua preferência. Num sistema multipartidário, ele calcula aquelas que pensa serem as preferências dos outros votantes. (...) a. Se o seu partido favorito parece ter uma hipótese razoável de ganhar, ele vota nele. B. Se o seu partido favorito parece não ter quase nenhuma hipótese de ganhar, ele vota no partido que tem uma hipótese razoável, por forma a impedir o partido de que menos gosta de ganhar. (...) 3. Se o votante não consegue estabelecer uma preferência entre os partidos (...) age da seguinte forma: a Se os partidos estão bloqueados apesar de apresentarem diferentes plataformas ou políticas gerais, ou ambas, ele abstém-se. b. Se os partidos estão bloqueados porque apresentam plataformas ou políticas idênticas, ele compara o nível de desempenho escolhido com aquele dos seus predecessores no governo. Se os escolhidos fizeram um bom trabalho, ele vota neles; Se eles fizeram um mau trabalho, ele vota contra eles; e se o seu desempenho não é bom nem mau, ele abstém-se”. Anthony DOWNS, *op. cit.*, pág. 49-50.

contribuir para o progresso do procedimento eleitoral, até se chegar à decisão. O mesmo é dizer, a incerteza estimula a aceitação de um papel e vincula o indivíduo ao procedimento em curso.”<sup>63</sup>

A incerteza constitui um estímulo, uma força motivadora para participar num acto cujo resultado é temporário e em relação ao qual os participantes mantêm a esperança periódica de verem triunfar as suas convicções. Mais adiante, o autor afirma que “o mecanismo descrito gera legitimidade, quer do procedimento eleitoral, quer da decisão apurada no dia do escrutínio”<sup>64</sup>. O “problema” de muitas autarquias é que a alternância é menor relativamente ao poder central e a falta de alternativas põe em causa a incerteza do resultado.

O abstencionismo diferencial terá, por certo, muitos factores explicativos. Por questões de operacionalidade permitimo-nos fazer aqui tábua rasa dos factores, individuais ou circunstanciais, susceptíveis de influenciar o fenómeno do abstencionismo. Trataremos o fenómeno na generalidade, salientando os factores que consideramos susceptíveis de serem explicativos, no quadro das teorias supra-mencionadas.

De acordo com a teoria geral dos sistemas, considerámos a participação eleitoral uma forma de retroacção, de comunicação, no quadro da qual o abstencionismo pode ser visto como um “ruído”, um entrave à comunicação, com os consequentes efeitos no sistema político. Assim, a primeira asserção que somos levados a fazer é a de que o abstencionismo diferencial representa um problema de comunicação do sistema, agravado a nível local. Poder-se-ia obstar que este nível de poder é o que se encontra mais próximo do cidadão comum, logo o que tem maior facilidade em obter informação a partir do meio que governa. Contudo, esta ideia corrente corresponde àquilo a que Mo-

---

<sup>63</sup> Fernando Farelo LOPES, *op. cit.*, pág. 118.

<sup>64</sup> Fernando Farelo LOPES, *ibidem*.

zzicafreddo e outros<sup>65</sup> chamam a “mistificação do poder autárquico”. Na realidade, os autores deste artigo concluíram que o poder autárquico apresenta um certo fechamento do partido no poder (que grande parte das vezes é maioritário) face à sociedade local. Este fechamento é explicado como “uma tentativa defensiva de manutenção do domínio político, face à diversidade e contrariedade das exigências dos municípios”<sup>66</sup>.

Neste sentido, “o poder autárquico rodeia-se de interlocutores próximos das suas orientações e fecha-se politicamente para universos mais alargados. A motivação eleitoral circunscreve-se aos grupos próximos do poder ou aos grupos mais empenhados politicamente, não se alargando aos vários sectores da população, onde de todas as maneiras o interesse pelos resultados é maior que pelas questões político-partidárias”<sup>67</sup>. Temos assim presente uma atitude de desmotivação que pode ser explicada pela certeza do resultado. Mais, em causa está também a eficácia do sistema no sentido da definição de Lipset que atrás referimos: o fechamento do grupo detentor do poder à sociedade local incapacita-o para inverter a lógica do distanciamento e integrar as vontades e expectativas dos vários grupos sociais. O nível político local torna-se assim um terreno fértil em conflitos político-partidários, muitas vezes mais agudizados do que a nível nacional. A não integração das aspirações e expectativas dos diversos sectores da sociedade local que não se vêem representados politicamente, aliada à má gestão dos conflitos pode levar a uma crise de legitimação.

Podemos afirmar que a contradição fundamental do capitalismo avançado, identificada por Habermas: a distribuição do produto de forma desigual e apesar de tudo legítima, também se faz sentir a nível

---

<sup>65</sup> Cfr. Juan MOZZICAFREDO e Outros, "Modelos de Gestão e de Legitimidade no Sistema Político Local Português", *Sociologia-Problemas e Práticas*, CIES, Mem Martins, Publicações Europa-América, 1989.

<sup>66</sup> Juan MOZZICAFREDO e Outros, *op. cit.*, pág. 71.

<sup>67</sup> Juan MOZZICAFREDO e Outros, *op. cit.*, pág. 71-72.

local. O Estado (autarquia) intervém no sistema económico e no sistema sócio-cultural. E a contradição básica mantém-se: como estimular o lucro e manter a necessidade de reprodução e manutenção do capital, indo de encontro a interesses privados, e simultaneamente, salvaguardar as preocupações de carácter socializante sem provocar um conflito entre interesses particulares e interesses gerais. Embora noutros termos, Mozzicafredo dá também conta desta contradição ao afirmar que “o poder autárquico é um sistema político local, submetido a uma diversidade de influências contraditórias: promover realizações e dinamizar a sociedade local (sobrecarregando o orçamento municipal) e , ao mesmo tempo, reduzir os gastos e equilibrar as finanças locais.”<sup>68</sup>

As autarquias procuram estimular o tecido económico da região ao mesmo tempo que salvaguardam a necessidade de aceitação das suas decisões por parte do sistema sócio-cultural ( sem a qual poderão despoletar uma crise de legitimação): “a satisfação das carências básicas da população e a busca de consensos facilmente realizáveis criam, assim, como que uma descoincidência entre a satisfação das necessidades mais evidentes, a nível municipal, e a criação das bases para o desenvolvimento local, entre a vida social e a vida económica nos Concelhos”.<sup>69</sup> Mas a relação da autarquia com os grupos económicos também é quase sempre fortemente partidarizada o que pode ter influência em termos de legitimação.

É provável que na tentativa de colmatar um certo défice legitimatório, as autarquias tenham começado a intervir no sistema sócio-cultural, oferecendo compensações, nomeadamente sob a forma de subsídios e apoios a associações desportivas, culturais e recreativas ou associações representativas de alguns segmentos sociais (jovens, ido-

---

<sup>68</sup> Juan MOZZICAFREDO e Outros, *op. cit.*, pág. 66.

<sup>69</sup> Juan MOZZICAFREDO e Outros, *op. cit.*, pág. 65.

sos...). O resultado pode ser uma crise de motivação pelo hiato criado entre as compensações oferecidas e as motivações exigidas, que se revestem de um carácter cada vez mais instrumental.

De acordo com os autores citados, o poder local passou por três fases de legitimidade: (1) uma primeira fase após 1974, ter-se-á caracterizado pelo empenhamento e identidade ideológica, foi a fase do socialismo municipal; (2) ter-se-á seguido uma fase de satisfação das necessidades e reivindicações da população, uma fase de reconhecimento instrumental que os autores chamam de gestão instrumental; e (3) uma fase assente nas regras do procedimento maioritário em que a gestão se baseia em mecanismos jurídico-institucionais.<sup>70</sup> Assim, a primeira ilação que podemos tirar desta evolução é a importância crescente que a legitimação pelo procedimento adquire. Neste quadro, o abstencionismo poderá acarretar maiores consequências para a legitimidade das autarquias. Mas é também a evidência de que as exigências de carácter instrumental já não são tão consideradas, o que poderá corroborar a ideia de uma crise de motivação e o progressivo fechamento e distanciamento do aparelho político-administrativo relativamente aos cidadãos.

Mas os problemas de comunicação são mais vastos. O estudo de Mozzicafredo demonstra que a relação dos autarcas com a sociedade local privilegia os grupos politicamente mais próximos. São os grupos económicos, seguidos das associações desportivas, culturais e recreativas (de que muitos autarcas são simultaneamente dirigentes), aqueles que acabam por ter uma relação privilegiada com os eleitos em detrimento de grupos ligados às Juntas de Freguesia ou à comunicação social: “de uma forma geral, quase tudo o que tem a ver com grupos ou instituições de carácter mais público, de opinião ou de intervenção, parece ser considerado como muito pouco influente na vida

---

<sup>70</sup> Cfr. Juan MOZZICAFREDO e Outros, *op. cit.*

local”<sup>71</sup>. De igual forma, os autarcas privilegiam formas de relacionamento individual, directo ou institucional como forma de percepção dos problemas da população. As reuniões com partidos ou grupos representativos da sociedade local, são formas minoritárias de auscultação da população. É sintomático que os autarcas considerem que os técnicos camarários são a melhor forma de obter informação acerca dos problemas do público. De resto, “toda e qualquer outra forma que se reclame de mecanismos públicos ou associativos é considerada de modo altamente negativo pelos chefes dos executivos camarários”<sup>72</sup>. Entre essas formas penalizadas contam-se as manifestações e o escrever para os jornais.

As formas de obtenção de um consenso racionalmente fundamentado, tal como é defendido por Habermas, parecem estar seriamente postas em causa. Não parece viável que se constituam movimentos sociais de defesa de um sistema sócio-cultural cada vez mais instrumentalizado. As poucas pressões que estes grupos poderão fazer sentir revestirão a forma de reivindicação de subsídios.

O *déficit* de comunicação não é um problema da responsabilidade exclusiva de uma das partes. Os cidadãos não usam sequer as vias institucionais para intervir. As sessões das Assembleias Municipais contam, salvo raras excepções, com níveis nulos de audiência. A crise de participação eleitoral é apenas uma face de uma crise mais vasta de participação eleitoral.

É questionável o potencial emancipador de grupos que surgiram já numa lógica instrumental. De resto, toda a capacidade emancipatória das sociedades locais parece questionável se considerarmos que sobretudo a este nível, predomina uma cultura política de sujeição. Os sinais parecem ser óbvios: atraso da sociedade civil, tanto a nível cul-

---

<sup>71</sup> Juan MOZZICAFREDO e Outros, *op. cit.*, pág. 61.

<sup>72</sup> Juan MOZZICAFREDO e Outros, *op. cit.*, pág. 73.

tural como económico e inércia do sistema político local. Nesta cultura política ainda se trocam votos por favores económicos (de que os empresários da construção civil aparecem quase sempre como principais protagonistas) ou empregos. Estes últimos são tanto mais importantes quanto as autarquias são em muitos Concelhos o principal empregador.

O resultado salda-se por um *déficit* da cultura política participativa e democrática, de que o abstencionismo é apenas um aspecto, talvez o mais visível.

Como procuraremos demonstrar a seguir, o abstencionismo diferencial é, também, um problema de relação entre os cidadãos e os órgãos de poder. O mesmo é dizer, é um problema de legitimação dessa relação de poder.

## 2.2. - O ABSTENCIONISMO DIFERENCIAL E A LEGITIMAÇÃO

O que permite estabelecer a ligação entre o abstencionismo eleitoral e a legitimação é o conceito de democracia representativa.

A delegação do poder de decisão é um acto volitivo que exige, em princípio, envolvimento, compromisso, participação. Norberto Bobbio apresenta uma definição mínima de democracia quando define o regime democrático como “um conjunto de regras processuais no que diz respeito à formação das decisões colectivas, prevendo e facilitando a participação mais ampla possível dos interessados.”<sup>73</sup> O mesmo autor apresenta ainda uma outra definição de carácter processual em que a democracia é apresentada como “um conjunto de regras (primárias ou fundamentais) que estabelecem *quem* está autorizado a tomar as decisões colectivas e mediante que *processos*.”<sup>74</sup> Ao falarmos de abstencionismo é da perversão das regras processuais mínimas que falamos.

Acrescenta o autor que o conceito de democracia deve incluir “a estratégia do compromisso celebrado entre as partes através de um debate livre e em vista da formação de uma maioria”.<sup>75</sup> Tanto formal como qualitativamente, a abstenção não pode deixar de representar a omissão de uma das partes, susceptível de lesar a legitimidade do compromisso político.

A democracia ideal distingue-se da frágil, vulnerável, corrupta e corruptível democracia real. A democracia real não é um valor absoluto. Ela é, antes, um valor relativo cujos limites são fixados idealmente. Todas as sociedades ditas democráticas o são em maior ou menor

---

<sup>73</sup> Norberto BOBBIO, *O Futuro da Democracia*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1988, pág. 13.

<sup>74</sup> Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 23.

<sup>75</sup> Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 13.



grau, em função do número daqueles que têm capacidade política directa ou indirecta. O processo de democratização deve contemplar o alargamento simultâneo do topo e da base. A democratização é um movimento tendencial. Todas as sociedades são mais ou menos democráticas.

A doutrina democrática consagra a relação directa entre representantes e representados. Pelo contrário, as sociedades complexas actuais baseiam cada vez mais o seu sistema político na intermediação da representação. O indivíduo cedeu lugar ao grupo, quer seja sob a forma de sindicatos, associações várias, de carácter mais ou menos corporativo, quer seja sob a forma de partidos que são a organização política por excelência. Estes corpos intermédios dominam de igual forma o poder e o contra-poder, trazendo à relação com o poder uma complexidade acrescida.

Zippelius defende que “quanto mais pequena for a comunidade, tanto maior é a participação proporcional de cada um dos seus membros na formação da vontade colectiva. Por esse motivo, a participação democrática e as possibilidades de desenvolvimento político para a pluralidade dos cidadãos são tanto mais acentuadas quanto mais poder de decisão residir em comunidades de nível hierárquico inferior, de acordo com o princípio da subsidiariedade.”<sup>76</sup> Contudo, a centralização do poder público é inerente ao próprio Estado. Parafraseando Tocqueville, Zippelius lembra que segundo este autor, a democracia não teria posto cobro ao feudalismo do Antigo Regime para fazer emergir em seu lugar novos poderes secundários, ainda que democráticos. No entanto, Tocqueville sugere que sejam tomadas medidas contra o carácter potencialmente despótico da democracia: “fortalecimento da autonomia administrativa; introdução “em certa medida” de funcionários electivos; criação de associações políticas, industriais e

---

<sup>76</sup> Reinhold ZIPPELIUS, *op. cit.*, pág. 250.

até científicas e literárias que não se pudessem domesticar tão facilmente; liberdade de imprensa mediante a qual o indivíduo pudesse apelar para o auxílio dos seus concidadãos, garantia judicial de protecção jurídico-individual, que se tornaria tanto mais necessária para a protecção da liberdade, quanto mais o Estado se imiscuisse nos pormenores mais ínfimos e quanto menos o indivíduo pudesse contar com a ajuda dos seus concidadãos.”<sup>77</sup> A fórmula é simples: a um Estado poderoso deve opor-se uma sociedade civil igualmente forte.

A divisão dos poderes e a descentralização administrativa visam um determinado objectivo: “quanto mais se descentraliza o poder de decisão político, tanto maior é, regra geral, para a generalidade dos cidadãos o campo de um *engagement* político próprio.” Esta ideia é reforçada adiante, ao afirmar que numa autarquia, como em outros corpos intermédios de poder, “o cidadão encontra-se num âmbito em que a comunidade política ganha para ele “uma dimensão humana”. (...) Aqui ele pode obter logo uma ideia imediata dos funcionários e das matérias a regular; pode manifestar pessoalmente a sua opinião e participar, de um modo sensível para ele, no processo democrático por cujos resultados também será directa e pessoalmente afectado depois na vida quotidiana. Assim, a democracia assume aqui a sua configuração mais palpável para a maior parte dos cidadãos”.<sup>78</sup> Perante este quadro podemos questionar a razão pela qual estando tão perto, física e materialmente, do cidadão, e sendo a face mais visível da democracia, a administração autárquica falha na retroação com o cidadão, levando-o a abster-se de participar em eleições locais.

A acção administrativa descentralizada é ferida de alguns limites e imperfeições. Os organismos locais dificilmente conseguem exceder o nível de actuação local, assumindo tarefas supra-locais, harmo-

---

<sup>77</sup> Reinhold ZIPPELIUS, *op. cit.*, pág. 251.

<sup>78</sup> Reinhold ZIPPELIUS, *Ibidem*.

nizando interesses locais com interesses supra-locais e limitando manifestações radicais de identidade local. Muitas vezes as implicações globais de alguns problemas de carácter físico e material local reclamariam uma decisão política geral, sob pena de incorrer num *déficit* democrático. A pluralidade de normas jurídicas a que a descentralização administrativa dá azo, pode colidir com um certo imperativo de igualdade, quando analisada a sociedade democrática em termos globais. A celeridade e a eficácia da acção podem também sair prejudicadas pela descentralização democrática. Mas estes factores não justificariam um afastamento local dos cidadãos, antes deveriam reforçar a comunhão do cidadão com os órgãos locais decisores. Uma outra limitação parece-nos ter um efeito mais clarificador: “em pequenas entidades administrativas, a proximidade das relações entre as pessoas pode privar a decisão da sua imparcialidade, proporcionar a interesses, simpatias e antipatias de natureza estritamente pessoal uma importância desproporcionada, provocar o perigo de nepotismo a ponto de obrigar o indivíduo, por exemplo, a decidir, com base em considerações pessoais, contra a convicção baseada em dados objectivos.”<sup>79</sup> A descentralização democrática não garante um acréscimo de racionalidade ou de controlabilidade por parte do cidadão. De resto, a desconfiança do cidadão pode tornar-se extensível à qualidade racional da argumentação parlamentar e à isenção face a interesses parlamentares, a nível geral. Será, então, caso para renovarmos a nossa questão inicial. Poderá a esfera de poder local funcionar como uma lente e aumentar —dado a proximidade pessoal— tanto as virtudes como os defeitos da democracia?

Em todo o caso, cabe aos cidadãos, através da participação política, garantir algum controlo sobre os seus representantes, alguma visibilidade da esfera pública. Ao abster-se de participar, o abstencio-

---

<sup>79</sup> Reinhold ZIPPELIUS, *op. cit.*, pág. 252.

nista dá sentido a alguns detractores do sistema democrático. A verificar-se a justeza deste último conjunto de argumentos, a abstenção diferencial em prejuízo dos actos electivos locais está envolta pela cultura política.

A educação para a cidadania é uma questão circular, a melhor preparação para a cidadania é a prática democrática, que não se faz se não existir cultura cívica. A diferença entre o súbdito e o cidadão é também a diferença entre a cultura de súbdito, orientada para o *output* do sistema político, para os benefícios a esperar, e a cultura participante, orientada para o *input* do sistema, empenhada na decisão<sup>80</sup>. Esta pode ser a cultura dos eleitores, mas não é forçoso que assim seja. A diferença entre as duas culturas esbate-se à medida que o voto de opinião vai cedendo lugar ao voto de troca e a ideologia é ferida pela contingência.

Para Luis Sá “a democracia representativa é, assim, uma importante conquista dos povos. Mas é também uma demonstração dos limites da sua extensão”, entre estes limites contam-se “a personalização e elitização do poder, a complexa relação entre aparelhos partidários, «pessoal político», massas de militantes e eleitores; a relativa irracionalidade das campanhas e das escolhas eleitorais e a passagem para segundo plano das propostas e alternativas em confronto face às técnicas de «marketing político», com a correspondente aproximação e trivialização das mensagens; as fórmulas matemáticas, as cláusulas-barreira e a dimensão e manipulação da repartição em círculos (...); as despesas cada vez mais avultadas que são necessárias para disputar eleições e a desigualdade de acesso a financiamentos; a importância dos meios e técnicas de comunicação de massas, na época do «Estado-espectáculo» (...)”, mas também “o recenseamento eleitoral por vezes

---

<sup>80</sup> Cfr. Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 42.

cheio de ratoeiras e que só mobiliza parte dos cidadãos” e “as taxas de abstenção elevadíssimas”.<sup>81</sup>

A democracia consagrou no sufrágio universal um direito: o direito a escolher os representantes e, indirectamente, a participar na decisão. Mas a democracia criou também as condições para a efectivação do direito à não-participação, para a apatia política. A democracia criou, num efeito perverso, uma das suas limitações.

Se o abstencionismo já é um fenómeno complexo, a complexidade aumenta à medida que se passa do abstencionismo em geral para o abstencionismo diferencial. Este, apresenta-se à primeira vista com matizes paradoxais. Perante as alterações que se verificam actualmente em matéria de geografia política, com a figura detentora por excelência do poder político desde a Modernidade —o Estado— a sofrer uma erosão da sua soberania (que transfere para níveis supra e infra estatais), seria de esperar um comportamento eleitoral diferente daquele que constatámos, a denunciar uma valoração superior do nível político nacional relativamente ao nível local.

Pleno de significado político e sociológico, o abstencionismo diferencial deveria poder questionar alguns discursos apologeticos da regionalização com base na maior proximidade dos cidadãos relativamente aos centros de poder. Como afirma M. José Stock, “ao dispersar os centros de poder, ao distribuí-lo territorialmente e ao multiplicar os pólos de decisão não se aproxima necessária e directamente o poder dos cidadãos, mudando aquele apenas de natureza e dimensão”<sup>82</sup>. A crise de participação política não é redutível a um problema de distância física. Antes, trata-se de um problema de distância políti-

---

<sup>81</sup> Luís SÁ, *Eleições e Igualdade de Oportunidades*, Editorial Caminho, Lisboa, 1992, pág. 18 – 19.

<sup>82</sup> Maria José STOCK, "Regionalização, Democracia (Participativa) e Proxémia: Algumas Reflexões", *Economia e Sociologia*, nº 62, Évora, ISESE, 1996, pág. 19.

ca e simbólica. Só contemplando esta dimensão valorativa será possível compreender e reabilitar a dinâmica participativa.

O problema do abstencionismo diferencial é um problema de cultura política a montante e a jusante do processo eleitoral, entre os cidadãos e os seus representantes, entre eleitores e eleitos. Mas é também um problema específico dessa relação que tende a igualar e a limitar a legitimidade à representatividade.

Como procuraremos demonstrar no capítulo seguinte, em nosso entender, a legitimidade tem um conteúdo processual e legalista (que observaremos a seguir, sobretudo através de teoria de Luhmann), que se prende com as eleições e os processos contemplados para a delegação de poder. Mas a legitimidade tem que ser algo mais<sup>83</sup>. A legitimidade é uma questão de qualificação positiva dessa relação, como defende Habermas. É a redução da legitimidade ao processo legal que

---

<sup>83</sup> Ao criticar Schumpeter, David Held afirma que este “presumia que a votação implicava a convicção de que as políticas ou as instituições políticas eram aceites, isto é, legitimadas.”, mas descarta —nesta concepção de legitimação— “as distintas razões para aceitar ou obedecer, consentir ou estar de acordo com algo.” David Held avança então com uma escala de aceitação ou consentimento, de 1 a 7, em que as razões são: 1 — Não há outra alternativa (seguimento de *ordens* ou a *coacção*); 2— Nunca se pensou sobre o assunto e faz-se como sempre se fez (*tradição*); 3— É-nos indiferente uma ou outra opção (*apatia*); 4— Apesar de nos desagradar a situação, não podemos imaginar as coisas de outro modo e aceitamos o que parece ser o destino (*consentimento pragmático*); 5— Estamos descontentes com as coisas tal como são, mas apesar disso, acatamo-las, com o objectivo de garantir um determinado fim ; consentimos porque, a prazo, isso nos convém (*aceitação instrumental ou acordo condicional*); 6— Nas circunstâncias actuais, e com a informação disponível no momento, chegamos à conclusão de que é bom, correcto ou adequado para nós próprios como indivíduos ou membros de uma colectividade: é aquilo que nós genuinamente devemos ou deveríamos fazer (*acordo normativo*); 7 — É o que em circunstâncias ideais —com, por exemplo, todos os conhecimentos que quiséssemos, todas as oportunidades de descobrir as circunstâncias e requisitos de outros— havíamos aceitado fazer (*acordo ideal normativo*). David HELD, *op. cit.*, pág. 220. Para Luhmann, a obediência às normas significa a aceitação do sistema político e das suas instituições, o mesmo é dizer, este é o procedimento através do qual elas são legitimadas. Para Habermas, a legitimação reduz-se exclusivamente aos pontos 6 e 7 da escala, ou seja, o respeito e a obediência às normas é função de uma convicção na sua justiça. A legitimidade de uma ordem política depende de uma atitude sancionatória normativa da população.

provoca, nas sociedades contemporâneas, a apatia e o afastamento face à política e, conseqüentemente, as crises de legitimação.

## 2.2.1. – REPRESENTATIVIDADE E LEGITIMIDADE

### 2.2.1.1– DEMOCRACIA DIRECTA E DEMOCRACIA REPRESENTATIVA

David Held leva acabo na sua obra *Modelos de Democracia*, um levantamento exaustivo dos modelos, ou construções teóricas - como o próprio os define - desta forma de governo (*kratos*) do povo (*demos*). O autor identifica quatro modelos clássicos de democracia: a democracia clássica da Grécia Antiga; a democracia liberal, que se subdivide em dois tipos - democracia protectora e democracia desenvolvimentista - ; a concepção marxista de democracia directa. Para além destes modelos, avança ainda com quatro modelos contemporâneos: a democracia do elitismo competitivo; o pluralismo; a democracia legal; e a democracia participativa.

A primeira noção a reter é a de que não existe uma noção única de democracia, mas várias noções. Não existe a Democracia, mas várias democracias. O autor reconhece, contudo, que a democracia clássica, a democracia desenvolvimentista radical, a democracia directa e a democracia participativa se têm agrupado sob o rótulo da democracia directa. Correndo o risco de perder informação e algumas *nuances* importantes, mas tendo em conta que o nosso objectivo não é a análise concreta da democracia, mas a sua relação com a abstenção, optámos por limitarmo-nos a dois tipos-base: (a) a democracia directa ou participativa, definida como “um sistema de tomada de decisões para as questões públicas em que os cidadãos participam directamente”,<sup>84</sup> (b) a democracia liberal ou representativa, definida como “um sistema de governo que compreende “funcionários” eleitos que assu-

---

<sup>84</sup>David HELD, *op. cit.*, pág. 20.



mem a representação de interesses e/ou opiniões dos cidadãos no marco do “império da lei”<sup>85</sup>.

Por razões que se prendem com o mecanismo eleitoral, próprio da democracia representativa, é esta última que aqui mais nos interessa.

Para Rousseau, “a soberania não pode ser representada pela mesma razão por que não pode ser alienada (...). Os deputados do povo não são, portanto, não podem ser, seus representantes, são apenas seus comissários; não podem tirar quaisquer conclusões definitivas. Qualquer lei que o povo, em pessoa, não tenha ratificado é nula; não é lei. O povo inglês pensa que é livre; está muito enganado, só o é durante a eleição dos membros do parlamento; logo que eles são eleitos, é escravo, não é nada.”<sup>86</sup>

A ideia da colisão da representatividade com a liberdade é reforçada por Rousseau quando afirma que “no instante em que um povo se entrega a representantes, já não é livre, deixa de existir.”<sup>87</sup>

No entanto, nas sociedades actuais, a democracia directa aparece quase como uma utopia, desde logo pela extensão dos cidadãos com capacidade política activa, mas também pela complexidade dos problemas que se colocam a um poder político crescentemente solicitado. Segundo Zippelius, “a fim de se manterem operacionais as gran-

---

<sup>85</sup> David HELD, *ibidem*.

<sup>86</sup> Jean-Jacques ROUSSEAU, *O Contrato Social*, Publicações Europa-América, Mem Martins, s.d., pág. 97. Cfr. também Norberto Bobbio quando, ao distinguir entre legalidade e legitimidade, afirma: “o poder legítimo é um poder cujo título é justo; um poder legal é um poder em que é justo o exercício. A legitimidade é a perspectiva em que se costuma colocar o titular do poder; a legalidade é a perspectiva em que se costuma colocar o súbdito. Onde o poderoso invoca a legitimidade, o súbdito invoca a legalidade. Que o poder seja legítimo é interesse do soberano; que seja legal é interesse do súbdito. Relativamente ao soberano, a legitimidade é o que fundamenta o seu direito e a legalidade o que estabelece o seu dever; pelo contrário, relativamente ao súbdito, a legitimidade do poder é o fundamento do seu dever de obediência e a legalidade do poder é a principal garantia do seu direito a não ser oprimido.” Norberto BOBBIO, *Contribucion a la Teoria del Derecho*, Fernando Torres-Editor, Valencia, 1980, pág. 308.

<sup>87</sup> Jean-Jacques ROUSSEAU, pág. 98.

des comunidades deve-se aceitar em primeiro lugar como vinculativa a vontade da maioria, em vez da soma das vontades individuais. (...) Por conseguinte, a nação actua já não através da vontade natural dos seus membros, mas através da vontade colectiva, formada pelos seus representantes.”<sup>88</sup> No fundo, o processo de transferência da vontade cristaliza uma nova socialização, suficientemente integradora para reunir vontades díspares sob uma vontade comum, salvaguardada por instâncias decisórias colectivas.

A democracia directa pressupõe o predomínio do público sobre o privado e o que persiste nas sociedades actuais é a sobrevalorização da esfera privada no espírito dos cidadãos. Afirma Rousseau que “numa cidade bem conduzida, cada um voa para as assembleias; com um mau governo ninguém gosta de dar um passo para lá ir; porque ninguém tem interesse no que lá se faz, porque se prevê que a vontade geral não vai aí dominar e porque, finalmente, os cuidados domésticos absorvem tudo (...) logo que alguém diz dos assuntos do Estado: *que me importa?* Tem de se ter em conta que o Estado está perdido.”<sup>89</sup>

Responsabilidade ou não do poder político, a apatia ganha terreno face à participação política. Mas o excesso de participação também pode ter efeitos perniciosos, dando origem, nomeadamente, a um totalitarismo democrático. A ideia de que tudo é político e politizável traduz-se na extensão da esfera pública à esfera privada, na “politização integral do homem”<sup>90</sup>, na eliminação do homem pelo cidadão e, no limite, numa tirania do povo pelo povo. Para Dahrendorf, “as sociedades tornam-se ingovernáveis se os sectores que as compõem recusarem o governo em nome dos direitos de participação, e isto, por sua

---

<sup>88</sup> Reinhold ZIPPELIUS, , *op. cit.*, pp 231-232.

<sup>89</sup> Jean-Jacques ROUSSEAU, *op. cit.*, pág. 96.

<sup>90</sup> Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 56.

vez, não poderá deixar de agir sobre a sua capacidade de sobrevivência: eis o paradoxo do cidadão total.”<sup>91</sup>

Ainda que todos os cidadãos fossem chamados a pronunciar-se acerca das decisões em causa, a partir de suas casas, a avalanche de questões inviabilizaria qualquer outro tipo de ocupação. A profissionalização da política decorre da especialização própria das sociedades complexas<sup>92</sup>. A democracia directa, mesmo sob a moderna forma da *computocracia*, também é uma limitação à liberdade dos cidadãos.

Não é sequer completamente diáfano que nas clássicas assembleias populares o poder fosse efectivamente exercido por todos os indivíduos. Segundo Zippelius, muitas vezes, o povo era chamado a pronunciar-se relativamente a leis previamente elaboradas pelos magistrados competentes. A liberdade individual diluía-se na ratificação. A racionalidade individual cedia perante a empatia e a confiança suscitadas pelos líderes de opinião. Como é do conhecimento dos estudiosos da psicologia de massas, as multidões são facilmente susceptíveis de manipulação demagógica. A capacidade decisória dos indivíduos transfere-se, assim, tacitamente para os indivíduos politicamente mais activos e sugestivos. Pode afirmar-se que uma multidão não-estruturada flui em movimentos ondulantes para a estrutura de que carece. Perante isto, a representação apresenta-se como uma consequência quase inevitável. Uma necessidade para pôr cobro à “ditadura da multidão” ou ao “despotismo demagógico” dos seus líderes<sup>93</sup>.

A representação democrática consubstancia-se na actuação mediada do povo, que actua através dos seus representantes. Segundo Zippelius, “no facto de eles receberem o seu mandato das mãos do povo, reside não só o fundamento legitimador do seu poder de decisão

---

<sup>91</sup> Ralf DAHRENDORF, *Il Cittadino Totale*, centro di Ricerca e Documentazione Luigi Einaudi, 1972, pág. 56.

<sup>92</sup> Cfr. Max WEBER, *O Político e o Cientista*, Editorial Presença, Lisboa, 1979.

<sup>93</sup> Hoje em dia, os meios de comunicação social encarnam o papel sugestivo ou manipulatório dos líderes de opinião.

(...) mas também o instrumento para manter as decisões dos representantes, de uma forma geral, em harmonia com a vontade da maioria do povo.”<sup>94</sup> Ainda segundo o mesmo autor, “o sistema representativo deve ser configurado de tal modo que se realize a democracia na maior medida possível concedendo a todos os cidadãos a maior participação possível e garantindo uma eficaz retroacção dos actos dos órgãos representativos em relação às necessidades e ideias da maioria.”<sup>95</sup>

A democracia representativa designa a mediação de algumas pessoas eleitas pelos cidadãos nas deliberações colectivas. A representatividade é um atributo, não exclusivo, dos parlamentos. Também outros órgãos de soberania —como a presidência da República, os governos e num outro nível de poder, as assembleias municipais, as câmaras municipais, as assembleias de freguesia— são sujeitos à representatividade. A representatividade não se esgota no parlamento e não é condição de democracia. É possível (e foi-o por certo historicamente), a existência de parlamentos não democráticos.

Paradoxalmente, a fórmula clássica do governo do povo pelo povo obedecia a um modelo monista. Hoje o poder dissolveu-se nas várias organizações intermédias, pluralizou-se.

Por razões que se prendem com a natureza extensiva deste regime, a regra que impera relativamente à decisão é a da maioria, por oposição à unanimidade —só excepcionalmente alcançada, quer por consentimento tácito (consenso estratégico), quer por veto (dissenso total). A concertação racional cede lugar à fundamentação legal.

É ainda condição de verificação da democracia, a existência de alternativas reais e a possibilidade de escolha livre. Pensamos que algumas das causas do abstencionismo podem estar precisamente na falta de alternativas reais oferecidas por parte dos representantes, mas

---

<sup>94</sup> Reinhold ZIPPELIUS, *op. cit.*, pág. 238.

<sup>95</sup> Reinhold ZIPPELIUS, *op. cit.* Pág. 237.

também nas possibilidades de liberdade de opção, por parte dos representados. Porque o sistema político sofre permanentemente constrangimentos do meio que condicionam a acção e hipotecam o surgimento autónomo de alternativas reais, sem pôr em causa a homeostasia do próprio sistema; porque a inexistência de alternativas limita automaticamente a escolha; finalmente, numa perspectiva radical e crítica, porque os próprios representados falham na identificação dos seus próprios interesses. Ao contrário da necessidade, facilmente identificável e aferível pelo grau óptimo de um organismo individual ou social, o conceito de interesse é bastante mais obscuro, segundo Raymond Geuss “porque tem de ligar ou “mediar” a “razão” com a faculdade do desejo.”<sup>96</sup>

Os indivíduos pertencentes a uma sociedade podem não ter conhecimento das suas necessidades ou podem reconhecê-las e recusarem a sua satisfação. A necessidade está ligada ao desejo, que se subdivide em desejo de primeira e de segunda ordem. Na argumentação de Geuss o desejo de primeira ordem aparece conotado com o irracional, ao contrário do interesse de segunda ordem, muitas vezes contraditório com o primeiro. Pelo facto do desejo de segunda ordem contemplar alguma racionalização, este interesse secundário aproxima-se do interesse. O conceito de interesse não se esgota no desejo, mas este pode ser tanto a sua causa, como a sua consequência.

Os interesses estão ligados a uma noção normativa de “vida boa”. O seu carácter, muitas vezes inconsciente, abre a possibilidade de uma discrepância entre os interesses declarados e os manifestados em termos comportamentais, entre os interesses aparentes e os interesses verdadeiros.

---

<sup>96</sup> Raymond GEUSS, *Teoria Crítica – Habermas e a Escola de Frankfurt*, Papirus Editora, Campinas, 1988, pág. 79

De acordo com Geuss existem duas abordagens que pretendem despistar os interesses verdadeiros: (a) a abordagem do conhecimento perfeito e (b) a abordagem das condições óptimas.

Na primeira abordagem (a), os interesses verdadeiros são os que existem numa situação de conhecimento perfeito, isto é, numa situação de domínio do conhecimento disponível. A abordagem das condições óptimas (b) assenta na presunção de que os interesses humanos são variáveis, contingentes, dependentes das circunstâncias. Neste sentido, os interesses verdadeiros são os formulados em condições óptimas, ou seja, sem que os sujeitos se encontrem em situações de privação física ou de coacção, opressão ou mesmo influência psicológicas, mas também de ignorância. Está assim aberto um círculo vicioso: os agentes só podem adquirir conhecimento perfeito quando sob condições óptimas e o acesso ao conhecimento faz parte dessas condições.

São poucas as sociedades a reunir as condições óptimas, talvez só as sociedades democráticas ocidentais as reunam, mas nenhuma é suficiente homogénea para não afastar algumas minorias dos centros de poder, marginalizando franjas de população, para quem a premência das necessidades práticas não é compatível com a abstracção ideológica.

Não é, porém, pacífica a relação da democracia representativa com a esfera dos interesses. O pomo da discórdia parece exactamente assentar na oposição entre a representação política e a representação de interesses, entre um mandato alargado e livre e o redutor mandato vinculado e imperativo. E se é verdade que a representação política parece reunir consenso, não é menos verdade que a política se faz de casos concretos, onde adquirem especial evidência os interesses particulares. De resto, o “interesse geral” é uma abstracção. Identificáveis são os interesses particulares, corporativos, dos grupos que se movem

e degladiam na arena do poder. Os representantes nacionais têm um papel arbitral de garante de acordos pontuais baseados na articulação estratégica de interesses. O mandato do representante encontra nos interesses mas também na disciplina partidária, os seus limites. Todo o mandato é imperativo.

As restrições à liberdade são uma constante na democracia prática. Para N. Bobbio, a democracia representativa “é já por si mesma uma renúncia ao princípio da liberdade como autonomia”<sup>97</sup>, o que para nós é justificável pela complexidade inerente às sociedades actuais. A democracia directa é impraticável. As elites subsistem mas dividem entre si o poder de forma homeostática, propõem mais do que impõem.

A pluralização das elites no poder pode corresponder a um elevado grau de democratização no sentido da fórmula supra enunciada de alargamento no topo. Mais importante do que a existência de uma oligarquia no poder é a forma como esse poder é exercido: em sentido descendente, mas também ascendente. Sobretudo, enquanto é controlado, o poder deve ser qualitativamente alargado. Deve contemplar espaços de garantias sociais. O processo de democratização deve contemplar a “socialização” da democracia. Ao cidadão da democracia representativa convém conferir um rosto plurifacetado pelos múltiplos papéis sociais que desempenha.

Por outro lado, este alargamento da esfera da acção dos representantes, não deixa de implicar uma intervenção pública na esfera privada dos cidadãos que são cada vez mais enredados na teia de um poder, se não onnipotente, pelo menos omnipresente, que protege, garante, mas também desresponsabiliza e incapacita. A crescente transparência da esfera privada dos cidadãos não encontra correspondência na preconizada visibilidade da esfera pública, que ~~apesar de todos os mecanismos~~ de controle, ainda se oculta muitas

<sup>97</sup> Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 34.

todos os mecanismos de controle, ainda se oculta muitas vezes, directa ou indirectamente, aos olhos do cidadão.

Segundo N. Bobbio, o governo da democracia “é o governo em público do poder público”<sup>98</sup>, público por oposição ao privado mas também por oposição ao oculto. Na democracia directa, o governo é o governo do povo directamente pelo povo, na democracia representativa, é o governo do povo controlado pelo povo, e para que o controle se efectue, o exercício do poder deve ser visível. É por causa deste controlo que acordos e decisões secretas, tomados a nível governativo ou parlamentar, são lesivos da representatividade.

Para ser visível o poder deve ser também descentralizado, conferindo importância política às periferias. O princípio é o de que a proximidade aumenta a visibilidade. Essa proximidade deve ser espacial e não apenas mediatizada pelos órgãos de comunicação social, porque se crê que a publicidade é neste caso mais directa e o comprometimento do cidadão aumenta em razão directa do decréscimo do poder invisível.

Em *A Mudança Estrutural da Esfera Pública*, Habermas ressalta a importância da esfera privada no debate racional dos actos do poder público. A cognoscibilidade e a acessibilidade dos actos de poder são fundamentais para a sua visibilidade e, logo, para a respectiva controlabilidade dos actos de poder.

Na democracia real, continua a pontuar, ainda que excepcionalmente, uma certa reserva dos actos do Estado. O próprio carácter crescentemente tecnocrático do aparelho estatal dificulta a acessibilidade das massas às decisões<sup>99</sup>. O conhecimento e a linguagem que o expressa são, neste caso, formas de ocultação.

---

<sup>98</sup> Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 110.

<sup>99</sup> Norberto Bobbio distingue duas funções diferentes do segredo. Assim, o segredo técnico tem como função não deixar saber porque a função não é de todos e o segredo político tem como função não deixar saber porque a decisão não é para todos. Cfr. Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 133.



A ocultação é, de resto, de forma mais ou menos manifesta, comum a todas as formas de poder. Nas sociedades democráticas os governantes utilizam a ideologia. Não mentem, omitem, não dissimulam, manipulam. Segundo N. Bobbio, o que distingue o sistema democrático é o facto de que “ por meio da livre crítica e da licitude de expressão dos diversos pontos de vista, pode desenvolver anticorpos dentro de si próprio e consentir, portanto, diferentes formas de «desocultação»”.<sup>100</sup> Para o autor, existe até uma nova classificação do poder de acordo com o grau de visibilidade: poder emergente ou público, poder semi-submerso ou semi-público e poder submerso ou oculto. O movimento vai no sentido da crescente transparência da esfera privada e da crescente opacidade da esfera pública.

A representação pode revestir diversas formas: a) o representante pode ser delegado ou fiduciário; b) o representante pode representar o interesse geral ou os interesses particulares.

a) Se o representante for apenas um delegado, um porta-voz dos seus representantes, o seu mandato está limitado e é revogável; se for fiduciário, terá na representação a margem de manobra para agir de acordo com o que crê serem os interesses dos representados. Entre um e outro, o carácter vinculativo do mandato marca a diferença. No primeiro caso, existe mandato imperativo.

b) Se o representante representar os interesses particulares deverá pertencer à mesma categoria sócio-profissional dos representados. Se representar os seus interesses gerais, é acima de tudo político, especializado na representação, vive para e da política, na expressão de Weber<sup>101</sup>.

---

<sup>100</sup> Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 134.

<sup>101</sup> Cfr. Max WEBER, *op. cit.*, pág. 20.

- c) As duas classificações conjugam-se, a figura do delegado aparece, na prática associada á representação de interesses particulares, o representante fiduciário representa interesses gerais.

Nas democracias representativas, a regra é a da representação fiduciária de interesses gerais<sup>102</sup>. Segundo Bobbio, “as democracias representativas que conhecemos são democracias em que por representante se entende uma pessoa com duas características bem definidas: a) na medida em que é fiduciário do corpo eleitoral, uma vez eleito, deixa de ser responsável perante os seus eleitores, não sendo, por conseguinte, revogável; b) não é responsável directamente perante os seus eleitores justamente porque é chamado a defender os interesses gerais da sociedade civil e não os interesses particulares desta ou daquela categoria.”<sup>103</sup> Por isso, os seus detractores denunciam tanto a representação fiduciária como a representação dos interesses gerais. Relativamente à primeira, defendem o estreitamento da relação entre o representante e os representados e o carácter imperativo do mandato que o torna actualizável a qualquer momento. Em relação à segunda, advogam os benefícios da representação orgânica e funcional de interesses particulares. Num e noutro caso não é possível sair da esfera da democracia representativa. Um representante delegado não deixa de ser um representante; um representante mandatado vinculativamente é, ainda e sempre, um representante, cujo mandato não pode ser revogado constantemente por razões de prática política. Pode sempre ser sancionado e revogado nos “tempos-fortes” eleitorais. No

---

<sup>102</sup> A representação parlamentar faz-se através de organizações partidárias que fazem a triagem das exigências a encaminhar para os órgãos de poder e a integração dos interesses particulares. O carácter cada vez mais abrangente destes órgãos intermédios, são a maior garantia da defesa dos interesses gerais sobre os particulares ainda que estes pontuem em situações concretas.

<sup>103</sup> Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 62.

entanto, é possível que a relação com o público eleitor saia reforçada neste último caso. É possível que o mandato imperativo seja uma aproximação tendencial à democracia directa. Finalmente, é possível que a relação entre a democracia directa e a democracia representativa não seja antagónica ou alternativa, mas complementar.

Não existe democracia representativa pura da mesma forma que não existe democracia directa pura. A revogabilidade dos mandatos dos representantes consagra uma forma peculiar de democracia representativa, tendencialmente directa. Um sistema democrático pode consagrar os dois tipos de democracia em situações concretas. Uma manifestação da democracia directa é a instituição do referendo, ainda assim, “um recurso extraordinário para circunstâncias extraordinárias.”<sup>104</sup>

A expansão do processo de democratização passa pelo aumento do fluxo ascendente do poder político a todos os níveis e em todas as esferas da vida social. No entanto, o efeito mais directo da democratização da sociedade pode ser a apatia política.<sup>105</sup>

Ao contrário da democracia directa, a democracia representativa caracteriza-se pelo pluralismo. Pluralismo manifestado nos corpos intermédios de poder —partidos políticos, sindicatos, movimentos— mas também pluralismo de opinião. Só o jogo da pluralidade das oligarquias pode garantir um controlo sobre as oligarquias, só o dissenso das minorias pode validar o consenso da maioria.

---

<sup>104</sup> Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 70.

<sup>105</sup> Segundo Bobbio, “a par da exigência de autogoverno, vê-se o desejo das pessoas de não serem governadas, mas deixadas em paz. O efeito do excesso de politização poderá levar a uma desforra da esfera privada. A participação multidireccional tem como reverso a apatia política. O custo a pagar pelo empenho de poucos é muitas vezes a indiferença de muitos.”, Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pp 74-75.

Segundo Bernard Manin, “os governos representativos possuem tanto características democráticas como não democráticas”<sup>106</sup>: é verdade que os sistemas representativos fazem do povo o detentor último do poder, mas não é menos inegável o seu carácter oligárquico; a ausência de mandatos imperativos, a inexistência de promessas legalmente vinculativas e o decisionismo, mantêm um certo afastamento dos representantes relativamente aos representados; por outro lado, a liberdade de expressão constitucionalmente consagrada, o sancionamento periódico da acção dos representantes por parte dos eleitores, a igualdade formal de participação activa, funcionam como “um contrapeso democrático à não democrática independência dos representantes”<sup>107</sup> e justificam que o autor classifique a democracia representativa como “um sistema democrático”.

---

<sup>106</sup> Bernard MANIN, *Los Principios del Gobierno Representativo*, Alianza Editorial, Madrid, 1998, pág. 290.

<sup>107</sup> Bernard MANIN, *ibidem*.

### 2.2.1.2. - DEMOCRACIA E ABSTENCIONISMO ELEITORAL

Se um sistema político democrático pode ser definido como um conjunto de regras processuais, a regra mínima é a da eleição por sufrágio universal. Bobbio define o sistema democrático como “um sistema cuja legitimidade do consenso verificado periodicamente através de eleições livres e por sufrágio universal —os actores principais são definidos: são os partidos (...), ao mesmo tempo que se encontra também definido o modo principal de fazer política para a imensa maioria dos membros da comunidade nacional: as eleições.”<sup>108</sup> As eleições são uma regra constitutiva da democracia. Fora do sistema que engloba os partidos, o que subsiste são formas residuais de fazer política. São movimentos e organizações de classe, vocacionados para a agregação de interesses particulares —sejam eles de carácter económico ou relacionados com a qualidade de vida, com o que Habermas designa de “mundo real da vida” (movimentos feministas, juvenis, sexuais, ambientalistas...).

Tendo em conta a importância atribuída neste quadro às eleições, é lícito interrogarmo-nos como devemos interpretar o fenómeno da abstenção eleitoral em particular e da apatia política em geral: como uma recusa do sistema democrático ou um sintoma de saudável indiferença.

A relação entre a democracia e o abstencionismo é complexa. Em primeiro lugar, a influência política parece não estar relacionada com a participação política: a indiferença e a abstenção podem produzir efeitos políticos a nível do jogo de forças no poder, sem que os

---

<sup>108</sup> Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 90.

cidadãos em causa tenham contribuído, conscientemente, para isso<sup>109</sup>; por outro lado, o comprometimento político dos cidadãos pode ser vazio de efeitos. Em segundo lugar, o aspecto formal das regras processuais democráticas não tem relação directa com o seu conteúdo. Por outras palavras, o plebiscito eleitoral não é um exclusivo das sociedades democráticas, também os regimes totalitários recorrem a este mecanismo para legitimar a sua acção. O cidadão indiferente escapa à influência do poder, o cidadão diligente absorve a ideologia tornando-se politicamente comprometido. Em contrapartida, nas democracias ocidentais, o abstencionismo pode ser um sinal da estabilidade dos regimes, onde os conflitos de classe deram lugar a exigências de carácter mais hedonístico.

Na relação problemática com a política, Bobbio identifica três fenómenos<sup>110</sup>: (a) a afastamento da política; (b) a renúncia à política e (c) a recusa da política.

- (a) o afastamento da política consagra a fórmula de que nem tudo é política e salvaguarda a existência de uma esfera a-política. É a recusa do Estado total e do cidadão total de Dahrendorf. É a defesa da esfera privada face à extensão da esfera pública.
- (b) A renúncia à política não tem a ver com os limites daquela actividade mas com a extensão da capacidade política directa ou indirecta. Se a política for tudo mas não para todos poderemos estar perante um Estado totalitário; se a política não for tudo mas for para todos, corresponde a um Estado minimalista, democrático e liberal<sup>111</sup>; No limite, a política pode não ser tudo, nem ser para

---

<sup>109</sup> Cfr. Anthony DOWNS, *op. cit.*, pág. 7. Nem sempre o comportamento do eleitor é um comportamento racional. Pelo contrário, ele é muitas vezes, desconcertante e motivado por razões não estritamente políticas.

<sup>110</sup> Cfr. Norberto BOBBIO, *op. cit.*, pág. 99.

<sup>111</sup> Alain TOURAINE reconhece o declínio do interesse pela democracia nos países ocidentais, mas a causa desse desinteresse deve-se não ao totalitarismo político mas a uma nova forma de totalitarismo económico: “após um longo período

todos, ou ser tudo para todos, como é defendido por Rousseau no *Contrato Social*.

A fórmula de que a política não é para todos, pode ser defendida pela teoria das elites ou censurada pela teoria marxista; pode ser uma verificação de facto mesmo nas sociedades democráticas onde a divisão do trabalho e a especialização política libertam uma parte da população para tarefas não-políticas ou pode ser a tradução da expressão popular de afastamento relativamente à política.

- (c) A recusa da política pode advir de uma atitude liberal-burguesa de recusa da esfera pública por oposição à esfera privada, de recusa do interesse geral e afirmação da necessidade de defesa dos interesses particulares concretos, mas também de uma atitude moral-religiosa de condenação do jogo do poder.

O abstencionismo pode ser encarado como um fenómeno de afastamento, renúncia ou recusa da política, conforme esta atitude seja mais ou menos vigorosa e declarada. Lipset afirmava que “a fraqueza ou a importância da participação não jogam em si próprias em favor ou em detrimento da democracia. Uma e outra são apenas indicadores da existência de outros factores que determinarão as possibi-

---

de «tudo político», estes países vivem no «tudo económico»: competitividade internacional, equilíbrio das trocas comerciais, solidez monetária, capacidade de desenvolvimento das novas tecnologias, eis os objectivos da gestão política. Quanto ao resto, contentamo-nos em estar bem protegidos contra os monopólios políticos, a burocracia de Estado, a retórica dos políticos e os excessos dos intelectuais, muitos dos quais manifestaram mais interesse por terroristas próximos ou por ditadores longínquos, do que pelas garantias jurídicas das liberdades. A democracia é considerada tão natural como a economia de mercado ou o pensamento racional e deve, portanto, supostamente, estar mais protegida do que desenvolvida e organizada.” Alain TOURAINE, *Crítica da Modernidade*, Instituto Piaget, Lisboa, 1994, pág. 395. Também dificilmente, nas sociedades ocidentais, a política é para todos. A sociedade liberal é “ao mesmo tempo que uma sociedade de integração, uma sociedade de exclusão” (...) “Quanto mais abertas e igualitárias são as nossas sociedades, mais acentuam a marginalidade e mesmo a exclusão dos que têm como referência outras normas sociais ou culturais que não as do mainstream, ou dos que acumulam insucessos pessoais ou colectivos.” Alain TOURAINE, *op. cit.*, pág. 396.

lidades reais que o regime pode ter de se desenvolver e de sobreviver.”<sup>112</sup>

A democracia tal como a entendemos, mediada e representativa, “pressupõe a existência de mecanismos que garantam a ligação entre o povo e o poder na democracia mediatizada. O mecanismo essencial é a eleição política”. A afirmação é de Farello Lopes que adiante afirma: “a legitimidade por representação encontra no procedimento eleitoral um sustentáculo firme e real”<sup>113</sup>. A verdadeira relação é a que se estabelece entre a participação eleitoral e a legitimação. O abstencionismo é o reverso desta participação e adquire importância pela negativa.

---

<sup>112</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 242.



### 2.3. – OS CONTRIBUTOS DE LUHMANN E HABERMAS

As eleições constituem aquilo que Luhmann designa por “procedimentos juridicamente regulados”. O contributo destes procedimentos para o sistema político das sociedades modernas reside no difícil equilíbrio entre realidade e procedimento legal, entre Sociologia e Direito. É por isso que Luhmann elege como cerne da teoria do procedimento<sup>113</sup> —ao invés da verdade ou da correcção da decisão, de que o procedimento seria uma espécie de “fiel de balança”— o problema da legitimação.

O procedimento em geral é, então, fraccionado numa tríade em que o procedimento eleitoral surge a par com o procedimento parlamentar legislativo e o procedimento judicial. Segundo Luhmann, “o objectivo declarado da eleição política é a ocupação das instâncias politicamente decisórias com pessoas especialmente capazes e que tomarão correctamente decisões, isto é, de acordo com a vontade do povo, que, neste sentido, podem portanto, representar verdadeiramente.”<sup>114</sup> Este objectivo pretende ser atingido através de alguns princípios como a capacidade de participar activa ou passivamente no escrutínio eleitoral, a liberdade, a igualdade e o sigilo. Em suma, todo um conjunto de princípios que enformam e são consagrados pelo sistema eleitoral. Por clarificar fica, no entanto, a forma como a representatividade pode ser verdadeiramente alcançada a partir do simples acto de votar, ou como pode ficar garantida a eleição da pessoa que revela maior capacidade para o cargo. O recurso à figura conceptual de uma vontade geral, pré-existente e subliminar, ou à ideia do eleitor informado e capaz de decidir de forma puramente racional, aparecem ao

---

<sup>113</sup> Cfr. Niklas LUHMANN, *Legitimação pelo procedimento*, Universidade de Brasília, Brasília, 1980, pág. 17.

<sup>114</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 19.

autor como construções puramente instáveis, sob pena, nomeadamente, de exclusão do procedimento dos indivíduos que não estão bem informados e racionalmente capacitados para a decisão eleitoral, o que é contraditório com as regras do próprio procedimento. Por outro lado, a transformação do acto eleitoral numa mera consagração da vontade geral, esvazia de sentido o procedimento eleitoral.

O supra citado objectivo da eleição política pode ser cumprido através dos princípios procedimentais, mas estes devem ser analisados sociologicamente. A conclusão de Luhmann é a de que estes princípios “estabelecem um sistema de comunicação que se determina de uma forma relativamente autónoma devido à separação dos papéis e pode contribuir, nesta qualidade, para a criação duma legítima autoridade de decisão política.”<sup>115</sup>

De igual forma, o procedimento parlamentar é orientado para o debate entre os cidadãos eleitos, iguais, e livres da coacção de grupos políticos; sujeito a regras pré-estabelecidas e garante da racionalidade da decisão, pretende-se vincular o deputado à verdade da sua consciência com exclusão clara de algumas perversões de carácter emocional como o poder, o dinheiro, a honra ou a fé.

Também aqui não é fácil resolver a dialéctica entre a consciência, livremente expressa, e a verdade, sem admitir que a legislação seja uma forma de ratificação da verdade, nomeadamente, por resultar do estabelecimento e generalização de regras formais. Se a verdade advém do somatório das consciências, ou seja, se basta que algo seja legal para que seja verdadeiro, então, a fórmula “tudo o que é legal é verdadeiro”, inutiliza o debate e faz da legislação uma ratificação *à posteriori* de algo que deveria existir aprioristicamente, como condição de validade.

---

<sup>115</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.

A concretização do supremo objectivo da justiça das decisões colide, nos procedimentos judiciais, com a arbitrariedade do decisor. Do dever de aproximação à verdade não emerge, automaticamente, uma teoria do procedimento.

Segundo Luhmann, “O núcleo de todas as teorias clássicas do procedimento é a relação com a verdade ou com a verdadeira justiça como objectivo.”<sup>116</sup> Mais importante, talvez, é o facto de todas estas teorias serem construídas com base numa profunda desconfiança relativamente ao poder e aos seus representantes: “Os procedimentos judiciais controlam as decisões da burocracia no caso particular, ou podem conceber-se mesmo como formalidades burocráticas sob o domínio da direito. Os procedimentos parlamentares programam a burocracia e autorizam o seu equipamento financeiro. A eleição dos representantes do povo submete a burocracia a um controle superior de maior ou menor alcance.”<sup>117</sup> Em todos os procedimentos, a verdade e a justiça aparecem como emanações independentes, ou até em confronto, relativamente aos governantes. A posição de antagonismo assumida contra o poder invalida a ascensão da *legitimação* à categoria de *procedimento juridicamente organizado*.

O desenvolvimento científico, enformado pelo positivismo, consagra uma nova perspectiva ao conceito de verdade e positiva o direito, relacionando-o definitivamente com os processos decisórios. A relação fundamental entre conhecimento verdadeiro e verdadeira justiça, e os *procedimentos juridicamente organizados* —de que deveriam ser os objectivo e a essência— continua por esclarecer. De acordo com uma perspectiva, que o autor denomina “de matizes mais sociológicos”, o procedimento seria entendido como uma constelação de papéis sociais, autónomos relativamente aos outros papéis sociais. A decisão

---

<sup>116</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 21.

<sup>117</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 23.

certa, justa, verdadeira e legítima implicaria o recurso à comunicação. A diferenciação dos papéis do procedimento está, para a busca da verdade (no sentido da maior correção da decisão), como o método está para a procura da verdade científica. A diferenciação social desempenha um importante papel na comunicação: “as possibilidades de comunicação são mobilizadas pela diferenciação e não subsistiriam se estivessem intimamente ligadas a outros papéis extra-procedimentais. O livre estabelecimento da comunicação constitui um segundo momento e a organização concorrente ou mesmo contraditória da comunicação constituirá um terceiro momento.”<sup>118</sup> A relação entre a correção das decisões e a verdade alcançada, é entretanto, ferida de contingência pelo carácter utilitário da decisão: “um sistema que tenha de assegurar a possibilidade de decisão de todos os problemas levantados, não pode, simultaneamente, garantir a justiça da decisão. A especificidade de funções numa orientação exclui as doutra orientação.”<sup>119</sup> Segundo o autor, a tentativa de resolução deste dilema passou pela justificação do princípio da maioria, pela subtração ao âmbito da decisão de matérias que implicam a verdade absoluta, pela relativização da própria verdade— substituída por consensos contingentes —, e pela presunção de certeza do conteúdo da decisão.

Na realidade, para Luhmann, não está em causa o valor objetivo da verdade: “na verdade seria nitidamente desacertado negar ao problema da verdade qualquer sentido prático para o procedimento jurídico ou contestar à verdade o seu valor. O que falta é uma teoria que possa pôr em dúvida o problema da verdade, tal como acontece no procedimento e que não aceite, *a priori*, que o procedimento preste serviço à verdade.”<sup>120</sup> É aqui que a Sociologia tem um papel de primordial importância: “a sociologia pode construir uma dessas teorias

---

<sup>118</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.

<sup>119</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 24.

<sup>120</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 25.

na medida em que concebe a verdade não já como um valor, mas mais precisamente como um mecanismo social que permite algo de determinado, que desempenha uma função declarada e se pode comparar com outros mecanismos do ponto de vista desta função.”<sup>121</sup> A função social que a verdade desempenha é a redução da complexidade<sup>122</sup>. Ela permite uma partilha de sentidos e um reconhecimento intersubjectivo. Todas as sociedades, em todos os tempos, emanaram mecanismos sociais de redução da complexidade. De menor complexidade nas sociedades primitivas, estes mecanismos sofrem um processo de especialização e diferenciação crescentes até se transformarem em objecto de reflexão teórica. Segundo o autor, “a verdade só constitui transmissão de ideias com base na certeza obrigatoriamente intersubjectiva e assim se diferencia com rigor da aceitação de ideias por motivo de simpatia pessoal ou de filiação ou de submissão ao poder. Assim muitas ideias, sobretudo objectivos e valores, perdem a sua capacidade de verdade e com isso se agrava simultaneamente a problemática doutros mecanismos.”<sup>123</sup> A problemática da legitimidade do poder adquire uma pertinência até aqui desconhecida.

Para Luhmann, “uma teoria do procedimento necessita dum ponto de vista (...) abstracto de relação funcional, que inclua o mecanismo da verdade mas que não se esgote nele. É natural que para isso se apoie na *função* da verdade e, partindo dela, se procurem outros mecanismos de transmissão funcionalmente equivalentes, de complexidade mais reduzida. Aí deparamos com o mecanismo do poder e o problema da sua legitimidade.”<sup>124</sup> O poder é encarado como um me-

---

<sup>121</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.

<sup>122</sup> Segundo Niklas Luhmann, “por complexidade deve entender-se a totalidade das possibilidades que se distinguem para a vivência real — quer seja no mundo, (complexidade do mundo) quer seja num sistema (complexidade do sistema). Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 39.

<sup>123</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.

<sup>124</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 26.

canismo de transmissão de redução da complexidade, na medida em que o detentor do poder pode apresentar uma selecção reduzida de alternativas de acção, produzidas pela decisão. A conformação do comportamento do outro às decisões tomadas carece, por isso, de uma fundamentação mais exaustiva do que o mecanismo da verdade. A conformação do comportamento do outro implica a mobilização de motivos que justifiquem a aquiescência. A própria positivação do Direito acarreta uma necessidade crescente de racionalização do comportamento. Neste processo justificativo, “a verdade de certas premissas de decisão, só por si, não é suficiente (...). Portanto, tem de se partir da hipótese de que no procedimento se criem essas razões adicionais para aprovação das decisões e de que, neste sentido, o poder gere a decisão e a torne legítima, isto é, que se torne independente pelo imperativo exercido concretamente.”<sup>125</sup> O autor conclui que “visto desta forma o objectivo do procedimento juridicamente organizado consiste em tornar intersubjectivamente transmissível a redução de complexidade quer com a ajuda da verdade, quer através da criação do poder legítimo de decisão.”<sup>126</sup> Da autonomia relativa do procedimento depende a sua capacidade de legitimação.

Habermas contexta a capacidade legitimatória do procedimento. Segundo ele, a ideia de que as pessoas devem acreditar numa ordem normativa porque é legal, isto é, criada e aplicada de acordo com um procedimento considerado correcto, reduz a legitimidade à crença na legalidade. Pelo contrário, “no caso em que a crença na legitimidade está dependente da verdade, não basta manifestamente invocar o facto de o Estado ter o direito de exercer o seu monopólio na criação e aplicação do direito segundo um sistema de regras regulamentares racionais. Um procedimento não pode por si próprio fornecer legiti-

---

<sup>125</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 27.

<sup>126</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.

mação. Pelo contrário, o procedimento legislativo está ele próprio sujeito à pressão da legitimação.”<sup>127</sup> A problemática da relação da legitimidade com a verdade não é acessória. Ela desempenha para Habermas um papel essencial: “se a crença na legitimidade de uma dominação é concebida como um fenómeno empírico sem relação imanente com a verdade, as razões sobre as quais ela se apoia só têm explicitamente uma significação psicológica; a resposta à questão de saber se tais razões estabilizam suficientemente uma crença precisa numa legitimidade depende de pré-juízos institucionalizados e de comportamentos de base observáveis em grupos de referência. Se, ao invés, se supõe que toda a crença eficaz na legitimidade envolve uma relação imanente à verdade, as razões sobre as quais esta crença se apoia têm explicitamente uma pretensão racional à validade que pode ser criticada e examinada independentemente da sua eficácia psicológica.”<sup>128</sup>

A problemática da legitimidade condensa-se na —sempre actual— fórmula: aceitação irrestrita da decisão tomada restritamente.

A evolução da legitimidade acompanhou, desde sempre, a evolução do poder. Se o seu fundamento foi, muitas vezes, a religião ou a moral, a partir do séc. XIX, a legitimidade passou a fundamentar-se no Direito, entretanto positivado.

De uma forma geral, todos os sistemas políticos oscilam entre a coacção e o consenso. Para o correcto funcionamento do sistema, há que encontrar um ponto de equilíbrio entre a pura força física da coacção (só um consenso alargado permite um domínio duradouro), e o contingente encontro de interesses (a falta de mecanismos de coacção pode descambar em anomia, em situações de crise). Ainda assim, o mistério que subjaz à legitimidade permanece: a aceitação geral de

---

<sup>127</sup> Jürgen HABERMAS, *Raison et Légitimité*, ed Payot, Paris, 1978, pág. 137.

<sup>128</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 136.

decisões governativas, tomadas individualmente. Para Luhmann, “sociologicamente, o problema é exactamente esta indecisão, esta generalização da legitimidade que provoca uma aceitação quase desmotivada, tal como no caso das verdades”<sup>129</sup>. O autor interroga-se se existirá alguma satisfação interior na troca de obediência por participação, ou se, por outro lado, a disposição para a aceitação é devida a complexos mecanismos sociais. De uma forma ou de outra, a legitimidade é definida como “uma *disposição generalizada para aceitar decisões de conteúdo ainda não definido, dentro de certos limites de tolerância*”<sup>130</sup>. Fazendo apelo à legitimidade racional de Weber, Luhmann propõe uma validação de conteúdos jurídicos através do procedimento. A legitimação racional-legal de Luhmann, apesar de todas as suas limitações, é apresentada pelo autor como uma emanção da sociedade moderna e do seu sistema político. Segundo o autor, este tipo de legitimação “é como que uma espécie de consenso básico que se pode alcançar sem acordo quanto ao que é objectivamente justo no caso particular e que estabiliza o sistema.”<sup>131</sup> Na exacta medida em que a sociedade sofre um processo de complexificação, aumentam os problemas que carecem de solução e esvaziam-se os antigos fundamentos legitimatórios das decisões: “a legitimidade do poder político já não pode ceder a uma moral apresentada de forma natural, antes tem de ser aprofundada no próprio sistema político. (...) A legitimação pelo procedimento e pela igualdade das probabilidades de obter decisões satisfatórias substitui os antigos fundamentos jusnaturalistas ou os métodos variáveis de estabelecimento do consenso.”<sup>132</sup> O reconhecimento generalizado dos procedimentos implica a aceitação das decisões.

---

<sup>129</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 30.

<sup>130</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.

<sup>131</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 31.

<sup>132</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.



Luhmann considera imprescindível que se analise o mecanismo legitimador que está presente nos procedimentos. O autor começa por estabelecer a distinção entre a aceitação das premissas da decisão e a aceitação da própria decisão. Isto permite um extenso leque de cambiantes comportamentais, que vão da aceitação das premissas com rejeição da própria decisão, até à aceitação inquestionável da decisão. As decisões devem ser aceites como obrigatórias. As premissas da decisão devem ser reconhecidas e o direito emanado deve ser considerado como resultante da decisão e legítimo (enquanto for reconhecido como obrigatório e vinculativo).

É importante clarificar o conceito de aceitação. Luhmann tenta adaptar o conceito à complexidade das sociedades modernas. Ao invés de procurar convicções estáveis para todos os temas submetidos a decisão, o autor sustenta que a natureza do sistema político das sociedades modernas não se compadece com convicções motivadas. Antes, propõe que seja considerada a “generalização do reconhecimento de decisões”. Os indivíduos assumem as decisões como regras de comportamento e (re)estruturam as suas expectativas em conformidade. Isto não acontece de forma automática, antes exige um processo de aprendizagem que permita a integração das novas expectativas na antiga personalidade, se possível, sem perda de identidade. É sempre possível que o indivíduo resista, proteste contra a decisão e permaneça com as suas anteriores expectativas frustradas. No entanto, quando o processo de reconhecimento funciona na perfeição, as novas expectativas são automaticamente integradas e apropriadas pelo indivíduo.

O processo de aprendizagem deve ser, acima de tudo social, e não isolado. Quando a identidade pessoal do indivíduo está em causa, importa que a re-orientação das premissas de comportamento não seja apresentada como uma falta, uma contradição com as expectativas anteriores, uma dissonância digna de culpa. A auto imagem não deve

ser afectada. Assim, “a legitimidade depende (...) não do reconhecimento “voluntário”, da convicção de responsabilidade pessoal, mas sim, pelo contrário, dum clima social que institucionaliza como evidência o reconhecimento das opções obrigatórias e que as encara, não como consequência duma decisão pessoal, mas sim como resultados do crédito da decisão oficial.”<sup>133</sup> A legitimidade apresenta-se, desta forma, desvinculada da convicção pessoal na justeza das decisões. A aprendizagem da conformação é um processo de aprendizagem do próprio sistema social. A questão que emerge é a de que sendo o sistema político um sistema parcial, acaba por condicionar as expectativas sociais globais, através das suas decisões. O sistema político deve gerar novas expectativas nos vários subsistemas, sem afectar o seu funcionamento. O sistema político possui uma considerável eficácia na produção da sua própria legitimação.

A legitimação é, antes de mais, entendida como um processo institucionalizado de aprendizagem, como “uma transformação estrutural permanente de expectativas que acompanha o procedimento da decisão.”<sup>134</sup> O autor conclui que “a legitimação pelo procedimento não é como que a justificação pelo direito processual, ainda que os processos legais pressuponham um regulamento jurídico; trata-se, antes, da transformação estrutural da expectativa, através do processo efectivo de comunicação, que decorre em conformidade com os regulamentos jurídicos; trata-se, portanto, do acontecimento real e não duma relação mental normativa.”<sup>135</sup>

O procedimento deve ser entendido como um sistema social. É este o entendimento da teoria sociológica, que combina acção, relação e situação num conceito mais alargado: o conceito de sistema. Esta concepção do procedimento afasta-se de uma concepção ritualista da

---

<sup>133</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 34.

<sup>134</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 35.

<sup>135</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.

acção, de acordo com a qual, cada situação implicaria uma acção pré-determinada. As próprias acções encontrar-se-iam ligadas numa cadeia de interdependência causal que pouca margem deixaria à imaginação. A função da ritualização é a fixação da acção, com todo o acréscimo de segurança que lhe é inerente. O procedimento comporta alguns elementos ritualistas, mas, sob alguns aspectos, afirma-se precisamente, por oposição ao ritual: “em contraste com o decurso inevitável do ritual, é característico para o processo legal, que a incerteza do resultado e suas consequências e a sinceridade das alternativas de comportamento no complexo de actuação e da sua estrutura de motivações, entrem em consideração e sejam aí elaboradas.”<sup>136</sup> Neste sentido, a redução da complexidade não é um dado adquirido ou o resultado de rituais definidos. São “as decisões selectivas dos participantes, que eliminam as alternativas, reduzem a complexidade, absorvem a incerteza ou transformam a complexidade indeterminada de todas as probabilidades numa problemática determinável e compreensível. É-lhes atribuída a selectividade duma comunicação.”<sup>137</sup> Mais uma vez, é a intersubjectividade que confere sentido ao procedimento. A situação é estruturada pelos participantes quando optam por determinadas alternativas de comportamento, em detrimento de outras e em função das selecções efectuadas pelos outros participantes. Pela abertura e pela redução da complexidade, o procedimento merece o epíteto de sistema social: “os procedimentos são, de facto, sistemas sociais que desempenham uma função específica, designadamente, a de aprofundar uma única decisão obrigatória e que, por esse motivo, são de antemão limitados na sua duração.”<sup>138</sup> Para além desta função, os procedimentos, enquanto sistemas sociais, comungam de todas as características inerentes aos sistemas, nomeadamente, a redução da complexidade (en-

---

<sup>136</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 38.

<sup>137</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.

<sup>138</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 39.

tendida, como atrás referimos, como a multiplicidade de possibilidades). Para Luhmann, a diferenciação que é introduzida pelos sistemas, baseia-se, precisamente, na complexidade: face a um ambiente exterior excessivamente complexo, o interior do sistema é ordenado e limita as possibilidades (o mesmo é dizer, reduz a complexidade). A ordem interna do sistema selecciona o ambiente, ou seja, produz ela própria uma visão subjectiva do mundo que lhe permite relevar factos, acontecimentos e expectativas, de entre as possibilidades apresentadas pelo ambiente exterior. Só assim é possível a orientação da acção.

A redução da complexidade permite a criação de estruturas, que consistem na “generalização das expectativas de comportamento que, depois, durante largos períodos de tempo, são válidas transitória e objectivamente para diversas situações e são válidas socialmente para uma maioria”<sup>139</sup>. A estrutura constitui a identidade do sistema, suficientemente cimentada para ser identificada, mas também suficientemente aberta, flexível e adaptável para contemplar alguma variação controlada.

As normas jurídicas gerais são o primeiro factor de definição da estrutura de um sistema de procedimento. Elas reduzem as possibilidades de comportamento e configuram-se como formas correctas de acção. Contudo, as normas jurídicas não são o procedimento e “uma justificação por recurso a elas não constitui a legitimação pelo procedimento.”<sup>140</sup>

A definição de estrutura é uma forma de redução da complexidade mas não é a única. Os procedimentos são sistemas parciais de um “sistema maior, que lhes sobrevive, que os representa, e que lhes mantém determinadas regras de comportamento.”<sup>141</sup> Esta envolvente sistémica demonstra que o ambiente que rodeia os procedimentos pode ser excessivo, mas não é caótico. De qualquer

<sup>139</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 40.

<sup>140</sup> Niklas LUHMANN, *ibidem*.

<sup>141</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 41.

pode ser excessivo, mas não é caótico. De qualquer forma, como sistemas parciais, os procedimentos gozam de alguma autonomia. O sistema atribui aos participantes nos procedimentos papéis que, entre outras funções, situam os indivíduos e ajudam a separar estes sistemas parciais do seu ambiente<sup>142</sup>. Os papéis actuam como filtros: “os participantes só podem ser motivados pelos seus outros papéis de acordo com o sistema de processo e não, tipicamente, através de todos os outros papéis, ou das exigências dos outros papéis, no caso de quererem agir de forma racional e ser bem sucedidos no processo jurídico.”<sup>143</sup> A fixação de papéis, com a correlativa cristalização de comportamentos e expectativas, favorece a generalização social do resultado. A aceitação e o reconhecimento intersubjectivo da decisão é condição de legitimação.

A comunicação dos participantes deve ser admitida pela estrutura do sistema, paralelamente às normas estabelecidas. Pode provocar críticas e suscitar alternativas. Nos procedimentos juridicamente organizados, consenso e conflito podem coexistir e suceder-se conjuntamente.

Relativamente às situações concretas, a sinceridade da decisão é apresentada como um factor de motivação. Os participantes são diferenciados pelo sistema: “por um lado, há participantes altamente competentes ou honorários, que têm de ser motivados em muitos pro-

---

<sup>142</sup> Relativamente à separação entre procedimento e sociedade através da diferenciação de papéis sociais, Luhmann, refere, a título de exemplo que “na eleição política, o eleitor não age primariamente como cabeleireiro, marido, coleccionador de selos ou membro da seita metodista — não pode, por exemplo, como contributo da sua obra, oferecer um corte de cabelo aos candidatos ou rezar por eles — antes fica vinculado ao papel de eleitor onde pode, quando muito, “considerar” alguns motivos tirados do contexto dos outros papéis. Os deputados não podem promover no parlamento os interesses da indústria de conservas através da compra de conservas ou da publicidade dada às ditas conservas, mas sim através da participação na votação, ou através da influência nos votos, portanto de acordo com as regras de jogo válidas lá”. Niklas, LUHMANN, *op. cit.*, pág. 43-44.

<sup>143</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 41.

cessos, de forma não especificamente cooperadora ou correspondente, através de remuneração, por exemplo. Para estes, a sinceridade da decisão torna-se uma obrigação que tem de ser cumprida por meio do trabalho. Todos os outros participantes têm de ser induzidos através do próprio sistema específico do processo jurídico a uma cooperação justificativa da causa.”<sup>144</sup> Para que essa cooperação se verifique é necessário que se verifiquem algumas condições: deve existir um interesse próprio relativamente ao assunto, a certeza de que será tomada uma decisão e a incerteza quanto ao resultado dessa decisão.

A incerteza do resultado —muitas vezes ausente nas eleições políticas— é o factor mais importante para o procedimento: “dá aos participantes o incentivo de contribuir para o progresso do procedimento por meio das suas próprias tentativas de redução, mantém-lhes vivas as esperanças de conduzi-los através dos caminhos que, de acordo com as regras do processo jurídico, levará à decisão. Por outras palavras, a incerteza motiva a aceitação dum papel e conjuntamente também da relação desse papel que absorve gradualmente a incerteza.”<sup>145</sup>

A complexidade dos sistemas de procedimento é função da complexidade dos sistemas de decisão e do facto das premissas da decisão poderem ser pressupostas ou deverem ser procuradas. Assim, nos sistemas políticos, existe complexidade determinada relativamente às decisões de utilização jurídica ou a um objectivo concreto e complexidade indeterminada relativamente às eleições políticas e à legislação. As eleições políticas (tal como a legislação) têm como função a redução da complexidade das situações políticas e proporcionam o progresso do sistema político.

---

<sup>144</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 45.

<sup>145</sup> Niklas LUHMANN, *op. cit.*, pág. 46.

Habermas é crítico relativamente à teoria de Luhmann, que, segundo o autor, parte da hipótese “segundo a qual, presentemente, o *apport* de motivações necessário ao sistema não se encontra limitado por sistemas de normas “autónomos” que seguiriam a sua lógica própria, e pelo contrário, obedece apenas a imperativos de regulação.”<sup>146</sup>

Luhmann considera que a análise dos problemas de legitimação através de uma teoria da comunicação que apela ao “reconhecimento discursivo de pretensões normativas à validade”<sup>147</sup>—como é postulado por Habermas— não é compatível com a realidade social. O ponto de partida, para Luhmann, não é a fundamentação e a justificação das normas e das opiniões (no sentido da prática racional), mas a pressão sofrida pelos sistemas de acção, num mundo de crescente complexidade. Enquanto isso, “Habermas considera essencialmente o sujeito, assim como a intersubjectividade que lhe precede, como um potencial de fundamentação susceptível de verdade: a subjectividade do homem reside aos seus olhos, na faculdade de atribuir razões racionais numa comunicação intersubjectiva ou de poder submeter-se a tais razões ou à refutação das suas próprias razões.”<sup>148</sup>. Segundo Luhmann, esta concepção de sujeito, conduziria a que se descurasse, sistematicamente, aquele que constituía, para Luhmann, o verdadeiro problema das sociedades actuais: a complexidade. Para Luhmann, o sujeito deveria ser concebido como “selectividade contingente”<sup>149</sup>.

A grelha de análise adoptada por Habermas, que enfatiza a problemática da dominação e da distribuição desigual, numa sociedade diferenciada e estruturada em classes (uma das questões centrais colocadas por Habermas é a da possibilidade de distribuição da riqueza

---

<sup>146</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 177.

<sup>147</sup> Jürgen HABERMAS, *ibidem*.

<sup>148</sup> Jürgen HABERMAS e Niklas LUHMANN, *Theorie der Gesellschaft oder Sozialtechnologie?*, Suhrkamp, coll. “Theorie-Diskussion”, Francfort, 1971, pág. 327, *cit. in* Jürgen HABERMAS, *ibidem*.

<sup>149</sup> NIKLAS LUHMANN, *Ibidem*.

za de forma desigual e, apesar de tudo, legítima), é considerada. Por Luhmann, ultrapassada e desadequada para a análise das sociedades actuais.

Habermas critica em Luhmann um certo fatalismo. Enquanto em Habermas, a complexidade crescente das sociedades estruturadas e a sua lógica de organização e de dominação do mundo envolvente, tendem a gerar um acréscimo de complexidade no ambiente exterior —que é considerado como perfeitamente evitável e, apesar de tudo, reversível— os sistemas, em Luhmann, são sistemas permanentemente sob pressão. Eles são pressionados pela complexidade, pela contingência e, acima de tudo, por uma complexidade contingente (complexidade indeterminada), que urge fixar e dominar. Habermas sintetiza da seguinte forma o posicionamento de Luhmann: “o sistema social adquire, com uma margem de contingência brutalmente alargada, um grau de liberdade que o coloca sob a pressão crescente de problemas a resolver e de decisões a tomar: as estruturas e os estados dos sistemas sociais complexos tornaram-se contingentes, pelo menos no domínio da organização e da política, e por consequência, susceptíveis de serem escolhidos praticamente.”<sup>150</sup> Habermas vai mais longe, na apresentação daquele que considera ser o problema central da teoria de Luhmann: “Depois de Luhmann ter distinguido entre complexidade determinada e complexidade indeterminada do sistema e do mundo envolvente, o verdadeiro problema de redução já não é a complexidade (indeterminada) do mundo envolvente, mas a complexidade do mundo envolvente que se tornou determinável por projectos do mundo envolvente relativos ao sistema; dito de outra forma, o verdadeiro problema reside doravante na carga que o sistema se impõe a si próprio com as suas próprias capacidades de resolução dos problemas.”<sup>151</sup>

---

<sup>150</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 178.

<sup>151</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 179.



São os problemas crescentes que resultam da sua autonomia, que conduzem os sistemas complexos a situações de crise.

A primazia atribuída à problemática da complexidade, sobre a comunicação, produz consequências, nomeadamente, no próprio conceito de sistema. Entre essas consequências contam-se: (a) a integração das sociedades complexas deixa de ser função de estruturas normativas, para passar a depender de um mínimo denominador comum resultante da comunicação intersubjectiva. A integração sistémica (regulação) afasta-se da integração social (mundo da vida habermasiano); (b) a dissonância, provocada no indivíduo, pela nova identidade do sistema —aberto, contingente e indeterminado— pode conduzir tanto ao apego excessivo às orientações normativas, como à rendição instrumental à contingência; (c) a reprodução das sociedades complexas é função de um sistema diferenciado —o subsistema político— que se apresenta de forma autónoma e indiferente aos outros subsistemas sociais. Segundo Luhmann, a política deve assegurar a sua própria legitimação num contexto aberto e indeterminado relativamente ao potencial consenso ou aos resultados procurados. Para Habermas, a autonomia do sistema de legitimação e a sua separação do sistema político-administrativo, isolam os processos de tomada de decisão relativamente a *inputs* de carácter motivacional, valorativo ou representativo de interesses universais; (d) o facto de o sistema social se encontrar incapacitado de produzir a identidade dos sub-sistemas, incluindo o político, e a exigência de que este se apresente em toda a sua contingência, limita a capacidade reflexiva e racionalizadora da administração. A decisão é, para Luhmann, um processo selectivo de eliminação de possibilidades. O método racional consiste num processo binário, dicotómico, de negação e afirmação. A extensão da racionalidade a todas as possibilidades aumenta a negação e potencia a frustração. A ineficácia de uma participação, simultaneamente extensiva e

intensiva, leva Luhmann a considerar a democracia inconciliável com a racionalidade.; (e) o novo conceito de sistema implica, por arrastamento, a reformulação de categorias políticas clássicas, como a política, a dominação, a legitimidade, o poder, a democracia. A primazia que a complexidade adquiriu, esvaziou a problemática da organização racional da sociedade, assim como a formação de motivações com um conteúdo normativo susceptível de *verdade*.

Habermas classifica a relação entre complexidade e democracia como problemática. Uma forma de abordagem é a teoria da planificação. Esta, opõe a política-processo, onde a planificação é condicionada, à política-sistema, que exige uma planificação programada. Esta tipologia é submetida a outra cisão quando Habermas introduz uma nova variável: a participação. Para este autor, “a participação (...) deve significar: participação (...) geral, e em igualdade de oportunidades, no processo discursivo de formação da vontade.”<sup>152</sup> Segundo Habermas, a teoria da planificação que Luhmann define para as sociedades complexas é uma planificação global e sem participação. Este facto, é muito mais do que uma recomendação, é uma fatalidade inerente às sociedades complexas: “Luhmann crê poder demonstrar, (...) que a reprodução das sociedades hipercomplexas não deixa outra alternativa que não seja ancorar a reflexividade necessária da sociedade, não em opiniões públicas democraticamente organizadas, mas num sistema administrativo, suficientemente ao abrigo dos partidos e do público.”<sup>153</sup> Esta atitude deve-se, em primeiro lugar, à interacção que se desenvolve entre o sistema administrativo e os outros subsistemas da sociedade. A administração tem como função a resolução de problemas de regulação com que se confronta a sociedade. A eficácia demonstrada na resolução dos problemas dota a administração de uma

---

<sup>152</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 181.

<sup>153</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 182.

competência inquestionável. A relatividade das estruturas sociais torna a extensão da acção administrativa virtualmente ilimitada. Habermas, pelo contrário, contrapõe a estes “mecanismos de auto-adaptação das sociedades do capitalismo avançado”, a imagem de uma administração reactiva e limitada. Para Habermas, “a liberdade de acção do sistema encontra-se limitada por dois lados; na regulação do sistema económico por parâmetros de um sistema de propriedade que não é colocado em questão, e, do ponto de vista do aporte de motivações, por estruturas normativas que se manifestam de forma autónoma e que são incompatíveis com a repressão de interesses susceptíveis de serem generalizados.”<sup>154</sup>

Mesmo perante o reconhecimento de um sistema administrativo sujeito a *déficits* de racionalidade, Luhmann considera que estes só poderão ser colmatados através da criação de uma identidade própria ao sistema, que o torne independente da sociedade. A dependência — relativamente aos *inputs* da opinião pública, às políticas partidárias, ao clientelismo— constitui para Luhmann, um entrave à auto-reflexão e à selectividade. A solução para a resolução dos problemas de diferenciação da administração que aspira à planificação global, reside na aliança entre ciência e política. Esta aliança apresentaria uma dupla função: terminaria com a autonomia científica e poria em causa as dicotomias experiência vivida e acção, conhecimento e decisão, verdade e poder.

A participação é entendida por Luhmann como um limite à capacidade administrativa de planificação, “porque uma democratização deveria, por um lado, suprimir a complexidade *evitável* (inevitável unicamente por razões específicas ao sistema) que é produzida pela dinâmica própria incontável do processo económico, mas, ao mesmo tempo, ela faria entrar em linha de conta a complexidade *inevitá-*

---

<sup>154</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 183.

vel (por razões que não são específicas ao sistema) dos processos discursivos de formação da vontade universalizáveis.”<sup>155</sup> Para Luhmann, a comunicação traz um acréscimo de complexidade ao sistema.

Como referimos atrás, o problema da complexidade é um problema caro a Luhmann. Para Habermas, a opção de Luhmann, por um tipo de planificação sistémica global, sem participação, pode radicar na teoria da evolução social —de que a complexidade e a diferenciação funcional são consequências inevitáveis.<sup>156</sup> O problema da redução da complexidade do meio envolvente encontra-se em primeiro plano na problemática da evolução social, e a capacidade de regulação transforma-se num indicador do grau de desenvolvimento e evolução de uma sociedade.

A teoria da planificação pressupõe a opção por um tipo específico de racionalidade. De acordo com Habermas, as teorias da planificação concebidas de acordo com a *lógica da decisão*, baseiam-se num conceito de *racionalidade da acção*<sup>157</sup>; as teorias da planificação resultantes da *teoria dos sistemas*, consagram um conceito de racionalidade

---

<sup>155</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 187.

<sup>156</sup> Segundo Ignacio Izuzquiza— que nos apresenta uma síntese da teoria de Luhmann em *La Sociedad sin hombres – Niklas Luhmann o la Teoría como Escándalo* — a sociedade moderna gerou a partir do séc. XVII, formas radicais de especialização funcional, que especializou as respostas comunicativas sobre o meio envolvente. Esta especialização provocou a formação de diferentes subsistemas sociais, que resolvem problemas relacionados com funções determinadas. “Quanto mais evoluída e complexa for uma sociedade, maior o grau de diferenciação funcional que terá.” O próprio sistema social, diferenciar-se-á produzindo diferentes subsistemas sociais. Através deste processo, reduzirá a complexidade do meio, mas aumentará a complexidade da sua estrutura: “uma sociedade funcionalmente diferenciada —como é a nossa sociedade ocidental contemporânea— é sempre mais complexa do que as sociedades anteriores, mas, precisamente por isso, é mais eficaz no seu comportamento ao reduzir de modo mais rigoroso a complexidade que enfrenta.” Ignacio IZUZQUIZA, *op. cit.*, pág. 283.

<sup>157</sup> Segundo Habermas, o conceito de racionalidade da acção é retirado do paradigma da escolha racional relativamente a fins determinados, entre meios diferentes. “O modelo da racionalidade da acção convém às teorias da escolha racional e às técnicas de planificação nos domínios da actividade estratégica.” Mas, de acordo com Habermas, “os limites deste modelo aparecem assim que se tenta desenvolver teorias dos sistemas sociais que tenham um certo conteúdo empírico.” Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 188.

objectiva, retirada do paradigma dos sistemas auto-regulados —a *racionalidade sistêmica*<sup>158</sup>; as teorias da planificação de inspiração *comunicacional* assentam sobre um conceito de *racionalidade prática*, retirado do paradigma da formação discursiva da vontade —que, segundo Habermas, se pode desenvolver como uma teoria da verdade como consenso. É o modelo adoptado por Habermas, para quem este modelo “convém ao exame crítico das constelações de interesses que estão na base das estruturas normativas; este método de génese normativa deve, bem entendido, ser combinado com uma abordagem inspirada na teoria dos sistemas para que possa contribuir para uma teoria adequada da evolução social.”<sup>159</sup>

A opção por uma forma de racionalidade consagra uma opção relativamente ao estatuto lógico da planificação: as teorias da planificação que se inspiram na lógica da decisão, são “métodos normativo-analíticos”, são aquilo que Habermas designa por “técnicas de planificação”; as teorias da planificação inspiradas na teoria dos sistemas podem ser, segundo o caso, apoios à planificação, ou teorias de tendência normativa (para as quais a planificação é um processo político). Segundo Habermas, “a teoria da planificação funcionalista e universalista de Luhmann, que se apresenta também como uma teoria

---

<sup>158</sup> O modelo de racionalidade sistêmica “convém às teorias que têm um certo teor empírico e que se debruçam sobre domínios de objectos nos quais podemos identificar unidades que se delimitam claramente em relação ao seu meio, e que designam inequivocamente os seus «estados-alvo». É então (mas apenas então) que se pode definir a estabilidade ou, segundo o caso, ultra-estabilidade, a partir de um estado do sistema acessível pela experiência.” A opção pela racionalidade sistêmica, implica uma decisão teórica: proceder de forma normativa, o mesmo é dizer, fixar os limites e os «estados-alvo» do sistema social analisado (é a prática da Sociologia das organizações); assumir uma atitude radical e funcionalista, ou seja, investigar em determinado contexto, fazendo variar os pontos de referência, os equivalentes funcionais (é a atitude adoptada por Luhmann); ou, finalmente, “tornar a aplicação nas ciências sociais da teoria dos sistemas dependente de uma teoria (indispensável) da evolução social que deve permitir uma definição não convencional do nível de desenvolvimento, e assim dos valores-limite a partir dos quais as mudanças do sistema ameaçam a sua identidade” (é o posicionamento de Habermas). Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 189.

<sup>159</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 190.

dos sistemas, considera-se como oportunista por princípio e destrói a oposição entre as maneiras de proceder empírico-analítica e normativo-analítica.”<sup>160</sup> Habermas prefere defini-la como pragmática, no sentido em que “o estudo dos sistemas faz ele próprio parte de um processo vital submetido à lei do aumento da selectividade e da redução da complexidade”.<sup>161</sup>

De igual forma, a teoria da planificação comunicacional ultrapassa também a dicotomia atrás apresentada, embora por razões diferentes: “fora dos enunciados descritivos sobre as normas em vigor, por um lado, e dos enunciados prescritivos que dizem respeito à escolha das normas por outro, ela admite por método, enunciados que avaliam de forma crítica o carácter justificável de normas (existentes ou propostas), quer dizer, o carácter aceitável das pretensões normativas à validade. As normas susceptíveis de serem justificadas assemelham-se a proposições verdadeiras: não são nem factos nem valores.”<sup>162</sup>

Para Habermas, tudo gira em torno desta oposição entre o ponto de vista universalista e funcionalista e o ponto de vista reconstrutivista e crítico. É nestes dois pólos que se situam Luhmann e Habermas, respectivamente. Habermas interroga-se se a reprodução da vida social se encontra ligada à razão e se o aparecimento das motivações está ligado à interiorização das normas que reclamam uma justificação. O procedimento evolucionista, ou “normativo-genético”, como lhe chama Habermas —que permitiria uma reconstrução das instituições e dos sistemas históricos de interpretação— pode aparecer como desadequado e impossibilitar a construção de teoremas de crise. Ao mesmo tempo, Habermas afirma que o posicionamento de Luhmann

---

<sup>160</sup> Jürgen HABERMAS, *ibidem*.

<sup>161</sup> Jürgen HABERMAS, *ibidem*

<sup>162</sup> Jürgen HABERMAS, *ibidem*

falha porque a teoria dos sistemas se insere num processo estratégico oportunista.

A questão para Habermas é a da racionalidade, da sobrevivência da socialização baseada na verdade e constitutiva da sociedade. A identidade social é entendida como o resultado de um percurso interior e não deve ser sacrificada ao problema da complexidade. Segundo Habermas, “Luhmann (...) subordina num plano metodológico todos os domínios de interação regulados por pretensões à validade susceptíveis de ser aceites discursivamente, às pretensões ao poder e ao aumento do poder, racionais do ponto de vista do sistema, que eleva a administração excêntrica que governa sem recurso nem apelo.”<sup>163</sup>

Para Luhmann, o poder é o meio de comunicação da política. O poder político consagra um domínio de decisões com repercussões colectivas. O sistema político encontra-se estruturado em governo e oposição, o mesmo é dizer, estrutura-se em torno daqueles que detêm o poder, por um lado, e daqueles que almejam alcançá-lo, por outro. A democracia é inerente às novas sociedades funcionalmente diferenciadas, mas como afirma Izuquiza, para Luhmann “a democracia é uma complexa perspectiva política que permite, ao mesmo tempo, tomar decisões e assegurar a variabilidade das mesmas, que tem como base a relação entre governo e oposição.”<sup>164</sup> O jogo político acaba por resumir-se para Luhmann, numa luta pelo acesso ao poder, o mesmo é dizer, à possibilidade de tomada de decisões que se impõem com generalidade, independentemente dos conteúdos programáticos das forças políticas em jogo, ou do conteúdo das decisões.

Na medida em que o sistema político é fonte de legitimação, o sistema apresenta-se um pouco fechado —como afirma Izuzquiza, “a política constitui-se como um sistema fechado que ordena a sua pró-

---

<sup>163</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 192.

<sup>164</sup> Ignacio IZUZQUIZA, *op. cit.*, pág. 300.

pria reprodução (...) em torno da possessão do poder político”<sup>165</sup> — em que as eleições funcionam como uma garantia procedimental.

O sistema cria a sua própria legitimação, porque as instâncias com competência legislativa fazem parte do mesmo sistema de dominação que deve ser legitimado (entendendo aqui que a legalidade funciona como um indicador de legitimidade). Mas Habermas contrapõe que “um procedimento apenas pode legitimar de forma indirecta, por referência a instâncias que devem elas próprias ser reconhecidas. (...) Os órgãos que têm competência para fixar e aplicar o direito são legitimados, não pela legalidade dos seus procedimentos, mas, além disso, por uma interpretação geral que suporta o sistema de dominação no seu conjunto.”<sup>166</sup> Aquilo que Habermas chama as “teorias burguesas do parlamentarismo e da soberania popular” fazem parte desta ideologia.

### 2.3.1. - HABERMAS E A PROBLEMÁTICA DA LEGITIMAÇÃO NO CAPITALISMO AVANÇADO.

A opção pela expressão “capitalismo avançado”<sup>167</sup> consagra uma concepção crítica da evolução social, que se processa através de contradições estruturais, isto é, através de crises.

Habermas recorre à teoria dos sistemas para formular um conceito de crise adaptado às ciências sociais. De acordo com o autor, a teoria dos sistemas concebe o momento de crise como aquele em que a estrutura de um sistema social, que se debate com um problema,

---

<sup>165</sup> Ignacio IZUZQUIZA, *op. cit.*, pág. 301.

<sup>166</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 141

<sup>167</sup> A tipologia das formações sociais apresentada por Habermas, engloba sete tipos: (1) Primitiva; (2) Civilizada; (3) Tradicional; (4) Moderna; (5) Capitalista, (5.1.) Liberal, (5.2.) Organizada; (6) pós-Capitalista; (7) pós-Moderna.



admite menos possibilidades de solução do que as necessárias à sobrevivência do sistema. Esta situação deficitária configura um problema de integração sistémica.

As crises sociais que afectam o sistema não são provocadas por modificações contingentes do ambiente exterior, antes devem-se a contradições estruturais do sistema. A identificação das contradições estruturais deve ser feita a partir do reconhecimento das estruturas essenciais à existência do próprio sistema. Os limites da existência dos sistemas sociais são definidos pela conjugação das estruturas essenciais do sistema com alguns elementos contingentes e passíveis de modificação, sem que a identidade do sistema seja posta em causa. Em última análise, a teoria dos sistemas pode não fornecer a grelha de análise mais adequada aos sistemas sociais. Habermas coloca reservas à eficácia do modelo sistémico quando afirma que “o conceito de crise social oferecido pela teoria dos sistemas é objecto de críticas de fundo, na medida em que se torna muito difícil determinar de forma unívoca na linguagem da teoria dos sistemas os limites e a existência dos sistemas sociais.”<sup>168</sup>

Os sistemas sociais são sistemas especiais. Eles são dotados de uma elevada capacidade de aprendizagem e de adaptação ao ambiente exterior: “os sistemas sociais (...) podem impor-se num mundo envolvente hipercomplexo mudando ou elementos do sistema ou então valores teóricos, ou então ainda os dois ao mesmo tempo, para se manterem num outro nível de regulação.”<sup>169</sup> A manutenção do sistema, através da alteração dos dois elementos, não pode deixar de ter custos, e a sua identidade fica posta em causa ou, no mínimo, torna-se incerta<sup>170</sup>.

---

<sup>168</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 13.

<sup>169</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 14.

<sup>170</sup> Cfr. Jürgen HABERMAS, *ibidem*. Por valores teóricos de um sistema consideram-se os valores das variáveis características de um sistema, que correspondem ao estado ideal do sistema e que este procura manter.

A mudança não é sinónimo de crise. Entre a mudança e a crise, desenha-se um vasto leque de cambiantes, que vão da simples aprendizagem e conseqüente renovação do sistema, até à sua dissolução e emergência de um novo sistema. Só é possível falar de crise quando “os membros de uma sociedade *consideram* as transformações estruturais como críticas para a própria existência deste sistema e sentem ameaçada a sua identidade social.”<sup>171</sup> Habermas acrescenta que “os problemas de integração do sistema só são perigosos para a própria existência do sistema na medida em que a integração social está em jogo, quer dizer, quando o consenso que está na base das estruturas normativas estiver interrompido a ponto de a sociedade se tornar anómica. Os estados de crise apresentam-se sob a forma de uma desintegração das instituições sociais.”<sup>172</sup>

A crise joga-se na dicotomia entre os pólos da integração social<sup>173</sup> e da integração sistémica<sup>174</sup> e surge sempre que os imperativos da estabilidade e da continuidade, próprios da integração sistémica, se sobrepõem aos valores e instituições, próprias da integração social.

O mundo da vida consagra as estruturas normativas (valores e instituições) presentes numa sociedade. Os elementos normativos do mundo da vida constituem factores limitativos. A análise de acontecimentos e situações é subjugada à função de integração social. Já o aspecto sistemático reporta-se aos mecanismos de regulação e alargamento da margem de indeterminação (no sentido de Luhmann). Os acontecimentos e situações sofrem, aqui, a sujeição à função de integração do sistema. Segundo as próprias palavras de Habermas:

---

<sup>171</sup> Jürgen HABERMAS, *ibidem*.

<sup>172</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 14-15.

<sup>173</sup> Fala-se de integração social por referência aos sistemas e instituições nos quais os sujeitos são socializados. Os sistemas sociais assumem a forma de *mundo da vida* (estruturas normativas – valores e instituições) que se encontra estruturado simbolicamente. Cfr. Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 16.

<sup>174</sup> A integração sistémica designa a acção dos mecanismos (auto)regulação. Cfr. Jürgen HABERMAS, *ibidem*.

“quando consideramos um sistema social como mundo da vida, o aspecto sistémico, o problema da regulação, é esbatido. Quando compreendemos uma sociedade como um sistema, deixamos de parte o problema da validade, dito de outra forma, não tomamos em consideração na realidade social da existência de facto de pretensões à validade reconhecidas e frequentemente contrafactuais.”<sup>175</sup>

Apesar da teoria dos sistemas contemplar as estruturas normativas, concebe os sistemas sociais atribuindo especial ênfase à regulação. Como consequência, o sistema político —entendido como centro de regulação diferenciada— ocupa uma posição dominante nas sociedades diferenciadas, relativamente aos sistemas sócio-cultural e económico. Para Habermas, toda a evolução social —que Habermas diferencia e que entende que deveria ser imputada ao desenvolvimento das forças produtivas, autonomia crescente do sistema e transformação das estruturas normativas— aparece, para a teoria dos sistemas, condensada na fórmula “aumento do poder graças à redução da complexidade do mundo envolvente.”<sup>176</sup> É esta a postura da teoria dos sistemas em geral e, em particular, de Luhmann. Neste quadro, os *problemas de validade* cedem lugar aos *problemas de comportamento*, dotados de uma consistência empírica perfeitamente identificável. Segundo Habermas, “as vantagens procuradas por uma estratégia conceptual compreensiva invertem-se para se tornarem fraquezas de um imperialismo conceptual quando o ponto de vista da regulação é exclusivamente privilegiado e quando o domínio do objecto das ciências sociais se reduz aos potenciais de selecção.”<sup>177</sup>

A análise de uma situação crítica depende do estabelecimento da correlação entre os mecanismos de integração sistémica e os mecanismos de integração social. A crise não é uma fatalidade. Ela depende

---

<sup>175</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 17.

<sup>176</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 18.

<sup>177</sup> Jürgen HABERMAS, *ibidem*.

da plasticidade dos valores teóricos do sistema —eles próprios resultantes da combinação dos valores culturais constitutivos, com as exigências de integração sistémica. Os valores teóricos são responsáveis pela aliança entre a componente cultural e a componente reguladora do sistema.

Os problemas de regulação são susceptíveis de desencadear crises apenas quando estes não podem ser resolvidos dentro dos limites do princípio de organização, de uma formação social dada. São os princípios de organização que definem a capacidade de aprendizagem de uma sociedade, com salvaguarda da sua identidade<sup>178</sup>.

Só uma análise histórica dos sistemas sociais “permite, para cada caso, fixar a margem de tolerância, no interior da qual, os valores teóricos de um sistema dado, podem variar sem que a própria existência do sistema seja posta em causa.”<sup>179</sup>

Como corolário da análise histórica dos sistemas sociais, Habermas desenvolve a sua teoria da evolução social.

Capitalismo *organizado*, *tardio*, *avançado*, são sinónimos para designar uma determinada formação social, integrada na tipologia proposta por Habermas.

Com a expressão “capitalismo organizado”, Habermas pretende caracterizar, por um lado, o processo de concentração empresarial (monopólios e multinacionais) e uma nova organização dos mercados (de capitais, de trabalho, de bens); por outro lado, a crescente intervenção estatal, extensiva a domínios e funções que até então lhe estavam vedados. O primeiro aspecto marca o fim do capitalismo de concorrência, o segundo aspecto, marca o fim do capitalismo liberal.

---

<sup>178</sup> Habermas afirma que “por princípios de organização eu entendo aqui regulações extremamente abstractas, propriedades emergentes que nascem de impulsos evolutivos improváveis e que caracterizam um novo nível de desenvolvimento.” Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 20.

<sup>179</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 19.

A emergência de uma nova formação social implica alterações a nível dos sistemas económico, político-administrativo, e (aquele que mais nos interessa) legitimatório.

No capitalismo avançado, o fim da ideologia burguesa da livre troca equitativa —provocada pela evidência de algumas fraquezas funcionais do mercado enquanto mecanismo de regulação— é acompanhado pela repolitização das relações de produção. O saldo é uma necessidade acrescida de legitimação.

Os mecanismos de legitimação tradicionais encontram-se esgotados. Em contrapartida, a ideologia burguesa fez emergir um sistema de valores de carácter universalista, que dariam origem aos direitos cívicos e, nomeadamente, ao direito de participar em eleições políticas. A partir deste momento, “a legitimidade só pode ser adquirida independentemente do mecanismo de eleições por sufrágio universal em circunstâncias extraordinárias, e de forma provisória.”<sup>180</sup> O problema da legitimação é solucionado através do sistema de democracia formal.

Se tivermos em mente que o problema central do capitalismo avançado continua a ser a distribuição da mais-valia de forma desigual e, apesar de tudo, legítima, então, a problemática da luta de classes deveria influenciar “a participação dos cidadãos no processo político de formação da vontade”<sup>181</sup>. Como forma de superar os entraves que a consciência de classe potencialmente poderia colocar, o sistema administrativo deve gozar de uma certa autonomia relativamente á formação da vontade que o legitima. Habermas defende que existe um afastamento da administração relativamente aos cidadãos. Afastamento esse, que lhe é intrínseco e que pode ser encarado como uma estratégia de sobrevivência: “As instituições e os processos de democracia

---

<sup>180</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 57.

<sup>181</sup> Jürgen HABERMAS, *ibidem*.

formal estão feitos de tal forma que as decisões da administração podem ser tomadas de forma largamente independente dos motivos determinados dos cidadãos.”<sup>182</sup> Isto só é possível graças à características deste processo de legitimação, “um processo de legitimação que cria motivos generalizados, quer dizer, que assegura uma lealdade difusa das massas, mas que evita a participação.”<sup>183</sup>

A democracia formal é encarada, por Habermas, como um sistema altamente castrador da opinião pública. Segundo o autor, são as instituições e processos próprios da democracia formal que criam cidadãos passivos.

A despolitização estrutural da opinião pública, reduz a necessidade de legitimação a dois aspectos: (1) o privatismo civil, que Habermas define como “a abstenção política do cidadão, cujo interesse se orienta para o consumo, os tempos livres, a carreira (...), desenvolve a expectativa de compensações apropriadas conformes ao sistema.”<sup>184</sup>, resulta da acção invasiva do Estado Social em domínios do mundo da vida; (2) desta despolitização estrutural, emerge, consequentemente, a sua própria necessidade de justificação. Necessidade essa, que é colmatada com recurso tanto a teorias democráticas elitistas, como a teorias sistémicas, de carácter tecnocrático. Umas e outras, segundo Habermas, com um fim único: a apresentação pseudo-natural do sistema político e da acção política.

A necessidade de legitimação está inerente ao incremento da função política de planificação. A passagem da tutela da actividade

---

<sup>182</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág.58.

<sup>183</sup> Jürgen HABERMAS, *ibidem*.

<sup>184</sup> Jürgen HABERMAS, *ibidem*. Na sua obra *La Reconstrucción del Materialismo Histórico*, Habermas dá uma outra definição deste fenómeno, embora aponte no mesmo sentido: “por privatismo civil entendo: interesses extensíveis pelas prestações do governo e assistência do sistema administrativo e, simultaneamente, escassa participação no processo de formação da vontade (elevada orientação para o *output* contra escassa orientação para o *input*).”, Jürgen HABERMAS, Taurus Ediciones, Madrid, 1981, pág. 289.

económica para o Estado, responsabiliza o Estado pela distribuição de riqueza e pela manutenção de privilégios (uma e outra deixam de ser encaradas como resultado natural do funcionamento do mercado). Se a justificação da estratificação social repousa, não já na *natural* justiça das trocas, mas nas artificiais políticas governamentais, a percepção de alguma injustiça distributiva cria um *déficit* legitimatório.

Habermas enuncia, então, o teorema da crise de legitimação, de acordo com a hipótese geral de que “uma identidade social que se determina ela própria de forma indirecta pela sua capacidade de assegurar a integração do sistema, pode sempre ser contestada com base na estrutura de classes.”<sup>185</sup>. A manutenção do princípio capitalista de reprodução e manutenção do capital —que vai de encontro a determinados interesses privados— colide com preocupações de carácter socializante —com vista à manutenção de um mínimo denominador comum de condições básicas de vida— criando um potencial conflito entre interesses particulares e interesses gerais. Numa sociedade ainda classista, o problema fundamental continua a ser a distribuição do produto social de forma desigual e, apesar de tudo, legítima.

Os conflitos próprios das sociedades capitalistas avançadas não surgem objectivamente como crises do sistema, mas põem em foco questões de legitimidade. Habermas sugere a necessidade funcional de separar o sistema administrativo do sistema de legitimação. As funções administrativas adquirem um carácter instrumental, por oposição ao simbolismo, susceptível de gerar obediência. Entre estes símbolos contam-se a personalização de problemas, o recurso simbólico a procedimentos de consulta e a cientificação crescente da actividade política<sup>186</sup>.

---

<sup>185</sup> Jürgen HABERMAS, *Raison et Légitimité*, Payot, Paris, 1978, pág. 100.

<sup>186</sup> Cfr. a este respeito a obra de Habermas, *Técnica e Ciência como Ideologia*, especificamente, o artigo “Técnica e Ciência como «ideologia»”, em que o autor discorre, recorrendo a Marcuse acerca da conversão da técnica e da ideologia em formas de dominação política: “a racionalidade tecnológica protege assim

A opinião pública aparece, assim, condicionada de forma a relevar determinados temas em detrimento de outros, que são subtraídos à formação da opinião.

O sistema político assume pretensões de planificação ideológica mas enfrenta a resistência do sistema cultural, porque é estéril de sentido<sup>187</sup>. Assim, “os meios através dos quais se adquire a legitimação, destroem-se por si próprios, a partir do momento em que a forma desta «aquisição» é revelada.”<sup>188</sup> A tradição perde a sua força, e deixa de se apresentar de forma imperativa, quando é manipulada e instrumentalizada num quadro estratégico. As tradições conservam a sua força legitimatória quando enquadradas em sistemas de interpretação que asseguram a continuidade e a identidade grupal: “as tentativas de compensar os *déficits* de legitimação por uma manipulação consciente encontram um limite sistemático na dissemelhança estrutural entre os domínios de actividade administrativa e a tradição cultural.”<sup>189</sup>

O aumento da necessidade de legitimação é uma consequência, ainda que indirecta, da extensão do âmbito de actividade estatal: porque a acção estatal alarga-se a áreas tipicamente sociais —não apenas à saúde ou à educação, mas também à família: quando regulamenta o casamento, a união de facto, o divórcio, a adopção, o aborto...; Consequentemente, porque o aumento das áreas susceptíveis de intervenção estatal, apela a um aumento da lealdade das massas.

---

antes a legalidade da dominação em vez de a eliminar e o horizonte instrumentalista da razão abre-se a uma sociedade totalitária de base racional” (pág. 49), mas também o seu artigo “Política Cientificada e Opinião Pública”, em que Habermas critica tanto o modelo tecnocrático como o modelo decisionista da tomada de decisão.

<sup>187</sup> Segundo Habermas, “o «sentido» é um recurso escasso e que se torna cada vez mais escasso. É por isso, que no público dos cidadãos, aumentam as expectativas orientadas para os valores de uso, dito de outra forma, as expectativas susceptíveis de serem controladas pelo sucesso.”, Jürgen HABERMAS, *Raison et Légitimité*, Payot, Paris, 1978, pág. 105.

<sup>188</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, Payot, Paris, 1978, pág. 101.

<sup>189</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 102.



A politização dos domínios do quotidiano próprios da vida privada, é sucedida de um movimento protector por parte dos cidadãos. Estes, ensaiam tentativas de participação e de salvaguarda do privatisimo civil em domínios culturais: a escola, a religião, a imprensa, a cultura em geral.

A participação é, para a administração, um recurso perigoso para fazer face aos *déficits* de legitimação. A vulnerabilidade da intervenção estatal resulta da seguinte ambiguidade: por um lado, confronta-se com pretensões à legitimação, com exigências excessivas, que o sistema administrativo não pode satisfazer no quadro de um compromisso de classes assimétrico, e, por outro lado, depara-se com resistências conservadoras à planificação, que limitam a acção do Estado e a sua margem de manobra.

Se Habermas não tem dúvidas relativamente à carência de legitimidade nas sociedades do capitalismo avançado, duvida contudo, da insolubilidade dos problemas de legitimação e da inevitabilidade da crise de legitimação. Esta, só se verifica quando o sistema não consegue manter o equilíbrio entre as expectativas criadas e os recursos — em valores de uso— fornecidos pelo sistema administrativo. Os *déficits* legitimatórios são colmatados através de recompensas conformes ao sistema. Segundo Habermas, “uma crise de legitimação aparece a partir do momento em que as pretensões a indemnizações conformes ao sistema aumentam mais depressa do que a massa dos valores disponíveis, ou quando aparecem expectativas que não podem ser satisfeitas por indemnizações conformes ao sistema.”<sup>190</sup>

Embora a possibilidade de uma crise de legitimação possa parecer demasiado radical, a verdade é que a manutenção de um nível óptimo de satisfação das expectativas geradas, passa pelo sucesso do Estado-Providência. A convicção de Habermas de que o Estado—

---

<sup>190</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 105.

Providência se manteria, só pode ser compreendida tendo em conta a altura em que a teoria foi formulada (1973), o que de alguma forma, a torna numa teoria datada. De qualquer forma, Habermas rejeita a hipótese de que uma elevação de expectativas pudesse provocar a insatisfação nos eleitores. A democracia (democracia de massas com um regime pluralista) é aceite como o regime funcionalmente mais adequado para dar satisfação às reivindicações que surgem no sistema sócio-cultural.

Segundo Habermas, a crise de legitimação “deveria, então repousar sobre uma crise de motivação, quer dizer, uma inadequação entre, por um lado, a necessidade de motivos que o Estado, o sistema de educação e o sistema de emprego valorizam e, por outro lado, a oferta de motivação, a motivação oferecida pelo sistema sócio-cultural.”<sup>191</sup>

A crise de legitimação e a crise de motivação, são crises próprias do sistema sócio-cultural. Podemos no entanto afirmar que a segunda é um sucedâneo da primeira e se a crise de legitimação é provocada por alterações a nível do sistema político, a crise de motivação emerge das alterações específicas do sistema sócio-cultural.

O *output* motivacional mais importante do sistema sócio-cultural, consubstancia-se no síndrome do privatismo civil<sup>192</sup> e no síndrome familiar profissional<sup>193</sup>. São estes síndromas que fundamentam a democracia formal e a distribuição desigual da riqueza, a nível dos sistemas políticos e económicos, respectivamente.

---

<sup>191</sup> Jürgen HABERMAS, op. cit., pág. 107.

<sup>192</sup> Cfr. supra, nota 169.

<sup>193</sup> Em palavras de Habermas: “O privatismo familiar-profissional guarda uma relação de complemento para com o privatismo burguês, e consiste numa orientação familiar caracterizada por marcados interesses de consumo e tempos livres, por um lado, e por uma orientação de carreira em termos de luta pelo *status*, por outro lado, Este privatismo está, assim, em consonância com as estruturas de um sistema formativo e ocupacional regulado pela ideia de produtividade.”, Jürgen HABERMAS, *La Reconstrucción del Materialismo Histórico*, Taurus Ediciones, Madrid, 1981, pág. 289.

A racionalização do domínio sócio-cultural provocou alterações nestes síndromas, nomeadamente, porque os elementos da ideologia burguesa, em que se baseavam, perderam a validade que detinham na formação social anterior —o capitalismo liberal. Entre estes elementos contam-se: (1) a ideologia da produtividade; (2) o individualismo possessivo; (3) a orientação para os valores de troca.

(1) A lógica da competição justa no mercado de trabalho é subvertida porque os indivíduos não têm igualdade de oportunidades. Um equivalente funcional da ideologia da produtividade, poderia ser a realização profissional, com base na instrução. No entanto, para além da desigualdade de oportunidades, que é experimentada pelos indivíduos, no acesso á educação; verifica-se que existe uma desarticulação crescente entre o sistema de ensino e o sistema ocupacional. Acresce a esta situação, o carácter, cada vez mais, segmentado e especializado, do trabalho, o que invalida uma avaliação justa do rendimento individual. As características da nova divisão do trabalho impedem, de resto, a formação de uma identidade pessoal com base em papéis profissionais. Por último, o facto de o Estado intervir através de subvenções sociais à população não-activa, pode enfraquecer o estímulo da competição a nível do mercado de trabalho (veja-se, por exemplo, o caso do rendimento mínimo garantido e o efeito desmobilizador que teve junto das camadas da população que o recebiam).

(2) O individualismo possessivo pressupõe que os indivíduos consigam identificar, claramente, as suas necessidades, por um lado; e que estas sejam susceptíveis de ser satisfeitas através de recompensas materiais (as supra-referidas recompensas ou indemnizações que o Estado oferece, em conformidade com o sistema), por outro lado. O problema é que o sistema de necessidades não se encontra cla-

ramente definido. A satisfação das necessidades básicas —com a crescente criação de necessidades de tipo secundário— faz com que as necessidades não sejam facilmente identificáveis e, pior ainda, não sejam susceptíveis de satisfação. Por um lado, criam-se necessidades fictícias como forma de estimular o mercado —o que limita a liberdade efectiva do consumidor; por outro lado, o bem-estar social depende da criação de riqueza privada que é, posteriormente, sujeita a distribuição. É a crescente existência de bens colectivos e equipamentos sociais, considerados indispensáveis a um conceito objectivo de qualidade de vida que subverte a lógica da apropriação privada.

- (3) O aumento da população activa cujo rendimento não provém do trabalho (desempregados); a relevância adquirida pelo trabalho abstracto relativamente ao trabalho concreto; a importância crescente atribuída ao ócio, que se afirma como um valor em oposição ao trabalho, fazendo emergir necessidades cuja satisfação já não radica em bens materiais; todos estes factores contribuíram para erodir a orientação para o valor de troca<sup>194</sup>.

---

<sup>194</sup> Segundo Claus OFFE, o desenvolvimento das sociedades capitalistas produz fenómenos que entram em contradição com os próprios princípios do capitalismo. De acordo com este autor, os problemas sistémicos, que se podem identificar neste tipo de sociedade resultam das pressões para que a emergência destes fenómenos seja controlada. Um desses fenómenos é a diminuição da população economicamente activa: a sociedade deixou de dividir-se entre detentores do capital e trabalhadores assalariados; entre estas duas categorias surgiram as donas de casa, os estudantes, os desempregados, os pensionistas, toda uma série de categorias sociais que se inserem na sociedade sem recurso ao valor trabalho, tal como era entendido por Marx —directamente produtivo, dotado de valor de uso e de valor de mercadoria e, nessa condição, adequadamente remunerado; estas categorias sociais são, muitas vezes, subvencionadas pelo Estado de acordo com os rendimentos obtidos pelo trabalho, anterior (desempregados e pensionistas) ou de familiares (estudantes), mas essencialmente, há uma independência dos papéis não-económicos relativamente aos económicos. Um outro tipo de fenómeno prende-se com a redistribuição da população activa pelos diversos sectores: a relação entre as funções tradicionalmente produtoras de mais-valia, actividades administrativas, serviços, encontra-se alterada; existe um número

---

crescente de profissões cuja valorização é feita fora do mercado e por isso adquirem o valor de uso (é o caso dos gestores de empresas —uma categoria dirigente desapaosada dos meios de produção); O facto deste tipo de trabalho não ser remunerado de acordo com o mercado, transforma-o num trabalho consumidor de valor. A coexistência entre a produção abstracta de valor (como é o caso do trabalho assalariado) e a produção de valor de uso (trabalho intelectual assalariado ou não) altera a hegemonia da classe trabalhadora e torna-a mais vulnerável. Cfr. Claus OFFE, *Problemas Estruturais do Estado Capitalista*, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1984, pp. 190 e ss.

Ao referir a pós-industrialização da sociedade portuguesa, Manuel Braga da Cruz dá-nos conta de que a população activa no sector primário passou de 33% para 17,3% em vinte anos, enquanto a percentagem de população no sector terciário passou de 33,8% em 1970 para 47,6% em 1990. A população ligada à indústria sofreu um decréscimo, tendo passado de 39,1% em 1980 para 34,95 em 1990. As conclusões são óbvias: “a continuada desruralização da sociedade portuguesa não se tem vindo a processar na última década, como acontecera nas anteriores, à custa e por causa da industrialização do país, mas tem-se antes realizado no sentido de uma crescente transferência da população activa para o sector terciário, tanto oriunda directamente do sector primário por via da modernização económica e tecnológica da agricultura, como do próprio sector secundário, afectado pela crescente desindustrialização.” Manuel Braga da CRUZ, *Instituições Políticas e Processos Sociais*, Bertrand Editora, Venda Nova, 1995, pág. 494. Manuel Braga da Cruz conclui que se verifica uma passagem de uma sociedade “produtora de bens” a uma sociedade “consumidora de serviços”, da valorização da propriedade à valorização do saber, em suma, de uma sociedade industrial a uma sociedade pós-industrial. João Bettencourt da Câmara afirma que esta nova realidade, resultante da III Revolução industrial, (que tanto pode designar-se de sociedade pós-industrial ou de sociedade da informação, consoante se adopte uma postura de continuidade ou ruptura com a realidade da sociedade dita industrial), se caracteriza pela elevação do conhecimento à categoria de recurso estratégico. Esta transformação pode ser indiciada pela transferência de recursos humanos para o sector terciário. Contudo, este movimento não é redutível à terciarização. É necessário que se afirme o desenvolvimento de tecnologias de ponta. A este respeito, não deixa de ser significativo que Manuel Braga da Cruz afirme que “a terciarização da população activa portuguesa tem sido mais uma terciarização tradicional do que uma terciarização inovativa e avançada. Mais do que actividades criativas e de serviços de elevada aplicação de conhecimentos científico-tecnológicos, que também têm crescido embora mais lentamente em Portugal, as actividades terciárias que maior expansão têm conhecido são actividades caracterizadas pela rotina e de menos eficiência” Manuel Braga da CRUZ, *op. cit.*, pág. 495, contudo, o optimismo persiste e Manuel Braga da Cruz mostra-se convicto de uma acentuação e alteração do modelo de terciarização. Também João Bettencourt da Câmara afirma que “há indícios de que a Terceira Vaga já chegou a Portugal” João Bettencourt da CÂMARA, “A III Revolução Industrial e o Caso Português”, in *Portugal face à III Revolução Industrial — seminário dos 80*, ISCSP, Lisboa, 1986, pág. 64. Parafraseando Naisbitt, o autor afirma mesmo que “a primeira e mais fundamental” consequência da “chegada à sociedade da informação”, “consiste na transição de uma indústria capital-intensiva para uma economia de saber intensivo”, João Bettencourt da CÂMARA, *op. cit.*, pág. 85.

Como forma de resposta ao desgaste sofrido por aquelas que eram as bases culturais dos síndromas do privatismo, o sistema sócio-cultural reage e propõe novos elementos motivacionais: (1) o cientismo; (2) a arte moderna; (3) a moral universal.

- (1) O cientismo representa um papel ambivalente: por um lado, contribui para o progresso ao permitir uma capacidade de dominação do mundo nunca, até agora, experimentada. Por outro lado, o carácter hermético da Ciência, torna-a inacessível para o público em geral. Neste sentido, impede uma argumentação de carácter irrestrito e fomenta o dogmatismo. Em última análise, o cientismo favorece a despolitização da opinião pública.
- (2) A arte moderna pretende marcar a emancipação relativamente aos valores burgueses do individualismo e da propriedade (de que os mecenas são a perfeita encarnação). A apropriação privada da arte era um factor de valorização individual. Em contrapartida, a arte moderna, aposta na reprodução em série da arte e destrói o optimismo que a antecedeu na sua manifestação mais perturbadora, o surrealismo. A arte moderna —elevada a contra-cultura— destrói, a um tempo, formal e materialmente, os valores burgueses.
- (3) A complexidade crescente, que é inerente às sociedades, levou à intervenção dos Estados, no sentido da regulação. A normatividade social foi, assim, substituída pela normatividade jurídica. A norma jurídica opõe-se ao princípio moral. Dito de outra forma, a moral privada, com pretensões universalistas, colide com a moral pública, criada artificialmente. O Homem e o cidadão defrontam-se.

A solução para este confronto encontra-se numa nova forma de consenso, imanente da argumentação, da formação discursiva da vontade e já não um consenso, imposto e regulado artificialmente, pelas normas jurídicas.

Para ultrapassar a crise de motivação, há que resgatar o mundo da vida aos imperativos sistémicos, subtraindo o sistema sócio-cultural ao domínio dos sistemas político e económico.

Só um novo processo de socialização pode criar uma forma de identidade emancipada e conduzir á emergência de uma nova moral universal, em que as decisões políticas são analisadas criticamente e sujeitas a um consenso racional formado discursivamente: a ética comunicativa.

Ao contrário de Luhmann, Habermas não se contenta com a democracia formal. Alain Touraine, para quem “Habermas dá ao problema da democracia moderna uma amplitude muito maior do que a que lhe é, em geral, reconhecida pela ciência política”, parafraseia este autor, e acentua a sua oposição a Luhmann, ao afirmar que “devemos aceitar que não haja democracia sem cidadania e que não haja cidadania sem acordo, não apenas no que toca aos procedimentos e às instituições, mas também no que diz respeito aos conteúdos.”<sup>195</sup>

Apesar da importância atribuída à ética comunicativa, à discussão e à argumentação, geradoras de consenso —e deste processo ser considerado basilar relativamente à verdadeira democracia, e mais confiável do que o compromisso alcançado através do confronto de interesses— o debate democrático combina sempre uma certa dose de consenso, de conflito e de compromisso. Consenso porque é esse o objectivo da argumentação; conflito porque, por mais harmoniosa que concebamos uma sociedade, nunca podemos negar a existência de adversários, logo, de oposição; compromisso porque o conflito é sempre

---

<sup>195</sup> Alain TOURAINE, *op. cit.*, pág. 399.

limitado por um quadro de orientações culturais, sociais e jurídicas, que é comum.

Relativamente a Habermas, Touraine desenha um novo tipo de conflito. Para este autor, não há “más” instituições (o sistema político-administrativo, invasor da esfera privada dos cidadãos) e “boas” instituições (o sistema cultural, reduto último das tradições e garante de valores culturais e morais). O conflito desenvolve-se sempre entre o sistema e os agentes, entre a reprodução e o aumento do poder do sistema, por um lado, e o desejo de autonomia alimentado pelos indivíduos, por outro.

Para Alain Touraine, a emancipação dos sujeitos “só se efectiva na e pela luta contra os aparelhos, sobretudo contra os sistemas de dominação cultural, em particular contra o Estado, quando este domina a cultura, bem como a vida política e económica. (...) é o sujeito e não a intersubjectividade, a produção de si próprio e não a comunicação, que constituem o fundamento da cidadania e dão um conteúdo positivo à democracia.”<sup>196</sup>

Touraine reconhece a justeza da indignação de Habermas quando constata que a democracia formal, presente nas sociedades capitalistas avançadas, reduziu o debate ao compromisso. Mas apesar da cidadania depender do consenso, este, por si só, não parece conduzir à emancipação: “a argumentação, o debate não conduzem à integração das perspectivas e das exigências; apenas põem a nu o inultrapassável conflito entre o poder dos aparelhos e a liberdade pessoal.”<sup>197</sup>

A democracia é, para Touraine, muito mais do que participação: é liberdade e criatividade. O autor considera que é importante que existam forças políticas representativas que possam condensar as

---

<sup>196</sup> Alain TOURAINE, *op. cit.*, pág.401.

<sup>197</sup> Alain TOURAINE, *op. cit.*, pág.404.



exigências das forças sociais que se opõem na sociedade de consumo. Contudo, como afirma o autor, “a liberdade de escolha dos governantes, sempre indispensável, não basta para constituir a democracia.”<sup>198</sup>

A democracia não é o exercício do poder pelo povo, de acordo com a vontade da maioria, não é um conjunto de instituições. Para um conflitualista como Touraine, a democracia afirma-se permanentemente pelo conflito, pela luta contra o poder e pela recusa da ordem estabelecida: “A democracia não é apenas um estado do sistema político, mas sim, e mais ainda, um trabalho e um combate permanentes para subordinar a organização social a valores que não são propriamente sociais: a racionalidade e a liberdade.”<sup>199</sup> Por muito que o seu pensamento se afaste do de Habermas, ele aproxima-se mais do que nunca dos ideais da Escola de Frankfurt<sup>200</sup> e da sua recusa da dominação,

---

<sup>198</sup> Alain TOURAINE, *op. cit.*, pág. 403.

<sup>199</sup> Alain TOURAINE, *op. cit.*, pág. 415.

<sup>200</sup> Pelo seu carácter pouco sistemático, para não dizer abertamente anti-sistemático, a Escola de Frankfurt não é uma realidade facilmente identificável. Assoun define-a pela negativa quando afirma que “a Escola de Frankfurt não é nenhuma escola filosófica, nem um discurso sociológico, nem um movimento político no sentido estrito destes termos” (Paul-Laurent ASSOUN, *A Escola de Frankfurt*, Publicações D. Quixote, Lisboa, 1989, pág. 10), podemos talvez afirmar que é uma combinação de elementos filosóficos, sociológicos e políticos. Pela positiva, Assoun diz tratar-se de “um acontecimento (a criação do Instituto), um *projecto científico* (intitulado “filosofia Social”), uma *atitude* (baptizada de “Teoria Crítica”), enfim uma *corrente* ou movimentação teórica, ao mesmo tempo contínua e diversa (constituída por individualidades pensantes.” (Paul-Laurent ASSOUN, *op. cit.*, pág. 65). Entre estas individualidades contam-se nomes como Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Erich Fromm e Jürgen Habermas (discípulo de Adorno e considerado o actualizador da Teoria Crítica —embora Anthony Giddens afirme que “a despeito da sua vinculação directa à Escola de Frankfurt, Habermas não pode ser visto apenas como o veiculador de noções herdadas — ele criou um sistema de pensamento extremamente inconfundível.” Anthony GIDDENS, “Jürgen HABERMAS”, in *As Ciências Humanas e os seus Grandes Pensadores*, Quentin SKINNER (Dir.), Publicações D. Quixote, Lisboa, 1992, pág. 158. Em comum, estes autores tinham uma herança judaica e um fascínio por alguns aspectos da teoria marxista. É após o exílio —na Suíça, em França e posteriormente na América— e o seu retorno a Frankfurt já na década de 50, que a Escola ganha com propriedade a nomeação de Escola de Frankfurt. Desde a sua fundação, nos anos 20, a Escola reuniu filósofos, sociólogos, cientistas políticos e economistas, formando um conjunto interdisciplinar e heterógeneo, responsável, em parte, pela sua dificuldade de caracterização. A Teoria Crítica incorpora a ideia marxista de totalidade e, se-

quando afirma que “a democracia não é o triunfo do povo, mas a subordinação do mundo das obras, das técnicas e das instituições à capacidade criadora e transformadora dos indivíduos e das colectiva-

---

gundo Zoltán Tar, “aspirava ser a filosofia social global da sociedade capitalista contemporânea” (cfr. Zoltán TAR, *A Escola de Francoforte*, Lisboa, Edições 70, s.d.). Os desenvolvimentos históricos dos anos 30 viriam, contudo, a marcar uma ruptura da Escola (então sob a direcção de Horkheimer) com o comunismo — que é considerado uma forma de totalitarismo. Sob a direcção de Horkheimer, a Filosofia Social sobrepõe-se à Sociologia. Ainda assim, Horkheimer enaltece as virtudes dos métodos de investigação americanos, que procura combinar com a formulação filosófica dos problemas, que devem ser investigados por equipas multidisciplinares. Data ainda dos anos 30 o primeiro trabalho de investigação social da Escola de Frankfurt, com recurso a uma metodologia arrojada, que combina experiência empírica e reflexão crítica. O objecto do estudo eram os operários qualificados e os empregados de escritório alemães e procurava-se estabelecer a relação entre o crescimento económico da sociedade, o desenvolvimento psíquico dos indivíduos e os efeitos culturais. A investigação social por que os membros da Escola pugnavam era considerada distante da Sociologia por se estender a áreas de investigação consideradas, à altura, não sociológicas. A Teoria Crítica era, por isso, mais abrangente. O termo Teoria Crítica surgiria num artigo de Horkheimer que opunha a Teoria Crítica à Teoria tradicional (1937). T. B. Bottomore engloba a Teoria Crítica numa corrente radical mais abrangente, de acordo com o critério da preponderância de uma atitude conservadora ou radicalmente crítica e avança com a dicotomia “Sociologia burguesa” / “Sociologia marxista” (cfr. T.B. BOTTOMORE, *A Sociologia como Crítica Social*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976, pág. 9 e ss). Alain Touraine propõe uma outra tipologia baseada na oposição “Sociologia da decisão” / “Sociologia da contestação”. O primeiro tipo corresponde à Sociologia praticada pelos assessores do poder político, que através da sua posição controlam os conflitos e integram os grupos sociais, acabando por transformar o conhecimento sociológico numa fonte de poder. O segundo tipo troca, enquanto objecto científico, a norma pelo desvio, que é corporizado pelos movimentos sociais. Bottomore estabelece o paralelo entre a Sociologia da contestação francesa, a Sociologia crítica anglo-saxónica e a Teoria Crítica alemã (cfr. T. B. BOTTOMORE, *op. cit.*, pág. 104 e ss). A Teoria Crítica é uma teoria comprometida com uma transformação radical da sociedade e a sua ligação ao marxismo põe em evidência a contradição do marxismo: o marxismo como teoria é substancialmente diferente da sua prática, o seu conteúdo científico difere do seu uso político, o marxismo como crítica opõe-se ao marxismo como forma de dominação. Nas sociedades actuais, a dominação não é exercida por organizações particulares, ela alarga-se a toda a sociedade para se transformar na dominação totalitária de interesses particulares. Nos anos 40 é inserida uma nova forma de dominação na temática da Escola : a dominação da natureza pelo homem. Inicia-se uma fase de crítica epistemológica que põe em causa a alienação do iluminismo, pelo positivismo, pelo pragmatismo e pelo utilitarismo. Relativamente à Sociologia positivista, os teóricos críticos opõem-se ao seu carácter supostamente conservador, à neutralização das contradições sociais, ao carácter particularista da sua abordagem, à abolição de uma perspectiva global e à emancipação do método relativamente à teoria.

des.”<sup>201</sup> Nesta perspectiva, o abstencionismo assume, por si só, uma importância relativa. Grave é o facto do abstencionismo ser apenas a expressão de uma crise mais vasta, que afecta toda a participação política.

A resolução da crise de motivação pode passar pela formação uma nova identidade, de cariz emancipatório. Segundo a teoria da evolução —que Habermas apropria de Kohlberg e procura adaptar à evolução social— o grau último da formação da consciência moral é a identidade do Eu.

No decorrer do percurso traçado pela evolução pessoal e social, caminha-se de uma consciência crescente do meio natural, passa-se para a consciência do meio social e, finalmente, alcança-se um tipo de consciência reflexa, que é a consciência moral. A evolução até à consciência moral, passa por três níveis: o nível *pré-convencional* (em que a criança percebe o meio e distingue o bem e o mal, de acordo com o tipo de sanção —positiva ou negativa— que as suas acções despoletam; trata-se de uma relação hedonista com o meio, centrada no indivíduo); o nível *convencional* (em que há uma percepção do meio social, dos papéis sociais e das expectativas de acção, que lhe estão inerentes, criando uma identificação com o grupo, a apropriação de normas sociais e a acção em conformidade); o nível *pós-convencional* (neste nível o indivíduo torna-se autónomo, capaz de formular normas morais, que toma como princípios orientadores da sua acção e de acordo com os quais analisa criticamente o que lhe foi transmitido através do processo de socialização).

Este último nível, marca a formação da consciência moral. “Esta expressa-se sobretudo, no juízo sobre os conflitos de acção moralmente relevantes, e por tal entendo conflitos de acção que são sus-

---

<sup>201</sup> Alain TOURAINE, *ibidem*.

ceptíveis de uma acção consensual.”<sup>202</sup> A resolução dos conflitos, a este nível, não passa pela violência ou pelo compromisso inconsequente, mas pela compreensão e pelo diálogo.

Esta evolução reflecte-se também na identidade, em que a identidade natural dá lugar à identidade social e, finalmente, à identidade do Eu —que Habermas define como “a peculiar capacidade dos sujeitos dotados de linguagem e aptos para a acção, de permanecerem idênticos a si próprios, mesmo no caso de transformações profundas no seu sistema de personalidade, por meio das quais reage a situações contraditórias.”<sup>203</sup> A identidade do Eu integra e elabora as formas de identidade próprias dos níveis de evolução anteriores. Trata-se de um tipo de identidade construída ao longo de um processo de socialização, cuja principal característica é ser aberto e não asfixiante ou totalizador. O que Habermas pretende é que a socialização não conforme apenas, mas dote o indivíduo de capacidade crítica. A atitude crítica activa, tanto se poderá manifestar através do síndrome do retraimento (sublimação do conflito através da droga, movimentos hippies ou seitas religiosas) como do síndrome do protesto (movimento estudantil, movimentos pacifistas, ambientalistas e de libertação da mulher)

A identidade social resulta da conjugação das identidades pessoais e colectivas, que se conjugam de forma a assegurar a integração social. Nas sociedades capitalistas avançadas, a identidade está em crise e as sociedades correm o risco de não conseguirem ultrapassar um nível de evolução convencional.

Segundo Habermas, a dominação política racionalizou-se. A sua força não diminuiu, mas dissimulou-se na opacidade da acção política. Segundo Habermas, “a racionalidade da dominação mede-se pela manutenção de um sistema que pode permitir-se converter em fundamen-

---

<sup>202</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 70.

<sup>203</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 86.

to da sua legitimação o incremento das forças produtivas associado ao progresso técnico-científico.”<sup>204</sup> Habermas defende que é importante aumentar a transparência do sistema político. Isto parece ser apenas possível através da capacidade crítica, ilustrada, discursiva e emancipada, capaz de inverter a lógica da aceitação passiva ou da delegação eleitoral. Só uma nova identidade pode conduzir à emancipação social e a novas formas de cultura política.

Pelo que, a seguir, passaremos a analisar como a cultura política, presente nas sociedades actuais, condiciona a relação dos cidadãos com o sistema político.

---

<sup>204</sup> Jürgen HABERMAS, *Técnica e Ciência como “Ideologia”*, Edições 70, Lisboa, 1987, pág. 47.

## 2.4. A CULTURA POLÍTICA

Ao preverem a expansão da cultura política às novas nações, Almond e Verba afirmaram sem margem para dúvidas, que esta seria uma cultura política de participação. Mais enfaticamente, atreveram-se a apelidar este movimento de globalização política de “explosão de participação”<sup>205</sup>. A natureza dessa participação permanece, contudo, uma incógnita.

Quando falamos de abstencionismo, é o efeito da ausência de participação nas sociedades democráticas que está em causa. De acordo com os autores, o que distingue um regime democrático de um regime totalitário, é muito mais do que a existência de partidos políticos ou o reconhecimento do direito ao sufrágio universal: é a existência de um tipo específico de cultura política.

Mais concretamente, o tipo de cultura política específico das sociedades democráticas é a cultura cívica: “uma cultura pluralista baseada na comunicação e na persuasão, uma cultura de consenso e de diversidade, uma cultura que permite a mudança mas que a modera.”<sup>206</sup>

Almond e Verba partem dos pressupostos teóricos de que as democracias são mantidas por um elevado nível de participação dos cidadãos nos assuntos públicos, por um alto nível de informação e por um difuso sentido de responsabilidade cívica. Aos cidadãos é exigido que se comportem de acordo com o sistema político em que se encontram inseridos. Contemplam ainda, as asserções de Lipset, ao afirmar que nos sistemas democráticos há um nível mais elevado de literacia e de instrução que andam a par com um alto nível de rendimento, pró-

---

<sup>205</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *The Civic Culture*, London, Sage Publications, 1989, pág. 2.

<sup>206</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 6.

prio de uma situação não apenas de democratização mas também de modernização e de crescimento económico.

Os autores referem ainda a personalidade democrática tipificada por Lasswell: contemplação do Outro, capacidade de partilha de valores, confiança no ambiente humano, ausência relativa de ansiedade. O problema desta tipologia —assim como o de todas as tipologias— é o confronto com a realidade. Tanto em Lipset como em Lasswell, as características apontadas parecem não ser exclusivas de sistemas políticos democráticos<sup>207</sup>.

---

<sup>207</sup> No seu artigo “The Intellectual History of the Civic culture Concept”, Gabriel Almond, faz recuar as origens do conceito de cultura política ao Antigo Testamento, à *República* de Plato, à *Política* de Aristóteles —para quem a melhor forma de governo é um governo organizado segundo princípios, simultaneamente democráticos e oligárquicos, em que existe uma representação política alargada e representativa de uma sociedade global onde predomina a classe média. Desta paridade política, emergiria uma aliança social, uma espécie de concertação social, que Aristóteles acreditava poder constituir a base cultural da forma mais duradoura de governo. É Gabriel Almond quem estabelece a relação entre a política aristotélica e o conceito de cultura cívica ao afirmar que “a concepção de Aristóteles de um governo misto com uma classe média preponderante está relacionado com o que alguns de nós em anos recentes caracterizámos como cultura cívica, na qual existe um consenso substancial acerca da legitimidade das instituições políticas e da direcção e conteúdo da política pública, uma tolerância alargada relativamente a uma pluralidade de interesses e crença na sua conciliação, e um sentido de competência política e confiança mútua na cidadania largamente difundido.” Gabriel ALMOND “The Intellectual History of the Civic Culture Concept”, *The Civic Culture Revisited*, Sage Publications, London, 1989, pág. 4. O autor analisa em seguida os contributos de Maquiavel, Montesquieu, Rousseau, Tocqueville, Marx, a teoria das elites (Mosca, Pareto e Michels), Walter Lipmann, Woodrow Wilson, James Bryce, Herman Finer, Carl Friedrich, Freud, Malinowski, Ruth Benedict, Margaret Mead, Lasswell, Kardiner, Ralph Linton, Alex Inkeles, Daniel Levinson, John Stuart Mill, Bagehot, Schumpeter... A encerrar o desfile desta galeria de notáveis é o próprio autor quem se assume como co-herdeiro desta tradição intelectual, que procura “testar esta teoria da democracia estável no dramático laboratório da história recente”(Gabriel ALMOND, *op. cit.*, pág. 22), e resume de forma magistral, os diversos contributos quando se interroga se seria possível “através da investigação empírica estabelecer que havia de facto uma incidência significativamente elevada da “amizade política” de Aristóteles e “associação e sujeição política, “o interesse pessoal correctamente entendido”, a “temperança, moderação e autocontrolo” de Tocqueville, a “moderação animada” de Bagehot, as “disparidades equilibradas” de Eckstein, nas democracias bem sucedidas tal como naquelas que se entregaram à tirania popular?” ( Gabriel ALMOND, *ibidem*). A cultura política continua a ser definida como “um tipo moderado de participação política que confere arbítrio aos líderes políticos e funcionários governamentais; um tipo

O carácter inovador da abordagem de Almond e Verba reside na análise das atitudes presentes em vários sistemas políticos, ao invés de inferir características a partir de instituições políticas ou condições socio-económicas.

O conceito de cultura política surge como um conceito poli-facetado, capaz de englobar elementos antropológicos, sociológicos e psicológicos, ao mesmo tempo que restringe o seu conteúdo às atitudes especificamente políticas.

Para os autores, “a cultura política de uma nação é a distribuição particular de modelos de orientação relativamente a objectos políticos entre os membros da nação.”<sup>208</sup> Neste conceito incluem-se a *orientação cognitiva*, que engloba os conhecimentos e crenças relativamente ao sistema político, ou a partes deste sistema (papéis sociais, *inputs* e *outputs* do sistema); a *orientação afectiva*, que compreende a relação sentimental e emotiva com o sistema político; e a *orientação normativa*, que designa as opiniões e juízos de valor emitidos relativamente ao sistema político, com recurso a informação e a sentimentos, de forma combinada.

Todos estes aspectos podem ser analisados num *continuum* que vai do sistema político global ao indivíduo enquanto actor político. Do sistema político fazem parte os papéis ou estruturas específicas, os estatutos que lhe estão inerentes e as políticas, decisões e apoios às próprias decisões políticas. A Teoria Geral dos Sistemas emerge, mais uma vez, quando estes elementos são classificados como processos de *input* (fluxo de exigências emanado da sociedade através dos seus ór-

---

de envolvimento político que não é completamente pragmático nem meramente apaixonado; e uma forma de partidarismo que é dinâmica e apesar disso, limitada a um círculo fechado de normas de uma unidade cívica geral.” Gabriel ALMOND, *op. cit.*, pág. 17.

<sup>208</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 13. Os autores especificam que “orientação” refere-se aos aspectos interiorizados de objectos e relações.” Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 14.



gãos interlocutores— partidos, grupos de interesse, órgãos de comunicação social— a converter em decisões políticas), ou processos de *output* (reforço e aplicação das decisões políticas através do aparelho burocrático do Estado ou dos tribunais). Para os autores, é a presença e a força das estruturas específicas de *input* que indicia a existência de uma cultura política de participação, por oposição, a uma cultura política de sujeição. Podemos distinguir três tipos de cultura política: a cultura política *paroquial*, a cultura política *de sujeição* e a cultura política *de participação*.

A cultura política *paroquial* é aquela em que as orientações cognitiva, afectiva e normativa, relativamente ao sistema político global, aos *inputs*, aos *outputs* e ao próprio enquanto actor político e participante activo, tendem para o zero. A marca predominante é o alheamento relativamente ao sistema político. É um tipo de cultura característico das pequenas comunidades primitivas, embora possa também ocorrer em sociedades mais diferenciadas. Nestas sociedades, o paroquialismo tende a incidir mais sobre as orientações afectiva e normativa do que sobre a orientação cognitiva. O mesmo é dizer que não há uma interiorização afectiva do sistema político.

A cultura política *de sujeição* caracteriza-se por uma elevada frequência no que respeita às orientações relativamente ao sistema político global e aos processos de *output*, em detrimento dos processos de *input* e do próprio, enquanto actor politicamente activo. Não há aqui registo de qualquer *déficit* relativamente às orientações: existe conhecimento das instituições que compõem o sistema político, existe algum tipo de atitude afectiva relativamente ao sistema e até, pode existir a respectiva avaliação sancionatória. No entanto, a relação que é desenvolvida com o sistema é uma relação essencialmente passiva, “de cima para baixo”, em que a retroacção é muito limitada.

Nos antípodas da cultura política paroquial situa-se a cultura política *participativa*. Aqui, os indivíduos encontram-se fortemente motivados para o sistema político global, para os seus processos de *output*, mas também de *input* e para o seu papel de actores políticos competentes e activamente empenhados. Apesar de tudo, a relação que estes indivíduos desenvolvem com o sistema político é, para o bem e para o mal, essencialmente sancionatória.

A tipologia acima descrita contempla tipos de cultura política cuja pureza não pode sair incólume do contacto com a realidade. Os três tipos de cultura política não podem ser colocados numa escala evolutiva. Antes, conjugam-se de forma a permitir a existência, dentro da mesma sociedade, de bolsas de cultura política distintas. Por razões que se prendem com a socialização, com a desigualdade de oportunidades no acesso à informação, ou com características idiossincráticas do próprio indivíduo, as sociedades democráticas continuam ainda a contar com elementos paroquiais ou subjugados. Por isso, “O “cidadão” é uma mistura particular de orientações de participação, de sujeição e paroquiais, e a cultura cívica é uma mistura particular de cidadãos, subjugados e paroquianos.”<sup>209</sup>. Por isso também, nem sempre a cultura política é congruente com a estrutura do próprio sistema político. A congruência, ou a ausência dela, pode dar origem a atitudes que se distribuem entre a fidelidade, a apatia e a alienação.

Porque não existe pureza sem mácula, os autores preferem falar de “culturas políticas sistematicamente combinadas”<sup>210</sup>.

Uma das combinações de culturas políticas é a *cultura política paroquial – de sujeição*. Este tipo de cultura marca uma etapa do desenvolvimento do sistema político em que se dá a passagem de formas

---

<sup>209</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 19.

<sup>210</sup> Conforme palavras de Almond e Verba: “Usamos o termo culturas políticas “sistematicamente combinadas” para nos referirmos àquelas nas quais há proporções significativas simultaneamente de padrões de orientação mais simples e mais complexos.”, Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 21.

difusas e locais de poder para uma forma de poder mais estruturada, centralizadora e burocrática. Sob esta designação agrupam-se expressões políticas variadas, na medida em que o peso de um ou outro tipo de cultura se faz sentir com maior ou menor intensidade.

A *cultura política paroquial – de participação* é característica dos novos Estados, cujo *déficit* de desenvolvimento e modernização anda a par com um *déficit* de democratização. A uma cultura política predominantemente paroquial juntam-se normas democráticas que não encontram correspondência numa cultura política de participação. Há uma incongruência entre o sistema político global, que é formalmente democrático, e a cultura política predominante. No limite, a inconsistência do aparelho burocrático, —que se traduz num fraco *output*— alia-se à incipiente participação dos cidadãos —*input* deficitário— saldando-se em instabilidade política.

A *cultura política de sujeição - participação* caracteriza uma situação em uma parte da população tem uma atitude activa e participativa, enquanto uma outra parte mantém uma atitude passiva e de sujeição. Esta divisão pode provocar instabilidade estrutural. Além disso, a tensão constante entre as orientações participativas e a persistência de uma subcultura de sujeição, acaba por neutralizar os impulsos participativos. A população inicialmente orientada para a participação dificilmente consegue dar o passo qualitativo para a cidadania, acabando por permanecer “aspirantes democráticos”<sup>211</sup>. Por outras palavras, há uma aceitação das normas de participação, mas falta experiência e auto-confiança no potencial legitimatório dessas normas. O resultado acaba por ser a alienação e o afastamento relativamente ao sistema político: “a frequente ineficácia da infra-estrutura democrática e do sistema governamental, tende a produzir tendências para a alienação entre os elementos da população democraticamente orientados.” Os autores acrescentam que “esta espécie de paralisia da

<sup>211</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 25.

dos.” Os autores acrescentam que “esta espécie de paralisia da cultura política pode produzir um síndrome com componentes aspiração-idealista e alienação relativamente ao sistema político, incluindo a infraestrutura de partidos, grupos de interesse e imprensa”.<sup>212</sup> Espera-se que, a seu tempo, a subcultura de sujeição acabe por ceder.

A hipótese que colocamos é a de que, em Portugal, persiste este tipo de subcultura, o que pode explicar, parcialmente, o fenómeno de abstenção.

Em Portugal, algumas estruturas, próprias de uma cultura política de sujeição podem ser encontradas, pelo menos, desde a segunda metade do século XIX. A existência de uma organização política de tipo autoritário, conduziu ao aparecimento de uma rede alternativa de acesso a bens e serviços em troca de determinados favores. Foi o excessivo fechamento do aparelho político estatal que conduziu ao aparecimento do *caciquismo*<sup>213</sup>. Nesta relação assimétrica, o patrono distribui meios de subsistência, empregos, protecção na doença ou na miséria e —se a relação ultrapassar a sua natureza individualista— equipamentos sociais e colectivos. Retroactivamente, o cliente responde com a sua deferência e a defesa dos pontos de vista do patrono, o que é extensível ao apoio eleitoral.

A relação é forçosamente assimétrica, na medida em que os bens oferecidos pelo cacique são de natureza mais palpável, e por isso, também mais facilmente identificáveis, do que os bens ou serviços prestados pelo cliente. O contexto em que se desenvolve esta relação é, ele próprio, diferente para ambas as partes: as necessidades do

---

<sup>212</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *ibidem*.

<sup>213</sup> O termo *cacique* designou inicialmente os chefes tribais da América do Sul que intermediavam a relação entre a população local e os conquistadores, promovendo a satisfação de interesses comunitários e beneficiando de uma crescente influência pessoal. A utilização do termo generalizou-se e passou a designar um fenómeno típico dos países mediterrânicos, em que uma personalidade local influente distribui recursos escassos numa esfera restrita, à medida que aumenta a sua influência pessoal.

cliente tendem a ser básicas, enquanto as do cacique são de carácter secundário. Se a relação de caciquismo se baseia numa permuta de “favores” e parte do princípio de que o cacique tem necessidades a satisfazer, o carácter acessório destas necessidades justifica plenamente a assimetria por que se pauta a relação.

Do contexto depende também o nível de comprometimento das partes. Segundo Farello Lopes, “o grau de assimetria varia de acordo com a situação das partes implicadas. (...) mencionem-se o tipo de controlo sobre os recursos desejados pelo cliente, em especial o número de patronos em condições de poder fornecê-los; o nível de vida e a diversidade de aptidões/ocupações do cliente; a premência, a raridade e o valor dos bens e serviços almejados.”<sup>214</sup>

O desenvolvimento e a estruturação do aparelho político viria a dar origem a uma teia de influências, paralela ao próprio sistema, em que os patronos eram, eles próprios, clientes de influências de nível superior, à medida que se ascendia estruturalmente, da freguesia ao município, passando pelo distrito, até ao poder central<sup>215</sup>.

A ideologia e o confronto de ideias não são características de um sistema clientelar. Neste, os bens de carácter indivisível, abstractos, que são propostos à sociedade, a nível global, dão lugar a bens divisíveis, cuja divisão é feita em prol do indivíduo.

O caciquismo apela a valores tradicionais, à honra, à lealdade, à gratidão, na exacta medida em que ignora a racionalidade do direito ou da justiça. Mas nem tudo é negativo no caciquismo: os caciques

---

<sup>214</sup> Fernando Farello LOPES, “Caciquismo e política em Portugal”, in *Sociologia – Problemas e Práticas*, Nº 9, 1991, pág 129.

<sup>215</sup> Fernando Farello Lopes distingue dois tipos de redes clientelares: redes verticais e redes horizontais. “As primeiras associam-se às estratégias caciquistas; “cortam” através das colectividades e agregam categorias/interesses diferentes em termos de poder e riqueza, o que acentua os aspectos piramidais. Por seu turno, as redes horizontais ligam-se às estratégias baseadas em relações de classes, envolvendo elementos com um grau de poder idêntico e que tendem a agir colectivamente.” Fernando Farello LOPES, *op. cit.*, pág. 134.

procedem à selecção e orientação de interesses e exigências e facilitam a aceitação do poder central. Agindo tanto a nível de *input* como de *output*, a função que desempenham assemelha-se à de *gate-keepers*.

Farelo Lopes adianta alguns motivos que justificariam o aparecimento do clientelismo em Portugal: “atraso da sociedade civil, nas vertentes económica e cultural, e atrofia/inércia dos “órgãos legítimos” do sistema político.”<sup>216</sup>

O sistema político português foi, até ao 25 de Abril de 1974, um sistema autoritário, corporativo, hierárquico, em que a ordem e a estabilidade eram os valores fundamentais.

Durante o Estado Novo, o ordenamento do território obedecia a uma estrutura hierárquica, cuja unidade-base era a freguesia. As freguesias possuíam um órgão de administração local — a Junta de Freguesia. Às freguesias, num nível imediatamente superior, seguiam-se os Concelhos. Estes, estavam sob a administração de um presidente da Câmara (nomeado pelo governo central) e de um conselho municipal (Câmara Municipal). Os Concelhos estavam integrados em dezasseis distritos, dirigidos por um governador, nomeado pelo ministro do Interior. O que poderia ser interpretado como uma estrutura descentralizada, era, na realidade, uma estrutura bastante centralizadora e controlada.

A sociedade portuguesa da época estruturava-se corporativamente. O sistema económico foi organizado em grupos que reflectiam os interesses que lhes subjaziam — interesses de carácter industrial, comercial e agrícola. Surgiram, assim, os grémios, os sindicatos e outras associações congéneres, cujo objectivo era regular o sector de actividade a que estavam adstritas, evitando conflitos entre proprietários e trabalhadores, moderando a evolução do desenvolvimento económico e prevenindo a mudança social.

---

<sup>216</sup> Fernando Farelo LOPES, *op. cit.*, pág. 130.

É neste contexto que surgem nos meios rurais as Casas do Povo. A Casa do Povo era uma instituição corporativa que devia integrar os proprietários e os trabalhadores rurais. A filiação era obrigatória e permitia aos trabalhadores rurais usufruírem de assistência médica e medicamentosa, de subsídios de desemprego e de doença.

O facto do associativismo ser imposto “de cima”, condiciona para sempre a representatividade deste tipo de associações, o seu poder, a sua potencial influência e o seu conteúdo político. Aquilo que as populações reconhecem como político corresponde a uma esfera consideravelmente fechada da administração, tanto a nível nacional como local.

Apenas a Assembleia Nacional e as Juntas de Freguesia eram submetidas a escrutínio eleitoral directo. O papel dos deputados na Assembleia Nacional era bastante limitado. Afastados do poder efectivo, limitavam-se a emitir opiniões e, ocasionalmente, a dar voz a alguns conflitos entre as elites.

Os membros das juntas de Freguesia eram eleitos por chefes de família, homens, casados, com um determinado nível de impostos. Ocasionalmente, a “cabeça de casal” podia ser representada por uma mulher, viúva.

Os candidatos à Assembleia Nacional e às Juntas de Freguesia apresentavam-se ao eleitorado em listas partidárias. A inexistência no sistema político português de uma estrutura de partidos levou à criação de uma ficção partidária — a União Nacional (posteriormente, Acção Nacional Popular). A União Nacional deveria ser uma plataforma de consenso, aglutinadora de pontos de vista variados.

A censura, a perseguição política e a adulteração dos resultados eleitorais dificultavam a existência de oposição. O Primeiro-Ministro era nomeado pelo Presidente da República e este —após as eleições de

1958, em que Humberto Delgado teria oficiosamente ganho— passou a ser nomeado indirectamente por um colégio eleitoral.

A nível local, a par das Juntas de Freguesia havia um outro órgão de poder: o regedor. O regedor era nomeado e funcionava como órgão fiscalizador e representante da administração central. O regedor era um residente da freguesia, alfabetizado e detentor de um *status* social elevado, que era nomeado anualmente pelo Presidente da Câmara. Entre as funções da sua competência contava-se o recenseamento da população, o policiamento da freguesia, a recolha de dados estatísticos sobre as actividades económicas locais (agricultura, indústria...), a afixação de decretos governamentais, a notificação dos jovens recrutados para o serviço militar e a comunicação de irregularidades na actuação da Junta —que reportava ao Presidente da Câmara Municipal. O regedor era ajudado por um cabo da polícia, também ele nomeado pelo Presidente da Câmara, por indicação do próprio regedor.

Não deixa de ser significativo que o único órgão eleito—a Junta— fosse submetido a um controle exterior por parte do aparelho de administração central.

A Junta era constituída por três membros (presidente, secretário e tesoureiro), eleitos por um período de quatro anos, que se ocupavam das funções da sua competência, a saber: a elaboração de um censo anual, a passagem de certificados de pobreza e de indigência, a administração dos espaços públicos e a sugestão de obras e equipamentos colectivos à Câmara Municipal. Em termos tanto financeiros como políticos, a Junta de Freguesia estava dependente da Câmara Municipal<sup>217</sup>. Segundo Joyce Riegelhaupt, “os «políticos» locais existiam apenas por tolerância dos políticos superiores e a única achega que

---

<sup>217</sup> Ainda hoje as Juntas de freguesia não recebem transferências governamentais directamente do Orçamento Geral do Estado.



podiam dar ao sistema central era uma informação sobre o descontentamento local. Eram incapazes de mobilizar eleitores ou apoio popular como noutros sistemas eleitorais.”<sup>218</sup>

Joyce Riegelhaut estabelece a separação entre a *política* — entendida como a tomada de decisões relativamente a questões públicas— e a *administração* —definida como a execução de medidas estabelecidas politicamente— a nível local, para concluir que a acção da Junta de Freguesia era, preponderantemente, administrativa. O esvaziamento do conteúdo político dos órgãos locais só pode ser imputado a uma administração centralizadora, que fazia recair sobre os cidadãos, o peso do seu aparelho burocrático.

Ao analisar as freguesias rurais de S. Miguel e de Vila Velha, a autora conclui que “O Estado Novo eliminou a freguesia enquanto «arena» de discussão, debate e poder de decisão sobre assuntos de administração pública e de distribuição de poderes. Em vez disso o Estado corporativo criou uma estrutura burocrática altamente centralizada. Os camponeses estavam dependentes do poder central; para eles, a política consistia na procura de uma influência que facilitasse a execução de um plano de acção.”<sup>219</sup>

Esta asserção é sustentada também por Walter C. Opello, que estuda a cultura política no Concelho de Porto de Mós, ao afirmar que “a centralização administrativa e a inadequada autonomia financeira local — ambas heranças da tradição burocrática e tecnocrática do Estado Novo — se impuseram aos funcionários eleitos de tal forma que a democracia, em termos de estruturas, comportamentos e decisões políticas, quase não existe a este nível.”<sup>220</sup>

---

<sup>218</sup> Joyce F. RIEGELHAUPT, “Os camponeses e a Política no Portugal de Salazar — o Estado Corporativo e o «Apoliticismo» nas Aldeias”, in *Análise Social*, vol. XV (59) 1979-3º, pág. 509.

<sup>219</sup> Joyce F. RIEGELHAUPT, *op. cit.*, pág. 110.

<sup>220</sup> Walter C. OPELLO, “Administração Local e Cultura Política num Concelho rural”, in *Análise Social*, vol. XV 859), 1979-3º, pág. 656.

Como demonstra a análise de Joyce Riegelhaupt, o quotidiano das populações era, com demasiada frequência, sancionado por licenças e multas, esgotando-se os recursos financeiros e anímicos dos indivíduos na burocracia inerente às licenças, às multas ou à sua subtracção.

À omnipresença do controle, a todos os níveis, vinha somar-se a natureza não-competitiva do sistema eleitoral. A mobilização e as promessas políticas eram espúreas ou inexistentes.

O conhecimento, a cunha, a influência, foram tecendo uma rede informal de manipulação do sistema de acordo com objectivos pessoais. Estavam criadas as condições para o aparecimento do clientelismo: “enquanto não era possível entrar na arena política, era constantemente necessário manipular a arena administrativa para se atingirem os objectivos em vista. Era para os patronos que as pessoas tinham de se voltar.”<sup>221</sup> E faziam-no, não para atingirem objectivos públicos ou comunitários, mas para conseguir objectivos privados; não para participarem numa decisão política, mas, pela negativa, para suprimirem os efeitos dessa decisão. A moeda de troca era a “dependência moral” e o voto.

Ao afirmar que “o Estado Novo, virtualmente, aperfeiçoou um sistema que encorajava activamente a apatia política da população.”<sup>222</sup>, ou que “o Estado Novo prevaleceu durante quase cinquenta anos graças à imposição da apatia (...) o Estado corporativo encorajava o estabelecimento de laços pessoais verticais, em oposição às ligações horizontais na sociedade.”<sup>223</sup>, Joyce Riegelhaupt dá-nos a imagem de uma sociedade em que a cultura política de sujeição era predominante.

---

<sup>221</sup> Joyce F. RIEGELHAUPT, *op. cit.*, pág. 519.

<sup>222</sup> Joyce F. RIEGELHAUPT, *ibidem*.

<sup>223</sup> Joyce F. RIEGELHAUPT, *op. cit.*, pág. 523.

Com a revolução ocorrida a 25 de Abril de 1974 foram criadas condições —pelo menos no plano formal— para a participação activa dos cidadãos na vida política. Contudo, a cultura política de sujeição predominante na sociedade portuguesa, constitui uma pesada herança e neutraliza a participação política. É esta, de resto, a hipótese de partida colocada por Walter C. Opello ao afirmar que “a politização das populações desde o 25 de Abril foi mais aparente do que real, não havendo alteração significativa da cultura política local no sentido de atitudes e orientações próprias da democracia participativa.”<sup>224</sup> Também Manuel Braga da Cruz defende que “a explosão da participação que se verificou ao longo da transição revolucionária, entre 1974 e 1976, traduziu porém mais uma súbita descompressão social e política do que uma profunda e consistente mudança de atitudes e comportamentos. A comprová-lo está o facto de, após alguns anos de grande efervescência e movimentação social e política, os portugueses terem regressado a hábitos que se inscrevem numa linha marcante de continuidade em matéria de participação.”<sup>225</sup>

A partir de 1974, os órgãos de poder local foram reestruturados: passou a existir uma Assembleia Municipal e uma Assembleia de Freguesia, responsável pela eleição dos membros da Junta de Freguesia. As competências das Autarquias Locais foram sucessivamente alargadas. Em termos financeiros, as autarquias passaram a gozar de uma autonomia relativa.

Tudo mudou e, contudo, nada mudou: a autonomia financeira das Autarquias Locais é limitada e persiste a figura do governador civil, nomeado pela Administração central e não democraticamente eleito.

---

<sup>224</sup> Walter C. OPELLO, *ibidem*.

<sup>225</sup> Manuel Braga da CRUZ, *op. cit.*, pág. 300.

Segundo Walter C. Opello, “apesar de terem sido eleitos, os presidentes das câmaras municipais, bem como os das Juntas, são, na realidade, representantes administrativos do Estado ao nível local.”<sup>226</sup> O autor sublinha “as limitações que continuam a ser impostas pelo Estado [que] conduzem à despolitização das atitudes e dos comportamentos dos membros locais eleitos.”<sup>227</sup> A imagem que os membros dos órgãos das Autarquias Locais têm de si próprios é a de administradores consagrados à eficiência da sua gestão e são comuns “atitudes e comportamentos não-partidários”<sup>228</sup>. Através do seu estudo o autor concluiu que “de um modo geral, os rótulos partidários têm aqui menos importância do que ao nível nacional e as divergências surgidas entre os funcionários eleitos eram de natureza não ideológica e diziam quase exclusivamente respeito a diferenças de pontos de vista em assuntos administrativos.

Em segundo lugar, a subalternização dos interesses individuais e partidários dá a entender que os funcionários locais tendem a encarar a municipalidade como uma unidade harmónica, definidora de um interesse local uniforme que é permanentemente posto em causa pela Administração central.”<sup>229</sup>

---

<sup>226</sup> Walter C. OPELLO, *op. cit.*, pág. 659. A mesma ideia é defendida por Juan Mozzicafredo *et al* quando afirmam que “o Governo local tem especificidade própria, mas integra-se institucional, política e socialmente no sistema político nacional.”, Juan MOZZICAFREDO *et al*, *op. cit.*, pág. 51-52.

<sup>227</sup> Walter C. OPELLO, *op. cit.*, pág. 661.

<sup>228</sup> Walter C. OPELLO, *ibidem*.

<sup>229</sup> Walter C. OPELLO, *ibidem*. Não podemos deixar de notar o carácter optimista desta conclusão e o seu carácter antagónico, relativamente ao estudo de Juan Mozzicafredo *et al*, cujas conclusões foram publicadas no artigo “Modelos de Gestão e de Legitimidade no sistema político local português”, segundo estes autores, “o poder autárquico apresenta uma certa característica de fechamento do grupo partidário que domina a política municipal e uma tendência para a distanciamento face à sociedade local, assim como uma forte presença de conflitos políticos e partidários”, mais adiante, os autores afirmam que este fechamento é justificado pelo facto de muitas Câmaras “terem maioria na vereação, como resulta de uma tentativa defensiva de manutenção do domínio político, face à diversidade e contrariedade das exigências dos munícipes.” Se dúvidas persistissem, os autores vão mais além quando concluem que “o poder autárquico rodeia-

De reter, a permanência daquilo a que Opello chama a “superinstitucionalização do aparelho administrativo do Estado”, o dualismo política/administração, segundo o autor, com clara prevalência do segundo.

De igual forma, relativamente à população, o autor concluiu existir uma orientação preferencial para os aspectos administrativos. Os indivíduos têm conhecimento das instituições (ainda que não dos decisores), mas demonstram escasso conhecimento e interesse pelas questões de política local. A maioria da população de Porto de Mós revelou-se incapaz de identificar os problemas políticos do Concelho. Se a orientação para as estruturas administrativas é elevada, o mesmo se pode dizer da avaliação destas mesmas estruturas, conotadas de forma muito positiva.

Relativamente às estruturas políticas, a população em geral desconhece as estruturas políticas do Concelho, não manifesta interesse, nem reconhece importância ou utilidade a este tipo de estruturas. Apesar da alteração verificada no sistema político, o distanciamento e a depreciação das estruturas políticas é manifesto (em contraste com o apreço relativamente aos aspectos administrativos). A concepção dos próprios indivíduos, enquanto actores políticos é de passividade. Quando participam, preferem fazê-lo através dos mecanismos institucionalizados, não considerando válidos ou eficazes a organização de grupos de pressão e a ameaça de retirada de apoio político. A sua competência política situa-se ao nível da competência meramente administrativa.

A conclusão de Opello é a de que existe —pelo menos em Porto de Mós, que aqui referimos a título exemplificativo— uma cultura política de sujeição.

---

se de interlocutores próximos das suas orientações e fecha-se politicamente para universos mais alargados.” Juan MOZZICAFREDO *et al*, in *Sociologia*, Nº 6, 1989, pág. 71.

Esta afirmação é corroborada pelo estudo de José Manuel Leite Viegas e Manuela Reis, em que os autores partem do pressuposto de que são características do meio rural “a apatia e a fraca intervenção face aos processos políticos de âmbito nacional, revestindo elevado abstencionismo nos actos eleitorais, em particular.”<sup>230</sup>

No universo de estudo dos autores, o sistema político é encarado como uma esfera aparte relativamente ao quotidiano da população, às suas relações sociais e às suas vivências.

A estranheza manifestada relativamente ao sistema político configura-o como complexo, oculto no seu funcionamento mas presente nos efeitos. Podemos avançar que predomina uma racionalidade estratégica, presente na seguinte afirmação dos autores: “receiam-se as mudanças que alterem bruscamente a ordem social e simbólica local, em tudo o resto adopta-se uma atitude instrumental de maximização das vantagens. Na avaliação dos regimes políticos entram fundamentalmente em jogo os resultados (*outputs*) efectivos supostamente decorrentes do seu funcionamento, em detrimento das suas características formais.”<sup>231</sup> O imediatismo é ainda visível na avaliação positiva da nova democracia representativa, em função da melhoria das condições económicas e da generalização do acesso à segurança social —ao mesmo tempo que se lamenta a falta de autoridade e de ordem social. Valores de carácter mais abstracto —como o direito de voto e a liberdade de expressão— são adoptados pelos indivíduos mais jovens e com maior nível de instrução. O sufrágio universal é aceite, mas a luta político-partidária —particularmente activa durante os períodos de campanha eleitoral— é fortemente penalizada.

---

<sup>230</sup> José Manuel Leite VIEGAS e Manuela REIS, “Campeinato e Regime Democrático — uma cultura política em transformação?”, in *Sociologia*, Nº 5 , pág. 79.

<sup>231</sup> José Manuel Leite VIEGAS e Manuela REIS, *op. cit.*, pág. 85.

O afastamento relativamente aos órgãos de soberania e aos seus representantes, a nível nacional, é considerável: “o sentimento generalizado de incompetência e impotência para interferir em órgãos que só os políticos sabem manipular induz uma certa falta de confiança nos mesmos, reforçando o sentimento de pertença a outras identidades.”<sup>232</sup> Paradoxalmente, ou talvez nem tanto, o intervencionismo estatal, nomeadamente, a nível social, é defendido e até, reivindicado.

A representação que a população tem dos órgãos de soberania é associada, pelos autores, às representações sociais. Segundo os autores, as eleições consideradas mais importantes são as eleições para a Presidência da República. Porque é uma instituição em que o poder é personalizado; porque representa uma forma de poder coesa e consensual (integradora de oposições e conflitos); e finalmente, porque espelha a autoridade típica do chefe de família.

Os mais jovens, detentores de um grau de instrução mais elevado, ou que desempenham funções não ligadas à agricultura, atribuem uma maior importância às eleições para a Assembleia da República.

Os órgãos das Autarquias Locais são as instituições menos valorizadas. Segundo os autores, “esta concepção de que o poder parte «de cima para baixo», leva a que os órgãos de poder local sejam, por ordem de importância colocados na base da hierarquia das instituições políticas do aparelho de Estado.”<sup>233</sup> Apesar disso, os autores reconhecem ao poder local um papel importante na integração e aprendizagem por parte da população de valores, símbolos e normas que compõem o novo regime político nacional. A apreensão é, no entanto, condicionada pelo contexto, pela vivência dos indivíduos e pela compatibilidade entre as novas regras propostas e as normas sociais vigentes. Os ór-

---

<sup>232</sup> José Manuel Leite VIEGAS e Manuela REIS, *op. cit.*, pág. 86.

<sup>233</sup> José Manuel Leite VIEGAS e Manuela REIS, *op. cit.*, pág. 89.

gãos de poder local são também órgãos de socialização política. Apesar de tudo, o clientelismo não desapareceu: “tal socialização decorre num contexto de relações sociais assentes no parentesco e no interconhecimento, e accionando mecanismos de patrocínio tendentes ao desenvolvimento de «lealdades políticas», onde os órgãos e líderes do poder local têm carácter decisivo na formação da cultura política dos agentes sociais.”<sup>234</sup>

A existência de partidos políticos é encarada com alguma desconfiança. A valorização da coesão social e a noção de que a existência de um sistema partidário plural divide o poder e enfraquece a autoridade, são apontadas como factores explicativos da reserva com que os partidos são encarados. São as camadas da população mais instruídas e ligadas a actividades económicas não agrícolas, aquelas que revelam uma maior abertura aos processos próprios da democracia representativa. De resto, “os processos eleitorais são, para a grande maioria, a ratificação de um poder que advém de um *status* social já adquirido. A democracia, menos que um conjunto de mecanismos de representação e articulação de interesses e ideologias, é sobretudo vista como um processo referendário do poder. É nesta lógica que se rejeitam as campanhas eleitorais, por viciadoras de uma ordem natural de posições.”<sup>235</sup>

Maria José Stock concluiu que os portugueses têm um “baixo grau de identificação partidária.”<sup>236</sup> Através de um inquérito realizado em 1985, tomamos conhecimento de que metade dos inquiridos não manifesta opiniões positivas relativamente aos partidos, erguendo-se novamente o fantasma do conflito e da divisão da sociedade. O número de partidos, considerado óptimo, foi de três ou quatro partidos

---

<sup>234</sup> José Manuel Leite VIEGAS e Manuela REIS, *op. cit.*, pág. 90.

<sup>235</sup> José Manuel Leite VIEGAS e Manuela REIS, *op. cit.*, pág. 95.

<sup>236</sup> Maria José STOCK, “A Imagem dos Partidos e a Consolidação democrática em Portugal — Resultados de um Inquérito”, in *Análise Social*, vol XXIV (100), 1988 (1º), pág. 161.



(30%), Para 20% dos respondentes o ideal era a existência de dois partidos, e 6,6% manifestaram-se a favor da existência de mais do que quatro partidos. Significativa é a percentagem de indivíduos que defendem a existência de um só partido (12,3%) e nenhum partido (6,1%). Se procedermos à soma e tivermos em conta que as duas situações são similares, os resultados não são muito abonatórios para o multipartidarismo.

De acordo com Franz Heimer, que avança com dados relativos à atitude dos portugueses para com as formas de representação, 10% dos inquiridos são contra a representação eleitoral e defendem uma representação de tipo corporativista, 60% defendem uma forma de representação que traduza a combinação das duas e 30% são apoiantes irrestritos da representação eleitoral. Paradoxalmente, 80% afirmam-se defensores do multipartidarismo<sup>237</sup>.

Estes dados reflectem o nosso tipo específico de cultura política e, se considerarmos com afirma Maria José Stock, que “quanto maior é a legitimidade dos partidos, maior é a potencial consolidação e estabilização de um regime”<sup>238</sup>, então, a atitude relativamente às formas

---

<sup>237</sup> Franz HEIMER, “Eleitorados e Atitudes face à Democracia”, *Sociologia – Problemas e Práticas*, Nº 9, 1991.

<sup>238</sup> Maria José STOCK, *ibidem*. Também Manuel Braga da Cruz enumera de forma positiva as funções que os partidos desempenham nas sociedades actuais. O autor começa por reconhecer a importância dos partidos políticos, que qualifica como “imprescindíveis e insubstituíveis na democracia”, a sua acção faz-se sentir, nomeadamente, “como tradutores da diversidade de opiniões, como organizadores da variedade de eleitores, como agregadores de interesses sociais, como formadores de opinião e como renovadores das *élites*, entre outras importantes funções.” Manuel Braga da CRUZ, *op. cit.*, pág. 125. Braga da Cruz levanta, contudo, reservas à partidocracia que caracteriza a nossa transição democrática, porque “a democracia e a participação não podem nem devem esgotar-se nos partidos, nem na simples representação política.”, Manuel Braga da CRUZ, *ibidem*. À cidadania política, o autor contrapõe também a cidadania social, ao papel de eleitor, o autor defende que deve acrescer o de actor social: “o reforço da democracia passa assim pelo reforço da cidadania, da sociedade civil ou sociedade de cidadãos, pela ampliação e aprofundamento da participação. E neste sentido, esta democracia reforçada é, para além de uma democracia de partidos, uma democracia de movimentos na acepção lata do termo.”, Manuel Braga da CRUZ, *op. cit.*, pág. 126. Ainda segundo o autor, “o sistema eleitoral proporcional favo-

de representação política pode ter consequências para o processo de democratização. No entanto a cultura participativa também pode ter efeitos nefastos em termos de estabilidade.

A questão da estabilidade implica que se esclareça o impacto da cultura política no sistema político. Almond e Verba questionam a existência de um tipo de cultura política especificamente democrático.

A cultura cívica que se encontra presente em algumas democracias estáveis não obedece exclusivamente ao modelo “racionalista-activista”. De acordo com os autores, este modelo pressupõe que os cidadãos se envolvam activamente na política, estejam informados relativamente à política e façam sentir a sua influência. A vertente racional deste modelo surge no pressuposto de que a decisão de voto seja tomada com base na ponderação da informação detida e na selecção racional entre alternativas.

O estabelecimento de uma relação directa entre o sistema político e um tipo específico de cultura política, implica que as atitudes de passividade e apatia estejam associadas a democracias enfraquecidas.

O conceito de cultura política confere ao modelo racionalista – activista uma importância parcial, ao mesmo tempo que combina este modelo com o modelo paroquial e de sujeição.

O tipo de cultura política mais equilibrado, parece ser, para os autores, o da cultura cívica.

A cultura cívica afirma-se expurgada de qualquer conteúdo normativo e apresenta-se em todo o seu potencial participativo, como

---

rece o afastamento entre eleitos e eleitores, com a consequente desresponsabilização dos eleitos perante o eleitorado, e a maior dependência dos eleitos perante os partidos que os apresentam.”, Manuel Braga da CRUZ, *op. cit.*, pág. 127. A propósito da necessidade de reforma do Sistema Eleitoral e das tentativas encaçadas nesse sentido, Cfr. Manuel Braga da CRUZ, *op. cit.*, pp 270 – 299; Manuel Braga da CRUZ, *Transições Históricas e Reformas Políticas em Portugal*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 1999; Manuel Braga da CRUZ, “A Revisão Falhada do Sistema Eleitoral”, in *Análise Social*, volume XXXV, nº 154-155, 2000, pp. 45 – 54.

a cultura própria dos cidadãos empenhados, comprometidos e capazes de tomar decisões de forma racional. Mas o traço mais característico deste tipo de cultura é a sua abrangência ao integrar orientações típicas de formas de cultura política paroquial ou de sujeição. É aqui que adquirem expressão alguns valores sociais de confiança no Outro e, sobretudo, de tolerância: “a manutenção destas atitudes mais tradicionais e a sua fusão com as orientações para a participação conduzem a uma cultura política equilibrada na qual actividade política, envolvimento, e racionalidade existem mas são equilibrados pela passividade, tradicionalismo e empenho relativamente a valores paroquiais.”<sup>239</sup>

Os autores sustentam que as culturas políticas de sujeição ou paroquial são mais do que meros resíduos evolutivos. Uma das suas funções pode ser, precisamente, a de libertar a tensão excessiva que a participação pode exercer sobre o sistema político: “as orientações paroquiais e de sujeição modificam a intensidade do envolvimento e actividade políticas dos indivíduos. A actividade política não é mais do que uma parte das preocupações dos cidadãos, e usualmente, não é uma parte muito importante. A manutenção de outras orientações limita a extensão do seu comprometimento na actividade política e mantém a política, tal como antes, no seu lugar.”<sup>240</sup>

O que o modelo racional-activista preconiza não encontra correspondente na realidade. O papel do cidadão é dar a conhecer as suas necessidades e exigências, mas deve “entregar o poder às elites e deixá-las governar”<sup>241</sup> sob pena de transformar o regime numa ditadura do cidadão. O cidadão democrático não é o “cidadão total” de Dahrendorf. “Ele deve ser activo e, contudo, passivo; comprometido, contudo, não demasiadamente comprometido; influente, contudo, de-

---

<sup>239</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 30.

<sup>240</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 339.

<sup>241</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 343.

ferente.”<sup>242</sup> Mais importante do que a participação é a possibilidade de participação. O cidadão democrático “não é o cidadão activo: ele é o cidadão potencialmente activo.”<sup>243</sup>

Nancy Bermeo afirma que a emergência de democracias na Europa do Sul levantou muitos apreensões. Entre os obstáculos à democratização, os especialistas apontavam o momento de crise económica e ideológica que marcou os anos 70, a limitada legitimidade de alguns participantes, a fragmentação inerente aos sistemas multipartidários —o que prova que nem sempre o multipartidarismo é sinónimo de democracias estáveis— a fraca institucionalização dos grupos de interesse e, claro, “a falta geral de «espírito crítico»”<sup>244</sup> das expectativas, a democracia consolidou-se. Talvez porque, segundo a autora, “as novas democracias, na verdade, são muito difíceis de criar e de manter, mas *investir* com sucesso contra uma democracia é igualmente muito difícil.”<sup>245</sup>

Para finalizar esta parte do nosso trabalho, somos levados a concluir que o abstencionismo diferencial constitui um fenómeno cuja explicação pode residir em dois factores principais: a (crise de ) legitimação e a cultura política.

Tendo em conta o papel activo desempenhado pelo comportamento político sobre estes factores, torna-se difícil isolar a causa e a consequência. Mas, porque optámos por considerar o abstencionismo eleitoral como variável dependente, somos levados a supor que o abstencionismo diferencial pode dever-se ao deficiente funcionamento da democracia representativa (que se afasta do potencial participativo que esteve na sua origem ); à crise de legitimação do sistema político,

---

<sup>242</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 344.

<sup>243</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *op. cit.*, pág. 347.

<sup>244</sup> Nancy BERMEO, *A Teoria da Democracia e as Realidades da Europa do Sul*, Difel, Lisboa, 2000, pág.178.

<sup>245</sup> Nancy BERMEO, *op. cit.*, pág. 179.

incapacitado para criar conformação aos procedimentos e comportamentos vinculativos às normas que regulam o funcionamento do sistema político; à crise de motivação (e legitimação) que enfraquece o poder do sistema político, com reflexos a nível local; e à persistência de uma cultura política de sujeição.

No capítulo subsequente, recorreremos aos modelos explicativos de Lipset, Lancelot e Justel, para, através das suas potencialidades, mas também das suas limitações, aferir em que medida podem produzir resultados satisfatórios no que concerne à presente análise.

### III – ANÁLISE DOS DADOS

#### 3.1. – A ANÁLISE POR CLUSTERS. A RELAÇÃO ENTRE OS CONCELHOS

Lipset enuncia algumas características sociais susceptíveis de influir na participação eleitoral. Segundo o autor, “os homens votam em maior número do que as mulheres, as pessoas mais instruídas votam mais facilmente do que as que o são menos, as pessoas das cidades mais do que as do campo, os eleitores entre os trinta e cinco e os cinquenta anos mais do que os que são jovens ou mais idosos, as pessoas casadas mais do que as celibatárias, as pessoas de uma posição social elevada mais do que os de baixa condição, os que pertencem a diversos organismos mais do que os independentes e os isolados”<sup>246</sup>. Com estas asserções como pressuposto teórico, as variáveis sexo, idade, estado civil, habilitações literárias, situação perante o trabalho, habitat, condição perante a actividade económica e profissão, adquiriram o estatuto de variáveis potencialmente explicativas.

O mesmo fio condutor levou-nos à selecção dos Concelhos de Setúbal, Évora, Alcácer do sal e Alandroal. Respectivamente, dois Concelhos maioritariamente urbanos e dois Concelhos maioritariamente rurais, pertencentes a duas regiões com características diferentes – uma interior e outra litoral. O campo de análise assim delimitado será, se não representativo, pelo menos característico.<sup>247</sup>

---

<sup>246</sup> Seymour Martin LIPSET, *op. cit.*, pág. 203.

<sup>247</sup> A este respeito ver Raymond Quivy e Luc Van Campenhoudt: “A exigência de representatividade é menos frequente do que por vezes se julga: não se deve confundir cientificidade e representatividade. Para conhecer melhor grupos ou sistemas de relações não é forçosamente pertinente, em termos sociológicos, estudá-los como somas de individualidades. Não é, sem dúvida, inútil interrogarmo-nos acerca do significado da noção de representatividade, demasiadas vezes evocada com muita ligeireza do ponto de vista epistemológico.”, Raymond

A primeira abordagem à informação disponível foi no sentido de indagar da proximidade entre alguns destes Concelhos, relativamente às variáveis seleccionadas, com o intuito de definir grupos homogéneos e comparáveis. Recorremos, para tanto, à análise por clusters.

A análise por clusters designa um conjunto de técnicas de cariz classificatório, cujo resultado é a criação de grupos (clusters) dotados de elevada homogeneidade interna a que se contrapõe uma heterogeneidade externa, suficientemente elevada, que conduza à identificação de grupos distintos.

Na definição dos clusters utilizámos as variáveis referidas, cujos dados haviam sido publicados nos Censos de 1981 e nos Censos de 1991 a que acrescentámos as variáveis abstenção e participação eleitoral referentes, a um acto eleitoral para os órgãos das Autarquias Locais e um acto eleitoral para a Assembleia da República, próximos dos anos do recenseamento geral da população, de forma a reduzir as distorções. Os dados eleitorais utilizados referiam-se, respectivamente, às Eleições para a Assembleia da República de 1979 e Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais de 1979, e as Eleições para a Assembleia da República de 1991 e eleições para os Órgãos das Autarquias Locais de 1989.

Como resultado, pudemos identificar dois clusters: um cluster que agrupa Setúbal e Évora e um outro que agrupa Alandroal e Alcácer do sal. Resultado que é comum tanto à análise referente a 1981 como à análise referente a 1991. Podemos identificar o primeiro como o cluster urbano, e o segundo como o cluster rural. A homogeneidade presente nestes clusters leva-nos a confirmar que o habitat é de facto uma variável-critério a utilizar na definição do campo de análise (so-

---

QUIVY e Luc Van CAMPENHOUDT, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Gradiva, Lisboa, 1992, pág. 163.

brepondo-se até ao factor região).

Considerámos, ainda, que poderia ter interesse o agrupamento dos Concelhos utilizando como variáveis apenas a abstenção verificada nos vários actos eleitorais. Procedemos ao cálculo utilizando a abstenção registada nas Eleições para a Assembleia da República a partir de 1976. Procedemos de forma similar com os níveis de abstenção resultantes dos vários sufrágios para a Câmara Municipal e Assembleia Municipal, entre 1976 e 1997.

Relativamente á análise de clusters efectuada tendo por base os dados relativos às Eleições para a Assembleia da República, podemos identificar dois clusters: um cluster que agrupa Alandroal e Évora, e um outro que engloba Setúbal e Alcácer do Sal. Considerando apenas a abstenção, o critério de agrupamento parece ser a região, podendo o primeiro cluster ser designado por cluster interior e o segundo, cluster litoral.

O valor do coeficiente que quantifica a distância entre Alcácer do Sal e Setúbal é de 15,66, enquanto é de 27,18 no tocante à distância entre Alcácer do sal e Évora e de 28,50 no que respeita à distância que separa Alcácer do Sal do Alandroal. Setúbal regista um coeficiente de distância de 14,78 relativamente a Évora e de 24,94 relativamente ao Alandroal. Este, regista um coeficiente de distância de 7,78 relativamente a Évora. Finalmente, Évora está mais próxima do Alandroal (7,78) do que está de Alcácer do Sal (27,18) ou Setúbal (14,78).

No tocante à abstenção nas Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, nomeadamente no que concerne à Câmara Municipal e à Assembleia Municipal, deparamos, num primeiro nível, com um cluster que agrupa Alcácer do Sal e Évora enquanto Alandroal e Setúbal se encontram isolados. Num segundo nível, o cluster de Alcácer do Sal e Évora agrega Alandroal e Setúbal mantêm-se isolado. É constituído



assim, um cluster composto por Alcácer, Alandroal e Évora, cujas características permitem uma clara demarcação relativamente a Setúbal. A matriz das distâncias, ou diferenças, no caso da abstenção para a Câmara Municipal, apresenta um coeficiente que é de 362,61 relativamente a Setúbal e Alcácer, 346,29 relativamente a Setúbal e Évora e 737,88 relativamente ao Alandroal. Em todo o caso, registre-se que a distância é menor entre Setúbal e Évora.

Os Concelhos mais próximos são Alcácer do Sal e Évora (94,40), correspondente ao primeiro nível de clusters. Alandroal tem uma similitude maior com Alcácer do Sal (172,03) do que com Évora (346,29). Parece afirmar-se, mais uma vez o factor habitat.

A matriz das distâncias no que concerne à Assembleia Municipal é sensivelmente idêntica: a distância entre Alcácer do Sal e Évora é de 93,89; Alandroal identifica-se mais com Alcácer do Sal (173,12) do que com Évora (195,25) e ainda menos com Setúbal (735,48); e Setúbal demarca-se com um coeficiente de 351,94 relativamente a Alcácer do Sal, um coeficiente de 342,83 relativamente a Évora e um coeficiente de 735,48 relativamente a Alandroal.

A assinalar, a diferença de comportamento dos Concelhos quando em causa está a abstenção em actos eleitorais para a Assembleia da República ou para os órgãos das Autarquias Locais. É para o Concelho de Setúbal que a diferença é mais acentuada, passando de uma posição relativamente paritária com Alcácer do Sal a uma posição isolada, nos antípodas de Alandroal —sem dúvida, o Concelho menos abstencionista dos quatro Concelhos em estudo.

Não é fácil encontrar uma explicação para esta diferença. Relativamente às variáveis com que trabalhamos, dificilmente o sexo pode oferecer alguma explicação. Como se pode ver abaixo, a distribuição percentual dos sexos é igual á de Alandroal em 1981 e muito próxima da de Alcácer do Sal em 1991.

**Quadro 9** – Distribuição percentual do sexo, nos quatro Concelhos em estudo, em 1981

| CONCELHO       | HOMENS | MULHERES |
|----------------|--------|----------|
| Alcácer do Sal | 50,04  | 49,96    |
| Setúbal        | 49,02  | 50,98    |
| Alandroal      | 49,02  | 50,98    |
| Évora          | 48,03  | 51,97    |

Fonte: I.N.E., Censos /81

**Quadro 10** – Distribuição percentual do sexo, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| CONCELHO       | HOMENS | MULHERES |
|----------------|--------|----------|
| Alcácer do Sal | 48,67  | 51,33    |
| Setúbal        | 48,75  | 51,25    |
| Alandroal      | 49,15  | 50,85    |
| Évora          | 47,8   | 52,2     |

Fonte: I.N.E., Censos /91

A variável idade é mais esclarecedora: Setúbal é o Concelho menos envelhecido, com menor percentagem de população idosa (60e mais anos) e maior percentagem de população em idade activa (20 a 59 anos). Por oposição, Alandroal encontra-se no extremo oposto: é o Concelho mais envelhecido e com menor percentagem de população em idade activa. Como se pode ver abaixo:

**Quadro 11** – Distribuição percentual da idade, nos quatro Concelhos em estudo, em 1981

| CONCELHO       | 18-19<br>ANOS | 20-39<br>ANOS | 40-59<br>ANOS | 60E MAIS<br>ANOS |
|----------------|---------------|---------------|---------------|------------------|
| Alcácer do Sal | 3,8           | 35,44         | 35,34         | 25,42            |
| Setúbal        | 3,85          | 43,53         | 33,94         | 18,68            |
| Alandroal      | 4,27          | 27,19         | 38,71         | 29,83            |
| Évora          | 3,99          | 36,05         | 36,17         | 23,79            |

Fonte: I.N.E., Censos /81

**Quadro 12** – Distribuição percentual da idade, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| CONCELHO       | 18-19<br>ANOS | 20-39<br>ANOS | 40-59<br>ANOS | 60E MAIS<br>ANOS |
|----------------|---------------|---------------|---------------|------------------|
| Alcácer do Sal | 3,54          | 32,69         | 33,24         | 30,53            |
| Setúbal        | 4,41          | 37,43         | 35,52         | 22,63            |
| Alandroal      | 2,88          | 29,92         | 30,31         | 36,9             |
| Évora          | 3,52          | 36,7          | 31,69         | 28,09            |

Fonte: I.N.E., Censos /91

O Concelho de Setúbal é, ainda, caracterizado por ter a maior percentagem de indivíduos separados, de facto ou judicialmente. Mais uma vez, é em Alandroal que encontramos a menor percentagem de indivíduos nesta situação:

**Quadro 13** – Distribuição percentual do estado civil, nos quatro Concelhos em estudo, em 1981

| CONCELHO       | SOLTEIRO | CASADO | VIÚVO | DIVORCIADO | SEPARADO |
|----------------|----------|--------|-------|------------|----------|
| Alcácer do Sal | 21,81    | 70,03  | 7,59  | 0,18       | 0,39     |
| Setúbal        | 23,27    | 68,63  | 6,46  | 0,83       | 0,82     |
| Alandroal      | 25,31    | 65,74  | 8,52  | 0,14       | 0,29     |
| Évora          | 25,31    | 66,07  | 7,48  | 0,37       | 0,77     |

Fonte: I.N.E., Censos /81

**Quadro 14** – Distribuição percentual do estado civil, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| CONCELHO       | SOLTEIRO | CASADO | VIÚVO | DIVORCIADO | SEPARADO |
|----------------|----------|--------|-------|------------|----------|
| Alcácer do Sal | 18,84    | 76,53  | 2,41  | 0,91       | 1,32     |
| Setúbal        | 19,58    | 74,29  | 1,64  | 2,45       | 2,03     |
| Alandroal      | 25,78    | 70,48  | 2,47  | 0,4        | 0,87     |
| Évora          | 19,61    | 75     | 2,18  | 1,47       | 1,74     |

Fonte: I.N.E., Censos /91

O Concelho de Setúbal é aquele que tem menor percentagem de população que não sabe ler nem escrever, tem maior percentagem de população com o Ensino Secundário e apenas tem menor percentagem de indivíduos cujas habilitações literárias são o ensino médio ou superior:

**Quadro 15** – Distribuição percentual das habilitações literárias, nos quatro Concelhos em estudo, em 1981

| <b>HABILITAÇÕES<br/>LITERÁRIAS</b>  | <b>ALCÁCER<br/>DO SAL</b> | <b>SETÚB<br/>AL</b> | <b>ALANDRO<br/>AL</b> | <b>ÉVORA</b> |
|-------------------------------------|---------------------------|---------------------|-----------------------|--------------|
| Não sabe ler nem escrever           | 39,74                     | 24,63               | 38,51                 | 27,17        |
| Sabe ler e escrever                 | 19                        | 17,89               | 23,78                 | 18,17        |
| Ensino Primário                     | 30,19                     | 33,49               | 28,97                 | 30,41        |
| Ensino Preparatório                 | 6,67                      | 11,21               | 5,79                  | 10,82        |
| Ensino Secundário unificado         | 2,33                      | 7,12                | 1,95                  | 6,32         |
| Ensino Secundário comple-<br>mentar | 1,18                      | 3,07                | 0,6                   | 3,51         |
| Ensino Médio                        | 0,46                      | 0,94                | 0,32                  | 1,27         |
| Ensino Superior                     | 0,43                      | 1,66                | 0,09                  | 2,32         |

Fonte: I.N.E., Censos /81

**Quadro 16** – Distribuição percentual das habilitações literárias, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| <b>HABILITAÇÕES<br/>LITERÁRIAS</b>  | <b>ALCÁCER<br/>DO SAL</b> | <b>SETÚB<br/>AL</b> | <b>ALANDRO<br/>AL</b> | <b>ÉVORA</b> |
|-------------------------------------|---------------------------|---------------------|-----------------------|--------------|
| Não sabe ler nem escrever           | 27,55                     | 14,24               | 27,53                 | 16,48        |
| Sabe ler e escrever                 | 16,54                     | 15,64               | 22,68                 | 15,3         |
| Ensino Primário                     | 34,71                     | 33,11               | 31,67                 | 29,99        |
| Ensino Preparatório                 | 12,18                     | 11,57               | 11,14                 | 14,6         |
| Ensino Secundário unificado         | 5,31                      | 12,39               | 4,07                  | 10,13        |
| Ensino Secundário comple-<br>mentar | 2,6                       | 8,59                | 2,06                  | 8,22         |

|                 |      |      |      |      |
|-----------------|------|------|------|------|
| Ensino Médio    | 0,33 | 1,14 | 0,44 | 1,42 |
| Ensino Superior | 0,79 | 3,32 | 0,41 | 3,85 |

Fonte: I.N.E., Censos /91

Se tivermos em consideração a distribuição percentual da população activa, com actividade económica empregada, o Concelho de Setúbal oferece-nos algumas observações interessantes: tem um significativo número de patrões, quando comparado com os outros Concelhos (ocupa o segundo lugar, a seguir a Évora), tem o valor percentual mais baixo de trabalhadores por conta própria (Alandroal tem o valor mais elevado), tem o valor mais elevado de trabalhadores por conta de outrém e detêm a menor percentagem de trabalhadores membros de cooperativas.

**Quadro 17** – Distribuição percentual da população com actividade económica empregada, nos quatro Concelhos em estudo, em 1981

| POPULAÇÃO COM<br>ACTIVIDADE ECONÓMICA<br>EMPREGADA | ALCÁC<br>ER DO<br>SAL | SETÚBA<br>L | ALANDRO<br>AL | ÉVOR<br>A |
|--|-----------------------|-------------|---------------|-----------|
| Patrões  | 1,57                  | 3,36        | 0,99          | 3,46      |
| Trabalhadores por conta própria                    | 14,47                 | 8,06        | 20,48         | 9,43      |
| Trabalhadores familiares não-remunerados           | 1,93                  | 0,42        | 0,66          | 0,6       |
| Trabalhadores por conta de outrém                  | 71,93                 | 87,4        | 72,87         | 82,6      |
| Membro de cooperativa                              | 9,84                  | 0,39        | 4,56          | 3,07      |
| Outra situação                                     | 0,26                  | 0,36        | 0,44          | 0,84      |

Fonte: I.N.E., Censos /81

**Quadro 18** – Distribuição percentual da população com actividade económica empregada, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| POPULAÇÃO COM<br>ACTIVIDADE<br>ECONÓMICA EMPREGA-<br>DA | ALCÁCER<br>DO SAL | SETÚB<br>AL | ALANDR<br>OAL | ÉVORA |
|---|-------------------|-------------|---------------|-------|
| Patrões   | 3,92              | 5,47        | 1,83          | 5,58  |
| Trabalhadores por conta<br>própria                      | 18,65             | 10,02       | 18,91         | 10,74 |
| Trabalhadores familiares<br>não-remunerados             | 0,54              | 0,66        | 1,33          | 0,64  |
| Trabalhadores por conta de<br>outrém                    | 74,14             | 83,37       | 76,37         | 80,41 |
| Membro de cooperativa                                   | 2,31              | 0,28        | 0,47          | 0,74  |
| Outra situação  | 0,44              | 0,19        | 1,09          | 1,88  |

Fonte: I.N.E., Censos /91

No que respeita ao habitat, Setúbal é sem dúvida, o Concelho com mais forte componente urbana, diferenciado-se claramente de Alandroal onde ela é inexistente.

**Quadro 19** – Distribuição percentual do habitat, nos quatro Concelhos em estudo, em 1981

| CONCELHO       | HABITAT<br>RURAL (1) | HABITAT<br>URBANO (2) | POPULAÇÃO<br>ISOLADA (3) |
|----------------|----------------------|-----------------------|--------------------------|
| Alcácer do Sal | 52,64                | 41,3                  | 6,07                     |
| Setúbal        | 19,61                | 79,18                 | 1,21                     |
| Alandroal      | 88,17                | 0                     | 11,83                    |
| Évora          | 23,92                | 67,58                 | 8,5                      |

Fonte: I.N.E., Censos /81

(1) população residente em lugares com menos de 2000 habitantes.

(2) população residente em lugares com mais de 2000 habitantes.

(3) população residente em aglomerados populacionais com menos de 10 alojamentos ou em alojamentos dispersos não integrados em aglomerados populacionais (lugares).

**Quadro 20** – Distribuição percentual do habitat, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| CONCELHO       | HABITAT<br>RURAL (1) | HABITAT<br>URBANO (2) | POPULAÇÃO<br>ISOLADA (3) |
|----------------|----------------------|-----------------------|--------------------------|
| Alcácer do Sal | 75,1                 | 16,78                 | 8,12                     |
| Setúbal        | 13,8                 | 84,65                 | 1,55                     |
| Alandroal      | 90,19                | 0                     | 9,81                     |
| Évora          | 27,42                | 65,93                 | 6,65                     |

Fonte: I.N.E., Censos /91



- (1) população residente em lugares com menos de 2000 habitantes
- (2) população residente em lugares com mais de 2000 habitantes
- (4) população residente em aglomerados populacionais com menos de 10 alojamentos ou em alojamentos dispersos não integrados em aglomerados populacionais (lugares).

Relativamente à variável profissão<sup>248</sup>, Setúbal era em 1981, o Concelho com maior percentagem de profissões técnicas intermédias (grupo 3), empregados administrativos (grupo 4), trabalhadores da produção industrial e artesãos (grupo 7), operadores de instalações industriais, máquinas fixas, condutores e montadores (grupo 8). Era ainda o Concelho com menor percentagem de trabalhadores da agricultura e pesca (grupo 6) e de trabalhadores não qualificados (grupo 9). Em 1991, tem a maior percentagem de membros de corpos legislativos, quadros dirigentes da função pública, directores e quadros dirigentes de empresas (grupo 1) e de pessoal de serviços de protecção e segurança, dos serviços pessoais e domésticos e trabalhadores simila-

---

<sup>248</sup> Esta variável deve que ser reagregada devido à discrepância entre a classificação usada pelo I.N.E. em 1981 (C.N.P.) e a classificação de 1991 (C.I.T.P./88). As categorias principais são as seguintes:

- 1 – Membros dos corpos legislativos, quadros dirigentes da função pública, directores e quadros dirigentes de empresas;
- 2 – Profissões intelectuais e científicas;
- 3- profissões técnicas intermédias;
- 4 – Empregados administrativos;
- 5 – Pessoal dos serviços de protecção e segurança, dos serviços pessoais e domésticos e trabalhadores similares;
- 6 – Trabalhadores da agricultura e da pesca;
- 7 – Trabalhadores da produção industrial e artesãos;
- 8 – Operadores de instalações industriais e máquinas fixas, condutores e montadores;
- 9 – Trabalhadores não qualificados da agricultura, indústria, comércio e serviços;
- 0 – Forças armadas.

res (grupo 5). Perdeu, contudo, o protagonismo na indústria.

**Quadro 21**– Distribuição percentual da profissão, nos quatro Concelhos em estudo, em 1981

| CONCELHO       | GRUP 01 | GRUP 02 | GRUP 03 | GRUP 04 | GRUP 05 | GRUP 06 | GRUP 07 | GRUP 08 | GRUP 09 | GRUP 00 |
|----------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Alcácer do Sal | 0,43    | 2,07    | 0,08    | 11,13   | 8,59    | 43,69   | 21,92   | 4,33    | 7,69    | 0,08    |
| Setúbal        | 1,11    | 7,39    | 0,54    | 19,73   | 15,36   | 5,36    | 34,14   | 9,26    | 6,55    | 0,57    |
| Alandroal      | 0,4     | 1,5     | 0       | 7,81    | 6,79    | 45,24   | 25,3    | 3,32    | 9,16    | 0,47    |
| Évora          | 1,15    | 9,85    | 0,4     | 19,49   | 16,53   | 15,38   | 23,81   | 4,87    | 7,46    | 1,06    |

Fonte: I.N.E., Censos /81

**Quadro 22** – Distribuição percentual da profissão, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| CONCELHO       | GRUP 01 | GRUP 02 | GRUP 03 | GRUP 04 | GRUP 05 | GRUP 06 | GRUP 07 | GRUP 08 | GRUP 09 | GRUP 00 |
|----------------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|---------|
| Alcácer do Sal | 1,39    | 1,84    | 3,24    | 5,62    | 13,15   | 14,42   | 18,48   | 11,03   | 30,32   | 0,52    |
| Setúbal        | 3,89    | 7,13    | 9,35    | 13,24   | 16,67   | 3,01    | 20,26   | 8,85    | 16,57   | 1,04    |
| Alandroal      | 1,21    | 1,21    | 2,26    | 4,02    | 10,92   | 12,32   | 30,14   | 7,72    | 28,34   | 1,87    |
| Évora          | 3,78    | 8,29    | 9,71    | 12,28   | 16,54   | 3,53    | 15,45   | 10,13   | 18,86   | 1,42    |

Fonte: I.N.E., Censos /91

O Concelho de Setúbal apresenta-se como um Concelho com uma população jovem, instruída, trabalhadora por conta de outrem,

qualificada e urbana. É este o seu retrato “modal”. Em muitos destes factores, aproxima-se mais de Évora do que de qualquer um dos outros Concelhos.

Não se tratando de uma técnica explicativa, a análise por clusters põe em evidência algumas características sócio-culturais dos Concelhos, susceptíveis de influenciar a abstenção e, mais concretamente, a abstenção diferencial.

### 3.1.1. – AS VARIÁVEIS DO DESENVOLVIMENTO

No nosso caminho pela procura de variáveis explicativas, resolvemos introduzir algumas variáveis relacionadas com o desenvolvimento dos quatro Concelhos. Para tal, recorreremos a alguns indicadores de desenvolvimento da markttest: taxa de analfabetismo, taxa de mortalidade infantil, taxa de desemprego, permissão de barracas, % de alojamentos sem electricidade, % alojamentos sem água, % de alojamentos sem esgotos<sup>249</sup>.

Relativamente a estas variáveis, desenham-se novos clusters — o que pode ser considerado normal, uma vez que estamos a trabalhar com novos indicadores. Assim, o coeficiente que quantifica a relação entre Setúbal e Alcácer do Sal é de 525,45; o coeficiente da relação entre Alandroal e Alcácer do Sal é de 1632,52; a relação entre Évora e Alcácer do Sal regista um coeficiente de 115,05; entre Alandroal e

---

<sup>249</sup> Resolvemos excluir da bateria de indicadores de desenvolvimento seleccionados pela Markttest, a Taxa de Insucesso escolar, devido ao facto de os indicadores fornecidos pela Markttest, na sua edição de 1994, se reportarem ao ano de 1992/93 e não a 1991, como acontece com todos os outros indicadores. Considerámos que esta discrepância poderia introduzir um desvio que prejudicaria a correlação entre as variáveis. Para além disso, a taxa de insucesso escolar contempla maioritariamente indivíduos cuja idade se encontra abaixo do limite de capacidade eleitoral.

Setúbal o valor é de 2440,51; entre Évora e Setúbal o valor do coeficiente é de 421,89; e entre Évora e Alandroal a distância é de 1316,48.

Alandroal surge como um Concelho que se destaca claramente dos outros —2440,51 em relação a Setúbal, 1632, 52 relativamente a Alcácer do Sal e 1316,48 em relação a Évora— registando a maior proximidade, ou a menor distância, se assim nos é permitido falar, relativamente a Évora, o que poderá indiciar alguma influência da interioridade. Este factor é, no entanto, desmentido quando tomamos em consideração o comportamento de Setúbal, que se encontra mais próximo de Évora (421,89) do que de Alcácer do Sal (525,45). Alcácer do Sal encontra-se mais próximo de Évora (115,05) do que de Setúbal (525,45).

Temos assim, um primeiro nível que agrupa Alcácer do Sal, Évora e Setúbal, encontrando-se Alandroal completamente isolado.

Num segundo nível, é Setúbal que se afasta do sub-grupo constituído por Évora e Alcácer do Sal.

Relativamente ao comportamento das variáveis a distribuição é a que se segue:

**Quadro 23** – Taxa de Analfabetismo, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| CONCELHO       | TAXA DE ANALFABETISMO |
|----------------|-----------------------|
| Alcácer do Sal | 26,21                 |
| Setúbal        | 11,02                 |
| Alandroal      | 27,28                 |
| Évora          | 20,76                 |

Fonte: I.N.E., Marktest

Relativamente à Taxa de Analfabetismo, Alandroal é o Concelho que apresenta o valor mais elevado, seguido de muito perto por Alcácer do Sal. Setúbal é o Concelho que apresenta o valor mais baixo (11,02), bastante abaixo de Évora, que é o Concelho que se encontra mais próximo. Pensamos que neste caso concreto o factor habitat terá um peso decisivo.

No que concerne à Taxa de Mortalidade Infantil, esta tem a seguinte distribuição:

**Quadro 24** – Taxa de Mortalidade Infantil, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| CONCELHO       | TAXA DE MORTALIDADE INFANTIL |
|----------------|------------------------------|
| Alcácer do Sal | 6,67                         |
| Setúbal        | 10,64                        |
| Alandroal      | 31,75                        |
| Évora          | 6,95                         |

Fonte: I.N.E., Markttest

Alcácer do Sal e Évora são os Concelhos que apresentam uma menor Taxa de Mortalidade Infantil, com valores que rondam os 6%. Alandroal apresenta um valor bastante elevado (31,75) que o distancia dos restantes Concelhos.

A distribuição da Taxa de Desemprego é a seguinte:

**Quadro 25 – Taxa de Desemprego, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991**

| CONCELHO       | TAXA DE DESEMPREGO |
|----------------|--------------------|
| Alcácer do Sal | 9,7                |
| Setúbal        | 12,2               |
| Alandroal      | 14,3               |
| Évora          | 10,7               |

Fonte: I.N.E., Markttest

Embora não se registem grandes discrepâncias, o Concelho de Alandroal é aquele que regista o valor mais elevado (14,3).

Relativamente à pernilagem de barracas, a sua distribuição é a seguinte:

**Quadro 26 – Pernilagem de Barracas, nos quatro Concelhos em estudo, em 1991**

| CONCELHO       | PERNILAGEM DE BARRACAS |
|----------------|------------------------|
| Alcácer do Sal | 4,7                    |
| Setúbal        | 7,25                   |
| Alandroal      | 0,49                   |
| Évora          | 0,97                   |

Fonte: I.N.E., Markttest

Relativamente a esta variável, são os Concelhos de litoral — Alcácer do sal e Setúbal— que registam uma maior pernilagem de barracas, a denotar os custos de algum crescimento brusco, talvez provocado por fluxos migratórios.

As condições apresentadas pelas habitações, ao nível do saneamento básico, apresentam a seguinte distribuição:

**Quadro 27** – Alojamentos sem Electricidade, sem Água e sem Esgotos (%), nos quatro Concelhos em estudo, em 1991

| CONCELHO       | % DE ALOJAMENTOS  |          |             |
|----------------|-------------------|----------|-------------|
|                | Sem Electricidade | Sem Água | Sem Esgotos |
| Alcácer do Sal | 5,45              | 14,22    | 13,31       |
| Setúbal        | 1,13              | 3,74     | 2,40        |
| Alandroal      | 6,10              | 9,39     | 33,35       |
| Évora          | 3,54              | 9,97     | 14,53       |

Fonte: I.N.E., Markttest

Destaca-se aqui a elevada percentagem de alojamentos sem esgotos no Concelho de Alandroal (33,35%), a explicar, de alguma forma, o isolamento deste Concelho em termos de clusters.

### 3.2. - A CORRELAÇÃO. A RELAÇÃO ENTRE AS VARIÁVEIS

A correlação é a grandeza da associação entre variáveis de intervalo que procura explicar quanto uma equação descreve ou explica a relação entre essas variáveis. As variáveis são aquelas do modelo com que trabalhamos. A variável abstenção tem em conta apenas os actos eleitorais para a Assembleia da República e para os Órgãos das Autarquias Locais, realizados em 1979, que correlacionamos com os dados dos Censos/81, e das eleições para a Assembleia da República de 1991 e para os órgãos das Autarquias Locais de 1989, que correlacionamos com os dados dos Censos/91. A correlação que efectuámos é simples ou bivariada.

Nenhuma destas correlações se revelou fortemente significativa<sup>250</sup>. Ainda assim, podemos tirar algumas ilações do comportamento de algumas variáveis. Tendo em conta que o coeficiente de correlação de Pearson -  $r$  - varia tem como limites de variação  $[-1, +1]$ , sempre que o seu valor ultrapassa 0,5 ou  $-0,5$ , consideramos que tem algum significado lógico. É o que se passa com a variável sexo: A abstenção está correlacionada positivamente com o sexo masculino, em 1981. Correlação essa que é ainda mais reforçada quando se trata de eleições para os órgãos das Autarquias Locais (0,790). Como se pode ver abaixo:

---

<sup>250</sup> Cfr. Anexo.



**Quadro 28** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e o sexo, para os quatro Concelhos em estudo

| ABSTENÇÃO                    | HOMENS | MULHERES |
|------------------------------|--------|----------|
| Assembleia da República 1979 | 0,585  | -0,585   |
| Câmara Municipal 1979        | 0,790  | -0,790   |
| Assembleia Municipal 1979    | 0,790  | -0,790   |
| Assembleia da República 1991 | -0,126 | 0,126    |
| Câmara Municipal 1989        | -0,393 | 0,393    |
| Assembleia Municipal 1989    | -0,376 | 0,376    |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

Relativamente à idade, a correlação é forte e negativa no grupo 18 -19 anos (-0,859), o que equivale a dizer que este grupo se absteve pouco, o que é válido embora, em menor grau para as eleições para os órgãos das Autarquias Locais em 1979, e inverte-se completamente nas Autarquias Locais de 1989. O grupo 20-39 anos (idade activa jovem) mantém níveis elevados de abstenção, o valor do r de pearson é sempre positivo e por vezes, elevado. No grupo 40-59 anos, a correlação começa por ser forte e negativa para passar a ser forte e positiva passada uma década (o que significa que a abstenção aumentou nesta categoria etária) e, sobretudo, nas eleições para os órgãos das Autarquias Locais.

O grupo de 60 e mais anos tem um comportamento menos abstencionista, como se pode observar pelo quadro seguinte:

**Quadro 29** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a idade, para os quatro Concelhos em estudo

| ABSTENÇÃO                       | 18 - 19<br>ANOS | 20 - 39<br>ANOS | 40 - 59<br>ANOS | 60 E +<br>ANOS |
|---------------------------------|-----------------|-----------------|-----------------|----------------|
| Assembleia da República<br>1979 | -0,859          | 0,786           | -0,881          | -0,718         |
| Câmara Municipal 1979           | -0,629          | 0,516           | -0,632          | -0,445         |
| Assembleia Municipal<br>1979    | -0,629          | 0,516           | -0,632          | -0,445         |
| Assembleia da República<br>1991 | 0,365           | 0,148           | 0,525           | -0,326         |
| Câmara Municipal 1989           | 0,868           | 0,753           | 0,882           | -0,875         |
| Assembleia Municipal<br>1989    | 0,885           | 0,762           | 0,898           | -0,888         |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

No que concerne ao estado civil, a correlação com a abstenção é, na categoria solteiro, quase sempre forte e negativa, afirmando-se assim como uma categoria fortemente participativa, ao contrário da categoria casados, fortemente abstencionista. A categoria viúvos revela alguma mobilização, e os separados de facto ou judicialmente têm uma forte correlação com a abstenção nas eleições para os órgãos das Autarquias Locais de 1989.

**Quadro 30** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e o estado civil, para os quatro Concelhos em estudo

| ABSTENÇÃO                    | SOLTEIRO | CASADO | VIÚVO  | DIVORCIADO | SEPARADO |
|------------------------------|----------|--------|--------|------------|----------|
| Assembleia da República 1979 | -0,877   | 0,914  | -0,779 | 0,590      | 0,315    |
| Câmara Municipal 1979        | -0,872   | 0,878  | -0,519 | 0,396      | -0,025   |
| Assembleia Municipal 1979    | -0,872   | 0,878  | -0,519 | 0,396      | -0,025   |
| Assembleia da República 1991 | -0,762   | 0,872  | 0,011  | 0,131      | 0,217    |
| Câmara Municipal 1989        | -0,953*  | 0,875  | -0,630 | 0,755      | 0,813    |
| Assembleia Municipal 1989    | -0,943   | 0,856  | -0,656 | 0,775      | 0,824    |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

\* Correlação significativa ao nível 0,05

Salvo raras exceções, as correlações que se estabelecem entre a abstenção e as habilitações literárias são muito fracas, algumas até quase nulas, como se pode constatar no quadro abaixo:

**Quadro 31** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e as habilitações literárias, para os quatro Concelhos em estudo

| H. LITERÁRIAS             | ABS. AR 1979 | ABS. CM 1979 | ABS. AM 1979 | ABS. AR 1991 | ABS. CM 1989 | ABS. AM 1989 |
|---------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Não sabe ler nem escrever | -0,210       | 0,084        | 0,084        | 0,169        | -0,529       | -0,545       |
| Sabe ler e escrever       | -0,620       | -0,268       | -0,268       | -0,571       | -0,918       | -0,912       |
| Ensino primário           | 0,759        | 0,566        | 0,566        | 0,770        | 0,461        | 0,461        |
| Ensino Preparatório       | 0,286        | -0,054       | -0,054       | 0,063        | 0,245        | 0,224        |
| Ens. Sec. Unificado       | 0,285        | -0,034       | -0,034       | -0,023       | 0,652        | 0,669        |
| Ens. Sec. Complementar    | 0,177        | -0,190       | -0,190       | -0,119       | 0,557        | 0,570        |
| Ensino Médio              | 0,017        | -0,356       | -0,356       | -0,292       | 0,347        | 0,355        |
| Ensino Superior           | 0,056        | -0,315       | -0,315       | -0,017       | 0,524        | 0,531        |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

Relativamente à condição perante a actividade económica, ainda que com fracas correlações, pensamos poder inferir um maior nível de abstenção entre a população activa empregada.

**Quadro 32** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a condição perante a actividade económica, para os quatro Concelhos em estudo

| ABSTENÇÃO                    | POPULAÇÃO    | POPULAÇÃO |
|------------------------------|--------------|-----------|
|                              | DESEMPREGADA | EMPREGADA |
| Assembleia da República 1979 | -0,561       | 0,561     |
| Câmara Municipal 1979        | -0,213       | 0,213     |
| Assembleia Municipal 1979    | -0,213       | 0,213     |
| Assembleia da República 1991 | -0,389       | 0,389     |
| Câmara Municipal 1989        | -0,481       | 0,481     |
| Assembleia Municipal 1989    | -0,457       | 0,457     |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

No que respeita à situação perante o trabalho, os valores mais significativos encontram-se em 1991, relativamente aos trabalhadores familiares não remunerados —cuja correlação negativa indicia uma fraca abstenção; aos trabalhadores por conta própria, com uma correlação negativa —algo indiciadora de participação; e entre os patrões —fortemente desmotivados nas eleições para os órgãos das Autarquias Locais em 1989.

**Quadro 33** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a situação perante o trabalho, para os quatro Concelhos em estudo

| SITUAÇÃO PERANTE O TRABALHO | ABS. AR 1979 | ABS. CM 1979 | ABS. AM 1979 | ABS. AR 1991 | ABS. CM 1989 | ABS. AM 1989 |
|-----------------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
| Patrão                      | 0,260        | -0,099       | -0,099       | 0,308        | 0,821        | 0,822        |
| Trab. Por conta própria     | -0,508       | -0,150       | -0,150       | 0,156        | -0,530       | -0,544       |
| Trab. Fam. Não remunerado   | 0,325        | 0,391        | 0,391        | -0,780       | -0,943       | -0,932       |
| Trab. Por conta de outrem   | 0,306        | 0,034        | 0,034        | -0,350       | 0,369        | -0,393       |
| Membro de cooperativa       | 0,041        | 0,168        | 0,168        | 0,850        | 0,328        | -0,300       |
| Outra Situação              | -0,660       | -0,896       | -0,896       | -0,501       | -0,461       | 0,477        |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

Relativamente ao habitat, é de salientar a forte mobilização da população isolada, cujo coeficiente de correlação com a abstenção atinge valores negativos elevados, face ao forte abstencionismo da população urbana.

**Quadro 34** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e o habitat, para os quatro Concelhos em estudo

| ABSTENÇÃO                    | POPULAÇÃO<br>RURAL | POPULAÇÃO<br>URBANA | POPULAÇÃO<br>ISOLADA |
|------------------------------|--------------------|---------------------|----------------------|
| Assembleia da República 1979 | -0,491             | 0,559               | -0,919               |
| Câmara Municipal 1979        | -0,125             | 0,207               | -0,739               |
| Assembleia Municipal 1979    | -0,125             | 0,207               | -0,739               |
| Assembleia da República 1991 | -0,002             | 0,012               | -0,119               |
| Câmara Municipal 1989        | -0,664             | 0,675               | -0,724               |
| Assembleia Municipal 1989    | -0,678             | 0,690               | -0,747               |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

O valor do coeficiente de correlação de Pearson, é até ao grupo 7, inconclusivo, excepto nas eleições para os órgãos das Autarquias Locais em 1989, em que a correlação ronda 0,5 e é positiva. Ou seja, são categorias profissionais abstencionistas nestas eleições. Se nos restringirmos a este acto eleitoral —por forma a efectuar uma comparação entre as categorias profissionais— constatamos que a categoria mais abstencionista é o grupo 5, enquanto, pelo contrário, o grupo 7 é dos mais participativos. O grupo O- Forças Armadas é um grupo altamente mobilizado, talvez pela valorização do dever cívico, registando nas eleições para a Assembleia da República de 1991, uma relação estatisticamente significativa.

**Quadro 35** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a profissão, para os quatro Concelhos em estudo

| PROFISSÃO | ABS. AR<br>1979 | ABS.<br>CM<br>1979 | ABS. AM<br>1979 | ABS. AR<br>1991 | ABS. CM<br>1989 | ABS. AM<br>1989 |
|-----------|-----------------|--------------------|-----------------|-----------------|-----------------|-----------------|
| Grupo 1   | 0,151           | -0,187             | -0,187          | -0,133          | 0,544           | 0,557           |
| Grupo 2   | 0,015           | -0,344             | -0,344          | -0,132          | 0,507           | 0,515           |
| Grupo 3   | 0,400           | -0,090             | 0,090           | -0,091          | 0,563           | 0,573           |
| Grupo 4   | 0,319           | -0,038             | -0,038          | -0,036          | 0,628           | 0,641           |
| Grupo 5   | 0,188           | -0,174             | -0,174          | 0,144           | 0,739           | 0,746           |
| Grupo 6   | -0,323          | -0,024             | -0,024          | 0,321           | -0,381          | -0,398          |
| Grupo 7   | 0,480           | 0,442              | 0,442           | -0,579          | -0,807          | -0,791          |
| Grupo 8   | 0,712           | 0,540              | 0,540           | 0,851           | 0,673           | 0,645           |
| Grupo 9   | -0,743          | -0,440             | -0,440          | 0,280           | -0,431          | -0,450          |
| Grupo 0   | -0,501          | -0,748             | -0,748          | -0,979*         | -0,848          | -0,837          |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

\* Correlação significativa ao nível 0,05

Os resultados apresentados poderão não ser representativos, no sentido restrito do termo, mas podem ser característicos. Se, de alguma forma, contradizem as premissas de Lipset, isso talvez signifique que se trata de um fenómeno relativo, influenciado que é por factores sócio-culturais. Talvez tão relativo como a própria cultura política.



### 3.2.1. – AS VARIÁVEIS DO DESENVOLVIMENTO

As variáveis de desenvolvimento a que nos referimos são aquelas que compõem o índice de desenvolvimento da Markttest e que atrás referimos —Taxa de Analfabetismo, Taxa de Mortalidade Infantil, Taxa de Desemprego, Permilagem de Barracas, % de Alojamentos sem Electricidade, % de Alojamentos sem Água, % de Alojamentos sem Esgotos— que procurámos correlacionar com os dados relativos à abstenção nos actos eleitorais mais próximos de 1991 (data a que se referem os indicadores em causa): as Eleições para a Assembleia da República em 1991 e as Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais em 1989.

Embora todas as correlações apresentem um valor de  $r$  de Pearson positivo, apenas no que toca à relação entre a abstenção nas Eleições para a Assembleia da República e a Taxa de Analfabetismo, se pode afirmar alguma relevância.

**Quadro 36** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a Taxa de Analfabetismo, para os quatro Concelhos em estudo

| ABSTENÇÃO                    | TAXA DE ANALFABETISMO |
|------------------------------|-----------------------|
| Assembleia da República 1991 | 0,971                 |
| Câmara Municipal 1989        | 0,373                 |
| Assembleia Municipal 1989    | 0,348                 |

Fonte: I.N.E. Censos 91/ Markttest, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais 1989.

Como se pode ver no quadro abaixo, a correlação entre a abstenção nos actos eleitorais em causa e a Taxa de Mortalidade Infantil, é praticamente inexistente.

**Quadro 37** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a Taxa de Mortalidade Infantil, para os quatro Concelhos em estudo

| <b>ABSTENÇÃO</b>             | <b>TAXA DE MORTALIDADE<br/>INFANTIL</b> |
|------------------------------|---|
| Assembleia da República 1991 | 0,277                                   |
| Câmara Municipal 1989        | 0,093                                   |
| Assembleia Municipal 1989    | 0,106                                   |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

No tocante à correlação entre a abstenção e a Taxa de Desemprego, esta não é significativa.

**Quadro 38** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a Taxa de Desemprego, para os quatro Concelhos em estudo

| <b>ABSTENÇÃO</b>             | <b>TAXA DE DESEMPREGO</b> |
|------------------------------|---------------------------|
| Assembleia da República 1991 | 0,156                     |
| Câmara Municipal 1989        | 0,249                     |
| Assembleia Municipal 1989    | 0,274                     |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

Não existe correlação entre a Permilagem de Barracas e a abstenção, nos actos eleitorais em causa.

**Quadro 39** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a Permilagem de Barracas, para os quatro Concelhos em estudo

| ABSTENÇÃO                    | PERMILAGEM DE BARRACAS |
|------------------------------|------------------------|
| Assembleia da República 1991 | 0,424                  |
| Câmara Municipal 1989        | 0,187                  |
| Assembleia Municipal 1989    | 0,171                  |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

Relativamente à correlação entre a abstenção e a % de Alojamentos sem Água, esta regista níveis bastante interessantes que nos permitem arriscar enunciar uma correlação positiva com algum significado.

**Quadro 40** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a % de Alojamentos Sem Água, para os quatro Concelhos em estudo

| <b>ABSTENÇÃO</b>             | <b>ALOJAMENTOS SEM ÁGUA (%)</b> |
|------------------------------|---------------------------------|
| Assembleia da República 1991 | 0,508                           |
| Câmara Municipal 1989        | 0,866                           |
| Assembleia Municipal 1989    | 0,832                           |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

Constatamos a existência de uma correlação positiva entre a abstenção na Eleição para a Assembleia da República em 1991 e a % de alojamentos sem electricidade:

**Quadro 41** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a % de Alojamentos Sem Electricidade, para os quatro Concelhos em estudo

| <b>ABSTENÇÃO</b>             | <b>ALOJAMENTOS SEM ELECTRICIDADE (%)</b> |
|------------------------------|--|
| Assembleia da República 1991 | 0,992                                    |
| Câmara Municipal 1989        | 0,330                                    |
| Assembleia Municipal 1989    | 0,338                                    |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

Não existe correlação entre a abstenção nestes actos eleitorais e a % de Alojamentos Sem Esgotos.

**Quadro 42** – Coeficiente de correlação de Pearson entre a abstenção e a % de Alojamentos Sem Esgotos, para os quatro Concelhos em estudo

| ABSTENÇÃO                    | ALOJAMENTOS SEM ESGOTOS (%) |
|------------------------------|-----------------------------|
| Assembleia da República 1991 | 0,454                       |
| Câmara Municipal 1989        | 0,034                       |
| Assembleia Municipal 1989    | 0,027                       |

Fonte: I.N.E., Censos/81, STAPE, Eleições para a Assembleia da República 1979 e 1991; Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1979 e 1989.

As correlações detectadas são, na generalidade, fracas. A exiguidade do estudo não nos permite proceder a generalizações. É provável que as correlações sofram alterações pontuais de acordo com influências extremamente específicas ao próprio acto eleitoral e ao próprio contexto em que este decorre.

Neste quadro, a abstenção permanece um fenómeno, cujas causas profundas se encontram por desvendar.

### 3.3. - INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

O quadro teórico e metodológico que nos serviu de modelo de análise, é o da abordagem explicativa, protagonizado por Lipset, Lancelot e, numa perspectiva mais reformista, Justel.<sup>251</sup>

Nesta perspectiva, o comportamento eleitoral é encarado como um comportamento colectivo, socialmente significativo e sociologicamente abordável através das variáveis macro-sociais. Foi também nesta perspectiva que nos propusemos analisar o fenómeno do abstencionismo.

Recorrendo ao modelo de Lipset —segundo o qual os homens, os indivíduos com um nível mais elevado de instrução, casados, residentes em meio urbano, de meia idade, pertencentes a várias associações e detentores de uma posição social mais levada registariam um nível elevado de participação relativamente às mulheres, aos indivíduos com menor grau de instrução, residentes em habitat rural, celibatários, jovens ou mais idosos e menos favorecidos socialmente<sup>252</sup>— seleccionámos como variáveis explicativas o sexo, a idade, o estado civil, as habilitações literárias, a distribuição percentual da população pela actividade económica, a profissão e o habitat.

Para além destas características sociais, as condições sociais susceptíveis de influenciar a participação são as decisões governamentais; as possibilidades de informação, a influência do meio e as pressões contraditórias.

Quando pretendemos correlacionar o nível de abstenção com as variáveis enunciadas por Lipset, constatámos que:

---

<sup>251</sup> Cfr. 1.1.1. Abordagem Explicativa.

<sup>252</sup> Este modelo foi elaborado a partir da observação da participação eleitoral na Alemanha, Suécia, Estados-Unidos, Cfr. Seymour Martin LIPSET, *op. cit.* pág. 202.

- (1) Existe uma correlação entre o *sexo* em 1981 e a abstenção nas eleições para a Assembleia da República de 1979 (0,585) e as eleições para os Órgãos das Autarquias Locais em 1979 (0,790). Esta correlação é positiva para o sexo *masculino* e negativa para o sexo *feminino*. Por outras palavras, foram os homens que mais se abstiveram nestes actos eleitorais.
  
- (2) Relativamente à *idade* verificámos a existência de uma forte correlação. Assim, nas eleições para a Assembleia da República em 1979, a correlação verificada apresenta um valor de  $r$  de  $-0,859$ , na categoria etária *18-19 anos*; Ainda nesta categoria, o valor correspondente às eleições para os Órgãos das Autarquias Locais é de  $-0,629$ , o que significa que este grupo participou activamente (situação que se inverte nas eleições para as Autarquias Locais de 1989, em que o valor se torna positivo:  $0,868$  e  $0,885$ , para a Câmara Municipal e para a Assembleia Municipal, respectivamente). No escalão etário seguinte, a correlação é forte e positiva com valores de  $0,786$  para as eleições para a Assembleia da República de 1979;  $0,516$  para as eleições para os Órgãos das Autarquias Locais de 1979; e  $0,753$  e  $0,762$  na eleição para a Câmara Municipal em 1989 e para a Assembleia Municipal em 1989, respectivamente; o que significa que, nesta categoria etária, que corresponde à camada jovem da população activa, a abstenção não só esteve fortemente presente como até aumentou. No que concerne ao grupo dos *40 aos 59 anos* de idade, a correlação é forte em todos os actos eleitorais, mas conheceu uma inversão. Assim, na eleição para a Assembleia da República de 1979, o valor de  $r$  era de  $-0,881$ ; na eleição para as Autarquias Locais de 1979 o valor era de  $-0,632$ ; na eleição para a Assembleia da República o valor

do coeficiente de correlação é de 0,525 e é de 0,882 e 0,898 na eleição para a Câmara Municipal e para a Assembleia Municipal em 1989, respectivamente. Isto significa que um grupo inicialmente motivado e participativo veio a demonstrar, no espaço de uma década, um comportamento abstencionista. Os mais idosos (60 e + anos) têm níveis de correlação negativa fortes na eleição para a Assembleia da República (-0,718) e menos fortes na eleição para as Autarquias Locais de 1979; Nas eleições para as Autarquias Locais de 1989 o valor volta a subir para -0,875 e -0,888, o que indicia que este é um grupo fortemente motivado.

(3) Relativamente à variável *estado civil* é possível constatar a existência de uma correlação forte e negativa em todos os actos eleitorais em questão (-0,877; -0,872; -0,762; -0,953; -0,943, respectivamente) relativamente à categoria *solteiro*, o que revela que esta é uma categoria fortemente participativa. O mesmo não se pode dizer da categoria *casado* em que os valores são sempre positivos (0,914; 0,878; 0,872; 0,875; 0,856). A categoria dos *viúvos* revela um bom nível de participação (-0,779; -0,519; -0,630; -0,656). Os *divorciados* revelam uma forte abstenção nas eleições para a Assembleia da República de 1979 (0,590) e nas eleições para a Câmara Municipal e Assembleia Municipal de 1989 (respectivamente, 0,755 e 0,775). Os *separados de facto* revelam uma forte abstenção na eleição para a Câmara Municipal em 1989 (0,813) e para a Assembleia Municipal em 1989 (0,775).

(4) Relativamente às *habilitações literárias*, a correlação que se estabelece entre a abstenção e esta variável, é significativa para a categoria *sabe ler e escrever*, para as eleições para a Assembleia da República em 1979 (-0,620), para as eleições para a Assembleia da



República em 1991 (-0,571), para as eleições para a Câmara Municipal em 1989 (-0,918) e para as eleições para a Assembleia Municipal em 1989 (-0,912) —o que indicia uma categoria participativa. Esta situação inverte-se na categoria *Ensino Primário*, em que o valor de r nas eleições para a Assembleia da República em 1979 (0,759), para as Autarquias Locais em 1979 (0,566) e para a Assembleia da República em 1991(0,770), corresponde a uma correlação positiva, o mesmo é dizer, corresponde a uma elevada abstenção. Os indivíduos que fazem parte da categoria *Ensino Secundário Unificado* registam uma forte abstenção nas eleições para a Câmara Municipal em 1989 (0,652) e para a Assembleia Municipal em 1989 (0,669). É igualmente nestas eleições que os indivíduos detentores do grau de habilitações literárias *Ensino Secundário Completo* manifestam uma maior abstenção (0,557 e 0,570, respectivamente). Para finalizar, também os indivíduos com o grau de *ensino superior* manifestaram nestas eleições níveis de abstenção cujo r tem um valor de 0,524 nas eleições para a Câmara Municipal em 1989 e de 0,531 para a Assembleia Municipal em 1989.

- (5) A variável *condição perante a actividade económica* correlaciona-se com a abstenção de forma positiva (0,561) relativamente à categoria *população empregada* e de forma negativa (-0,561), relativamente à *população desempregada*, nas eleições para a Assembleia da República em 1979, o que significa que é esta categoria a mais participativa, (nestas eleições, bem entendido).
- (6) No que diz respeito à *situação perante o trabalho*, os *patrões* apresentavam nas eleições para as Autarquias Locais de 1989 uma forte abstenção (0,821 para a Câmara Municipal e 0,822 para a

Assembleia Municipal). Em contrapartida, os *trabalhadores por conta própria* participaram nas eleições de 1979 (a correlação entre esta variável e a abstenção é negativa ao nível de  $-0,508$ ), e nas eleições para a Câmara Municipal em 1989 ( $-0,530$ ) e para a Assembleia Municipal ( $-0,544$ ). Os *trabalhadores familiares não-remunerados* participaram activamente na eleição para a Assembleia da República em 1991( o valor de  $r$  é de  $-0,780$ ) e na eleição para a Câmara Municipal em 1989 ( $-0,943$ ) e para a Assembleia Municipal em 1989 ( $-0,932$ ). Finalmente, os indivíduos que são *membros de cooperativa* tiveram, na eleição para a Assembleia da República em 1991, um comportamento abstencionista com um coeficiente de correlação no valor de  $0,850$ .

- (7) Relativamente ao *habitat*, é a *população isolada* aquela que regista uma maior mobilização eleitoral, com valores de correlação negativos nas eleições para a Assembleia da República de 1979 ( $-0,919$ ), nas eleições para as Autarquias Locais em 1979 ( $-0,739$ ), nas eleições para a Câmara Municipal em 1989 ( $-0,724$ ), nas eleições para a Assembleia Municipal em 1989 ( $-0,747$ ). É também neste último acto eleitoral que a *população rural* se manifesta mais participante, com valores de  $-0,664$  nas eleições para a Câmara Municipal em 1989 e de  $-0,678$  nas eleições para a Assembleia Municipal em 1989. A *população urbana* absteve-se de participar nas eleições para a Assembleia da República de 1979, uma vez que o valor do coeficiente de correlação é de  $0,559$ . Também nas eleições para a câmara Municipal e a Assembleia Municipal, em 1989, o comportamento abstencionista se fez sentir ( $0,675$  e  $0,690$ ).



(8) A variável *profissão* encontra uma correlação positiva com a abstenção ao nível do grupo 1 (*membros de corpos legislativos, quadros dirigentes da função pública e quadros de empresas*) apenas nas eleições para as Autarquias Locais de 1989 (com valores de r de 0,544 nas eleições para a Câmara Municipal e 0,557 nas eleições para a Assembleia Municipal). Foi também nestas eleições que se manifestou a correlação relativamente às *profissões intelectuais e científicas* (0,507 e 0,515). As *profissões técnicas intermédias* (0,563 e 0,573), os *empregados administrativos* (0,628 e 0,641) e o *peçoal dos serviços de protecção e segurança, dos serviços pessoais e domésticos e trabalhadores similares* (0,739 e 0,746) manifestaram-se abstencionistas neste acto eleitoral. Os *trabalhadores da produção industrial e artesãos* revelaram uma forte participação nas eleições para a Assembleia da República em 1991 (-0,579) e nas eleições para as Autarquias Locais em 1989 (-0,807 e -0,791 para a Câmara Municipal e a Assembleia Municipal, respectivamente). Já no grupo dos operadores de instalações industriais e máquinas fixas, o valor do coeficiente de correlação é positivo e significativo para todos os actos eleitorais em causa. Esta forte tendência abstencionista só encontra paralelo na forte participação em todos os actos eleitorais por parte dos *membros das forças armadas (grupo 0)*. Os trabalhadores não qualificados da agricultura, indústria, comércio e serviços, participaram também activamente nas eleições para a Assembleia da República de 1979.

Se retomarmos o modelo de Lipset, e conjugarmos as nossas características sociais com as condições sociais, obtemos uma imagem do quanto estão distorcidos os nossos resultados relativamente ao modelo.

O autor afirma que aqueles, cuja existência é directamente afectada pelas decisões governamentais —os funcionários públicos e aqueles cuja condições de sobrevivência são periclitantes — tendem a participar activamente nos actos eleitorais. Talvez isso explique a forte participação dos membros das forças armadas —como acabámos de constatar no nosso universo de estudo. Talvez a elevada participação da população desempregada, se justifique pela dependência criada pelas transferências do Estado sob a forma de subsídios de desemprego. Seria, talvez, também esta dependência subsidiária a explicar a elevada participação eleitoral da população idosa (60 e + anos).

Lipset defende também que não existe uma relação determinante entre a participação eleitoral e os problemas sociais. Contudo, a correlação que estabelecemos entre a abstenção e a percentagem dos alojamentos sem água (particularmente penalizadora das eleições para as Autarquias Locais) e entre a abstenção e a percentagem dos alojamentos sem electricidade (especialmente visível nas eleições para a Assembleia da República de 1991), levar-nos-iam a arriscar o contrário. Parece-nos que esta atitude sancionatória está relacionada com as competências de cada uma daquelas instâncias de poder.

Verificámos que não há uma atitude de participação eleitoral activa entre aqueles que, detentores de fracos recursos económicos, poderiam almejar uma melhoria da sua condição de vida através desta forma de intervenção. Lipset atribui esta atitude à falta de informação, à falta de capacidade de análise —que, no fundo, se traduziria numa falta de capacidade para perceber o que se pode ganhar com a relação eleitoral— e de um empobrecimento a nível do capital social do indivíduo. Contudo, o nosso micro universo aponta para um acréscimo de abstenção à medida que se avança na escala das habilitações literárias.

Ao postular que os indivíduos sofrem pressões sociais e podem ser influenciados pelo meio social e pelo sentido do dever, uma das regularidades identificadas por Lipset seria a de que as pressões para a participação eleitoral seriam resultado de interesses de grupo. Para Lipset, os meios urbanos seriam os meios onde existiria um maior número de organizações de classe, nomeadamente, organizações de classe de tipo operário, logo, o inconformismo seria maior e o grupo mobilizar-se-ia para intervir activamente na vida política. No nosso universo, pelo contrário, é a população isolada, seguida pela população rural, aquela que regista um maior nível de participação. A população urbana tem um comportamento de cariz muito mais abstencionista.

Lipset vai mais longe e afirma que é possível transpor as variantes da participação e as pressões que se fazem sentir nesse sentido, para um nível macro-social: os jovens (recém chegados à vida activa) e os idosos (desligados da vida social e menos permeáveis a pressões) seriam as categorias mais susceptíveis de desenvolverem comportamentos abstencionistas. De acordo com os resultados a que chegámos, se isto é verdade para a categoria dos jovens que têm entre 20 e 39 anos, não o é para os jovens de 18 e 19 anos, que demonstram um grande entusiasmo em participar. Os idosos, como já vimos atrás, são uma categoria essencialmente participativa.

As pressões que se fazem sentir também podem revestir-se de um carácter contraditório. Neste caso, a acção sobre o indivíduo de influencias diversificadas, ou até contraditórias, conduz à paralisia e salda-se pela apatia política. Neste sentido, o próprio multipartidarismo —com toda a respectiva diversidade de programas políticos, que lhe estão inerentes— pode conduzir à indiferença e à recusa em optar. Segundo o autor, as influências contraditórias explicam a diferença de comportamento eleitoral entre os sexos: as mulheres, mais isoladas

socialmente, não chegariam a alcançar a consciência de classe. As mulheres são consideradas também, mais permeáveis à influência religiosa e à ideologia conservadora das classes sociais superiores, que funcionariam como grupo de referência. As mulheres são apresentadas como seres sem vontade própria e divididos entre a influência de classe, veiculada pelos maridos, e a ideologia dominante. O resultado seria o desinteresse pela política. Entretanto, muita coisa mudou, e este quadro não nos parece particularmente adaptado aos nossos dias. Certo é que os nossos resultados, embora apenas experimentais, apontam em sentido inverso e as mulheres revelam um comportamento menos abstencionista do que os homens.

Um outro tipo de pressões contraditórias é aquele que advém de algum tipo de mobilidade: geográfica, profissional ou social. Os indivíduos sujeitos a esta situação experimentam uma situação que, à falta de melhor, caracterizaríamos através das palavras de Fernando Namora no romance *Estamos no Vento*: "perdem as raízes mas ainda não tomaram consciência das asas"<sup>253</sup>. É uma situação típica daqueles que se deslocam geograficamente, que emigram. Conhecendo a tendência forte em Portugal de urbanização e deslocação para o litoral, podemos atribuir a este movimento a elevada correlação entre o habitat urbano e a abstenção. Não será, talvez, por acaso que são os concelhos de Alcácer do Sal e Setúbal aqueles que experimentam uma maior média de abstenção.

Lipset centra-se, ainda, nos problemas provocados pela mobilidade social, mas relativamente a esta questão não possuímos dados que nos permitam pronunciar. Retemos apenas que o autor afirma que entre as camadas mais jovens a taxa de abstenção será sempre mais elevada, nomeadamente entre aqueles que se apresentam a votar pela

---

<sup>253</sup> Fernando Namora, *Estamos no Vento*, Livraria Bertrand, Amadora, 1982, pág. 158-159.

primeira vez (porque não tendo como referência o voto em eleições precedentes, se encontra muito mais permeável às pressões do meio, muitas vezes, contraditórias). No nosso universo experimental a categoria etária 18-19 anos, onde se inserem os jovens que votam pela primeira vez, apresenta-se consideravelmente participativa. Já os dados relativamente à categoria etária entre os 29 e os 39 anos (uma categoria jovem para os padrões actuais), onde se verificam comportamentos abstencionistas parecem corroborar a verificação de Lipset de que os indivíduos que se encontram num período de transição, a constituir família, a começar carreira e a estabelecer novas relações, relegam para segundo plano as preocupações de carácter político. Hoje em dia, esta é a situação de muitos jovens de vinte mas, também, de indivíduos de 30 anos.

A instabilidade da vida, os laços mais difusos e as maiores possibilidades de mobilidade social justificam, para Lipset a menor participação dos celibatários. Os nossos resultados apontam, exactamente em sentido contrário, uma vez que são os solteiros e os separados, de facto ou judicialmente, aqueles que registam um nível menor de abstenção, por oposição aos casados.

Se tivéssemos que traçar o nosso retrato modal da participação eleitoral, ele provavelmente incluiria as mulheres, os indivíduos com um menor grau de instrução, residentes em habita rural ou isolado, que votam pela primeira vez ou têm mais de sessenta anos, e que são celibatários ou separados de facto e judicialmente. As nossas conclusões afastam-se do modelo de Lipset, talvez pelo simples facto de que as condições sociais são relativas.

Um outro modelo explicativo assenta numa lógica dicotómica. Actualmente, a explicação sociológica que tem por base este modelo, tende a dividir a realidade de acordo com o critério desenvolvimento-subdesenvolvimento. Neste modelo, o comportamento abstencionista é

visto em função da privação relativa, do atraso nos níveis de desenvolvimento, da centralidade e da modernidade. Foi esta a nossa preocupação quando seleccionámos concelhos que se pudessem opor em termos de centralidade e habitat.

Neste sentido, utilizámos uma técnica essencialmente classificatória —a análise de clusters— que nos permitiria formar grupos homogéneos. O resultado foi uma divisão em dois clusters: um cluster que agrupa Setúbal e Évora e um outro cluster que agrupa Alandroal e Alcácer do Sal. Aqui, é decisiva a variável habitat. Setúbal apresenta-se como o concelho mais urbano, com uma população mais jovem, com uma maior percentagem de indivíduos separados, de facto ou judicialmente, com menor percentagem de indivíduos que não sabem ler nem escrever, com maior percentagem de população com o Ensino secundário como habilitações literárias. Setúbal é ainda um concelho com um número significativo de padrões (embora seja suplantado por Évora), tem o valor percentual mais baixo de trabalhadores por conta própria, tem a percentagem mais elevada de trabalhadores por conta de outrém e a menor percentagem de trabalhadores membros de cooperativas. Em 1981, Setúbal detinha a maior percentagem de profissões técnicas intermédias, empregados administrativos, trabalhadores da produção industrial e artesãos, operadores de instalações industriais, máquinas fixas, condutores e montadores. Tinha também a menor percentagem de trabalhadores da agricultura e pescas e de trabalhadores não qualificados. Em 1991, Setúbal tinha a maior percentagem de membros de corpos legislativos, quadros dirigentes da função pública e directores e quadros dirigentes de empresas. Detém ainda, a maior percentagem de trabalhadores de serviços de protecção e segurança e de trabalhadores dos serviços pessoais e domésticos e trabalhadores similares. Decisivamente, reforçou a sua componente terciária. Em termos de desenvolvimento, Setúbal tem a menor taxa de analfabetis-



mo, mas tem a segunda maior taxa de mortalidade infantil e a segunda maior taxa de desemprego (a seguir ao Alandroal) e a maior permissão de barracas (talvez devido aos deslocamentos migratórios intensos e desordenados), mas ainda assim, tem a menor percentagem de alojamentos sem electricidade, sem água e sem esgotos.

Alandroal, por seu turno, aparece como o concelho mais rural, com a população mais envelhecida, com uma menor percentagem de indivíduos separados de facto ou judicialmente, com uma maior percentagem de indivíduos que não sabem ler nem escrever, e uma menor percentagem de indivíduos com o Ensino Secundário, tem o menor número de patrões, o maior número de trabalhadores por conta própria (embora a diferença se tenha esbatido em 1991). Relativamente às variáveis de desenvolvimento, Alandroal tem a mais elevada taxa de analfabetismo, a mais elevada taxa de mortalidade infantil, a maior taxa de desemprego e a maior percentagem de alojamentos sem electricidade e sem esgotos.

Seria de esperar, no quadro das teorias que privilegiam a integração social (no sentido de uma maior homogeneidade e uma diminuição das franjas marginalizadas da sociedade que experimentam o sentimento de privação relativa), que o concelho que regista um maior nível de desenvolvimento social, cultural e económico, tivesse um nível elevado de participação social. Contudo, se repararmos nos resultados da abstenção média nos diferentes actos eleitorais, tal não acontece.

**Quadro 43** – Média percentual da abstenção nas eleições para a Assembleia da República e na Eleições para os Órgão das Autarquias Locais, nos quatro Concelhos em estudo

| CONCELHO       | ELEIÇÕES PARA A ASSEMBLEIA DA RÉPUB-<br>BLICA | ELEIÇÕES PARA OS ÓRGÃOS DAS AUTAR-<br>QUIAS LOCAIS |
|----------------|---|--|
| Évora          | 21.5%   | 31.7%  |
| Setúbal        | 22.7%   | 37.8%  |
| Alandroal      | 21.7%   | 30.4%  |
| Alcácer do Sal | 22.9%   | 33.8%  |

Fonte: STAPE, Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1976 a 1993, <http://www.stape.pt/resultados.htm>

A primeira ilação que poderemos retirar é de que nos Concelhos de Setúbal e Alcácer do Sal o nível de abstenção é globalmente mais elevado do que nos Concelhos de Évora e Alandroal. Como se pode verificar no quadro seguinte:

**Quadro 44** – Média percentual total da abstenção nas eleições para a Assembleia da República e na Eleições para os Órgão das Autarquias Locais nos quatro Concelhos em estudo

| CONCELHO       | MÉDIA PERCENTUAL TOTAL DA ABSTENÇÃO |
|----------------|-------------------------------------|
| Évora          | 49,9                                |
| Setúbal        | 55,6                                |
| Alandroal      | 49,0                                |
| Alcácer do Sal | 54,1                                |

Fonte: STAPE, Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais, 1976 a 1993, <http://www.stape.pt/resultados.htm>

Manuel Justel é crítico da postura de Lancelot. Ao analisar a abstenção em Espanha, Justel constatou a existência de alterações de comportamento de algumas variáveis ligadas ao desenvolvimento: habitat, índice de desenvolvimento, os empregos na agricultura, os diplomas superiores, o rendimento médio das famílias.

Na nossa abordagem, não verificámos alteração da correlação da abstenção com a variável habitat ou o trabalho na agricultura entre 1981 e 1991. Contudo, relativamente aos escalões mais elevados das habilitações literárias, esta alteração é significativa: a correlação entre a abstenção e o Ensino Secundário Unificado que foi de 0,285 nas eleições para a Assembleia da República em 1979, tornou-se negativa (-0,023) nas eleições para a Assembleia da República em 1991. De igual forma, a correlação relativamente às eleições para as Autarquias Locais, cujo valor era de -0,034 em 1979, passou a ser de 0,652 (Câmara Municipal em 1989) e 0,669 (Assembleia Municipal em 1989). O mesmo podemos constatar relativamente ao Ensino Secundário Unificado: o valor da correlação era de 0,177 nas eleições para a Assembleia da República em 1979 e tornou-se negativo nas eleições para a Assembleia da República em 1991 com um valor de -0,119. A correlação relativamente às eleições para as Autarquias Locais de 1979 era de -0,190 e passou em 1989 para 0,557 e 0,570.

O mesmo movimento é visível relativamente ao Ensino Médio (0,017 nas legislativas, -0,356 nas autárquicas em 1979; -0,292 nas legislativas de 1991; 0,347 e 0,355 nas autárquicas de 1989). Também no Ensino Superior se verificou a mesma inversão (0,056 nas legislativas de 1979, -0,315 nas autárquicas de 1979; -0,017 nas legislativas de 1991, 0,524 e 0,531 nas autárquicas de 1989).

Os padrões inverteram a correlação da abstenção nas eleições autárquicas de 1979 (-0,099) para uma correlação muito mais significativa e positiva (0,821 e 0,822) nas eleições autárquicas de 1989.

Relativamente aos membros de corpos legislativos, quadros dirigentes da função pública, directores e quadros dirigentes de empresas, também o sentido da correlação se inverteu, passando de -0,187 nas autárquicas em 1979 para 0,544 e 0,557 nas eleições autárquicas de 1989.

Estas alterações são muito mais do que alterações quantitativas. Qualitativamente, a inversão das correlações e o seu valor positivo nos meios mais centrais, desenvolvidos e integrados como são os padrões, os dirigentes, os indivíduos com formação superior, indiciam uma sofisticação do comportamento abstencionista. Assim, à abstenção associada a factores pessoais e contextuais de marginalização e privação relativa, vem juntar-se uma abstenção eleitoral táctica ou crítica. A primeira é um tipo de abstenção passiva, porque em grande medida é independente da vontade dos indivíduos, a segunda, é uma abstenção activa, sancionatória do regime democrático e do seu funcionamento.

A abstenção passiva pode ser interpretada como resultado do isolamento social ou geográfico, traduzível no desinteresse pela política. Por seu lado, a abstenção activa põe em causa a legitimidade do sistema político.

Porque a análise de dados agregados é incompleta e desadequada para a análise deste tipo de abstenção, tivemos de recorrer à exploração e enquadramento do fenómeno através das teorias políticas associadas à legitimidade, nomeadamente, a Teoria Procedimental de Luhmann e a Teoria Crítica de Jürgen Habermas, esperando encontrar uma resposta que satisfaça as dúvidas e incertezas levantadas pelos dados estatísticos.

## CONCLUSÃO

O abstencionismo é um fenómeno que, além de complexo, é multifacetado. Ao propormo-nos analisar uma faceta desse fenómeno —o abstencionismo diferencial— empreendemos um percurso de busca da respectiva causalidade. Conforme referimos na Introdução à presente dissertação, a nossa primeira grande questão dirigiu-se à indagação daquilo que explicará a diferença entre a abstenção nas Eleições Autárquicas e a abstenção nas Eleições Legislativas. Tendo em conta a complexidade do fenómeno, não é fácil buscar uma explicação causal sem cair no reducionismo.

Contudo, entre a vaga asserção teórica e a explicação causal, exaustiva, optámos por aflorar algumas relações potencialmente explicativas. Como afirma Armando Castro: “na realidade natural-social existem obviamente interacções extremamente complexas, formando redes mais largas ou mais estreitas mas que sempre se inter-influenciam e inter-condicionam. No entanto, o conhecimento não pode deixar de operar por abstracção, separando em cada momento da elaboração algumas dessas conexões.

Pela própria índole da actividade gnoseológica, tal verificação não anula a possibilidade de isolamento de momentos relacionais com certas características”<sup>254</sup>. Foi neste sentido que abordámos o fenómeno do ponto de vista estatístico.

Através desta abordagem procurámos dar resposta a uma das nossas questões iniciais: a de saber que factores sociais, económicos e políticos existentes nos Concelhos de Évora, Setúbal, Alcácer do Sal e Alandroal, poderiam contribuir para explicar a abstenção diferencial.

---

<sup>254</sup> Armando CASTRO “A causalidade nas Ciências Sociais”, *Metodologia das Ciências Sociais*, Edições Afrontamento, Porto, s.d., pág 283.

Formuladas a partir desta questão inicial, as nossas hipóteses de trabalho, eram basicamente, duas:

- (1) O abstencionismo diferencial está relacionado com as variáveis que caracterizam socialmente os eleitores destes quatro concelhos (o sexo, o estado civil, a idade, as habilitações literárias, a condição perante a actividade económica, a situação perante o trabalho, a profissão, o habitat).
- (2) O abstencionismo diferencial está relacionado com o grau de desenvolvimento dos quatro Concelhos em estudo.

Para concretizar o nosso objectivo de identificar os factores sociais e económicos que poderão contribuir para explicar a abstenção diferencial, recorreremos ao modelo teórico-metodológico de Lipset, enquanto a abordagem explicativa relacionada com o desenvolvimento seria gizada com base no modelo de Lancelot.

Os resultados não foram muito animadores, pois concluímos que o potencial explicativo do modelo de Lipset é incipiente. O nosso perfil modal do abstencionista não poderia estar mais nos antípodas do modelo de Lipset: quem mais se abstém são os homens, casados, em idade activa, com maior nível de instrução e residentes em zonas urbano.

Também a nossa abordagem com base no binómio desenvolvimento/subdesenvolvimento, suportada por Lancelot, não se revelou profícua. O abstencionismo é maior no Concelho, aparentemente, mais desenvolvido: Setúbal.

Com Justel, procedemos a uma análise diacrónica do abstencionismo diferencial, para concluirmos que a correlação entre as habilitações literárias de nível superior, a situação de patrão, as profissões de nível superior —corpos legislativos, quadros dirigentes da função pública, directores e quadros dirigentes de empresas— e a abstenção, se tornou positiva relativamente às eleições para os Órgãos das Autar-

quias Locais e negativa para a Assembleia da República. O mesmo é dizer: nestas categorias a abstenção nas eleições para os Órgãos das Autarquias Locais aumentou, ao mesmo tempo que diminuiu a abstenção nas Eleições para a Assembleia da República.

A inversão das correlações indicia a sofisticação do comportamento abstencionista.

Esta nova atitude abstencionista pode ser enunciada através de alguns binómios: a abstenção relacionada com factores pessoais ou contextuais de privação relativa associa-se à abstenção de tipo tático ou crítico; à abstenção de carácter *passivo* acresce agora a abstenção de carácter *activo*; à abstenção sociológica associa-se um novo tipo de abstenção: a abstenção ideológica. A primeira aparece ligada ao desinteresse da população pela política, a segunda procura pôr em causa a legitimidade do sistema.

Porque nos interessa particularmente este tipo de comportamento abstencionista, para o qual os dados de que dispunhamos se revelaram insuficientes, procurámos interpretar o abstencionismo no quadro teórico de várias abordagens que tentámos operacionalizar através da relação entre o abstencionismo e a legitimidade, ou melhor: entre o abstencionismo e a própria natureza da democracia.

À relação entre abstenção e legitimação subjaz a ideia de que a participação é causa e factor de legitimação e que, sendo a abstenção uma crise de participação, isso se pode vir a traduzir numa crise de legitimação, numa crise do sistema democrático, numa crise da política —num âmbito mais vasto— ou não fosse a democracia aquele “mal menor” que nos é mais próximo.

A abstenção tem sido diagnosticada como um sintoma da evolução do sistema político (especialização funcional, tecnocracia, elitismo, oligarquia), por um lado, ou da evolução da própria sociedade civil, por outro (massificação, hedonismo, desencantamento, sujeição).

Ao problematizar a legitimação, é no plano da relação que colocamos a ênfase, uma vez que a legitimação é o processo através do qual a sociedade civil confere autoridade ao sistema político.

Existe um conceito normativo de legitimação e um conceito sociológico de legitimação. O primeiro visa justificar a existência do Estado, nomeadamente através de argumentos finalistas, que adquirem maior ou menor relevo consoante a situação histórico-política. Enquadram-se neste tipo de argumentos a manutenção da paz e da ordem públicas, e o desenvolvimento e realização pessoal. Argumentos esses a que a teoria democrática da justificação do Estado acrescenta um outro fim/condição: a participação no poder daqueles que a ele se encontram sujeitos. A legitimidade da acção estatal ficará dependente de um “máximo consentimento e participação possível”<sup>255</sup>.

O conceito sociológico de legitimação coloca-se nos antípodas do conceito normativo, no sentido de que é a sociedade civil, e não o Estado, que é objecto de indagação. O Estado apresenta-se como o sujeito passivo em relação ao qual a comunidade expressa a sua aceitação. À Sociologia interessa indagar se a aprovação existe e quais são os seus fundamentos. Zippelius refere-se mesmo à abordagem sociológica como “um verdadeiro mecanismo de motivação”<sup>256</sup>. Weber é o exemplo paradigmático do sociólogo que busca os fundamentos ou “motivações” conducentes à aceitação do poder, e identifica três fontes do poder, a saber: o carisma do *leader* (que conduz à legitimação carismática), a tradição (que fundamenta a legitimação tradicional) e a lei (que produz a legitimação racional). Esta última aproxima-se da crença na legalidade, na medida em que a obediência é devida a pre-

---

<sup>255</sup> REINHOLD ZIPPELIUS, *Teoria Geral do Estado*, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1997, pág. 150.

<sup>256</sup> REINHOLD ZIPPELIUS, *op. cit.*, pág. 151.



ceitos estatuídos de maneira formal e procedimentalmente considerada correcta<sup>257</sup>.

Segundo Zippelius, a aceitação real por parte da comunidade— aquilo a que o autor chama “consenso fáctico”— pode justificar ética ou normativamente uma ordem estatal, quando verificados dois pressupostos: “em primeiro lugar, quando a ordem política se alicerça, de forma legítima, na autonomia moral dos cidadãos, ou seja, quando as convicções morais dominantes dos cidadãos constituem a base de legitimação suficiente para a acção estatal, e, em segundo lugar, quando o consenso que serve de fundamento para a ordem estatal for também facticamente expressão de tais convicções.”<sup>258</sup>

A decisão racional, tomada individualmente, em consciência, é a expressão moral última. A convicção de todos e de cada indivíduo deve ter igual valor e entra na co-gestão e na co-determinação de igual forma. O princípio da maioria consagra, à falta de melhor, as concepções racional e moralmente fundamentadas da maioria das pessoas. O problema reside na distância que medeia entre a aceitação fáctica e o consenso moral: a opinião expressa pela maioria nem sempre é expressão de uma decisão racionalmente fundamentada. Porque os cidadãos são sujeitos de interesses, porque há *leaders* de opinião, acólitos, *lobbies* e grupos de interesses. O sufrágio da maioria não é sinónimo de consenso. A legitimação do sistema político não se compadece com a observação formal de mecanismos procedimentais, é necessário que se criem mecanismos institucionais que permitam uma monitorização constante da acção. É necessário que o sistema político seja aberto, que as instituições sejam públicas e os procedimentos transparentes. A possibilidade de controlo por parte do público em geral é um corolá-

---

<sup>257</sup> Cfr. Max WEBER, *Economia y Sociedad*, I, Fondo de Cultura Economica, Mexico, 1979, p. 170 e ss, cfr. ainda, Max WEBER, *O Político e O Cientista*, Editorial Presença, Lisboa, 1979, pp. 10-11.

<sup>258</sup> REINHOLD ZIPPELIUS, *op. cit.*, pág 152.

rio da democracia representativa. As decisões tomadas devem poder ser aceites pela maioria, devem ser “susceptíveis de consenso”. A esta necessidade constante de justificação e aprovação dos representantes, perante a comunidade, chama Zippelius a “pressão da legitimação”<sup>259</sup>.

A actualização constante da legitimação afasta o conceito de legitimidade do conceito de legalidade. A máxima de que tudo é legal, logo, legítimo (possibilidade de aceitação das decisões pelo facto de serem legais— primado da legalidade) colide com o princípio de justiça individual e colectivamente sancionado. Luhmann propõe, perante a erosão das “verdades” fundamentais, que os critérios materiais de justificação cedam lugar aos critérios de justificação formais. A legitimação passaria a ser apodada de procedimental e a aceitação basear-se-ia na observação de um conjunto de procedimentos estabelecidos. A conformação do público em geral com as decisões produzidas teria um efeito estabilizador no sistema. Assim, princípios procedimentais não garantem a rectidão da decisão.

O abstencionismo é um sintoma de crise, quer para quem busca a legitimação nos mecanismos procedimentais, quer para quem procura formas mais profundas de motivação. Talvez ainda mais para os primeiros do que para os segundos: se as eleições, entendidas como mecanismo procedimental de selecção de representantes, são tacitamente recusadas ou ignoradas, resta saber o que sobra aos formalistas. Por outro lado, no quadro deste entendimento, desde que os actos eleitorais decorram de acordo com padrões formais estabelecidos, a ausência de sufragação dos actos pode não ferir de ilegitimidade o sistema. Certo é que o consenso cede, aqui mais do que nunca, lugar ao conformismo.

Para Habermas, a legitimação é o processo através do qual é conferido reconhecimento a uma determinada ordem política. Só as

---

<sup>259</sup> REINHOLD ZIPPELIUS, *op. cit.*, pág 154.

ordens políticas são susceptíveis de requerer, alcançar ou perder legitimação. Fora deste âmbito, ficam algumas formas de dominação económicas, organizacionais e pré-estatais. Só o Estado é garante da manutenção da identidade social e da consequente integração social. A associação entre legitimidade e poder político exclui, por um lado, a adesão à decisão por legalismo e, por outro, uma integração social construída unicamente sobre a integração funcional do sistema.

Habermas reconhece a existência de uma crise no sistema político actual. Esta crise assume várias formas. Desde logo, crise de racionalidade de um Estado que se substituiu ao mercado e passou a intervir directamente no sistema produtivo, mas também crise de legitimidade, esgotadas que estão as formas tradicionais de legitimação como são a religião ou a hereditariedade. O plebiscito eleitoral aparece nos sistemas políticos democráticos como uma solução de compromisso e oferece o seu consenso tácito como substituto do consenso racionalmente fundamentado<sup>260</sup>.

Ao delegarem no Estado a sua capacidade decisória, os cidadãos vêm crescer entre eles e os seus representantes uma extensa rede burocrática. O distanciamento é recompensado pelo Estado através de incentivos de carácter consumista e hedonista. O Estado intervéem continuamente no domínio cultural erodindo, ainda mais, o potencial legitimador da tradição. O mecanismo distributivo-compensatório não pode deixar de ser contingente, escasso e carente de sentido. O défice legitimatório é constante e provoca no sistema cultural o aparecimento de uma crise de motivação. As motivações mais importantes —síndrome do privatismo civil e síndrome do privatismo familiar-profissional— sofrem uma profunda mudança sem que

---

<sup>260</sup> João de Almeida Santos fala mesmo da “indiferença real que se formaliza em consenso passivo nos actos rituais da participação institucional (eleições).” João de Almeida SANTOS, *Paradoxos da Democracia*, Fenda Edições, 1998, pág. 116.

nada de novo se apresente suficientemente capaz de constituir uma alternativa credível. Só a formação de uma identidade emancipada pode conduzir a uma nova moral universal — a ética comunicativa, em que as decisões políticas são observadas criticamente e submetidas a um consenso racional formado discursivamente. A crise de legitimação é uma crise tri-facetada: é, simultaneamente, uma crise de legitimação, uma crise de motivação e uma crise de identidade.

A resolução de conflitos de legitimação radica na identidade colectiva (idioma, tradição, razão...). Se a legitimação depende da motivação, esta, por seu turno, depende do nível de justificação da legitimação. Existe uma relação entre as justificações e o exercício da dominação. Ao longo do tempo sucederam-se as formas justificativas: a mitologia, as religiões antigas e a filosofia, os argumentos racionalmente construídos. Os níveis de justificação são hierarquizáveis e cumulativos. O que Habermas propõe para a nossa época, e tendo em vista a construção do consenso, é que só possuam força legitimante as “regras e premissas comunicativas, que permitem distinguir um acordo ou pacto obtido entre pessoas livres e iguais face a um consenso contingente ou forçado”.<sup>261</sup> É urgente a criação de uma identidade emancipada.

Boaventura de Sousa Santos converge, neste ponto, ao propor a criação de um novo senso comum, um senso comum participativo. Também para este autor há uma prevalência dos mecanismos de regulação sistémica relativamente à emancipação. No seu entender, isto deve-se à “redução da política a uma prática social sectorial e especializada e na rígida regulação da participação dos cidadãos nessa prática. Em consequência disso, ficaram vastíssimas áreas da prática social fora da intervenção participativa dos cidadãos e (...) a regulação hiperdetalhada da participação autorizada acabou por transformar esta

---

<sup>261</sup> Jürgen HABERMAS, *Raison et Légitimité*, Payot, Paris, 1978.

última na participação dos cidadãos na sua própria regulação.”<sup>262</sup> A participação autorizada a que Boaventura de Sousa Santos se refere é o sufrágio eleitoral, último reduto da participação política. Para este autor, assiste-se, neste momento, a um processo de despolitização desencadeado pela modernidade, que hiperpolitizou o Estado à medida que esvaziava de conteúdo político a sociedade civil. A inversão da lógica abstencionista passa, para este autor, pela re-politização das relações sociais, tendo em conta, não apenas a relação do cidadão com o Estado —que o autor denomina de obrigação política vertical, que temos analisado até aqui— mas, também, a obrigação política horizontal, que relaciona o cidadão e as associações. Em Boaventura de Sousa Santos, e até certo ponto, em Habermas, o ideal emancipatório realiza-se nos movimentos sociais.

A relação entre o abstencionismo e a cultura política, por seu lado, radica no pressuposto de que as atitudes expressas estão enraizadas em representações simbólicas bastante profundas.

O conceito de *cultura política* foi amplamente difundido nos anos 60 por Gabriel Almond e Sidney Verba, entre outros. O carácter complexo desta temática— a que não será alheia alguma polémica entretanto gerada<sup>263</sup> —conduziu à sua estagnação na década seguinte, para ressurgir em força nos anos 80 como quadro conceptual de análise da crise e das transições democráticas de alguns sistemas políticos.

---

<sup>262</sup> Boaventura de Sousa SANTOS, *A Crítica da Razão Indolente*, Edições Afrontamento, Porto, 2000, pág. 106.

<sup>263</sup> Franz HEIMER, Jorge VALA e M. Leite VIEGAS dão-nos conta de alguma contestação à abordagem da cultura política, nomeadamente, “às suas conotações normativas, à forma como estabelecia correspondências entre culturas políticas e estruturas políticas e sociais, ao paradigma individualista subjacente, às limitações das metodologias adoptadas e, por último mas não menos importante, a deficiências na construção formal do modelo analítico, sobretudo do próprio conceito de cultura política.”, “Cultura Política”, in *Sociologia – Problemas e Práticas*, Nº 8, ISCTE, Lisboa, 1990.

Segundo Almond e Verba, o conceito de cultura política “refere-se a orientações especificamente políticas” que os autores especificam tratem-se de “atitudes em relação ao sistema político nas suas várias partes e atitudes relativamente ao papel do indivíduo no sistema.”<sup>264</sup> No fundo, enfatizam a dimensão subjectiva da cultura política, embora Franz-Heimer e Jorge Vala nos dêem também conta de uma dimensão objectiva, abordável através da análise do funcionamento das instituições políticas. Neste sentido ainda, seria possível incluir os comportamentos políticos efectivamente observáveis como componentes da cultura política.

A complexidade desta problemática radica ainda na relação entre a cultura política e as estruturas políticas. O potencial explicativo da cultura política, entendida como variável independente, colide com concepções segundo as quais a cultura política é parte integrante das próprias estruturas políticas.

De igual forma, a relação entre a cultura política e as estruturas sociais é passível de várias abordagens. Se o entendimento mais comum é de que as estruturas sociais condicionam a cultura política, este consenso é ferido relativamente ao grau —e inclusivamente, ao sentido— desta relação. Também o posicionamento teórico daqueles que se propõem abordar a questão, acaba por condicionar o entendimento da supra-referida relação, indo da simples correlação defendida pelos funcionalistas, a uma relação determinante baseada nas assimetrias sociais, como defendem os teóricos conflitualistas.

A cultura política, na sua dimensão subjectiva, aparece ainda relacionada com outras dimensões subjectivas da sociedade (facto que segundo os autores tem sido descurado como problema teórico).

---

<sup>264</sup> Gabriel ALMOND e Sidney VERBA, *The Civic Culture*, Sage Publications, London, 1989, pág. 12.

Entre a cultura política na sua dimensão subjectiva e os comportamentos políticos objectivamente expressos, desenha-se uma relação que não é estanque, mas aberta e sujeita ao “ruído” de factores situacionais: “toca-se aqui uma problemática geral vivamente discutida pela psicologia social contemporânea, a saber, em que medida e condições o comportamento é o resultado de atitudes, crenças etc., e em que medida e condições é determinado por constelações “situacionais” fora do controlo do indivíduo ou grupo.”<sup>265</sup> Face ao potencial de influência assumido pela cultura política, convém sublinhar que se desconhece —e não é factor de consenso— a sua consistência ou permeabilidade à mudança.

Nas suas múltiplas dimensões —cognitiva, avaliativa e afectiva— o conceito de cultura política permanece de difícil operacionalização.

Perante este quadro, a nossa abordagem não pode ser mais do que uma abordagem superficial.

O potencial explicativo da cultura política é contestado por Manuel Vilaverde Cabral ao afirmar que “a menos que fizéssemos a hipótese de os cidadãos pertencerem a uma cultura cívica societalmente distinta da cultura dos governantes, não se pode atribuir a uma específica *cultura dos governados* a explicação da distância que estes sentem relativamente ao poder político; por outras palavras, a cultura das elites governantes constitui também parte da explicação para este sentimento difuso de distanciamento perante o poder político manifestado pela grande maioria da população.”<sup>266</sup>

Para Manuel Vilaverde Cabral, a explicação para o distanciamento político num “défice comunicacional entre governantes e go-

---

<sup>265</sup> Franz-HEIMER, Jorge VALA, J. M. Leite VIEGAS, *op. cit.*, pág. 14.

<sup>266</sup> Manuel Vilaverde CABRAL, “O Exercício da Cidadania Política em Portugal”, in *Análise Social*, vol. XXXV, nº 154-155, 2000, pág. 110.

vernados”<sup>267</sup>, o que não pode deixar de actualizar a problemática do abstencionismo diferencial. É caso para perguntarmos se não deveria ser a comunicação, a nível local, mais efectiva.

Acreditamos, como Mozzicafredo, que a explicação para o abstencionismo diferencial deve ser procurada ao nível local. O carácter instrumental e imediatista da acção camarária transmite aos governados uma imagem de impotência perante os problemas mais importantes que afectam a sociedade a nível local. A politização de algumas acções empreendidas e a exacerbação de conflitos partidários e ideológicos retiram importância e legitimidade material ao poder autárquico. O forte fechamento político do partido no poder, a nível local, não permite dar voz à diversidade das exigências dos governados que não se revêm nele. O poder local é uma forma da elite política, social e económica aumentar o seu poder, a sua representatividade e apropriar-se de recursos económicos municipais, o que potencia as relações de clientelismo. A motivação eleitoral acaba por fazer-se preferencialmente, quando não exclusivamente, junto dos grupos mais próximos do poder. As decisões e acções políticas locais —relativamente às quais os munícipes se orientam preferencialmente, conferindo legitimidade— acabam por ser feridas na sua componente democrática. Talvez sejam os grupos detentores de um maior nível de instrução e a desempenharem cargos de nível superior, como vimos no nosso estudo, aqueles que melhor racionalizam este problema, levando-os a tomar uma posição activa através daquela que é, tradicionalmente, uma atitude passiva: a abstenção.

Para concluir, afirmamos, parafraseando Mozzicafredo, que o abstencionismo diferencial é uma questão de legitimidade, porque os governantes adoptam uma legitimação pelo procedimento e os gover-

---

<sup>267</sup> Manuel Vilaverde CABRAL, *Ibidem*.



nados privilegiam a legitimação em função do conteúdo ou resultado da acção política, criando uma tensão crítica.

Acrescentamos, contudo, que o abstencionismo diferencial é, também, uma questão de cultura política: da cultura política dos governados e da cultura política dos governantes, e da relação de cada uma delas com as estruturas do poder.

Esta asserção leva-nos de volta ao início do nosso trabalho e permite-nos fechar assim um ciclo, questionando a própria relação do cidadão com a democracia.

Quando um cidadão afirma numa consulta pública —que para todos os efeitos, representa um dos raros momentos de participação política que lhe são concedidos— “É tudo política. Façam um sorteio”<sup>268</sup>, como é que podemos interpretar esta afirmação? Significará que —ao contrário do que os teóricos das escolhas racionais defendem<sup>269</sup>— existe um grau elevado de irracionalidade na actividade política?

De alguma forma, a actividade política e as decisões tomadas são consideradas pelos cidadãos como um domínio do arbítrio. Não é apenas a relação dos cidadãos com os seus representantes que está em causa, mas a relação dos cidadãos com a esfera do “político”, cuja acção não legitimam.

Ao contrário do que se poderia pensar, o abstencionismo, enquanto ausência de acção participativa, não constitui, por si só, um factor negativo.

Ao pronunciar-se acerca do carácter negativista das utopias contemporâneas, António Marques Bessa afirma que “não é o conformismo que sugere mundos piores: é o cepticismo rebelde aos dados

---

<sup>268</sup> Afirmação proferida por um residente de Pinhal Novo, durante a audiência pública sobre o Estudo Preliminar de Impacte Ambiental do novo aeroporto de Lisboa, in *O Setubalense*, n.º 2727, de 16 de Abril de 1999.

<sup>269</sup> Cfr. Anthony DOWNS, *op. cit.*, pp. 51-76.

sociais, a insatisfação com o mundo como dado intelectual, a crítica intencional ao estado de coisas, que passa obviamente pela identificação e apreciação da minoria dirigente.”<sup>270</sup> Se a actividade política é uma actividade injustificada e injustificável, ao ponto de sugerir que uma decisão seja tomada por sorteio, o que distinguirá a justiça e a justeza da actividade política democrática de qualquer forma de governo monolítico?

Talvez a resposta se encontre no esgotamento das energias utópicas. Como afirma Habermas, “hoje afigura-se que as energias utópicas estão consumidas como se se tivessem retirado do pensar histórico. O horizonte do futuro contraiu-se e transformou profundamente o espírito da época bem como a política.”<sup>271</sup>

Crítico de uma postura pós-modernista, Habermas defende que aquilo que vemos fenecer a nossos olhos, mais não é do que o fim de uma determinada utopia, construída em torno do trabalho e da respectiva emancipação. A apropriação por parte do Estado do projecto social emergente dos movimentos de emancipação burgueses —o Estado democrático— estaria na origem da actual situação das sociedades. O programa do Estado Social “que se alimenta da utopia social do trabalho perde a capacidade de esboçar alternativas futuras de uma vida colectivamente melhor e menos ameaçada.”<sup>272</sup>

---

<sup>270</sup> António Marques BESSA, *Utopia*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1998, pág. 219.

<sup>271</sup> Jürgen HABERMAS, “A Nova Opacidade: A Crise do Estado-Providência e o Esgotamento da Energias utópicas”, in *Revista de Comunicação e Linguagens*, Nº 2, Dezembro de 1985, pág. 116.

<sup>272</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 118. Cfr. também Claus Offe que afirma: “Caso venham a tornar-se dominantes os mecanismos de direccionamento concretos, baseados no poder político estatal, o que está em jogo é a *desintegração* sistêmica de uma estrutura social cuja identidade é determinada pela abstracção da força de trabalho e da troca de equivalentes. Essa sociedade não consegue mais se organizar e reproduzir enquanto relação entre mercadorias e seus proprietários. Por isso, ela assume um modo de organização voltado para operações concretas de ordenamento político, sem oferecer a garantia de que esse modo de organização se deixe subordinar funcionalmente à dominação do capital.” Claus OFFE, *op. cit.*, pág. 189.

O problema do Estado social continua a ser a neutralização de conflitos de classe e o apaziguamento social<sup>273</sup>. Fazendo das eleições a sua fonte de legitimação e dos sindicatos a sua base social de apoio, o êxito da acção estatal depende da capacidade negocial e intervencionista do Estado. A perversão do Estado social acontece porque “o compromisso do Estado social e o apaziguamento do antagonismo entre as classes devem ser alcançados de modo que o poder do Estado democraticamente legitimado seja usado para proteger e controlar o processo de crescimento capitalista.”<sup>274</sup> Para o autor, só as interven-

---

<sup>273</sup> A contradição fundamental do capitalismo avançado é interpretada por Claus Offe como o confronto de duas formas de capital distintas: o capital individual —que procura fazer valer os seus interesses empíricos— e o capital global —que procura consagrar o interesse comum. Assim, “a partir do ponto de vista do *capital individual*, a gênese e a expansão do trabalho “concreto” ao lado do trabalho assalariado, isto é, a absorção de parcelas de valor favorecendo a receita do Estado em vez de somar-se ao capital variável, e o trabalho consumidor de valor em vez de trabalho gerador de valor, são uma fonte constante de irritação e aparecem como um desperdício parasitário. As unidades individuais de capital esforçar-se-ão, por isso mesmo, por reduzir o volume desse “desperdício” ou pelo menos procurarão fazer com que o trabalho concreto seja submetido a mecanismos que aumentem e facilitem a produção de mais-valia das unidades individuais de capital. Em contraste, do ponto de vista do “capital global”, e de suas condições de funcionamento, ou seja, de um ponto de vista abstracto e ideal, não representado na acção de nenhum bloco isolado de capital, o crescimento contínuo e mais que proporcional do trabalho concreto, improdutivo em termos de capital, é um requisito importante. As necessidades gerais da manutenção do sistema crescem com o volume dos processos de socialização, que não podem, por sua vez, ser organizadas no mercado sem gerar contradições; tais necessidades se tornam, por isso mesmo, cada vez mais objecto do trabalho social concreto, não mediatizado pela forma-mercadoria. Entre a perspectiva dos capitais individuais e a perspectiva do “interesse bem compreendido” do capital global (que no entanto não é compreendida por nenhuma unidade do capital) existe, portanto, antagonismo: o que para um lado aparece como o confisco parasitário do valor gerado pelo trabalho assalariado, ameaçando com isso o processo de valorização do capital, revela-se, para o outro lado, como o requisito imprescindível desse processo.” Claus OFFE, *op. cit.*, pág. 185. O autor sintetiza esta ideia da seguinte forma: “os métodos institucionais para resolver a contradição entre os interesses empíricos e as condições funcionais objectivas do capital geram, no entanto, consequências que deixam por sua vez transparecer a precariedade do “estado de equilíbrio” alcançado (...) coloca-se a questão de como evitar a contradição, agora sempre possível, entre o interesse objectivo global do capital, por um lado, e o uso dos direitos políticos democrático-burgueses e as reivindicações feitas pela massa dos cidadãos, por outro.” Claus OFFE, *op. cit.*, pág. 186.

<sup>274</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 119.

ções estatais asseguram a compatibilização entre a democracia e o capitalismo.

As dificuldades de resposta de um Estado social sobrecarregado e as necessidades de responder às reivindicações capitalistas —pois só um nível óptimo de bem-estar económico pode garantir as transferências do Estado— fazem perigar a sua base social de apoio: “os estratos eleitorais móveis em sentido ascendente, que foram quem mais directamente aproveitou com o desenvolvimento do Estado social, podem, em épocas de crise, desenvolver uma mentalidade de defesa dos direitos adquiridos.”<sup>275</sup>

Este reajustamento da base eleitoral afecta principalmente os tradicionais “partidos de classe”, ao mesmo tempo que os sindicatos vêm a sua acção enfraquecida pelo decréscimo do associativismo. O novo recurso do Estado social para garantir a sua intervenção e, até, a própria autonomia do sistema político face ao sistema económico, foi o parlamentarismo. Com uma consequência: o reforço do poder<sup>276</sup>. “Os programas sociais do Estado fazem largo uso desse *medium* para alcançarem força de lei e para poderem ser financiados pelo orçamento do Estado e implementados no mundo da vida dos seus beneficiários. Assim, uma rede cada vez mais espessa de normas jurídicas, de burocracias estatais e para-estatais cobre o quotidiano dos clientes potenciais e de facto.”<sup>277</sup> A pesada rede normativa tem sobre os cidadãos uma função de controlo que Habermas qualifica de “violência

---

<sup>275</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 120.

<sup>276</sup> Também neste sentido, Maria José Stock refere-se a “cidadãos usados como simples consumidores passivos de poder, sofrendo de um estatuto de menoridade.” Maria José STOCK, “A Ciência Política e a Emergência de uma Nova Cidadania: do *Areópago* à *Ágora*”, Oração de Sapiência, Universidade Lusíada, Lisboa, 21 de Março de 1998, pág. 26 (Policopiado).

<sup>277</sup> Jürgen HABERMAS, *op. cit.*, pág. 121.

reificante e subjectivante”<sup>278</sup>. É nesta rede de malha apertada que se consubstancia a nova opacidade do Estado.

No esgotamento das energias utópicas podemos encontrar resposta para a apatia política, para a despolitização, para a aparente leviandade ou inacção de quem sugere um sorteio como forma de alcançar uma decisão política. E arriscamo-nos a afirmar que é na dependência das intervenções estatais que se encontra a explicação para o diferencial abstencionista que favorece as eleições legislativas.

---

<sup>278</sup> Jürgen HABERMAS, *Ibidem*. Cfr. também Jürgen HABERMAS, *Teoria dell' Agire Comunicativo*, II, il Mulino, Bologna, pp. 953 e ss.

## BIBLIOGRAFIA

### 1. BIBLIOGRAFIA GENÉRICA

ALCOVER, Pilar Giménez, *El Derecho en la Teoria de la Sociedad de Niklas Luhmann*, Barcelona, J. Bosch Editora, 1993.

ASSOUN, Paul-Laurent, *A Escola de Frankfurt*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1989.

ARON, *Essais sur les Libertés*, Hachette Littératures, Paris, 1998.

BEER, Samuel H., ULAM, Adam B. (org.), *Patterns of Government*, Random House, New York, 1966.

BESSA, António Marques, *Utopia — Uma Visão da Engenharia de Sonhos*, Publicações Europa-América, Mem Martins, 1998.

BOTTOMORE, T. B., *A Sociologia como Crítica Social*, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1976.

BRAUD, Philippe, *Introdução à Ciência Política*, Lisboa, Editorial Notícias, 1984.

CÂMARA, João Bettencourt da, “A III Revolução Industrial e o Caso Português”, in *Portugal face à III Revolução Industrial— seminário dos 80*, ISCSP, Lisboa, 1986.

CANOTILHO, José Joaquim Gomes, *Estado de Direito*, Lisboa, Edição Gradiva, 1999.

CARDOSO, António Lopes, *Os Sistemas Eleitorais*, Edições Salamandra, Lisboa, 1993.

CASTORIADIS, Cornelius, *A Ascensão da Insignificância*, Lisboa, Editorial Bizâncio, 1998.

CASTORIADIS, Cornelius, *Figuras do Pensável*, Lisboa, Instituto Piaget, 2000.

COT, Jean-Pierre e MOUNIER, Jean-Pierre, *Para uma Sociologia Política*, Amadora, Livraria Bertrand, 1976.

CRUZ, Manuel Braga da, *Instituições Políticas e Processos Sociais*, Bertrand Editora, Lisboa, 1995.

CRUZ, Manuel Braga da, *Transições Históricas e Reformas Políticas em Portugal*, Editorial Bizâncio, Lisboa, 1999.

DAHRENDORF, Ralf, *El Conflicto Social Moderno*, Barcelona, Biblioteca Mondadori, 1993.

DOMENACH, Jean-Marie, *Des Idées pour la Politique*, Paris, Éditions du Seuil, 1988.

DUVERGER, Maurice, *Sociologia Política*, Rio de Janeiro, Companhia Editôra Forense, 1968.

FERNANDES, António Teixeira, *Os Fenómenos Políticos - Sociologia do Poder*, Porto, Edições Afrontamento, 1998.

FINKIELKRAUT, Alain, *A Humanidade Perdida*, Porto, Edições ASA, 1997.

FOUCAULT, Michel, *Il Faut Défendre La Société*, Paris, Seuil/Gallimard, 1997.

GIDDENS, Anthony, *Política, Sociología Y Teoria Social*, Barcelona, Paidós, 1997.

HABERMAS, Jürgen, *La Reconstrucción del Materialismo Histórico*, Madrid, Taurus Ediciones, 1981.

HABERMAS, Jürgen, *Técnica e Ciência como «Ideologia»*, Lisboa, Edições 70, 1987.

HABERMAS, Jürgen, *O Discurso Filosófico da Modernidade*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1990.

HABERMAS, Jürgen, *La Inclusión del Outro*, Barcelona, Paidós, 1999.

HABERMAS, Jürgen, *La Necesidad de Revisión de la Izquierda*, Madrid, Tecnos, 1996.

HABERMAS, Jürgen, *La Paix Perpétuelle*, Paris, éditions du cerf, 1996.



HABERMAS, Jürgen, “A Nova Opacidade: A Crise do Estado-Providência e o Esgotamento das Energias Utópicas”, *Revista de Comunicação e Linguagens*, nº 2, Dezembro de 1985, pp. 115-128.

HABERMAS, Jürgen, RAWLS, John, *Débat sur la Justice Politique*, Paris, éditions du cerf, 1997.

HIRSCHMAN, Albert O., *O Pensamento Conservador*, Lisboa, Difel, 1997.

IZUZQIZA, Ignacio, *La Sociedad sin Hombres – Niklas Luhmann o la Teoria como Escándalo*; Barcelona, Anthropos, 1990.

LIPSET, Martin Seymour, *Consenso e Conflito*, Lisboa, Gradiva – Publicações Ltd, 1992.

LYOTARD, Jean-François, *A Condição Pós-Moderna*, Lisboa, Gradiva, 1989.

MORA, G. Fernandez de la, *O Crepúsculo das Ideologias*, Ulisseia, 1973.

MOREIRA, Adriano, “Nota Prévia Sobre a Ideia de Revolução”, in *Portugal face à III revolução Industrial — Seminário dos 80*, ISCSP, Lisboa, 1986.

MOUFFE, Chantal, *O Regresso do Político*, Lisboa, Gradiva – Publicações Ltd, 1996.

OFFE, Claus, *Problemas Estruturais do Estado Capitalista*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1984.

OPELLO, Walter C., jr. *Portugal Political Development – A Comparative Approach*, Westview Press, Boulder and London, 1985.

PANIKKAR, Raimon, *El Espíritu de la Política*, Barcelona, Ediciones Península, 1999.

POLIN, Raymond, *Iniciação Política - O Homem e o Estado*, Mem Martins, Publicações Europa- América, 1976.

SANTOS, Boaventura de Sousa, *A Crítica da Razão Indolente*, Edições Afrontamento, Porto, 2000.

SCHWARTZENBERG, Roger-Gérard, *Sociologia Política*, S. Paulo - Rio de Janeiro, Difel, 1979.

SKINNER, Quentin (dir), *As Ciências Humanas e os seus Grandes Pensadores*, Lisboa, publicações D. Quixote, 1992.

STERNHELL, Zeev (Org.), *O Eterno Retorno*, Lisboa Bizâncio, ,1999.

STOCK Maria José, “A Ciência Política e a Emergência de uma Nova Cidadania: do *Areópago* à *Ágora*”, *Oração de Sapiência*, (Policopiado), Universidade Lusíada, Lisboa, 21 de Março de 1998, pág. 26.

TAR, Zoltán, *A Escola de Francoforte*, Lisboa, edições 70, s.d.

TOURAINÉ, Alain, *Crítica da Modernidade*, Lisboa, Instituto Piaget, 1994.

ZIPPELIUS, Reinhold , *Teoria Geral do Estado*, Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian, 1997.

## 2. BIBLIOGRAFIA TEMÁTICA

### 2. 1. Sobre ABSTENÇÃO E PARTICIPAÇÃO ELEITORAL

AAVV, *Comportamiento Político y Electoral*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, 1995.

AGUIAR, Joaquim, “Eleições, Configurações e Clivagens: os Resultados Eleitorais de 1995”, in *Análise Social*, volume XXXV, nº 154-155, Julho A Setembro de 2000, pp. 54 - 84.

ALMEIDA, João Ferreira de, “Classes Sociais, Votos e Poder: um Espaço Camponês”, in *Análise Social*, nº 84, 3ª série, vol.XX, 5º, 1984, pp 583-619.

BACALHAU, Mário, “Mobilidade e Transferência de Voto Através das Sondagens”, in *Portugal – O Sistema Político e Constitucional*, 1974-1987, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 1989, pp. 237-256.

BUTLER, D. E., *Estudio del Comportamiento Político*, Madrid, Tecnos , 1964.

BRUSSET, Jean, e THOMAS, Jean-Pierre H., “Étude des Itinéraires de Participation”, in *Révue Française de Science Politique*, vol. XXI, nº3, Fondation Nationale des Sciences Politiques, Juin 1971.

CABRAL, Manuel Villaverde, “O Exercício da Cidadania em Portugal”, in *Análise Social*, volume XXXV, nº 154-155, Julho A Setembro de 2000, pp. 84 - 114.

CAUTRÈS, Bruno, “Mobilité Sociale et Comportement Électoral: Modèles Sociologiques et Modélisations Statistiques”, in *Revue Française de Sociologie*, XXXVI -1, 1995, pp 185-224.

CHERKAOUI, Mohamed, “Mobilité Sociale et Comportement Électoral: axinomie des Modèles de Relations”, in *Revue Française de Sociologie*, XXVI-1, 1995, pp. 171-183.

CRUZ, Manuel Braga da, “A Revisão Falhada do Sistema Eleitoral”, in *Análise Social*, volume XXXV, nº 154-155, Julho A Setembro de 2000, pp. 45 - 54.

FÀBREGAS, Joan Font, “La Abstencion Electoral en Espana: Certezas e Interrogantes”, in *Revista Espanola de Investigaciones Sociológicas*, nº 71-72, Centro de Investigaciones Sociológicas, Julio-Diciembre de 1995.

FERNANDES, António Teixeira, “Poder Autárquico e Poderes Difusos”, in *Sociologia*, I Série, Vol. III, Porto, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 1993, pp. 7- 31.

FERNANDES, António Teixeira, “Poder Autárquico e Poder Regional”, in *Sociologia*, I Série, Vol. III, Porto, Faculdade de Letras, Universidade do Porto, 1993, pp. 35- 50.

FREIRE, André, “Participação e Abstenção nas Eleições Legislativas Portuguesas, 1975-1995”, in *Análise Social*, volume XXXV, nº 154-155, Julho A Setembro de 2000, pp. 115 - 146.

GANHÃO, Maria Teresa, “Para uma Compreensão do Abstencionismo Político”, in *Forum Sociológico*, Nº 1, Lisboa, I.E.D.S., pp.47- 58.

GASPAR, Jorge, e ANDRÉ, Isabel, “Portugal – Geografia Eleitoral: 1975 e 1987”, in *Portugal – O Sistema Político e Constitucional*, 1974-1987, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 1989, pp. 257-278.

GUERRA, Isabel Pimentel, “Poder Local - Reprodução ou Inovação?”, in *Sociologia - Problemas e Práticas*, nº 1, ISCTE, 1986, pp 55 -65.

JUSTEL, Manuel, *La abstención Electoral en Espana, 1977-1993*, Madrid, Centro de Investigaciones Sociológicas, 1995.

JUSTEL, “Composición y Dinámica de la Abstención Electoral en España”, in *Comportamiento Político y Electoral*, Centro de Investigaciones Sociológicas, Madrid, 1995.

LANCELOT, Alain, *L' Abstentionnisme Électoral en France*, Paris, Armand Colin, 1968.

LIPSET, Martin Seymour , *L' Homme et la Politique*, Paris, Éditions du Seuil, 1960.

LOBO, Marina Costa, “Governos Partidários numa Democracia Recente: Portugal, 1976-1995”, in *Análise Social*, volume XXXV, nº 154-155, Julho A Setembro de 2000, pp. 144-174.

LOPES, Fernando Farelo, “Eleições e Estabilidade Política”, in *Sociologia- Problemas e Práticas*, nº 3, ISCTE, 1986, pp 111- 121.

MARTINS, Manuel Meirinho, *As Eleições Autárquicas e o Poder dos Cidadãos*, Lisboa, Veja, 1997.

MONTARGIL, Filipe F. Marques, *Determinantes Sociais da Abstenção Eleitoral (Análise da Eleição Legislativa de 1991)*, (Policopiado), I.S.C.T.E., 1995.

PEREIRA, André Gonçalves, “Sistema Eleitoral e Sistema de Governo”, in *Portugal – O Sistema Político e Constitucional, 1974-1987*, Instituto de Ciências Sociais, Lisboa, 1989, pp. 279-290.

RUIVO, Fernando, “Local e Política em Portugal”, in *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 30, Julho de 1990.

SÁ, Luis, *Eleições e Igualdade de Oportunidades*, Lisboa, Editorial Caminho, 1992.

SÁ, Luis, *O Lugar da Assembleia da República no Sistema Político*, Lisboa, Editorial Caminho, 1994.

SÁ, Luis, *Razões do Poder Local*, Lisboa, Editorial Caminho, 1991.

SÁ, Luis, *Espaços de Poder e Democracia — Do Global ao Local no Limiar do século XXI*, Lisboa, Editorial Caminho, 1999.

SERRANO, Ana, *Poder Local*, Lisboa, Editorial Caminho, 1993.

SILVEIRA, Luís Nuno Espinha da (org.), *Poder Central, Poder Regional, Poder Local*, Lisboa, Edições Cosmos, 1997.

SOARES, Francisco e EVARISTO, Teresa, “Recenseamento Eleitoral: Disfuncionamentos e Novas Perspectivas”, in *Análise Social*, volume XXXV, nº 154-155, Julho A Setembro de 2000, pp. 25-44.

TURNER, Frederick C., “L' Opinion Publique et le Comportement Électoral”, in *Revue Internationale des Sciences Sociales*, nº 146, 1995, pp. 591-600.

## **2.2. Sobre DEMOCRACIA**

AGUIAR, Joaquim, “Sociedade Fragmentada e Clivagens Políticas”, in *Análise Social*, nº 108-109, 3ª série, vol. XXV, 4º e 5º, pp 545-587.

AGUIAR, Joaquim, “Democracia Pluralista, Partidos Políticos e Relação de Representação”, in *Análise Social*, nº 100, 3ª série, vol. XXIV, 1º, 1988, pp 59-76.

ANTUNES, Miguel Lobo, “A Assembleia da República e a Consolidação da Democracia em Portugal”, in *Análise Social*, nº 100, 3ª série, vol. XXIV, 1º, 1988, pp. 77-95.



ARBLASTER, Anthony, *A Democracia*, Lisboa, Editorial Estampa, 1988.

BARROSO, José Durão, “O Processo de Democratização em Portugal: uma Tentativa de Interpretação a partir de uma Perspectiva Sistémica”, in *Análise Social*, nº 95, 3ª série, vol XXIII, 1º, 1987, pp 15-36.

BERMEO, Nancy, *A Teoria da Democracia e as Realidades da Europa do Sul*, Algés, Difel, 2000.

BOBBIO, Norberto, *O Futuro da Democracia*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1998.

BOBBIO, Norberto, *A Teoria das Formas de Governo*, Universidade de Brasília, Brasília, 1980.

BOBBIO, Norbert , *La Duda y La Elección*, Barcelona, Paidós, 1998.

CÂMARA, João Bettencourt da, *Noites de San Casciano – Sobre a Melhor Forma de Governo*, Vega Universidade, Lisboa, 1997.

CRUZ, Manuel Braga da, “Sobre o Parlamento Português: Partidarização Parlamentar e Partidarização Partidária”, in *Análise Social*, nº 100, 3ª série, vol. XXIV, 1º, 1988, pp.97-125.

DAHL, Robert A, *Democracia*, Temas e Debates, Lisboa, 2000.

DAHRENDORF, Ralf, SARTORI, G., *Il Cittadino Totale - Partecipazione eguaglianza e libertà nelle democrazie d'oggi*, Torino, Centro de Ricerca e Documentazione Luigi Einaudi, 1977.

DOWNS, Anthony, *An Economic Theory of Democracy*, Harper & Row, New York, 1957.

ESPADA, João Carlos, *A Tradição da Liberdade*, Cascais, Principia, 1998.

HELD, David, *Modelos de Democracia*, Madrid, Alianza Universidad, 1993.

HELD, David, *La Democracia y el Orden global*, Barcelona, Paidós, 1997.

HERMENS, Ferdinand A., *La Democrazia Rappresentativa*, Vallechi Editore, 1968.

MANIN, Bernard, *Los principios del Gobierno Representativo*, Madrid Alianza Editorial, 1998.

MATOS, Luis Salgado de, "Significado e Consequências da Eleição do Presidente da República por Sufrágio Universal - o caso português", in *Análise Social*, nº 76, 3ª série, vol. XIX, 2º, 1983, pp.193-260.

OLIVEIRA, J. Tiago de, "O Sistema Eleitoral Português como forma de Representação", in *Análise Social*, nº 65, 2ª série, vol. XVII, 1º, 1981, pp 7-16.

OPELLO, Walter C., “O Parlamento Português: Análise Organizacional da Actividade Legislativa”, in *Análise Social*, nº 100, 3ª série, vol. XXIV, 1º, 1988, pp. 127-150.

PATEMAN, Carole, *Participation and Democratic Theory*, Cambridge, Cambridge University Press, 1970

SANTOS, Boaventura de Sousa, *Reinventar a Democracia*, Lisboa, Gradiva, 1998.

SANTOS, João de Almeida, *Paradoxos da Democracia*, Fenda Edições, 1988.

STOCK, Maria José, “A imagem dos Partidos na Consolidação Democrática em Portugal- Resultados de um Inquérito”, in *Análise Social*, nº 100, 3ª série, vol XXIV, 1º, 1988, pp 151-161.

VALLÈS, Josep M., BOSCH Agustí, *Sistemas Electorales y Gobierno Representativo*, Barcelona, Editorial Ariel, 1997.

VIEGAS, José Manuel Leite, REIS, Manuela, “Campesinato e Regime Democrático”, in *Sociologia - Problemas e Práticas*, Nº 5, 1988.

VITORINO, António, FERNANDES, Maria João de Brito, “A Representação da Crise Política em Portugal”, in *Análise Social*, volume XXXV, nº 154-155, Julho A Setembro de 2000, pp. 259 - 314.

### 2.3. Sobre LEGITIMIDADE

AGUIAR, Joaquim, “Partidos, Estruturas Patrimonialistas e Poder Funcional: a Crise de Legitimidade”, in *Análise Social*, nº 87-88-89, 3º-4º-5º, 1985, pp.759-783.

BARRADAS, Bernardina M. A., *Legitimidade e Emancipação – Elementos para uma compreensão da Teoria Crítica da sociedade de Jürgen Habermas*, Universidade de Évora, 1994.

BOBBIO, Norberto, *Contribucion a la Teoria del Derecho*, Fernando Torres-Editor, Valencia, 1980,

BLUMENBERG, *Legitimacy of the Modern Age*, Cambridge, M.I.T. Press, 1986.

CONNOLLY, William, *Legitimacy and the State*, Oxford, Basil Blackwell Publisher, 1984.

DENITCH, Bogdan (ed.), *Legitimation of Regimes - International Framework for Analysis*, London, International Sociological Association /ISA, SAGE Publications Ltd, 1977.

DOMINGOS, Emídio da Veiga, *Portugal Político - Análise das Instituições*, Lisboa, Edições Rolim, 1980.

HABERMAS, Jürgen, *Raison et Legitimité*, s. e., Paris, Ed. Payot, 1978.

LESTON-BANDEIRA, Cristina, “A Assembleia da República de 1976 a 1999. Da Legislação à Legitimação”, in *Análise Social*, volume XXXV, nº 154-155, Julho A Setembro de 2000, pp. 175 - 206.

MOZZICAFREDO, Juan e Outros, “Gestão Autárquica e Legitimidade no Sistema Político Local Português”, in *Sociologia-Problemas e Práticas*, nº 6, ISCTE, 1989, pp 51-80.

MOZZICAFREDO, Juan, e Outros, “o Grau Zero do Poder Local”, in *Sociologia-Problemas e Práticas*, Nº 4, Publicações Europa-América Mem Martins, 1986, pp. 45-59.

#### **2. 4. Sobre CULTURA POLÍTICA**

ALMEIDA, Pedro Tavares de, *Eleições e Caciquismo no Portugal Oitocentista (1868-1890)*, Lisboa, Difel, 1991.

ALMOND, Gabriel A., VERBA, Sidney, *The Civic Culture*, London, Sage Publications, 1989.

ALMOND, Gabriel A., VERBA, Sidney (Org.), *The Civic Culture Revisited*, London, Sage Publications, 1989.

BLONDEL, Jean, *Voters, Parties and Leaders*, Penguin Books, 1975.

CARDOSO, Fernanda Lima Lopes, *Referendo – Uma Questão Actual*, Lisboa, Publicações D. Quixote, 1992.

GIBBINS, *Contemporary Political Culture: Politics in a Post Modern Age*, London, Sage Publications, 1989.

HEIMER, Franz-Wilhelm, “Eleitorado e Atitudes face à democracia: Uma Nota de Pesquisa”, in *Sociologia -Problemas e Práticas*, nº 9, ISCTE, 1991, pp 139-159.

HEIMER, Franz, VALA, Jorge, e VIEGAS, José M. L., “Cultura Política”, in *Sociologia-Problemas e Práticas*, nº 8, ISCTE, 1990, pp 9-28.

HEIMER, Franz, VALA, Jorge, e VIEGAS, José M. L., “Padrões de Cultura Política em Portugal: Atitudes em Relação à Democracia”, in *Análise Social*, nº 105-106, 3ª série, vol XXV, 1º e 2º, 1990, pp. 31-56.

HUNTINGTON/NELSON, *No Easy Choices: Political Participation in Developing Countries*, Cambridge, Harvard University Press, 1976.

INGLEHART, *Culture Shift in Advanced Industrial Society*, Princeton University Press, 1990.

LOPES, Fernando Farelo, “Clientelismo, Crise de Participação e deslegitimação na I República”, in *Análise Social*, nº 111-4ª série, vol.XXVI, 2º, 1991, pp 401-415.

OPELLO, Walter C., “Administração Local e Cultura Política num Concelho Rural”, in *Análise Social*, nº 59, 2ª série, vol XV, 3º, 1979, pp 655-672.

MARSH, *Political Action in Europe and USA*, MacMillan, 1990.

SMITH; Anthony D., *A Identidade Nacional*, Lisboa, Gradiva, 1997.

STOCK, Maria José, “Regionalização, Democracia (Participativa) e Proxémia: Algumas Reflexões”, in *Economia e Sociologia*, nº 62, Évora, ISESE, 1996, pp 5-14.

VALA, Jorge, VIEGAS, José M. Leite, “Padrões de Valores Sócio-políticos em Meio Urbano”, *A Sociologia e a Sociedade Portuguesa na Viragem do Século*, Vol. II, Editorial Fragmentos, Lisboa, 1990, pp. 679-692.

## **2. 5. Sobre QUESTÕES METODOLÓGICAS**

AAVV, *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, s.d.

BOUDON, Raymond, *Os Métodos em Sociologia*, Lisboa, Edições Rolim, 1990.

DILLON, W. e GOLDSTEIN, M., *Multivariate Analysis*, New York, John Wiley & Sons, 1984.

HAIR Jr., Joseph F. et al., *Multivariate Data Analysis*, New York, MacMillan, 1992.

PEREIRA, Alexandre, *Guia Prático de Utilização do SPSS: Análise de Dados para Ciências Sociais e Psicologia*, Lisboa, Edições Sílabo, 1999.

PESTANA, Maria Helena e GAGEIRO, João Nunes, *Análise de Dados para Ciências Sociais: a Complementaridade do SPSS*, Lisboa, Edições Sílabo, 2000.

QUIVY, Raymond e CAMPENHOUDT, Luc Van, *Manual de Investigação em Ciências Sociais*, Lisboa, Gradiva- Publicações Ltd, 1992.

SILVA, Augusto Santos e PINTO, José Madureira, *Metodologia das Ciências Sociais*, Porto, Edições Afrontamento, 1986.



### 3. PUBLICAÇÕES ESTATÍSTICAS

STAPE, *Eleição para a Assembleia da República - 1976*, Lisboa, STAPE, INE, 1976.

STAPE, *Eleição Intercalar para a Assembleia da República - 1979*, Lisboa STAPE, INE, 1980.

STAPE, *Eleição da Assembleia da República - 1980*, Lisboa, STAPE, INE, s.d.

STAPE, *Eleição da Assembleia da República - 1983*, Lisboa, STAPE, INCM, 1983.

STAPE, *Eleição da Assembleia da República - 1985*, Lisboa, STAPE, INE, 1985.

STAPE, *Eleição da Assembleia da República - 1987*, Lisboa, STAPE, INE, 1987.

STAPE, *Eleição da Assembleia da República - 1991*, Lisboa, STAPE, INE, 1991.

STAPE, *Eleição da Assembleia da República - 1995*, Lisboa, STAPE, INE, 1995.

STAPE, *Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais - 1976*, Lisboa, STAPE, 1976.

STAPE, *Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais - 1979*, Lisboa, STAPE, 1979.

STAPE, *Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais - 1982*, Lisboa, STAPE, 1982.

STAPE, *Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais - 1985*, Lisboa, STAPE, 1985.

STAPE, *Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais - 1989*, Lisboa, STAPE, 1989.

STAPE, *Eleições para os Órgãos das Autarquias Locais - 1993*, Lisboa, STAPE, 1993.

MARKTEST, *Sales Index*, Lisboa, Marktteste, 1994.

#### 4. LEGISLAÇÃO

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, *Constituição da República Portuguesa*, 4ª Revisão — 1997, Assembleia da República, Lisboa, 1997.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei nº 49/90 de 24 de Agosto (Consultas directas aos cidadãos eleitores a nível local), *Diário da República*, I Série, Nº 195, de 24 de Agosto de 1990, pp. 3459-3464.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei nº 42/98 de 6 de Agosto (Lei das Finanças Locais), *Diário da República*, I Série —A, Nº 180/98, de 06 de Agosto de 1998, pp. 3776-3783.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA, Lei nº 3 – B/2000 de 4 de Abril (Lei das Finanças Locais), *Diário da República*, I Série —A, Nº 80 2º Suplemento, de 04 de Abril de 2000, pp. 1490-(102)—1490-(631).

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA , Lei nº 159/99 de 14 de Setembro (Lei Quadro de Transferência de Atribuições e Competências para as Autarquias Locais), *Diário da República*, I Série —A, Nº 215/99, de 14 de Setembro de 1999, pp. 6301-6307.

ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA , Lei nº 169/99 de 18 de Setembro (Lei Quadro de Competências e Regime Jurídico de Funcionamento dos Órgãos dos Municípios e das Freguesias), *Diário da República*, I série—A, Nº 219/99 de 18 de Setembro de 1999, pp. 6436-6457.

## 5. OUTRAS FONTES

<http://www.stape.pt/resultados.htm>

BARACHO, José Alfredo de Oliveira, “Teoria Geral dos Procedimentos de Exercício da Cidadania Perante a Administração Pública”,  
<http://www.reitoria.ufmg.br/pj/artigos/pag8.html>, (3 de Abril de 1998)

FERRAJOLI, Luigi, “O Estado Constitucional de Direito hoje: o Modelo e a sua Discrepância com a realidade”,  
<http://www.smmp.pt/estado.htm>, (3 de Abril de 1998)

JARDIM, Antonio de Ponte, “Comentários Sobre a Teoria da Ação em Habermas”,  
<http://www.msb.com.br/prociencia/vol1num1/habermas/habermas.htm>

KING, Loren A., “Notes on Inglehart, Almond and Verba, and PoliticalCulture”,  
<http://web.mit.edu/lking/www/writing/notes/pculture.html>, (23 de Março de 1998)

KING, Loren A., “Territory, Legitimacy and Liberalism in World Politics”,  
<http://web.mit.edu/afs/athena.mit.edu/user/l/k/lking/www/writing/unlib-abs.html>, (23 de Março de 1998)

# ANEXOS

## ANEXO I

# Cluster AR79 e Aut 79

## Case Processing Summary<sup>a</sup>

| Cases |         |         |         |       |         |
|-------|---------|---------|---------|-------|---------|
| Valid |         | Missing |         | Total |         |
| N     | Percent | N       | Percent | N     | Percent |
| 4     | 100,0   | 0       | ,0      | 4     | 100,0   |

a. Average Linkage (Between Groups)

## Proximity Matrix

| Case             | Squared Euclidean Distance |           |             |           |
|------------------|----------------------------|-----------|-------------|-----------|
|                  | 1:Alcácer do Sal           | 2:Setúbal | 3:Alandroal | 4:Évora   |
| 1:Alcácer do Sal |                            | 5131,052  | 3402,408    | 3023,958  |
| 2:Setúbal        | 5131,052                   |           | 14316,139   | 673,213   |
| 3:Alandroal      | 3402,408                   | 14316,139 |             | 10618,553 |
| 4:Évora          | 3023,958                   | 673,213   | 10618,553   |           |

This is a dissimilarity matrix

## Average Linkage (Between Groups)

### Agglomeration Schedule

| Stage | Cluster Combined |           | Coefficients | Stage Cluster First Appears |           | Next Stage |
|-------|------------------|-----------|--------------|-----------------------------|-----------|------------|
|       | Cluster 1        | Cluster 2 |              | Cluster 1                   | Cluster 2 |            |
| 1     | 2                | 4         | 673,213      | 0                           | 0         | 3          |
| 2     | 1                | 3         | 3402,408     | 0                           | 0         | 3          |
| 3     | 1                | 2         | 8272,426     | 2                           | 1         | 0          |

## Vertical Icicle

| Number of clusters | Case    |   |           |   |             |   |                  |
|--------------------|---------|---|-----------|---|-------------|---|------------------|
|                    | 4:Évora |   | 2:Setúbal |   | 3:Alandroal |   | 1:Alcácer do Sal |
| 1                  | X       | X | X         | X | X           | X | X                |
| 2                  | X       | X | X         |   | X           | X | X                |
| 3                  | X       | X | X         |   | X           |   | X                |

## Dendrogram

\* \* \* \* \* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \* \* \* \* \*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)

Rescaled Distance Cluster Combine

| C A S E        |     | 0                           | 5 | 10 | 15 | 20 | 25 |
|----------------|-----|-----------------------------|---|----|----|----|----|
| Label          | Num | +-----+-----+-----+-----+   |   |    |    |    |    |
| Setúbal        | 2   | -+-----+-----+              |   |    |    |    |    |
| Évora          | 4   | --+-----+-----+-----+-----+ |   |    |    |    |    |
| Alcácer do Sal | 1   | -----+-----+-----+-----+    |   |    |    |    |    |
| Alandroal      | 3   | -----+-----+-----+-----+    |   |    |    |    |    |



# Cluster com AR91 e Aut89

## Case Processing Summary<sup>a</sup>

| Cases |         |         |         |       |         |
|-------|---------|---------|---------|-------|---------|
| Valid |         | Missing |         | Total |         |
| N     | Percent | N       | Percent | N     | Percent |
| 4     | 100,0   | 0       | ,0      | 4     | 100,0   |

a. Average Linkage (Between Groups)

## Proximity Matrix

| Case             | Squared Euclidean Distance |           |             |          |
|------------------|----------------------------|-----------|-------------|----------|
|                  | 1:Alcácer do Sal           | 2:Setúbal | 3:Alandroal | 4:Évora  |
| 1:Alcácer do Sal |                            | 9448,655  | 1466,318    | 5517,895 |
| 2:Setúbal        | 9448,655                   |           | 15120,025   | 827,398  |
| 3:Alandroal      | 1466,318                   | 15120,025 |             | 9865,453 |
| 4:Évora          | 5517,895                   | 827,398   | 9865,453    |          |

This is a dissimilarity matrix

## Average Linkage (Between Groups)

### Agglomeration Schedule

| Stage | Cluster Combined |           | Coefficients | Stage Cluster First Appears |           | Next Stage |
|-------|------------------|-----------|--------------|-----------------------------|-----------|------------|
|       | Cluster 1        | Cluster 2 |              | Cluster 1                   | Cluster 2 |            |
| 1     | 2                | 4         | 827,398      | 0                           | 0         | 3          |
| 2     | 1                | 3         | 1466,318     | 0                           | 0         | 3          |
| 3     | 1                | 2         | 9988,008     | 2                           | 1         | 0          |

### Cluster Membership

| Case             | 2 Clusters |
|------------------|------------|
| 1:Alcácer do Sal | 1          |
| 2:Setúbal        | 2          |
| 3:Alandroal      | 1          |
| 4:Évora          | 2          |

### Vertical Icicle

|                    | Case    |   |           |   |             |   |                  |
|--------------------|---------|---|-----------|---|-------------|---|------------------|
|                    | 4:Évora |   | 2:Setúbal |   | 3:Alandroal |   | 1:Alcácer do Sal |
| Number of clusters |         |   |           |   |             |   |                  |
| 1                  | X       | X | X         | X | X           | X | X                |
| 2                  | X       | X | X         |   | X           | X | X                |
| 3                  | X       | X | X         |   | X           |   | X                |

### Dendrogram

\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)

Rescaled Distance Cluster Combine

| C A S E        |     | 0                                   | 5 | 10 | 15 | 20 | 25 |
|----------------|-----|-------------------------------------|---|----|----|----|----|
| Label          | Num | +-----+-----+-----+-----+-----+     |   |    |    |    |    |
| Setúbal        | 2   | -+-----+-----+-----+-----+-----+    |   |    |    |    |    |
| Évora          | 4   | --+-----+-----+-----+-----+-----+   |   |    |    |    |    |
| Alcácer do Sal | 1   | ----+-----+-----+-----+-----+-----+ |   |    |    |    |    |
| Alandroal      | 3   | ----+-----+-----+-----+-----+-----+ |   |    |    |    |    |

## ANEXO II

CLUSTER ABSTENÇÃO ASSEMBLEIA DA REPÚBLICA

\*\*\*\*\* PROXIMITIES\*\*\*\*\*

Data Information

4 unweighted cases accepted.  
0 cases rejected because of missing value.

Squared Euclidean measure used.

-----  
Squared Euclidean Dissimilarity Coefficient Matrix

| Case     | Alcácer | Setúbal | Alandroa |
|----------|---------|---------|----------|
| Setúbal  | 15,6600 |         |          |
| Alandroa | 28,5000 | 24,9400 |          |
| Évora    | 27,1800 | 14,7800 | 7,7800   |

-----

\* \* \* \* \* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \* \* \* \* \*

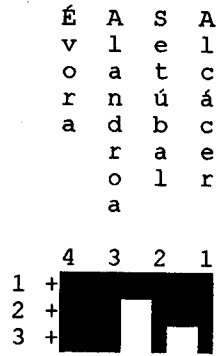
## Agglomeration Schedule using Average Linkage (Between Groups)

| Stage | Clusters<br>Cluster 1 | Combined<br>Cluster 2 | Coefficient | Stage Cluster<br>Cluster 1 | 1st Appears<br>Cluster 2 | Next<br>Stage |
|-------|-----------------------|-----------------------|-------------|----------------------------|--------------------------|---------------|
| 1     | 3                     | 4                     | 7,780000    | 0                          | 0                        | 3             |
| 2     | 1                     | 2                     | 15,660000   | 0                          | 0                        | 3             |
| 3     | 1                     | 3                     | 23,850000   | 2                          | 1                        | 0             |

\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Vertical Icicle Plot using Average Linkage (Between Groups)

(Down) Number of Clusters (Across) Case Label and number







CLUSTER ABSTENÇÃO CÂMARA MUNICIPAL

\*\*\*\*\* PROXIMITIES \*\*\*\*\*

Data Information

4 unweighted cases accepted.  
0 cases rejected because of missing value.

Squared Euclidean measure used.

-----  
Squared Euclidean Dissimilarity Coefficient Matrix

| Case     | Alcácer  | Setúbal  | Alandroa |
|----------|----------|----------|----------|
| Setúbal  | 362,6100 |          |          |
| Alandroa | 172,0300 | 737,8800 |          |
| Évora    | 94,4000  | 346,2900 | 195,2500 |

-----

\*\*\*\*\* HIERARCHICAL CLUSTER ANALYSIS \*\*\*\*\*

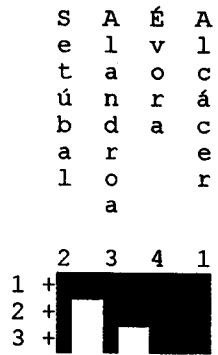
Agglomeration Schedule using Average Linkage (Between Groups)

| Stage | Clusters<br>Cluster 1 | Combined<br>Cluster 2 | Coefficient | Stage Cluster<br>Cluster 1 | 1st Appears<br>Cluster 2 | Next<br>Stage |
|-------|-----------------------|-----------------------|-------------|----------------------------|--------------------------|---------------|
| 1     | 1                     | 4                     | 94,400002   | 0                          | 0                        | 2             |
| 2     | 1                     | 3                     | 183,639999  | 1                          | 0                        | 3             |
| 3     | 1                     | 2                     | 482,260010  | 2                          | 0                        | 0             |

\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

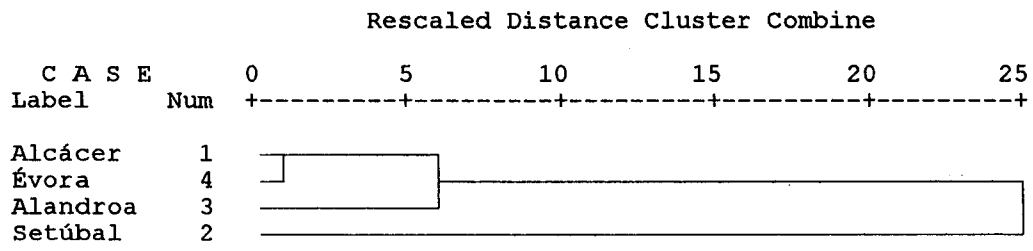
Vertical Icicle Plot using Average Linkage (Between Groups)

(Down) Number of Clusters (Across) Case Label and number



\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



CLUSTER ABSTENÇÃO ASSEMBLEIA MUNICIPAL

\*\*\*\*\* PROXIMITIES\*\*\*\*\*

Data Information

4 unweighted cases accepted.  
0 cases rejected because of missing value.

Squared Euclidean measure used.

-----  
Squared Euclidean Dissimilarity Coefficient Matrix

| Case     | Alcácer  | Setúbal  | Alandroa |
|----------|----------|----------|----------|
| Setúbal  | 351,9400 |          |          |
| Alandroa | 173,1200 | 735,4800 |          |
| Évora    | 93,8900  | 342,8300 | 195,2500 |

-----



\* \* \* \* \* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \* \* \* \* \*

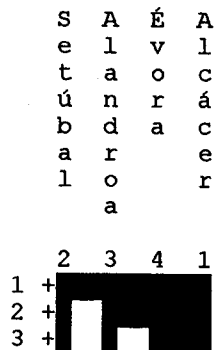
## Agglomeration Schedule using Average Linkage (Between Groups)

| Stage | Clusters<br>Cluster 1 | Combined<br>Cluster 2 | Coefficient | Stage Cluster<br>Cluster 1 | 1st Appears<br>Cluster 2 | Next<br>Stage |
|-------|-----------------------|-----------------------|-------------|----------------------------|--------------------------|---------------|
| 1     | 1                     | 4                     | 93,889999   | 0                          | 0                        | 2             |
| 2     | 1                     | 3                     | 184,184998  | 1                          | 0                        | 3             |
| 3     | 1                     | 2                     | 476,750000  | 2                          | 0                        | 0             |

\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

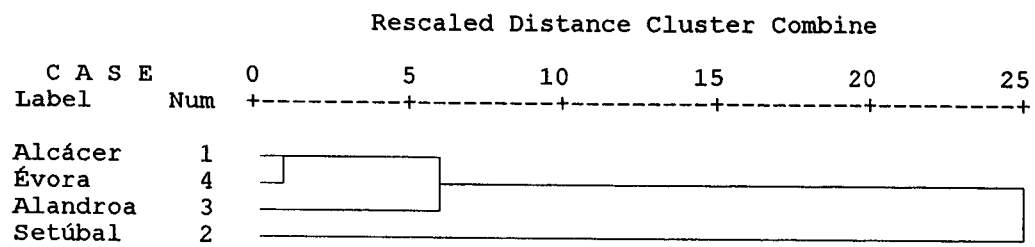
Vertical Icicle Plot using Average Linkage (Between Groups)

(Down) Number of Clusters (Across) Case Label and number



\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)



## ANEXO III

cluster indicadores de desenvolvimento markttest/91

\*\*\*\*\* PROXIMITIES \*\*\*\*\*

Data Information

4 unweighted cases accepted.  
0 cases rejected because of missing value.

Squared Euclidean measure used.

Squared Euclidean Dissimilarity Coefficient Matrix

| Case     | Alcácer   | Setúbal   | Alandroa  |
|----------|-----------|-----------|-----------|
| Setúbal  | 525,4504  |           |           |
| Alandroa | 1632,5284 | 2440,5132 |           |
| Évora    | 115,0528  | 421,8900  | 1316,4832 |

\* \* \* \* \* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \* \* \* \* \*

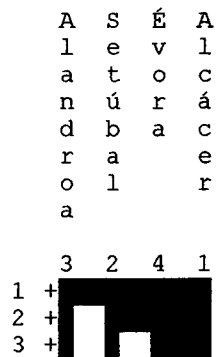
## Agglomeration Schedule using Average Linkage (Between Groups)

| Stage | Clusters<br>Cluster 1 | Combined<br>Cluster 2 | Coefficient | Stage Cluster<br>Cluster 1 | 1st Appears<br>Cluster 2 | Next<br>Stage |
|-------|-----------------------|-----------------------|-------------|----------------------------|--------------------------|---------------|
| 1     | 1                     | 4                     | 115,052803  | 0                          | 0                        | 2             |
| 2     | 1                     | 2                     | 473,670197  | 1                          | 0                        | 3             |
| 3     | 1                     | 3                     | 1796,508301 | 2                          | 0                        | 0             |

\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Vertical Icicle Plot using Average Linkage (Between Groups)

(Down) Number of Clusters (Across) Case Label and number

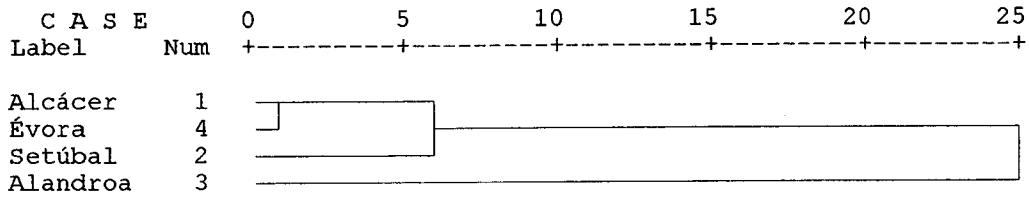




\*\*\*\*\* H I E R A R C H I C A L C L U S T E R A N A L Y S I S \*\*\*\*\*

Dendrogram using Average Linkage (Between Groups)

Rescaled Distance Cluster Combine



## ANEXO IV

## **Correlations total census 81**

**Correlations**

|              |                     | SEXOH    | SEXOM    | ID18_19 | ID20_39 | ID40_59 |
|--------------|---------------------|----------|----------|---------|---------|---------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | 1,000    | -1,000** | -,372   | -,037   | -,171   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,        | ,000     | ,628    | ,963    | ,829    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -1,000** | 1,000    | ,372    | ,037    | ,171    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,000     | ,        | ,628    | ,963    | ,829    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,372    | ,372     | 1,000   | -,813   | ,926    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,628     | ,628     | ,       | ,187    | ,074    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,037    | ,037     | -,813   | 1,000   | -,970*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,963     | ,963     | ,187    | ,       | ,030    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,171    | ,171     | ,926    | -,970*  | 1,000   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,829     | ,829     | ,074    | ,030    | ,       |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,145     | -,145    | ,731    | -,991** | ,929    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,855     | ,855     | ,269    | ,009    | ,071    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SOL          | Pearson Correlation | -,840    | ,840     | ,816    | -,464   | ,656    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,160     | ,160     | ,184    | ,536    | ,344    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| CAS          | Pearson Correlation | ,786     | -,786    | -,863   | ,550    | -,728   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,214     | ,214     | ,137    | ,450    | ,272    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,054     | -,054    | ,778    | -,998** | ,956*   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,946     | ,946     | ,222    | ,002    | ,044    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| DIV          | Pearson Correlation | -,249    | ,249     | -,461   | ,886    | -,761   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,751     | ,751     | ,539    | ,114    | ,239    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,581    | ,581     | -,470   | ,834    | -,699   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,419     | ,419     | ,530    | ,166    | ,301    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,666     | -,666    | ,288    | -,753   | ,578    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,334     | ,334     | ,712    | ,247    | ,422    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SLE          | Pearson Correlation | ,118     | -,118    | ,878    | -,892   | ,905    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,882     | ,882     | ,122    | ,108    | ,095    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,050    | ,050     | -,636   | ,950*   | -,878   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,950     | ,950     | ,364    | ,050    | ,122    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,607    | ,607     | -,444   | ,816    | -,676   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,393     | ,393     | ,556    | ,184    | ,324    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,611    | ,611     | -,398   | ,811    | -,658   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,389     | ,389     | ,602    | ,189    | ,342    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,669    | ,669     | -,425   | ,743    | -,612   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,331     | ,331     | ,575    | ,257    | ,388    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |

**Correlations**

|                 |                     | SEXOH | SEXOM | ID18_19 | ID20_39 | ID40_59 |
|-----------------|---------------------|-------|-------|---------|---------|---------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,752 | ,752  | -,332   | ,616    | -,485   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,248  | ,248  | ,668    | ,384    | ,515    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,736 | ,736  | -,352   | ,650    | -,517   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,264  | ,264  | ,648    | ,350    | ,483    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,614 | ,614  | -,472   | ,799    | -,672   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,386  | ,386  | ,528    | ,201    | ,328    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| TPContapp       | Pearson Correlation | ,363  | -,363 | ,705    | -,920   | ,852    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,637  | ,637  | ,295    | ,080    | ,148    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,790  | -,790 | -,446   | -,150   | -,094   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,210  | ,210  | ,554    | ,850    | ,906    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,580 | ,580  | -,328   | ,800    | -,630   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,420  | ,420  | ,672    | ,200    | ,370    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | ,701  | -,701 | -,169   | -,434   | ,204    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,299  | ,299  | ,831    | ,566    | ,796    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,928 | ,928  | ,293    | -,082   | ,226    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,072  | ,072  | ,707    | ,918    | ,774    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,367  | -,367 | ,711    | -,906   | ,843    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,633  | ,633  | ,289    | ,094    | ,157    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,303 | ,303  | -,746   | ,939    | -,883   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,697  | ,697  | ,254    | ,061    | ,117    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | -,221 | ,221  | ,826    | -,957*  | ,964*   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,779  | ,779  | ,174    | ,043    | ,036    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| Desempregada    | Pearson Correlation | ,048  | -,048 | ,890    | -,781   | ,834    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,952  | ,952  | ,110    | ,219    | ,166    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,048 | ,048  | -,890   | ,781    | -,834   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,952  | ,952  | ,110    | ,219    | ,166    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,711 | ,711  | -,331   | ,729    | -,569   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,289  | ,289  | ,669    | ,271    | ,431    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,776 | ,776  | -,290   | ,625    | -,476   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,224  | ,224  | ,710    | ,375    | ,524    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,509 | ,509  | -,480   | ,874    | -,737   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,491  | ,491  | ,520    | ,126    | ,263    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,566 | ,566  | -,516   | ,835    | -,715   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,434  | ,434  | ,484    | ,165    | ,285    |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |

Correlations

|          |                     | SEXOH   | SEXOM  | ID18_19 | ID20_39 | ID40_59 |
|----------|---------------------|---------|--------|---------|---------|---------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,667   | ,667   | -,421   | ,752    | -,618   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,333    | ,333   | ,579    | ,248    | ,382    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,576    | -,576  | ,392    | -,826   | ,669    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,424    | ,424   | ,608    | ,174    | ,331    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,150   | ,150   | -,159   | ,647    | -,504   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,850    | ,850   | ,841    | ,353    | ,496    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,088   | ,088   | -,553   | ,914    | -,823   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,912    | ,912   | ,447    | ,086    | ,177    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | ,085    | -,085  | ,836    | -,992** | ,967*   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,915    | ,915   | ,164    | ,008    | ,033    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | -,991** | ,991** | ,250    | ,141    | ,058    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,009    | ,009   | ,750    | ,859    | ,942    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | ,585    | -,585  | -,859   | ,786    | -,881   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,415    | ,415   | ,141    | ,214    | ,119    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | -,585   | ,585   | ,859    | -,786   | ,881    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,415    | ,415   | ,141    | ,214    | ,119    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | ,790    | -,790  | -,629   | ,516    | -,632   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,210    | ,210   | ,371    | ,484    | ,368    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | -,790   | ,790   | ,629    | -,516   | ,632    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,210    | ,210   | ,371    | ,484    | ,368    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | ,790    | -,790  | -,629   | ,516    | -,632   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,210    | ,210   | ,371    | ,484    | ,368    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | -,790   | ,790   | ,629    | -,516   | ,632    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,210    | ,210   | ,371    | ,484    | ,368    |
|          | N                   | 4       | 4      | 4       | 4       | 4       |

**Correlations**

|              |                     | ID60+   | SOL     | CAS     | VIUVOS  | DIV   |
|--------------|---------------------|---------|---------|---------|---------|-------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | ,145    | -,840   | ,786    | ,054    | -,249 |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,855    | ,160    | ,214    | ,946    | ,751  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -,145   | ,840    | -,786   | -,054   | ,249  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,855    | ,160    | ,214    | ,946    | ,751  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| ID18_19      | Pearson Correlation | ,731    | ,816    | -,863   | ,778    | -,461 |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,269    | ,184    | ,137    | ,222    | ,539  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,991** | -,464   | ,550    | -,998** | ,886  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,009    | ,536    | ,450    | ,002    | ,114  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| ID40_59      | Pearson Correlation | ,929    | ,656    | -,728   | ,956*   | -,761 |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,071    | ,344    | ,272    | ,044    | ,239  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| ID60+        | Pearson Correlation | 1,000   | ,351    | -,442   | ,996**  | -,933 |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,       | ,649    | ,558    | ,004    | ,067  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| SOL          | Pearson Correlation | ,351    | 1,000   | -,995** | ,435    | -,135 |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,649    | ,       | ,005    | ,565    | ,865  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| CAS          | Pearson Correlation | -,442   | -,995** | 1,000   | -,522   | ,224  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,558    | ,005    | ,       | ,478    | ,776  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,996**  | ,435    | -,522   | 1,000   | -,914 |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,004    | ,565    | ,478    | ,       | ,086  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| DIV          | Pearson Correlation | -,933   | -,135   | ,224    | -,914   | 1,000 |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,067    | ,865    | ,776    | ,086    | ,     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,884   | ,078    | ,021    | -,839   | ,845  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,116    | ,922    | ,979    | ,161    | ,155  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,828    | -,233   | ,135    | ,772    | -,870 |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,172    | ,767    | ,865    | ,228    | ,130  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| SLE          | Pearson Correlation | ,860    | ,440    | -,517   | ,863    | -,627 |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,140    | ,560    | ,483    | ,137    | ,373  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,967*  | -,360   | ,444    | -,968*  | ,973* |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,033    | ,640    | ,556    | ,032    | ,027  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,869   | ,109    | -,010   | -,822   | ,836  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,131    | ,891    | ,990    | ,178    | ,164  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,872   | ,136    | -,037   | -,823   | ,871  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,128    | ,864    | ,963    | ,177    | ,129  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,791   | ,163    | -,069   | -,740   | ,719  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,209    | ,837    | ,931    | ,260    | ,281  |
|              | N                   | 4       | 4       | 4       | 4       | 4     |

**Correlations**

|                 |                     | ID60+ | SOL   | CAS   | VIUVOS | DIV   |
|-----------------|---------------------|-------|-------|-------|--------|-------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,667 | ,274  | -,186 | -,608  | ,581  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,333  | ,726  | ,814  | ,392   | ,419  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,702 | ,251  | -,161 | -,644  | ,622  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,298  | ,749  | ,839  | ,356   | ,378  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,845 | ,100  | -,003 | -,799  | ,779  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,155  | ,900  | ,997  | ,201   | ,221  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| TPContapp       | Pearson Correlation | ,932  | ,192  | -,286 | ,910   | -,800 |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,068  | ,808  | ,714  | ,090   | ,200  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,280  | -,737 | ,680  | ,202   | -,550 |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,720  | ,263  | ,320  | ,798   | ,450  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,870 | ,154  | -,056 | -,822  | ,926  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,130  | ,846  | ,944  | ,178   | ,074  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | ,549  | -,516 | ,440  | ,482   | -,773 |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,451  | ,484  | ,560  | ,518   | ,227  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | ,007  | ,758  | -,721 | ,089   | -,017 |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,993  | ,242  | ,279  | ,911   | ,983  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,915  | ,192  | -,284 | ,893   | -,769 |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,085  | ,808  | ,716  | ,107   | ,231  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,943 | -,254 | ,346  | -,927  | ,801  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,057  | ,746  | ,654  | ,073   | ,199  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,931  | ,635  | -,705 | ,959*  | -,847 |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,069  | ,365  | ,295  | ,041   | ,153  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| Desempregada    | Pearson Correlation | ,729  | ,484  | -,548 | ,740   | -,440 |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,271  | ,516  | ,452  | ,260   | ,560  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,729 | -,484 | ,548  | -,740  | ,440  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,271  | ,516  | ,452  | ,260   | ,560  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,794 | ,241  | -,144 | -,736  | ,780  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,206  | ,759  | ,856  | ,264   | ,220  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,686 | ,311  | -,221 | -,623  | ,634  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,314  | ,689  | ,779  | ,377   | ,366  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,925 | ,024  | ,076  | -,886  | ,915  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,075  | ,976  | ,924  | ,114   | ,085  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,876 | ,044  | ,054  | -,834  | ,804  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,124  | ,956  | ,946  | ,166   | ,196  |
|                 | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |



Correlations

|          |                     | ID60+ | SOL   | CAS   | VIUVOS | DIV   |
|----------|---------------------|-------|-------|-------|--------|-------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,803 | ,164  | -,068 | -,751  | ,739  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,197  | ,836  | ,932  | ,249   | ,261  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,888  | -,116 | ,017  | ,842   | -,908 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,112  | ,884  | ,983  | ,158   | ,092  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,712 | -,025 | ,093  | -,696  | ,909  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,288  | ,975  | ,907  | ,304   | ,091  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,942 | -,289 | ,373  | -,939  | ,986* |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,058  | ,711  | ,627  | ,061   | ,014  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | ,980* | ,445  | -,532 | ,983*  | -,841 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,020  | ,555  | ,468  | ,017   | ,159  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | -,240 | ,764  | -,702 | -,152  | ,306  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,760  | ,236  | ,298  | ,848   | ,694  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | -,718 | -,877 | ,914  | -,779  | ,590  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,282  | ,123  | ,086  | ,221   | ,410  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | ,718  | ,877  | -,914 | ,779   | -,590 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,282  | ,123  | ,086  | ,221   | ,410  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | -,445 | -,872 | ,878  | -,519  | ,396  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,555  | ,128  | ,122  | ,481   | ,604  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | ,445  | ,872  | -,878 | ,519   | -,396 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,555  | ,128  | ,122  | ,481   | ,604  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | -,445 | -,872 | ,878  | -,519  | ,396  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,555  | ,128  | ,122  | ,481   | ,604  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | ,445  | ,872  | -,878 | ,519   | -,396 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,555  | ,128  | ,122  | ,481   | ,604  |
|          | N                   | 4     | 4     | 4     | 4      | 4     |

**Correlations**

|              |                     | SEPARADO | NSLNE   | SLE   | PRIMARIO | PREPARAT |
|--------------|---------------------|----------|---------|-------|----------|----------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | -,581    | ,666    | ,118  | -,050    | -,607    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,419     | ,334    | ,882  | ,950     | ,393     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SEXOM        | Pearson Correlation | ,581     | -,666   | -,118 | ,050     | ,607     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,419     | ,334    | ,882  | ,950     | ,393     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,470    | ,288    | ,878  | -,636    | -,444    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,530     | ,712    | ,122  | ,364     | ,556     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| ID20_39      | Pearson Correlation | ,834     | -,753   | -,892 | ,950*    | ,816     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,166     | ,247    | ,108  | ,050     | ,184     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,699    | ,578    | ,905  | -,878    | -,676    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,301     | ,422    | ,095  | ,122     | ,324     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| ID60+        | Pearson Correlation | -,884    | ,828    | ,860  | -,967*   | -,869    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,116     | ,172    | ,140  | ,033     | ,131     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SOL          | Pearson Correlation | ,078     | -,233   | ,440  | -,360    | ,109     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,922     | ,767    | ,560  | ,640     | ,891     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| CAS          | Pearson Correlation | ,021     | ,135    | -,517 | ,444     | -,010    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,979     | ,865    | ,483  | ,556     | ,990     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | -,839    | ,772    | ,863  | -,968*   | -,822    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,161     | ,228    | ,137  | ,032     | ,178     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| DIV          | Pearson Correlation | ,845     | -,870   | -,627 | ,973*    | ,836     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,155     | ,130    | ,373  | ,027     | ,164     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | 1,000    | -,975*  | -,806 | ,790     | 1,000**  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,        | ,025    | ,194  | ,210     | ,000     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| NSLNE        | Pearson Correlation | -,975*   | 1,000   | ,656  | -,774    | -,978*   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,025     | ,       | ,344  | ,226     | ,022     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SLE          | Pearson Correlation | -,806    | ,656    | 1,000 | -,712    | -,791    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,194     | ,344    | ,     | ,288     | ,209     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | ,790     | -,774   | -,712 | 1,000    | ,775     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,210     | ,226    | ,288  | ,        | ,225     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | 1,000**  | -,978*  | -,791 | ,775     | 1,000    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,000     | ,022    | ,209  | ,225     | ,        |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SecUnificado | Pearson Correlation | ,994**   | -,992** | -,744 | ,800     | ,995**   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,006     | ,008    | ,256  | ,200     | ,005     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SecComplem   | Pearson Correlation | ,979*    | -,939   | -,802 | ,656     | ,982*    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,021     | ,061    | ,198  | ,344     | ,018     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |

**Correlations**

|                 |                     | SEPARADO | NSLNE   | SLE    | PRIMARIO | PREPARAT |
|-----------------|---------------------|----------|---------|--------|----------|----------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | ,925     | -,882   | -,744  | ,503     | ,932     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,075     | ,118    | ,256   | ,497     | ,068     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | ,943     | -,903   | -,758  | ,546     | ,950     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,057     | ,097    | ,242   | ,454     | ,050     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| PATRAO          | Pearson Correlation | ,993**   | -,954*  | -,824  | ,726     | ,994**   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,007     | ,046    | ,176   | ,274     | ,006     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| TPContapp       | Pearson Correlation | -,956*   | ,870    | ,943   | -,814    | -,948    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,044     | ,130    | ,057   | ,186     | ,052     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | -,538    | ,710    | -,065  | -,341    | -,558    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,462     | ,290    | ,935   | ,659     | ,442     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | ,962*    | -,992** | -,654  | ,842     | ,963*    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,038     | ,008    | ,346   | ,158     | ,037     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,720    | ,857    | ,187   | -,604    | -,732    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,280     | ,143    | ,813   | ,396     | ,268     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | ,456     | -,477   | -,163  | -,175    | ,481     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,544     | ,523    | ,837   | ,825     | ,519     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | -,948    | ,855    | ,952*  | -,786    | -,940    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,052     | ,145    | ,048   | ,214     | ,060     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | ,938     | -,844   | -,956* | ,829     | ,928     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,062     | ,156    | ,044   | ,171     | ,072     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | -,653    | ,578    | ,773   | -,948    | -,629    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,347     | ,422    | ,227   | ,052     | ,371     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| Desempregada    | Pearson Correlation | -,682    | ,501    | ,975*  | -,548    | -,668    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,318     | ,499    | ,025   | ,452     | ,332     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| Empregada       | Pearson Correlation | ,682     | -,501   | -,975* | ,548     | ,668     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,318     | ,499    | ,025   | ,452     | ,332     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | ,986*    | -,980*  | -,723  | ,692     | ,990**   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,014     | ,020    | ,277   | ,308     | ,010     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | ,943     | -,920   | -,712  | ,542     | ,951*    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,057     | ,080    | ,288   | ,458     | ,049     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | ,989*    | -,977*  | -,780  | ,866     | ,986*    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,011     | ,023    | ,220   | ,134     | ,014     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | ,996**   | -,951*  | -,847  | ,762     | ,994**   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,004     | ,049    | ,153   | ,238     | ,006     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |

**Correlations**

|          |                     | SEPARADO | NSLNE  | SLE   | PRIMARIO | PREPARAT |
|----------|---------------------|----------|--------|-------|----------|----------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | ,985*    | -,949  | -,796 | ,674     | ,988*    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,015     | ,051   | ,204  | ,326     | ,012     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | -,985*   | ,993** | ,720  | -,837    | -,984*   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,015     | ,007   | ,280  | ,163     | ,016     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | ,585     | -,687  | -,255 | ,850     | ,578     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,415     | ,313   | ,745  | ,150     | ,422     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | ,779     | -,787  | -,642 | ,994**   | ,765     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,221     | ,213   | ,358  | ,006     | ,235     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | -,858    | ,759   | ,941  | -,907    | -,841    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,142     | ,241   | ,059  | ,093     | ,159     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,663     | -,724  | -,244 | ,123     | ,686     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,337     | ,276   | ,756  | ,877     | ,314     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | ,315     | -,210  | -,620 | ,759     | ,286     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,685     | ,790   | ,380  | ,241     | ,714     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | -,315    | ,210   | ,620  | -,759    | -,286    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,685     | ,790   | ,380  | ,241     | ,714     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | -,025    | ,084   | -,268 | ,566     | -,054    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,975     | ,916   | ,732  | ,434     | ,946     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | ,025     | -,084  | ,268  | -,566    | ,054     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,975     | ,916   | ,732  | ,434     | ,946     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | -,025    | ,084   | -,268 | ,566     | -,054    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,975     | ,916   | ,732  | ,434     | ,946     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | ,025     | -,084  | ,268  | -,566    | ,054     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,975     | ,916   | ,732  | ,434     | ,946     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |

**Correlations**

|              |                     | SecUnificado | SecComplem | MEDIO | SUPERIOR | PATRAO |
|--------------|---------------------|--------------|------------|-------|----------|--------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | -,611        | -,669      | -,752 | -,736    | -,614  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,389         | ,331       | ,248  | ,264     | ,386   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SEXOM        | Pearson Correlation | ,611         | ,669       | ,752  | ,736     | ,614   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,389         | ,331       | ,248  | ,264     | ,386   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,398        | -,425      | -,332 | -,352    | -,472  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,602         | ,575       | ,668  | ,648     | ,528   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ID20_39      | Pearson Correlation | ,811         | ,743       | ,616  | ,650     | ,799   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,189         | ,257       | ,384  | ,350     | ,201   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,658        | -,612      | -,485 | -,517    | -,672  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,342         | ,388       | ,515  | ,483     | ,328   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ID60+        | Pearson Correlation | -,872        | -,791      | -,667 | -,702    | -,845  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,128         | ,209       | ,333  | ,298     | ,155   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SOL          | Pearson Correlation | ,136         | ,163       | ,274  | ,251     | ,100   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,864         | ,837       | ,726  | ,749     | ,900   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| CAS          | Pearson Correlation | -,037        | -,069      | -,186 | -,161    | -,003  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,963         | ,931       | ,814  | ,839     | ,997   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | -,823        | -,740      | -,608 | -,644    | -,799  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,177         | ,260       | ,392  | ,356     | ,201   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| DIV          | Pearson Correlation | ,871         | ,719       | ,581  | ,622     | ,779   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,129         | ,281       | ,419  | ,378     | ,221   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | ,994**       | ,979*      | ,925  | ,943     | ,993** |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,006         | ,021       | ,075  | ,057     | ,007   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| NSLNE        | Pearson Correlation | -,992**      | -,939      | -,882 | -,903    | -,954* |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,008         | ,061       | ,118  | ,097     | ,046   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SLE          | Pearson Correlation | -,744        | -,802      | -,744 | -,758    | -,824  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,256         | ,198       | ,256  | ,242     | ,176   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | ,800         | ,656       | ,503  | ,546     | ,726   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,200         | ,344       | ,497  | ,454     | ,274   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | ,995**       | ,982*      | ,932  | ,950     | ,994** |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,005         | ,018       | ,068  | ,050     | ,006   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SecUnificado | Pearson Correlation | 1,000        | ,963*      | ,904  | ,924     | ,979*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,            | ,037       | ,096  | ,076     | ,021   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SecComplem   | Pearson Correlation | ,963*        | 1,000      | ,982* | ,991**   | ,995** |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,037         | ,          | ,018  | ,009     | ,005   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |

Correlations

|                 |                     | SecUnificado | SecComplem | MEDIO  | SUPERIOR | PATRAO |
|-----------------|---------------------|--------------|------------|--------|----------|--------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | ,904         | ,982*      | 1,000  | ,999**   | ,960*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,096         | ,018       | ,      | ,001     | ,040   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | ,924         | ,991**     | ,999** | 1,000    | ,973*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,076         | ,009       | ,001   | ,        | ,027   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| PATRAO          | Pearson Correlation | ,979*        | ,995**     | ,960*  | ,973*    | 1,000  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,021         | ,005       | ,040   | ,027     | ,      |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| TPContapp       | Pearson Correlation | -,924        | -,935      | -,870  | -,888    | -,957* |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,076         | ,065       | ,130   | ,112     | ,043   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | -,618        | -,501      | -,486  | -,499    | -,497  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,382         | ,499       | ,514   | ,501     | ,503   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | ,984*        | ,901       | ,822   | ,849     | ,928   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,016         | ,099       | ,178   | ,151     | ,072   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,789        | -,651      | -,593  | -,617    | -,668  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,211         | ,349       | ,407   | ,383     | ,332   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | ,451         | ,605       | ,734   | ,704     | ,528   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,549         | ,395       | ,266   | ,296     | ,472   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | -,912        | -,937      | -,879  | -,895    | -,955* |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,088         | ,063       | ,121   | ,105     | ,045   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | ,903         | ,911       | ,838   | ,858     | ,937   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,097         | ,089       | ,162   | ,142     | ,063   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | -,636        | -,521      | -,362  | -,404    | -,597  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,364         | ,479       | ,638   | ,596     | ,403   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| Desempregada    | Pearson Correlation | -,604        | -,711      | -,681  | -,686    | -,721  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,396         | ,289       | ,319   | ,314     | ,279   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| Empregada       | Pearson Correlation | ,604         | ,711       | ,681   | ,686     | ,721   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,396         | ,289       | ,319   | ,314     | ,279   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | ,986*        | ,987*      | ,957*  | ,970*    | ,987*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,014         | ,013       | ,043   | ,030     | ,013   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | ,932         | ,987*      | ,995** | ,997**   | ,968*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,068         | ,013       | ,005   | ,003     | ,032   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | ,992**       | ,938       | ,859   | ,884     | ,965*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,008         | ,062       | ,141   | ,116     | ,035   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | ,980*        | ,988*      | ,943   | ,958*    | ,998** |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,020         | ,012       | ,057   | ,042     | ,002   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |

**Correlations**

|          |                     | SecUnificado | SecComplem | MEDIO | SUPERIOR | PATRAO |
|----------|---------------------|--------------|------------|-------|----------|--------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | ,971*        | ,999**     | ,977* | ,987*    | ,997** |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,029         | ,001       | ,023  | ,013     | ,003   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | -,996**      | -,936      | -,864 | -,888    | -,960* |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,004         | ,064       | ,136  | ,112     | ,040   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | ,648         | ,418       | ,267  | ,313     | ,488   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,352         | ,582       | ,733  | ,687     | ,512   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | ,799         | ,637       | ,482  | ,527     | ,707   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,201         | ,363       | ,518  | ,473     | ,293   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | -,825        | -,790      | -,681 | -,710    | -,837  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,175         | ,210       | ,319  | ,290     | ,163   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,682         | ,753       | ,830  | ,815     | ,700   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,318         | ,247       | ,170  | ,185     | ,300   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | ,285         | ,177       | ,017  | ,056     | ,260   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,715         | ,823       | ,983  | ,944     | ,740   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | -,285        | -,177      | -,017 | -,056    | -,260  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,715         | ,823       | ,983  | ,944     | ,740   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | -,034        | -,190      | -,356 | -,315    | -,099  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,966         | ,810       | ,644  | ,685     | ,901   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | ,034         | ,190       | ,356  | ,315     | ,099   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,966         | ,810       | ,644  | ,685     | ,901   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | -,034        | -,190      | -,356 | -,315    | -,099  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,966         | ,810       | ,644  | ,685     | ,901   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | ,034         | ,190       | ,356  | ,315     | ,099   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,966         | ,810       | ,644  | ,685     | ,901   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |

Correlations

|              |                     | TPContapp | TFAMNREM | TPContadeoutrem | MembCooperativa |
|--------------|---------------------|-----------|----------|-----------------|-----------------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | ,363      | ,790     | -,580           | ,701            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,637      | ,210     | ,420            | ,299            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -,363     | -,790    | ,580            | -,701           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,637      | ,210     | ,420            | ,299            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ID18_19      | Pearson Correlation | ,705      | -,446    | -,328           | -,169           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,295      | ,554     | ,672            | ,831            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,920     | -,150    | ,800            | -,434           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,080      | ,850     | ,200            | ,566            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ID40_59      | Pearson Correlation | ,852      | -,094    | -,630           | ,204            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,148      | ,906     | ,370            | ,796            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,932      | ,280     | -,870           | ,549            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,068      | ,720     | ,130            | ,451            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SOL          | Pearson Correlation | ,192      | -,737    | ,154            | -,516           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,808      | ,263     | ,846            | ,484            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| CAS          | Pearson Correlation | -,286     | ,680     | -,056           | ,440            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,714      | ,320     | ,944            | ,560            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,910      | ,202     | -,822           | ,482            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,090      | ,798     | ,178            | ,518            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| DIV          | Pearson Correlation | -,800     | -,550    | ,926            | -,773           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,200      | ,450     | ,074            | ,227            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,956*    | -,538    | ,962*           | -,720           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,044      | ,462     | ,038            | ,280            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,870      | ,710     | -,992**         | ,857            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,130      | ,290     | ,008            | ,143            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SLE          | Pearson Correlation | ,943      | -,065    | -,654           | ,187            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,057      | ,935     | ,346            | ,813            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,814     | -,341    | ,842            | -,604           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,186      | ,659     | ,158            | ,396            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,948     | -,558    | ,963*           | -,732           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,052      | ,442     | ,037            | ,268            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,924     | -,618    | ,984*           | -,789           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,076      | ,382     | ,016            | ,211            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,935     | -,501    | ,901            | -,651           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,065      | ,499     | ,099            | ,349            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |



Correlations

|                 |                     | TPContapp | TFAMNREM | TPContadeoutrem | MembCooperativa |
|-----------------|---------------------|-----------|----------|-----------------|-----------------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,870     | -,486    | ,822            | -,593           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,130      | ,514     | ,178            | ,407            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,888     | -,499    | ,849            | -,617           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,112      | ,501     | ,151            | ,383            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,957*    | -,497    | ,928            | -,668           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,043      | ,503     | ,072            | ,332            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| TPContapp       | Pearson Correlation | 1,000     | ,270     | -,866           | ,502            |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,         | ,730     | ,134            | ,498            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,270      | 1,000    | -,697           | ,955*           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,730      | ,        | ,303            | ,045            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,866     | -,697    | 1,000           | -,865           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,134      | ,303     | ,               | ,135            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | ,502      | ,955*    | -,865           | 1,000           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,498      | ,045     | ,135            | ,               |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,306     | -,506    | ,362            | -,395           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,694      | ,494     | ,638            | ,605            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,999**    | ,243     | -,847           | ,471            |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,001      | ,757     | ,153            | ,529            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,998**   | -,222    | ,846            | -,465           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,002      | ,778     | ,154            | ,535            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,769      | ,023     | -,656           | ,318            |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,231      | ,977     | ,344            | ,682            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| Desempregada    | Pearson Correlation | ,857      | -,242    | -,485           | -,013           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,143      | ,758     | ,515            | ,987            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,857     | ,242     | ,485            | ,013            |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,143      | ,758     | ,515            | ,987            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,903     | -,627    | ,951*           | -,766           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,097      | ,373     | ,049            | ,234            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,866     | -,564    | ,866            | -,670           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,134      | ,436     | ,134            | ,330            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,942     | -,561    | ,983*           | -,760           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,058      | ,439     | ,017            | ,240            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,971*    | -,470    | ,932            | -,656           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,029      | ,530     | ,068            | ,344            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |

Correlations

|          |                     | TPContapp | TFAMNREM | TPContadeoutrem | MembCooperativa |
|----------|---------------------|-----------|----------|-----------------|-----------------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,936     | -,520    | ,915            | -,672           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,064      | ,480     | ,085            | ,328            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,909      | ,638     | -,995**         | ,816            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,091      | ,362     | ,005            | ,184            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,478     | -,648    | ,767            | -,807           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,522      | ,352     | ,233            | ,193            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,774     | -,421    | ,857            | -,669           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,226      | ,579     | ,143            | ,331            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | ,954*     | ,117     | -,792           | ,396            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,046      | ,883     | ,208            | ,604            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | -,471     | -,749    | ,637            | -,692           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,529      | ,251     | ,363            | ,308            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | -,508     | ,325     | ,306            | ,041            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,492      | ,675     | ,694            | ,959            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | ,508      | -,325    | -,306           | -,041           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,492      | ,675     | ,694            | ,959            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | -,150     | ,391     | ,034            | ,168            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,850      | ,609     | ,966            | ,832            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | ,150      | -,391    | -,034           | -,168           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,850      | ,609     | ,966            | ,832            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | -,150     | ,391     | ,034            | ,168            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,850      | ,609     | ,966            | ,832            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | ,150      | -,391    | -,034           | -,168           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,850      | ,609     | ,966            | ,832            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |

**Correlations**

|              |                     | OUTSITUA | Habit Rural | Habit Urb | ISOLADA |
|--------------|---------------------|----------|-------------|-----------|---------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | -,928    | ,367        | -,303     | -,221   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,072     | ,633        | ,697      | ,779    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SEXOM        | Pearson Correlation | ,928     | -,367       | ,303      | ,221    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,072     | ,633        | ,697      | ,779    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ID18_19      | Pearson Correlation | ,293     | ,711        | -,746     | ,826    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,707     | ,289        | ,254      | ,174    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,082    | -,906       | ,939      | -,957*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,918     | ,094        | ,061      | ,043    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ID40_59      | Pearson Correlation | ,226     | ,843        | -,883     | ,964*   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,774     | ,157        | ,117      | ,036    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,007     | ,915        | -,943     | ,931    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,993     | ,085        | ,057      | ,069    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SOL          | Pearson Correlation | ,758     | ,192        | -,254     | ,635    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,242     | ,808        | ,746      | ,365    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| CAS          | Pearson Correlation | -,721    | -,284       | ,346      | -,705   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,279     | ,716        | ,654      | ,295    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,089     | ,893        | -,927     | ,959*   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,911     | ,107        | ,073      | ,041    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| DIV          | Pearson Correlation | -,017    | -,769       | ,801      | -,847   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,983     | ,231        | ,199      | ,153    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | ,456     | -,948       | ,938      | -,653   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,544     | ,052        | ,062      | ,347    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| NSLNE        | Pearson Correlation | -,477    | ,855        | -,844     | ,578    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,523     | ,145        | ,156      | ,422    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SLE          | Pearson Correlation | -,163    | ,952*       | -,956*    | ,773    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,837     | ,048        | ,044      | ,227    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,175    | -,786       | ,829      | -,948   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,825     | ,214        | ,171      | ,052    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | ,481     | -,940       | ,928      | -,629   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,519     | ,060        | ,072      | ,371    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SecUnificado | Pearson Correlation | ,451     | -,912       | ,903      | -,636   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,549     | ,088        | ,097      | ,364    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SecComplem   | Pearson Correlation | ,605     | -,937       | ,911      | -,521   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,395     | ,063        | ,089      | ,479    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |

**Correlations**

|                 |                     | OUTSITUA | Habit Rural | Habit Urb | ISOLADA |
|-----------------|---------------------|----------|-------------|-----------|---------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | ,734     | -,879       | ,838      | -,362   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,266     | ,121        | ,162      | ,638    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | ,704     | -,895       | ,858      | -,404   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,296     | ,105        | ,142      | ,596    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PATRAO          | Pearson Correlation | ,528     | -,955*      | ,937      | -,597   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,472     | ,045        | ,063      | ,403    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| TPContapp       | Pearson Correlation | -,306    | ,999**      | -,998**   | ,769    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,694     | ,001        | ,002      | ,231    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | -,506    | ,243        | -,222     | ,023    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,494     | ,757        | ,778      | ,977    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | ,362     | -,847       | ,846      | -,656   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,638     | ,153        | ,154      | ,344    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,395    | ,471        | -,465     | ,318    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,605     | ,529        | ,535      | ,682    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | 1,000    | -,328       | ,249      | ,365    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,        | ,672        | ,751      | ,635    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | -,328    | 1,000       | -,996**   | ,747    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,672     | ,           | ,004      | ,253    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | ,249     | -,996**     | 1,000     | -,801   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,751     | ,004        | ,         | ,199    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,365     | ,747        | -,801     | 1,000   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,635     | ,253        | ,199      | ,       |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| Desempregada    | Pearson Correlation | -,175    | ,876        | -,873     | ,659    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,825     | ,124        | ,127      | ,341    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| Empregada       | Pearson Correlation | ,175     | -,876       | ,873      | -,659   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,825     | ,124        | ,127      | ,341    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | ,589     | -,897       | ,875      | -,518   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,411     | ,103        | ,125      | ,482    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | ,723     | -,871       | ,833      | -,378   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,277     | ,129        | ,167      | ,622    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | ,340     | -,928       | ,929      | -,726   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,660     | ,072        | ,071      | ,274    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | ,475     | -,968*      | ,955*     | -,645   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,525     | ,032        | ,045      | ,355    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |

**Correlations**

|          |                     | OUTSITUA | Habit Rural | Habit Urb | ISOLADA |
|----------|---------------------|----------|-------------|-----------|---------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | ,591     | -,936       | ,912      | -,534   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,409     | ,064        | ,088      | ,466    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | -,390    | ,894        | -,891     | ,670    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,610     | ,106        | ,109      | ,330    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,202    | -,434       | ,479      | -,688   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,798     | ,566        | ,521      | ,312    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,167    | -,743       | ,786      | -,915   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,833     | ,257        | ,214      | ,085    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | -,005    | ,946        | -,970*    | ,921    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,995     | ,054        | ,030      | ,079    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,936     | -,477       | ,414      | ,129    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,064     | ,523        | ,586      | ,871    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | -,660    | -,491       | ,559      | -,919   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,340     | ,509        | ,441      | ,081    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | ,660     | ,491        | -,559     | ,919    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,340     | ,509        | ,441      | ,081    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | -,896    | -,125       | ,207      | -,739   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,104     | ,875        | ,793      | ,261    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | ,896     | ,125        | -,207     | ,739    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,104     | ,875        | ,793      | ,261    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | -,896    | -,125       | ,207      | -,739   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,104     | ,875        | ,793      | ,261    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | ,896     | ,125        | -,207     | ,739    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,104     | ,875        | ,793      | ,261    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |

**Correlations**

|              |                     | Desemplegada | Empregada | GRUPO1 | GRUPO2 | GRUPO3 |
|--------------|---------------------|--------------|-----------|--------|--------|--------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | ,048         | -,048     | -,711  | -,776  | -,509  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,952         | ,952      | ,289   | ,224   | ,491   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -,048        | ,048      | ,711   | ,776   | ,509   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,952         | ,952      | ,289   | ,224   | ,491   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| ID18_19      | Pearson Correlation | ,890         | -,890     | -,331  | -,290  | -,480  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,110         | ,110      | ,669   | ,710   | ,520   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,781        | ,781      | ,729   | ,625   | ,874   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,219         | ,219      | ,271   | ,375   | ,126   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| ID40_59      | Pearson Correlation | ,834         | -,834     | -,569  | -,476  | -,737  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,166         | ,166      | ,431   | ,524   | ,263   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,729         | -,729     | -,794  | -,686  | -,925  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,271         | ,271      | ,206   | ,314   | ,075   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| SOL          | Pearson Correlation | ,484         | -,484     | ,241   | ,311   | ,024   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,516         | ,516      | ,759   | ,689   | ,976   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| CAS          | Pearson Correlation | -,548        | ,548      | -,144  | -,221  | ,076   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,452         | ,452      | ,856   | ,779   | ,924   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,740         | -,740     | -,736  | -,623  | -,886  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,260         | ,260      | ,264   | ,377   | ,114   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| DIV          | Pearson Correlation | -,440        | ,440      | ,780   | ,634   | ,915   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,560         | ,560      | ,220   | ,366   | ,085   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,682        | ,682      | ,986*  | ,943   | ,989*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,318         | ,318      | ,014   | ,057   | ,011   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,501         | -,501     | -,980* | -,920  | -,977* |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,499         | ,499      | ,020   | ,080   | ,023   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| SLE          | Pearson Correlation | ,975*        | -,975*    | -,723  | -,712  | -,780  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,025         | ,025      | ,277   | ,288   | ,220   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,548        | ,548      | ,692   | ,542   | ,866   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,452         | ,452      | ,308   | ,458   | ,134   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,668        | ,668      | ,990** | ,951*  | ,986*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,332         | ,332      | ,010   | ,049   | ,014   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,604        | ,604      | ,986*  | ,932   | ,992** |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,396         | ,396      | ,014   | ,068   | ,008   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,711        | ,711      | ,987*  | ,987*  | ,938   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,289         | ,289      | ,013   | ,013   | ,062   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |

Correlations

|                 |                     | Desemplegada | Empregada | GRUPO1 | GRUPO2 | GRUPO3 |
|-----------------|---------------------|--------------|-----------|--------|--------|--------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,681        | ,681      | ,957*  | ,995** | ,859   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,319         | ,319      | ,043   | ,005   | ,141   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,686        | ,686      | ,970*  | ,997** | ,884   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,314         | ,314      | ,030   | ,003   | ,116   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,721        | ,721      | ,987*  | ,968*  | ,965*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,279         | ,279      | ,013   | ,032   | ,035   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| TPContapp       | Pearson Correlation | ,857         | -,857     | -,903  | -,866  | -,942  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,143         | ,143      | ,097   | ,134   | ,058   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | -,242        | ,242      | -,627  | -,564  | -,561  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,758         | ,758      | ,373   | ,436   | ,439   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,485        | ,485      | ,951*  | ,866   | ,983*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,515         | ,515      | ,049   | ,134   | ,017   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,013        | ,013      | -,766  | -,670  | -,760  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,987         | ,987      | ,234   | ,330   | ,240   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,175        | ,175      | ,589   | ,723   | ,340   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,825         | ,825      | ,411   | ,277   | ,660   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,876         | -,876     | -,897  | -,871  | -,928  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,124         | ,124      | ,103   | ,129   | ,072   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,873        | ,873      | ,875   | ,833   | ,929   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,127         | ,127      | ,125   | ,167   | ,071   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,659         | -,659     | -,518  | -,378  | -,726  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,341         | ,341      | ,482   | ,622   | ,274   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| Desemplegada    | Pearson Correlation | 1,000        | -1,000**  | -,603  | -,629  | -,635  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,            | ,000      | ,397   | ,371   | ,365   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| Empregada       | Pearson Correlation | -1,000**     | 1,000     | ,603   | ,629   | ,635   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,000         | ,         | ,397   | ,371   | ,365   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,603        | ,603      | 1,000  | ,978*  | ,960*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,397         | ,397      | ,      | ,022   | ,040   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,629        | ,629      | ,978*  | 1,000  | ,888   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,371         | ,371      | ,022   | ,      | ,112   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,635        | ,635      | ,960*  | ,888   | 1,000  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,365         | ,365      | ,040   | ,112   | ,      |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,741        | ,741      | ,979*  | ,951*  | ,974*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,259         | ,259      | ,021   | ,049   | ,026   |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |

**Correlations**

|          |                     | Desemplegada | Empregada | GRUPO1 | GRUPO2 | GRUPO3  |
|----------|---------------------|--------------|-----------|--------|--------|---------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,699        | ,699      | ,991** | ,984*  | ,948    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,301         | ,301      | ,009   | ,016   | ,052    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,566         | -,566     | -,970* | -,899  | -,995** |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,434         | ,434      | ,030   | ,101   | ,005    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,038        | ,038      | ,533   | ,347   | ,694    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,962         | ,962      | ,467   | ,653   | ,306    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,464        | ,464      | ,690   | ,531   | ,861    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,536         | ,536      | ,310   | ,469   | ,139    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | ,849         | -,849     | -,760  | -,680  | -,879   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,151         | ,151      | ,240   | ,320   | ,121    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | -,178        | ,178      | ,780   | ,848   | ,587    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,822         | ,822      | ,220   | ,152   | ,413    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | -,561        | ,561      | ,151   | ,015   | ,400    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,439         | ,439      | ,849   | ,985   | ,600    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | ,561         | -,561     | -,151  | -,015  | -,400   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,439         | ,439      | ,849   | ,985   | ,600    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | -,213        | ,213      | -,187  | -,344  | ,090    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,787         | ,787      | ,813   | ,656   | ,910    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | ,213         | -,213     | ,187   | ,344   | -,090   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,787         | ,787      | ,813   | ,656   | ,910    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | -,213        | ,213      | -,187  | -,344  | ,090    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,787         | ,787      | ,813   | ,656   | ,910    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | ,213         | -,213     | ,187   | ,344   | -,090   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,787         | ,787      | ,813   | ,656   | ,910    |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4       |



**Correlations**

|              |                     | GRUPO4 | GRUPO5 | GRUPO6  | GRUPO7 | GRUPO8 |
|--------------|---------------------|--------|--------|---------|--------|--------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | -,566  | -,667  | ,576    | -,150  | -,088  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,434   | ,333   | ,424    | ,850   | ,912   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| SEXOM        | Pearson Correlation | ,566   | ,667   | -,576   | ,150   | ,088   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,434   | ,333   | ,424    | ,850   | ,912   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,516  | -,421  | ,392    | -,159  | -,553  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,484   | ,579   | ,608    | ,841   | ,447   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| ID20_39      | Pearson Correlation | ,835   | ,752   | -,826   | ,647   | ,914   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,165   | ,248   | ,174    | ,353   | ,086   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,715  | -,618  | ,669    | -,504  | -,823  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,285   | ,382   | ,331    | ,496   | ,177   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| ID60+        | Pearson Correlation | -,876  | -,803  | ,888    | -,712  | -,942  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,124   | ,197   | ,112    | ,288   | ,058   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| SOL          | Pearson Correlation | ,044   | ,164   | -,116   | -,025  | -,289  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,956   | ,836   | ,884    | ,975   | ,711   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| CAS          | Pearson Correlation | ,054   | -,068  | ,017    | ,093   | ,373   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,946   | ,932   | ,983    | ,907   | ,627   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | -,834  | -,751  | ,842    | -,696  | -,939  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,166   | ,249   | ,158    | ,304   | ,061   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| DIV          | Pearson Correlation | ,804   | ,739   | -,908   | ,909   | ,986*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,196   | ,261   | ,092    | ,091   | ,014   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | ,996** | ,985*  | -,985*  | ,585   | ,779   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,004   | ,015   | ,015    | ,415   | ,221   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| NSLNE        | Pearson Correlation | -,951* | -,949  | ,993**  | -,687  | -,787  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,049   | ,051   | ,007    | ,313   | ,213   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| SLE          | Pearson Correlation | -,847  | -,796  | ,720    | -,255  | -,642  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,153   | ,204   | ,280    | ,745   | ,358   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | ,762   | ,674   | -,837   | ,850   | ,994** |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,238   | ,326   | ,163    | ,150   | ,006   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | ,994** | ,988*  | -,984*  | ,578   | ,765   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,006   | ,012   | ,016    | ,422   | ,235   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| SecUnificado | Pearson Correlation | ,980*  | ,971*  | -,996** | ,648   | ,799   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,020   | ,029   | ,004    | ,352   | ,201   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| SecComplem   | Pearson Correlation | ,988*  | ,999** | -,936   | ,418   | ,637   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,012   | ,001   | ,064    | ,582   | ,363   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |

**Correlations**

|                 |                     | GRUPO4 | GRUPO5 | GRUPO6  | GRUPO7 | GRUPO8 |
|-----------------|---------------------|--------|--------|---------|--------|--------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | ,943   | ,977*  | -,864   | ,267   | ,482   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,057   | ,023   | ,136    | ,733   | ,518   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | ,958*  | ,987*  | -,888   | ,313   | ,527   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,042   | ,013   | ,112    | ,687   | ,473   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| PATRAO          | Pearson Correlation | ,998** | ,997** | -,960*  | ,488   | ,707   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,002   | ,003   | ,040    | ,512   | ,293   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| TPContapp       | Pearson Correlation | -,971* | -,936  | ,909    | -,478  | -,774  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,029   | ,064   | ,091    | ,522   | ,226   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | -,470  | -,520  | ,638    | -,648  | -,421  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,530   | ,480   | ,362    | ,352   | ,579   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | ,932   | ,915   | -,995** | ,767   | ,857   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,068   | ,085   | ,005    | ,233   | ,143   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,656  | -,672  | ,816    | -,807  | -,669  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,344   | ,328   | ,184    | ,193   | ,331   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | ,475   | ,591   | -,390   | -,202  | -,167  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,525   | ,409   | ,610    | ,798   | ,833   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | -,968* | -,936  | ,894    | -,434  | -,743  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,032   | ,064   | ,106    | ,566   | ,257   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | ,955*  | ,912   | -,891   | ,479   | ,786   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,045   | ,088   | ,109    | ,521   | ,214   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | -,645  | -,534  | ,670    | -,688  | -,915  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,355   | ,466   | ,330    | ,312   | ,085   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| Desempregada    | Pearson Correlation | -,741  | -,699  | ,566    | -,038  | -,464  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,259   | ,301   | ,434    | ,962   | ,536   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| Empregada       | Pearson Correlation | ,741   | ,699   | -,566   | ,038   | ,464   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,259   | ,301   | ,434    | ,962   | ,536   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | ,979*  | ,991** | -,970*  | ,533   | ,690   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,021   | ,009   | ,030    | ,467   | ,310   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | ,951*  | ,984*  | -,899   | ,347   | ,531   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,049   | ,016   | ,101    | ,653   | ,469   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | ,974*  | ,948   | -,995** | ,694   | ,861   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,026   | ,052   | ,005    | ,306   | ,139   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | 1,000  | ,991** | -,964*  | ,513   | ,741   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,      | ,009   | ,036    | ,487   | ,259   |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4      | 4      |

Correlations

|          |                     | GRUPO4 | GRUPO5 | GRUPO6 | GRUPO7 | GRUPO8 |
|----------|---------------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | ,991** | 1,000  | -,947  | ,447   | ,658   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,009   | ,      | ,053   | ,553   | ,342   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | -,964* | -,947  | 1,000  | -,711  | -,842  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,036   | ,053   | ,      | ,289   | ,158   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | ,513   | ,447   | -,711  | 1,000  | ,901   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,487   | ,553   | ,289   | ,      | ,099   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | ,741   | ,658   | -,842  | ,901   | 1,000  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,259   | ,342   | ,158   | ,099   | ,      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | -,869  | -,796  | ,829   | -,560  | -,862  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,131   | ,204   | ,171   | ,440   | ,138   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,656   | ,750   | -,643  | ,157   | ,150   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,344   | ,250   | ,357   | ,843   | ,850   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | ,319   | ,188   | -,323  | ,480   | ,712   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,681   | ,812   | ,677   | ,520   | ,288   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | -,319  | -,188  | ,323   | -,480  | -,712  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,681   | ,812   | ,677   | ,520   | ,288   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | -,038  | -,174  | -,024  | ,442   | ,540   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,962   | ,826   | ,976   | ,558   | ,460   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | ,038   | ,174   | ,024   | -,442  | -,540  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,962   | ,826   | ,976   | ,558   | ,460   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | -,038  | -,174  | -,024  | ,442   | ,540   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,962   | ,826   | ,976   | ,558   | ,460   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | ,038   | ,174   | ,024   | -,442  | -,540  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,962   | ,826   | ,976   | ,558   | ,460   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |

**Correlations**

|              |                     | GRUPO9  | GRUPO0  | ABSTAR79 | PARTAR79 | ABSTCM79 |
|--------------|---------------------|---------|---------|----------|----------|----------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | ,085    | -,991** | ,585     | -,585    | ,790     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,915    | ,009    | ,415     | ,415     | ,210     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -,085   | ,991**  | -,585    | ,585     | -,790    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,915    | ,009    | ,415     | ,415     | ,210     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| ID18_19      | Pearson Correlation | ,836    | ,250    | -,859    | ,859     | -,629    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,164    | ,750    | ,141     | ,141     | ,371     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,992** | ,141    | ,786     | -,786    | ,516     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,008    | ,859    | ,214     | ,214     | ,484     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| ID40_59      | Pearson Correlation | ,967*   | ,058    | -,881    | ,881     | -,632    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,033    | ,942    | ,119     | ,119     | ,368     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,980*   | -,240   | -,718    | ,718     | -,445    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,020    | ,760    | ,282     | ,282     | ,555     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| SOL          | Pearson Correlation | ,445    | ,764    | -,877    | ,877     | -,872    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,555    | ,236    | ,123     | ,123     | ,128     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| CAS          | Pearson Correlation | -,532   | -,702   | ,914     | -,914    | ,878     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,468    | ,298    | ,086     | ,086     | ,122     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,983*   | -,152   | -,779    | ,779     | -,519    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,017    | ,848    | ,221     | ,221     | ,481     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| DIV          | Pearson Correlation | -,841   | ,306    | ,590     | -,590    | ,396     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,159    | ,694    | ,410     | ,410     | ,604     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,858   | ,663    | ,315     | -,315    | -,025    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,142    | ,337    | ,685     | ,685     | ,975     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,759    | -,724   | -,210    | ,210     | ,084     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,241    | ,276    | ,790     | ,790     | ,916     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| SLE          | Pearson Correlation | ,941    | -,244   | -,620    | ,620     | -,268    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,059    | ,756    | ,380     | ,380     | ,732     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,907   | ,123    | ,759     | -,759    | ,566     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,093    | ,877    | ,241     | ,241     | ,434     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,841   | ,686    | ,286     | -,286    | -,054    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,159    | ,314    | ,714     | ,714     | ,946     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,825   | ,682    | ,285     | -,285    | -,034    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,175    | ,318    | ,715     | ,715     | ,966     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,790   | ,753    | ,177     | -,177    | -,190    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,210    | ,247    | ,823     | ,823     | ,810     |
|              | N                   | 4       | 4       | 4        | 4        | 4        |

Correlations

|                 |                     | GRUPO9 | GRUPO0 | ABSTAR79 | PARTAR79 | ABSTCM79 |
|-----------------|---------------------|--------|--------|----------|----------|----------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,681  | ,830   | ,017     | -,017    | -,356    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,319   | ,170   | ,983     | ,983     | ,644     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,710  | ,815   | ,056     | -,056    | -,315    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,290   | ,185   | ,944     | ,944     | ,685     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,837  | ,700   | ,260     | -,260    | -,099    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,163   | ,300   | ,740     | ,740     | ,901     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| TPContapp       | Pearson Correlation | ,954*  | -,471  | -,508    | ,508     | -,150    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,046   | ,529   | ,492     | ,492     | ,850     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,117   | -,749  | ,325     | -,325    | ,391     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,883   | ,251   | ,675     | ,675     | ,609     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,792  | ,637   | ,306     | -,306    | ,034     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,208   | ,363   | ,694     | ,694     | ,966     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | ,396   | -,692  | ,041     | -,041    | ,168     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,604   | ,308   | ,959     | ,959     | ,832     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,005  | ,936   | -,660    | ,660     | -,896    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,995   | ,064   | ,340     | ,340     | ,104     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,946   | -,477  | -,491    | ,491     | -,125    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,054   | ,523   | ,509     | ,509     | ,875     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,970* | ,414   | ,559     | -,559    | ,207     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,030   | ,586   | ,441     | ,441     | ,793     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,921   | ,129   | -,919    | ,919     | -,739    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,079   | ,871   | ,081     | ,081     | ,261     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| Desempregada    | Pearson Correlation | ,849   | -,178  | -,561    | ,561     | -,213    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,151   | ,822   | ,439     | ,439     | ,787     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,849  | ,178   | ,561     | -,561    | ,213     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,151   | ,822   | ,439     | ,439     | ,787     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,760  | ,780   | ,151     | -,151    | -,187    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,240   | ,220   | ,849     | ,849     | ,813     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,680  | ,848   | ,015     | -,015    | -,344    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,320   | ,152   | ,985     | ,985     | ,656     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,879  | ,587   | ,400     | -,400    | ,090     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,121   | ,413   | ,600     | ,600     | ,910     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,869  | ,656   | ,319     | -,319    | -,038    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,131   | ,344   | ,681     | ,681     | ,962     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |

**Correlations**

|          |                     | GRUPO9 | GRUPO0 | ABSTAR79 | PARTAR79 | ABSTCM79 |
|----------|---------------------|--------|--------|----------|----------|----------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,796  | ,750   | ,188     | -,188    | -,174    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,204   | ,250   | ,812     | ,812     | ,826     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,829   | -,643  | -,323    | ,323     | -,024    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,171   | ,357   | ,677     | ,677     | ,976     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,560  | ,157   | ,480     | -,480    | ,442     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,440   | ,843   | ,520     | ,520     | ,558     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,862  | ,150   | ,712     | -,712    | ,540     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,138   | ,850   | ,288     | ,288     | ,460     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | 1,000  | -,197  | -,743    | ,743     | -,440    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,      | ,803   | ,257     | ,257     | ,560     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | -,197  | 1,000  | -,501    | ,501     | -,748    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,803   | ,      | ,499     | ,499     | ,252     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | -,743  | -,501  | 1,000    | -1,000** | ,922     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,257   | ,499   | ,        | ,000     | ,078     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | ,743   | ,501   | -1,000** | 1,000    | -,922    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,257   | ,499   | ,000     | ,        | ,078     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | -,440  | -,748  | ,922     | -,922    | 1,000    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,560   | ,252   | ,078     | ,078     | ,        |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | ,440   | ,748   | -,922    | ,922     | -1,000** |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,560   | ,252   | ,078     | ,078     | ,000     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | -,440  | -,748  | ,922     | -,922    | 1,000**  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,560   | ,252   | ,078     | ,078     | ,000     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | ,440   | ,748   | -,922    | ,922     | -1,000** |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,560   | ,252   | ,078     | ,078     | ,000     |
|          | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |

**Correlations**

|              |                     | PARTCM79 | ABSTAM79 | PARTAM79 |
|--------------|---------------------|----------|----------|----------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | -,790    | ,790     | -,790    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,210     | ,210     | ,210     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| SEXOM        | Pearson Correlation | ,790     | -,790    | ,790     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,210     | ,210     | ,210     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| ID18_19      | Pearson Correlation | ,629     | -,629    | ,629     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,371     | ,371     | ,371     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,516    | ,516     | -,516    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,484     | ,484     | ,484     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| ID40_59      | Pearson Correlation | ,632     | -,632    | ,632     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,368     | ,368     | ,368     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,445     | -,445    | ,445     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,555     | ,555     | ,555     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| SOL          | Pearson Correlation | ,872     | -,872    | ,872     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,128     | ,128     | ,128     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| CAS          | Pearson Correlation | -,878    | ,878     | -,878    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,122     | ,122     | ,122     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,519     | -,519    | ,519     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,481     | ,481     | ,481     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| DIV          | Pearson Correlation | -,396    | ,396     | -,396    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,604     | ,604     | ,604     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | ,025     | -,025    | ,025     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,975     | ,975     | ,975     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| NSLNE        | Pearson Correlation | -,084    | ,084     | -,084    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,916     | ,916     | ,916     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| SLE          | Pearson Correlation | ,268     | -,268    | ,268     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,732     | ,732     | ,732     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,566    | ,566     | -,566    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,434     | ,434     | ,434     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | ,054     | -,054    | ,054     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,946     | ,946     | ,946     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| SecUnificado | Pearson Correlation | ,034     | -,034    | ,034     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,966     | ,966     | ,966     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |
| SecComplem   | Pearson Correlation | ,190     | -,190    | ,190     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,810     | ,810     | ,810     |
|              | N                   | 4        | 4        | 4        |

**Correlations**

|                 |                     | PARTCM79 | ABSTAM79 | PARTAM79 |
|-----------------|---------------------|----------|----------|----------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | ,356     | -,356    | ,356     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,644     | ,644     | ,644     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | ,315     | -,315    | ,315     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,685     | ,685     | ,685     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| PATRAO          | Pearson Correlation | ,099     | -,099    | ,099     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,901     | ,901     | ,901     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| TPContapp       | Pearson Correlation | ,150     | -,150    | ,150     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,850     | ,850     | ,850     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | -,391    | ,391     | -,391    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,609     | ,609     | ,609     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,034    | ,034     | -,034    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,966     | ,966     | ,966     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,168    | ,168     | -,168    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,832     | ,832     | ,832     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | ,896     | -,896    | ,896     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,104     | ,104     | ,104     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,125     | -,125    | ,125     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,875     | ,875     | ,875     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,207    | ,207     | -,207    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,793     | ,793     | ,793     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,739     | -,739    | ,739     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,261     | ,261     | ,261     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| Desempregada    | Pearson Correlation | ,213     | -,213    | ,213     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,787     | ,787     | ,787     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,213    | ,213     | -,213    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,787     | ,787     | ,787     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | ,187     | -,187    | ,187     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,813     | ,813     | ,813     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | ,344     | -,344    | ,344     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,656     | ,656     | ,656     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,090    | ,090     | -,090    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,910     | ,910     | ,910     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | ,038     | -,038    | ,038     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,962     | ,962     | ,962     |
|                 | N                   | 4        | 4        | 4        |



**Correlations**

|          |                     | PARTCM79 | ABSTAM79 | PARTAM79 |
|----------|---------------------|----------|----------|----------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | ,174     | -,174    | ,174     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,826     | ,826     | ,826     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,024     | -,024    | ,024     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,976     | ,976     | ,976     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,442    | ,442     | -,442    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,558     | ,558     | ,558     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,540    | ,540     | -,540    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,460     | ,460     | ,460     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | ,440     | -,440    | ,440     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,560     | ,560     | ,560     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,748     | -,748    | ,748     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,252     | ,252     | ,252     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| ABSTAR79 | Pearson Correlation | -,922    | ,922     | -,922    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,078     | ,078     | ,078     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| PARTAR79 | Pearson Correlation | ,922     | -,922    | ,922     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,078     | ,078     | ,078     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| ABSTCM79 | Pearson Correlation | -1,000** | 1,000**  | -1,000** |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,000     | ,000     | ,000     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| PARTCM79 | Pearson Correlation | 1,000    | -1,000** | 1,000**  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,        | ,000     | ,000     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| ABSTAM79 | Pearson Correlation | -1,000** | 1,000    | -1,000** |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,000     | ,        | ,000     |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |
| PARTAM79 | Pearson Correlation | 1,000**  | -1,000** | 1,000    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,000     | ,000     | ,        |
|          | N                   | 4        | 4        | 4        |

\*\* . Correlation is significant at the 0.01 level (2-tailed).

\* . Correlation is significant at the 0.05 level (2-tailed).

**CORRELAÇÕES TOTAIS CENSOS 91**

**Correlations**

|              |                     | SEXOH    | SEXOM    | ID18_19 | ID20_39 | ID40_59 |
|--------------|---------------------|----------|----------|---------|---------|---------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | 1,000    | -1,000** | -,201   | -,661   | -,012   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,        | ,000     | ,799    | ,339    | ,988    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -1,000** | 1,000    | ,201    | ,661    | ,012    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,000     | ,        | ,799    | ,339    | ,988    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,201    | ,201     | 1,000   | ,841    | ,963*   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,799     | ,799     | ,       | ,159    | ,037    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,661    | ,661     | ,841    | 1,000   | ,677    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,339     | ,339     | ,159    | ,       | ,323    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,012    | ,012     | ,963*   | ,677    | 1,000   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,988     | ,988     | ,037    | ,323    | ,       |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,420     | -,420    | -,972*  | -,942   | -,885   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,580     | ,580     | ,028    | ,058    | ,115    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SOL          | Pearson Correlation | ,611     | -,611    | -,713   | -,738   | -,700   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,389     | ,389     | ,287    | ,262    | ,300    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| CAS          | Pearson Correlation | -,573    | ,573     | ,524    | ,540    | ,556    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,427     | ,427     | ,476    | ,460    | ,444    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,147     | -,147    | -,927   | -,834   | -,826   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,853     | ,853     | ,073    | ,166    | ,174    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| DIV          | Pearson Correlation | -,324    | ,324     | ,961*   | ,924    | ,852    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,676     | ,676     | ,039    | ,076    | ,148    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,547    | ,547     | ,917    | ,987*   | ,785    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,453     | ,453     | ,083    | ,013    | ,215    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,551     | -,551    | -,762   | -,946   | -,559   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,449     | ,449     | ,238    | ,054    | ,441    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SLE          | Pearson Correlation | ,721     | -,721    | -,765   | -,879   | -,685   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,279     | ,279     | ,235    | ,121    | ,315    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | ,522     | -,522    | ,304    | -,192   | ,550    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,478     | ,478     | ,696    | ,808    | ,450    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,984*   | ,984*    | ,024    | ,523    | -,161   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,016     | ,016     | ,976    | ,477    | ,839    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,506    | ,506     | ,859    | ,970*   | ,689    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,494     | ,494     | ,141    | ,030    | ,311    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,635    | ,635     | ,744    | ,964*   | ,535    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,365     | ,365     | ,256    | ,036    | ,465    |
|              | N                   | 4        | 4        | 4       | 4       | 4       |

**Correlations**

|                 |                     | SEXOH  | SEXOM  | ID18_19 | ID20_39 | ID40_59 |
|-----------------|---------------------|--------|--------|---------|---------|---------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,745  | ,745   | ,514    | ,872    | ,264    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,255   | ,255   | ,486    | ,128    | ,736    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,753  | ,753   | ,652    | ,950*   | ,428    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,247   | ,247   | ,348    | ,050    | ,572    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,748  | ,748   | ,800    | ,978*   | ,656    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,252   | ,252   | ,200    | ,022    | ,344    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| TPContapp       | Pearson Correlation | ,610   | -,610  | -,737   | -,954*  | -,526   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,390   | ,390   | ,263    | ,046    | ,474    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,615   | -,615  | -,684   | -,712   | -,676   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,385   | ,385   | ,316    | ,288    | ,324    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,323  | ,323   | ,720    | ,831    | ,527    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,677   | ,677   | ,280    | ,169    | ,473    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,064  | ,064   | -,150   | -,274   | ,033    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,936   | ,936   | ,850    | ,726    | ,967    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,635  | ,635   | -,536   | ,005    | -,730   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,365   | ,365   | ,464    | ,995    | ,270    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,583   | -,583  | -,835   | -,986*  | -,656   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,417   | ,417   | ,165    | ,014    | ,344    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,552  | ,552   | ,855    | ,983*   | ,683    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,448   | ,448   | ,145    | ,017    | ,317    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,176   | -,176  | -,968*  | -,855   | -,885   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,824   | ,824   | ,032    | ,145    | ,115    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| Desempregada    | Pearson Correlation | ,952*  | -,952* | -,158   | -,544   | -,038   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,048   | ,048   | ,842    | ,456    | ,962    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,952* | ,952*  | ,158    | ,544    | ,038    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,048   | ,048   | ,842    | ,456    | ,962    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,640  | ,640   | ,732    | ,960*   | ,520    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,360   | ,360   | ,268    | ,040    | ,480    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,752  | ,752   | ,641    | ,945    | ,414    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,248   | ,248   | ,359    | ,055    | ,586    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,702  | ,702   | ,712    | ,967*   | ,498    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,298   | ,298   | ,288    | ,033    | ,502    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,627  | ,627   | ,794    | ,983*   | ,601    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,373   | ,373   | ,206    | ,017    | ,399    |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4       | 4       | 4       |

Correlations

|          |                     | SEXOH | SEXOM | ID18_19 | ID20_39 | ID40_59 |
|----------|---------------------|-------|-------|---------|---------|---------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,709 | ,709  | ,807    | ,998**  | ,635    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,291  | ,291  | ,193    | ,002    | ,365    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,563  | -,563 | -,645   | -,889   | -,415   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,437  | ,437  | ,355    | ,111    | ,585    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | ,847  | -,847 | -,549   | -,767   | -,462   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,153  | ,153  | ,451    | ,233    | ,538    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,596 | ,596  | ,223    | ,312    | ,268    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,404  | ,404  | ,777    | ,688    | ,732    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | ,500  | -,500 | -,711   | -,901   | -,498   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,500  | ,500  | ,289    | ,099    | ,502    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,124  | -,124 | -,545   | -,298   | -,688   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,876  | ,876  | ,455    | ,702    | ,312    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| ABSTAR91 | Pearson Correlation | -,126 | ,126  | ,365    | ,148    | ,525    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,874  | ,874  | ,635    | ,852    | ,475    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| PARTAR91 | Pearson Correlation | ,126  | -,126 | -,365   | -,148   | -,525   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,874  | ,874  | ,635    | ,852    | ,475    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| ABSTCM89 | Pearson Correlation | -,393 | ,393  | ,868    | ,753    | ,882    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,607  | ,607  | ,132    | ,247    | ,118    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| PARTCM89 | Pearson Correlation | ,393  | -,393 | -,868   | -,753   | -,882   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,607  | ,607  | ,132    | ,247    | ,118    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| ABSTAM89 | Pearson Correlation | -,376 | ,376  | ,885    | ,762    | ,898    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,624  | ,624  | ,115    | ,238    | ,102    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |
| PARTAM89 | Pearson Correlation | ,376  | -,376 | -,885   | -,762   | -,898   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,624  | ,624  | ,115    | ,238    | ,102    |
|          | N                   | 4     | 4     | 4       | 4       | 4       |

**Correlations**

|              |                     | ID60+  | SOL    | CAS    | VIUVOS | DIV    |
|--------------|---------------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | ,420   | ,611   | -,573  | ,147   | -,324  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,580   | ,389   | ,427   | ,853   | ,676   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -,420  | -,611  | ,573   | -,147  | ,324   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,580   | ,389   | ,427   | ,853   | ,676   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,972* | -,713  | ,524   | -,927  | ,961*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,028   | ,287   | ,476   | ,073   | ,039   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,942  | -,738  | ,540   | -,834  | ,924   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,058   | ,262   | ,460   | ,166   | ,076   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,885  | -,700  | ,556   | -,826  | ,852   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,115   | ,300   | ,444   | ,174   | ,148   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ID60+        | Pearson Correlation | 1,000  | ,781   | -,588  | ,908   | -,975* |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,      | ,219   | ,412   | ,092   | ,025   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SOL          | Pearson Correlation | ,781   | 1,000  | -,964* | ,451   | -,625  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,219   | ,      | ,036   | ,549   | ,375   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| CAS          | Pearson Correlation | -,588  | -,964* | 1,000  | -,204  | ,396   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,412   | ,036   | ,      | ,796   | ,604   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,908   | ,451   | -,204  | 1,000  | -,976* |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,092   | ,549   | ,796   | ,      | ,024   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| DIV          | Pearson Correlation | -,975* | -,625  | ,396   | -,976* | 1,000  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,025   | ,375   | ,604   | ,024   | ,      |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,983* | -,755  | ,553   | -,890  | ,967*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,017   | ,245   | ,447   | ,110   | ,033   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,857   | ,480   | -,238  | ,878   | -,909  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,143   | ,520   | ,762   | ,122   | ,091   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SLE          | Pearson Correlation | ,865   | ,966*  | -,875  | ,582   | -,745  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,135   | ,034   | ,125   | ,418   | ,255   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,126  | -,314  | ,400   | -,028  | ,031   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,874   | ,686   | ,600   | ,972   | ,969   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,253  | -,495  | ,490   | ,018   | ,157   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,747   | ,505   | ,510   | ,982   | ,843   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,931  | -,580  | ,344   | -,925  | ,964*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,069   | ,420   | ,656   | ,075   | ,036   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,857  | -,538  | ,310   | -,836  | ,890   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,143   | ,462   | ,690   | ,164   | ,110   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |

Correlations

|                 |                     | ID60+ | SOL    | CAS    | VIUVOS | DIV    |
|-----------------|---------------------|-------|--------|--------|--------|--------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,675 | -,396  | ,192   | -,657  | ,717   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,325  | ,604   | ,808   | ,343   | ,283   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,798 | -,556  | ,352   | -,734  | ,813   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,202  | ,444   | ,648   | ,266   | ,187   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,916 | -,849  | ,694   | -,724  | ,853   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,084  | ,151   | ,306   | ,276   | ,147   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| TPContapp       | Pearson Correlation | ,846  | ,502   | -,269  | ,845   | -,889  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,154  | ,498   | ,731   | ,155   | ,111   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,753  | ,999** | -,974* | ,412   | -,591  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,247  | ,001   | ,026   | ,588   | ,409   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,772 | -,258  | -,007  | -,910  | ,879   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,228  | ,742   | ,993   | ,090   | ,121   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | ,167  | -,443  | ,661   | ,510   | -,371  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,833  | ,557   | ,339   | ,490   | ,629   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | ,330  | ,211   | -,182  | ,388   | -,322  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,670  | ,789   | ,818   | ,612   | ,678   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,925  | ,619   | -,393  | ,888   | -,945  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,075  | ,381   | ,607   | ,112   | ,055   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,935 | -,619  | ,390   | -,905  | ,957*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,065  | ,381   | ,610   | ,095   | ,043   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,948  | ,553   | -,322  | ,991** | -,988* |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,052  | ,447   | ,678   | ,009   | ,012   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| Desempregada    | Pearson Correlation | ,356  | ,717   | -,745  | -,005  | -,204  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,644  | ,283   | ,255   | ,995   | ,796   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,356 | -,717  | ,745   | ,005   | ,204   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,644  | ,283   | ,255   | ,995   | ,796   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,848 | -,527  | ,300   | -,829  | ,882   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,152  | ,473   | ,700   | ,171   | ,118   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,788 | -,541  | ,336   | -,729  | ,806   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,212  | ,459   | ,664   | ,271   | ,194   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,841 | -,570  | ,356   | -,790  | ,860   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,159  | ,430   | ,644   | ,210   | ,140   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,898 | -,601  | ,378   | -,857  | ,918   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,102  | ,399   | ,622   | ,143   | ,082   |
|                 | N                   | 4     | 4      | 4      | 4      | 4      |

**Correlations**

|          |                     | ID60+ | SOL    | CAS   | VIUVOS | DIV   |
|----------|---------------------|-------|--------|-------|--------|-------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,921 | -,743  | ,553  | -,797  | ,897  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,079  | ,257   | ,447  | ,203   | ,103  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,756  | ,352   | -,109 | ,812   | -,830 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,244  | ,648   | ,891  | ,188   | ,170  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | ,691  | ,938   | -,904 | ,343   | -,540 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,309  | ,062   | ,096  | ,657   | ,460  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,311 | -,836  | ,947  | ,113   | ,096  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,689  | ,164   | ,053  | ,887   | ,904  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | ,801  | ,373   | -,122 | ,869   | -,878 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,199  | ,627   | ,878  | ,131   | ,122  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,496  | ,826   | -,884 | ,192   | -,321 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,504  | ,174   | ,116  | ,808   | ,679  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| ABSTAR91 | Pearson Correlation | -,326 | -,762  | ,872  | ,011   | ,131  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,674  | ,238   | ,128  | ,989   | ,869  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| PARTAR91 | Pearson Correlation | ,326  | ,762   | -,872 | -,011  | -,131 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,674  | ,238   | ,128  | ,989   | ,869  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| ABSTCM89 | Pearson Correlation | -,875 | -,953* | ,875  | -,630  | ,755  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,125  | ,047   | ,125  | ,370   | ,245  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| PARTCM89 | Pearson Correlation | ,875  | ,953*  | -,875 | ,630   | -,755 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,125  | ,047   | ,125  | ,370   | ,245  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| ABSTAM89 | Pearson Correlation | -,888 | -,943  | ,856  | -,656  | ,775  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,112  | ,057   | ,144  | ,344   | ,225  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |
| PARTAM89 | Pearson Correlation | ,888  | ,943   | -,856 | ,656   | -,775 |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,112  | ,057   | ,144  | ,344   | ,225  |
|          | N                   | 4     | 4      | 4     | 4      | 4     |



**Correlations**

|              |                     | SEPARADO | NSLNE   | SLE   | PRIMARIO | PREPARAT |
|--------------|---------------------|----------|---------|-------|----------|----------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | -,547    | ,551    | ,721  | ,522     | -,984*   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,453     | ,449    | ,279  | ,478     | ,016     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SEXOM        | Pearson Correlation | ,547     | -,551   | -,721 | -,522    | ,984*    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,453     | ,449    | ,279  | ,478     | ,016     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| ID18_19      | Pearson Correlation | ,917     | -,762   | -,765 | ,304     | ,024     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,083     | ,238    | ,235  | ,696     | ,976     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| ID20_39      | Pearson Correlation | ,987*    | -,946   | -,879 | -,192    | ,523     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,013     | ,054    | ,121  | ,808     | ,477     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| ID40_59      | Pearson Correlation | ,785     | -,559   | -,685 | ,550     | -,161    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,215     | ,441    | ,315  | ,450     | ,839     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| ID60+        | Pearson Correlation | -,983*   | ,857    | ,865  | -,126    | -,253    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,017     | ,143    | ,135  | ,874     | ,747     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SOL          | Pearson Correlation | -,755    | ,480    | ,966* | -,314    | -,495    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,245     | ,520    | ,034  | ,686     | ,505     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| CAS          | Pearson Correlation | ,553     | -,238   | -,875 | ,400     | ,490     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,447     | ,762    | ,125  | ,600     | ,510     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | -,890    | ,878    | ,582  | -,028    | ,018     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,110     | ,122    | ,418  | ,972     | ,982     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| DIV          | Pearson Correlation | ,967*    | -,909   | -,745 | ,031     | ,157     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,033     | ,091    | ,255  | ,969     | ,843     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | 1,000    | -,924   | -,875 | -,052    | ,393     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,        | ,076    | ,125  | ,948     | ,607     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| NSLNE        | Pearson Correlation | -,924    | 1,000   | ,678  | ,385     | -,424    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,076     | ,       | ,322  | ,615     | ,576     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SLE          | Pearson Correlation | -,875    | ,678    | 1,000 | -,096    | -,598    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,125     | ,322    | ,     | ,904     | ,402     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,052    | ,385    | -,096 | 1,000    | -,587    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,948     | ,615    | ,904  | ,        | ,413     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | ,393     | -,424   | -,598 | -,587    | 1,000    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,607     | ,576    | ,402  | ,413     | ,        |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SecUnificado | Pearson Correlation | ,971*    | -,986*  | -,748 | -,225    | ,361     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,029     | ,014    | ,252  | ,775     | ,639     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |
| SecComplem   | Pearson Correlation | ,932     | -,994** | -,731 | -,403    | ,514     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,068     | ,006    | ,269  | ,597     | ,486     |
|              | N                   | 4        | 4       | 4     | 4        | 4        |

Correlations

|                 |                     | SEPARADO | NSLNE   | SLE    | PRIMARIO | PREPARAT |
|-----------------|---------------------|----------|---------|--------|----------|----------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | ,796     | -,937   | -,618  | -,645    | ,667     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,204     | ,063    | ,382   | ,355     | ,333     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | ,895     | -,964*  | -,751  | -,488    | ,650     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,105     | ,036    | ,249   | ,512     | ,350     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| PATRAO          | Pearson Correlation | ,958*    | -,862   | -,955* | -,127    | ,619     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,042     | ,138    | ,045   | ,873     | ,381     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| TPContapp       | Pearson Correlation | -,922    | ,997**  | ,701   | ,417     | -,489    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,078     | ,003    | ,299   | ,583     | ,511     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | -,728    | ,447    | ,958*  | -,321    | -,505    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,272     | ,553    | ,042   | ,679     | ,495     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | ,827     | -,960*  | -,470  | -,388    | ,200     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,173     | ,040    | ,530   | ,612     | ,800     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,248    | ,571    | -,216  | ,629     | ,093     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,752     | ,429    | ,784   | ,371     | ,907     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,155    | -,087   | ,075   | -,891    | ,745     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,845     | ,913    | ,925   | ,109     | ,255     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | -,975*   | ,985*   | ,787   | ,259     | -,444    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,025     | ,015    | ,213   | ,741     | ,556     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | ,979*    | -,983*  | -,783  | -,228    | ,409     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,021     | ,017    | ,217   | ,772     | ,591     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | -,918    | ,857    | ,660   | -,118    | -,005    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,082     | ,143    | ,340   | ,882     | ,995     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| Desempregada    | Pearson Correlation | -,448    | ,349    | ,750   | ,286     | -,944    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,552     | ,651    | ,250   | ,714     | ,056     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| Empregada       | Pearson Correlation | ,448     | -,349   | -,750  | -,286    | ,944     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,552     | ,651    | ,250   | ,714     | ,056     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | ,926     | -,994** | -,723  | -,419    | ,521     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,074     | ,006    | ,277   | ,581     | ,479     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | ,887     | -,964*  | -,739  | -,504    | ,651     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,113     | ,036    | ,261   | ,496     | ,349     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | ,925     | -,981*  | -,760  | -,428    | ,587     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,075     | ,019    | ,240   | ,572     | ,413     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | ,960*    | -,989*  | -,778  | -,324    | ,496     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,040     | ,011    | ,222   | ,676     | ,504     |
|                 | N                   | 4        | 4       | 4      | 4        | 4        |

Correlations

|          |                     | SEPARADO | NSLNE  | SLE   | PRIMARIO | PREPARAT |
|----------|---------------------|----------|--------|-------|----------|----------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | ,975*    | -,939  | -,887 | -,231    | ,578     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,025     | ,061   | ,113  | ,769     | ,422     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | -,847    | ,985*  | ,575  | ,531     | -,458    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,153     | ,015   | ,425  | ,469     | ,542     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,728    | ,541   | ,958* | ,010     | -,765    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,272     | ,459   | ,042  | ,990     | ,235     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | ,295     | ,002   | -,720 | ,325     | ,569     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,705     | ,998   | ,280  | ,675     | ,431     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | -,876    | ,993** | ,587  | ,449     | -,381    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,124     | ,007   | ,413  | ,551     | ,619     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | -,381    | -,001  | ,660  | -,780    | -,029    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,619     | ,999   | ,340  | ,220     | ,971     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| ABSTAR91 | Pearson Correlation | ,217     | ,169   | -,571 | ,770     | ,063     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,783     | ,831   | ,429  | ,230     | ,937     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| PARTAR91 | Pearson Correlation | -,217    | -,169  | ,571  | -,770    | -,063    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,783     | ,831   | ,429  | ,230     | ,937     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| ABSTCM89 | Pearson Correlation | ,813     | -,529  | -,918 | ,461     | ,245     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,187     | ,471   | ,082  | ,539     | ,755     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| PARTCM89 | Pearson Correlation | -,813    | ,529   | ,918  | -,461    | -,245    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,187     | ,471   | ,082  | ,539     | ,755     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| ABSTAM89 | Pearson Correlation | ,824     | -,545  | -,912 | ,461     | ,224     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,176     | ,455   | ,088  | ,539     | ,776     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |
| PARTAM89 | Pearson Correlation | -,824    | ,545   | ,912  | -,461    | -,224    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,176     | ,455   | ,088  | ,539     | ,776     |
|          | N                   | 4        | 4      | 4     | 4        | 4        |

**Correlations**

|              |                     | SecUnificado | SecComplem | MEDIO | SUPERIOR | PATRAO |
|--------------|---------------------|--------------|------------|-------|----------|--------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | -,506        | -,635      | -,745 | -,753    | -,748  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,494         | ,365       | ,255  | ,247     | ,252   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SEXOM        | Pearson Correlation | ,506         | ,635       | ,745  | ,753     | ,748   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,494         | ,365       | ,255  | ,247     | ,252   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ID18_19      | Pearson Correlation | ,859         | ,744       | ,514  | ,652     | ,800   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,141         | ,256       | ,486  | ,348     | ,200   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ID20_39      | Pearson Correlation | ,970*        | ,964*      | ,872  | ,950*    | ,978*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,030         | ,036       | ,128  | ,050     | ,022   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ID40_59      | Pearson Correlation | ,689         | ,535       | ,264  | ,428     | ,656   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,311         | ,465       | ,736  | ,572     | ,344   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| ID60+        | Pearson Correlation | -,931        | -,857      | -,675 | -,798    | -,916  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,069         | ,143       | ,325  | ,202     | ,084   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SOL          | Pearson Correlation | -,580        | -,538      | -,396 | -,556    | -,849  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,420         | ,462       | ,604  | ,444     | ,151   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| CAS          | Pearson Correlation | ,344         | ,310       | ,192  | ,352     | ,694   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,656         | ,690       | ,808  | ,648     | ,306   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | -,925        | -,836      | -,657 | -,734    | -,724  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,075         | ,164       | ,343  | ,266     | ,276   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| DIV          | Pearson Correlation | ,964*        | ,890       | ,717  | ,813     | ,853   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,036         | ,110       | ,283  | ,187     | ,147   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | ,971*        | ,932       | ,796  | ,895     | ,958*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,029         | ,068       | ,204  | ,105     | ,042   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| NSLNE        | Pearson Correlation | -,986*       | -,994**    | -,937 | -,964*   | -,862  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,014         | ,006       | ,063  | ,036     | ,138   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SLE          | Pearson Correlation | -,748        | -,731      | -,618 | -,751    | -,955* |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,252         | ,269       | ,382  | ,249     | ,045   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,225        | -,403      | -,645 | -,488    | -,127  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,775         | ,597       | ,355  | ,512     | ,873   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | ,361         | ,514       | ,667  | ,650     | ,619   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,639         | ,486       | ,333  | ,350     | ,381   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SecUnificado | Pearson Correlation | 1,000        | ,979*      | ,876  | ,935     | ,898   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,            | ,021       | ,124  | ,065     | ,102   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |
| SecComplem   | Pearson Correlation | ,979*        | 1,000      | ,956* | ,986*    | ,900   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,021         | ,          | ,044  | ,014     | ,100   |
|              | N                   | 4            | 4          | 4     | 4        | 4      |

Correlations

|                 |                     | SecUnificado | SecComplem | MEDIO  | SUPERIOR | PATRAO |
|-----------------|---------------------|--------------|------------|--------|----------|--------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | ,876         | ,956*      | 1,000  | ,981*    | ,814   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,124         | ,044       | ,      | ,019     | ,186   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | ,935         | ,986*      | ,981*  | 1,000    | ,909   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,065         | ,014       | ,019   | ,        | ,091   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| PATRAO          | Pearson Correlation | ,898         | ,900       | ,814   | ,909     | 1,000  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,102         | ,100       | ,186   | ,091     | ,      |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| TPContapp       | Pearson Correlation | -,979*       | -,999**    | -,956* | -,981*   | -,880  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,021         | ,001       | ,044   | ,019     | ,120   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | -,547        | -,508      | -,372  | -,531    | -,831  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,453         | ,492       | ,628   | ,469     | ,169   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | ,937         | ,926       | ,860   | ,863     | ,697   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,063         | ,074       | ,140   | ,137     | ,303   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,472        | -,505      | -,559  | -,445    | -,079  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,528         | ,495       | ,441   | ,555     | ,921   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,060        | ,145       | ,427   | ,286     | ,033   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,940         | ,855       | ,573   | ,714     | ,967   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | -,996**      | -,988*     | -,901  | -,959*   | -,928  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,004         | ,012       | ,099   | ,041     | ,072   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | ,998**       | ,983*      | ,885   | ,947     | ,922   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,002         | ,017       | ,115   | ,053     | ,078   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | -,921        | -,823      | -,625  | -,724    | -,767  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,079         | ,177       | ,375   | ,276     | ,233   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| Desempregada    | Pearson Correlation | -,340        | -,448      | -,529  | -,574    | -,685  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,660         | ,552       | ,471   | ,426     | ,315   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| Empregada       | Pearson Correlation | ,340         | ,448       | ,529   | ,574     | ,685   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,660         | ,552       | ,471   | ,426     | ,315   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | ,976*        | 1,000**    | ,960*  | ,987*    | ,895   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,024         | ,000       | ,040   | ,013     | ,105   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | ,931         | ,985*      | ,984*  | 1,000**  | ,901   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,069         | ,015       | ,016   | ,000     | ,099   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | ,962*        | ,996**     | ,967*  | ,996**   | ,918   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,038         | ,004       | ,033   | ,004     | ,082   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | ,988*        | ,996**     | ,930   | ,977*    | ,928   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,012         | ,004       | ,070   | ,023     | ,072   |
|                 | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |

**Correlations**

|          |                     | SecUnificado | SecComplem | MEDIO  | SUPERIOR | PATRAO |
|----------|---------------------|--------------|------------|--------|----------|--------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | ,957*        | ,964*      | ,888   | ,961*    | ,983*  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,043         | ,036       | ,112   | ,039     | ,017   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | -,942        | -,978*     | -,966* | -,960*   | -,792  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,058         | ,022       | ,034   | ,040     | ,208   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,589        | -,618      | -,574  | -,684    | -,884  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,411         | ,382       | ,426   | ,316     | ,116   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | ,079         | ,089       | ,043   | ,173     | ,503   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,921         | ,911       | ,957   | ,827     | ,497   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | -,965*       | -,979*     | -,937  | -,944    | -,797  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,035         | ,021       | ,063   | ,056     | ,203   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | -,153        | -,037      | ,174   | -,017    | -,431  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,847         | ,963       | ,826   | ,983     | ,569   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| ABSTAR91 | Pearson Correlation | -,023        | -,119      | -,292  | -,114    | ,308   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,977         | ,881       | ,708   | ,886     | ,692   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| PARTAR91 | Pearson Correlation | ,023         | ,119       | ,292   | ,114     | -,308  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,977         | ,881       | ,708   | ,886     | ,692   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| ABSTCM89 | Pearson Correlation | ,652         | ,557       | ,347   | ,524     | ,821   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,348         | ,443       | ,653   | ,476     | ,179   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| PARTCM89 | Pearson Correlation | -,652        | -,557      | -,347  | -,524    | -,821  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,348         | ,443       | ,653   | ,476     | ,179   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| ABSTAM89 | Pearson Correlation | ,669         | ,570       | ,355   | ,531     | ,822   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,331         | ,430       | ,645   | ,469     | ,178   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |
| PARTAM89 | Pearson Correlation | -,669        | -,570      | -,355  | -,531    | -,822  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,331         | ,430       | ,645   | ,469     | ,178   |
|          | N                   | 4            | 4          | 4      | 4        | 4      |

**Correlations**

|              |                     | TPContapp | TFAMNREM | TPContadeoutrem | MembCooperativa |
|--------------|---------------------|-----------|----------|-----------------|-----------------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | ,610      | ,615     | -,323           | -,064           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,390      | ,385     | ,677            | ,936            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -,610     | -,615    | ,323            | ,064            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,390      | ,385     | ,677            | ,936            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,737     | -,684    | ,720            | -,150           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,263      | ,316     | ,280            | ,850            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,954*    | -,712    | ,831            | -,274           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,046      | ,288     | ,169            | ,726            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,526     | -,676    | ,527            | ,033            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,474      | ,324     | ,473            | ,967            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,846      | ,753     | -,772           | ,167            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,154      | ,247     | ,228            | ,833            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SOL          | Pearson Correlation | ,502      | ,999**   | -,258           | -,443           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,498      | ,001     | ,742            | ,557            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| CAS          | Pearson Correlation | -,269     | -,974*   | -,007           | ,661            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,731      | ,026     | ,993            | ,339            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,845      | ,412     | -,910           | ,510            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,155      | ,588     | ,090            | ,490            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| DIV          | Pearson Correlation | -,889     | -,591    | ,879            | -,371           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,111      | ,409     | ,121            | ,629            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,922     | -,728    | ,827            | -,248           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,078      | ,272     | ,173            | ,752            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,997**    | ,447     | -,960*          | ,571            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,003      | ,553     | ,040            | ,429            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SLE          | Pearson Correlation | ,701      | ,958*    | -,470           | -,216           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,299      | ,042     | ,530            | ,784            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | ,417      | -,321    | -,388           | ,629            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,583      | ,679     | ,612            | ,371            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,489     | -,505    | ,200            | ,093            |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,511      | ,495     | ,800            | ,907            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,979*    | -,547    | ,937            | -,472           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,021      | ,453     | ,063            | ,528            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,999**   | -,508    | ,926            | -,505           |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,001      | ,492     | ,074            | ,495            |
|              | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |

Correlations

|                 |                     | TPContapp | TFAMNREM | TPContadeoutrem | MembCooperativa |
|-----------------|---------------------|-----------|----------|-----------------|-----------------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,956*    | -,372    | ,860            | -,559           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,044      | ,628     | ,140            | ,441            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,981*    | -,531    | ,863            | -,445           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,019      | ,469     | ,137            | ,555            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,880     | -,831    | ,697            | -,079           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,120      | ,169     | ,303            | ,921            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| TPContapp       | Pearson Correlation | 1,000     | ,471     | -,941           | ,542            |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,         | ,529     | ,059            | ,458            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,471      | 1,000    | -,219           | -,478           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,529      | ,        | ,781            | ,522            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,941     | -,219    | 1,000           | -,749           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,059      | ,781     | ,               | ,251            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | ,542      | -,478    | -,749           | 1,000           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,458      | ,522     | ,251            | ,               |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,143     | ,198     | ,002            | -,213           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,857      | ,802     | ,998            | ,787            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,985*     | ,588     | -,913           | ,429            |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,015      | ,412     | ,087            | ,571            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,980*    | -,587    | ,917            | -,430           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,020      | ,413     | ,083            | ,570            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,826      | ,517     | -,862           | ,394            |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,174      | ,483     | ,138            | ,606            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| Desempregada    | Pearson Correlation | ,413      | ,730     | -,082           | -,365           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,587      | ,270     | ,918            | ,635            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,413     | -,730    | ,082            | ,365            |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,587      | ,270     | ,918            | ,635            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,999**   | -,498    | ,926            | -,513           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,001      | ,502     | ,074            | ,487            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,980*    | -,516    | ,865            | -,458           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,020      | ,484     | ,135            | ,542            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,992**   | -,543    | ,891            | -,455           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,008      | ,457     | ,109            | ,545            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,993**   | -,571    | ,911            | -,444           |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,007      | ,429     | ,089            | ,556            |
|                 | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |



**Correlations**

|          |                     | TPContapp | TFAMNREM | TPContadeoutrem | MembCooperativa |
|----------|---------------------|-----------|----------|-----------------|-----------------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,951*    | -,719    | ,813            | -,258           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,049      | ,281     | ,187            | ,742            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,986*     | ,319     | -,962*          | ,668            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,014      | ,681     | ,038            | ,332            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | ,583      | ,940     | -,289           | -,348           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,417      | ,060     | ,711            | ,652            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,044     | -,859    | -,269           | ,804            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,956      | ,141     | ,731            | ,196            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | ,987*     | ,338     | -,981*          | ,663            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,013      | ,662     | ,019            | ,337            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,002      | ,835     | ,166            | -,745           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,998      | ,165     | ,834            | ,255            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ABSTAR91 | Pearson Correlation | ,156      | -,780    | -,350           | ,865            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,844      | ,220     | ,650            | ,135            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PARTAR91 | Pearson Correlation | -,156     | ,780     | ,350            | -,865           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,844      | ,220     | ,650            | ,135            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ABSTCM89 | Pearson Correlation | -,530     | -,943    | ,369            | ,328            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,470      | ,057     | ,631            | ,672            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PARTCM89 | Pearson Correlation | ,530      | ,943     | -,369           | -,328           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,470      | ,057     | ,631            | ,672            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| ABSTAM89 | Pearson Correlation | -,544     | -,932    | ,393            | ,300            |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,456      | ,068     | ,607            | ,700            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |
| PARTAM89 | Pearson Correlation | ,544      | ,932     | -,393           | -,300           |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,456      | ,068     | ,607            | ,700            |
|          | N                   | 4         | 4        | 4               | 4               |

Correlations

|              |                     | OUTSITUA | Habit_Rural | Habit_Urb | ISOLADA |
|--------------|---------------------|----------|-------------|-----------|---------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | -,635    | ,583        | -,552     | ,176    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,365     | ,417        | ,448      | ,824    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SEXOM        | Pearson Correlation | ,635     | -,583       | ,552      | -,176   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,365     | ,417        | ,448      | ,824    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,536    | -,835       | ,855      | -,968*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,464     | ,165        | ,145      | ,032    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ID20_39      | Pearson Correlation | ,005     | -,986*      | ,983*     | -,855   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,995     | ,014        | ,017      | ,145    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,730    | -,656       | ,683      | -,885   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,270     | ,344        | ,317      | ,115    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,330     | ,925        | -,935     | ,948    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,670     | ,075        | ,065      | ,052    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SOL          | Pearson Correlation | ,211     | ,619        | -,619     | ,553    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,789     | ,381        | ,381      | ,447    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| CAS          | Pearson Correlation | -,182    | -,393       | ,390      | -,322   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,818     | ,607        | ,610      | ,678    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,388     | ,888        | -,905     | ,991**  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,612     | ,112        | ,095      | ,009    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| DIV          | Pearson Correlation | -,322    | -,945       | ,957*     | -,988*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,678     | ,055        | ,043      | ,012    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,155    | -,975*      | ,979*     | -,918   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,845     | ,025        | ,021      | ,082    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| NSLNE        | Pearson Correlation | -,087    | ,985*       | -,983*    | ,857    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,913     | ,015        | ,017      | ,143    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SLE          | Pearson Correlation | ,075     | ,787        | -,783     | ,660    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,925     | ,213        | ,217      | ,340    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,891    | ,259        | -,228     | -,118   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,109     | ,741        | ,772      | ,882    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | ,745     | -,444       | ,409      | -,005   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,255     | ,556        | ,591      | ,995    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,060    | -,996**     | ,998**    | -,921   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,940     | ,004        | ,002      | ,079    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SecComplem   | Pearson Correlation | ,145     | -,988*      | ,983*     | -,823   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,855     | ,012        | ,017      | ,177    |
|              | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |

Correlations

|                 |                     | OUTSITUA | Habit_Rural | Habit_Urb | ISOLADA |
|-----------------|---------------------|----------|-------------|-----------|---------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | ,427     | -,901       | ,885      | -,625   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,573     | ,099        | ,115      | ,375    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | ,286     | -,959*      | ,947      | -,724   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,714     | ,041        | ,053      | ,276    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PATRAO          | Pearson Correlation | ,033     | -,928       | ,922      | -,767   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,967     | ,072        | ,078      | ,233    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| TPContapp       | Pearson Correlation | -,143    | ,985*       | -,980*    | ,826    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,857     | ,015        | ,020      | ,174    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,198     | ,588        | -,587     | ,517    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,802     | ,412        | ,413      | ,483    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | ,002     | -,913       | ,917      | -,862   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,998     | ,087        | ,083      | ,138    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,213    | ,429        | -,430     | ,394    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,787     | ,571        | ,570      | ,606    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | 1,000    | -,004       | -,035     | ,439    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,        | ,996        | ,965      | ,561    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | -,004    | 1,000       | -,999**   | ,889    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,996     | ,           | ,001      | ,111    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,035    | -,999**     | 1,000     | -,907   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,965     | ,001        | ,         | ,093    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,439     | ,889        | -,907     | 1,000   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,561     | ,111        | ,093      | ,       |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| Desempregada    | Pearson Correlation | -,515    | ,424        | -,395     | ,059    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,485     | ,576        | ,605      | ,941    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| Empregada       | Pearson Correlation | ,515     | -,424       | ,395      | -,059   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,485     | ,576        | ,605      | ,941    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | ,160     | -,986*      | ,979*     | -,814   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,840     | ,014        | ,021      | ,186    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | ,299     | -,955*      | ,943      | -,717   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,701     | ,045        | ,057      | ,283    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | ,204     | -,980*      | ,971*     | -,781   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,796     | ,020        | ,029      | ,219    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | ,077     | -,997**     | ,994**    | -,854   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,923     | ,003        | ,006      | ,146    |
|                 | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |

Correlations

|          |                     | OUTSITUA | Habit_Rural | Habit_Urb | ISOLADA |
|----------|---------------------|----------|-------------|-----------|---------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | ,063     | -,978*      | ,973*     | -,819   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,937     | ,022        | ,027      | ,181    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | -,222    | ,944        | -,938     | ,772    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,778     | ,056        | ,062      | ,228    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,140    | ,650        | -,636     | ,427    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,860     | ,350        | ,364      | ,573    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | ,011     | -,146       | ,135      | -,006   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,989     | ,854        | ,865      | ,994    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | -,119    | ,959*       | -,956*    | ,832    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,881     | ,041        | ,044      | ,168    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,592     | ,168        | -,183     | ,317    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,408     | ,832        | ,817      | ,683    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ABSTAR91 | Pearson Correlation | -,501    | -,002       | ,012      | -,119   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,499     | ,998        | ,988      | ,881    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PARTAR91 | Pearson Correlation | ,501     | ,002        | -,012     | ,119    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,499     | ,998        | ,988      | ,881    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ABSTCM89 | Pearson Correlation | -,461    | -,664       | ,675      | -,724   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,539     | ,336        | ,325      | ,276    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PARTCM89 | Pearson Correlation | ,461     | ,664        | -,675     | ,724    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,539     | ,336        | ,325      | ,276    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| ABSTAM89 | Pearson Correlation | -,477    | -,678       | ,690      | -,747   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,523     | ,322        | ,310      | ,253    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |
| PARTAM89 | Pearson Correlation | ,477     | ,678        | -,690     | ,747    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,523     | ,322        | ,310      | ,253    |
|          | N                   | 4        | 4           | 4         | 4       |

Correlations

|              |                     | Desemplegada | Empregada | GRUPO1  | GRUPO2 | GRUPO3 |
|--------------|---------------------|--------------|-----------|---------|--------|--------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | ,952*        | -,952*    | -,640   | -,752  | -,702  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,048         | ,048      | ,360    | ,248   | ,298   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -,952*       | ,952*     | ,640    | ,752   | ,702   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,048         | ,048      | ,360    | ,248   | ,298   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,158        | ,158      | ,732    | ,641   | ,712   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,842         | ,842      | ,268    | ,359   | ,288   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,544        | ,544      | ,960*   | ,945   | ,967*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,456         | ,456      | ,040    | ,055   | ,033   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,038        | ,038      | ,520    | ,414   | ,498   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,962         | ,962      | ,480    | ,586   | ,502   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,356         | -,356     | -,848   | -,788  | -,841  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,644         | ,644      | ,152    | ,212   | ,159   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| SOL          | Pearson Correlation | ,717         | -,717     | -,527   | -,541  | -,570  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,283         | ,283      | ,473    | ,459   | ,430   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| CAS          | Pearson Correlation | -,745        | ,745      | ,300    | ,336   | ,356   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,255         | ,255      | ,700    | ,664   | ,644   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | -,005        | ,005      | -,829   | -,729  | -,790  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,995         | ,995      | ,171    | ,271   | ,210   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| DIV          | Pearson Correlation | -,204        | ,204      | ,882    | ,806   | ,860   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,796         | ,796      | ,118    | ,194   | ,140   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,448        | ,448      | ,926    | ,887   | ,925   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,552         | ,552      | ,074    | ,113   | ,075   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,349         | -,349     | -,994** | -,964* | -,981* |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,651         | ,651      | ,006    | ,036   | ,019   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| SLE          | Pearson Correlation | ,750         | -,750     | -,723   | -,739  | -,760  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,250         | ,250      | ,277    | ,261   | ,240   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | ,286         | -,286     | -,419   | -,504  | -,428  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,714         | ,714      | ,581    | ,496   | ,572   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,944        | ,944      | ,521    | ,651   | ,587   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,056         | ,056      | ,479    | ,349   | ,413   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,340        | ,340      | ,976*   | ,931   | ,962*  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,660         | ,660      | ,024    | ,069   | ,038   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,448        | ,448      | 1,000** | ,985*  | ,996** |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,552         | ,552      | ,000    | ,015   | ,004   |
|              | N                   | 4            | 4         | 4       | 4      | 4      |

Correlations

|                 |                     | Desemplegada | Empregada | GRUPO1  | GRUPO2  | GRUPO3  |
|-----------------|---------------------|--------------|-----------|---------|---------|---------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,529        | ,529      | ,960*   | ,984*   | ,967*   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,471         | ,471      | ,040    | ,016    | ,033    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,574        | ,574      | ,987*   | 1,000** | ,996**  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,426         | ,426      | ,013    | ,000    | ,004    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,685        | ,685      | ,895    | ,901    | ,918    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,315         | ,315      | ,105    | ,099    | ,082    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| TPContapp       | Pearson Correlation | ,413         | -,413     | -,999** | -,980*  | -,992** |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,587         | ,587      | ,001    | ,020    | ,008    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,730         | -,730     | -,498   | -,516   | -,543   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,270         | ,270      | ,502    | ,484    | ,457    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,082        | ,082      | ,926    | ,865    | ,891    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,918         | ,918      | ,074    | ,135    | ,109    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,365        | ,365      | -,513   | -,458   | -,455   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,635         | ,635      | ,487    | ,542    | ,545    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,515        | ,515      | ,160    | ,299    | ,204    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,485         | ,485      | ,840    | ,701    | ,796    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,424         | -,424     | -,986*  | -,955*  | -,980*  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,576         | ,576      | ,014    | ,045    | ,020    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,395        | ,395      | ,979*   | ,943    | ,971*   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,605         | ,605      | ,021    | ,057    | ,029    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,059         | -,059     | -,814   | -,717   | -,781   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,941         | ,941      | ,186    | ,283    | ,219    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| Desemplegada    | Pearson Correlation | 1,000        | -,1000**  | -,450   | -,569   | -,524   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,            | ,000      | ,550    | ,431    | ,476    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,1000**     | 1,000     | ,450    | ,569    | ,524    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,000         | ,         | ,550    | ,431    | ,476    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,450        | ,450      | 1,000   | ,987*   | ,996**  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,550         | ,550      | ,       | ,013    | ,004    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,569        | ,569      | ,987*   | 1,000   | ,995**  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,431         | ,431      | ,013    | ,       | ,005    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,524        | ,524      | ,996**  | ,995**  | 1,000   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,476         | ,476      | ,004    | ,005    | ,       |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,460        | ,460      | ,994**  | ,974*   | ,992**  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,540         | ,540      | ,006    | ,026    | ,008    |
|                 | N                   | 4            | 4         | 4       | 4       | 4       |

Correlations

|          |                     | Desemplegada | Empregada | GRUPO1 | GRUPO2 | GRUPO3 |
|----------|---------------------|--------------|-----------|--------|--------|--------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,593        | ,593      | ,960*  | ,955*  | ,972*  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,407         | ,407      | ,040   | ,045   | ,028   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,329         | -,329     | -,981* | -,963* | -,967* |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,671         | ,671      | ,019   | ,037   | ,033   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | ,904         | -,904     | -,613  | -,674  | -,670  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,096         | ,096      | ,387   | ,326   | ,330   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | -,805        | ,805      | ,081   | ,159   | ,154   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,195         | ,195      | ,919   | ,841   | ,846   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | ,273         | -,273     | -,980* | -,946  | -,960* |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,727         | ,727      | ,020   | ,054   | ,040   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | ,354         | -,354     | -,021  | ,002   | -,053  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,646         | ,646      | ,979   | ,998   | ,947   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| ABSTAR91 | Pearson Correlation | -,389        | ,389      | -,133  | -,132  | -,091  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,611         | ,611      | ,867   | ,868   | ,909   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| PARTAR91 | Pearson Correlation | ,389         | -,389     | ,133   | ,132   | ,091   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,611         | ,611      | ,867   | ,868   | ,909   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| ABSTCM89 | Pearson Correlation | -,481        | ,481      | ,544   | ,507   | ,563   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,519         | ,519      | ,456   | ,493   | ,437   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| PARTCM89 | Pearson Correlation | ,481         | -,481     | -,544  | -,507  | -,563  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,519         | ,519      | ,456   | ,493   | ,437   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| ABSTAM89 | Pearson Correlation | -,457        | ,457      | ,557   | ,515   | ,573   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,543         | ,543      | ,443   | ,485   | ,427   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |
| PARTAM89 | Pearson Correlation | ,457         | -,457     | -,557  | -,515  | -,573  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,543         | ,543      | ,443   | ,485   | ,427   |
|          | N                   | 4            | 4         | 4      | 4      | 4      |

Correlations

|              |                     | GRUPO4 | GRUPO5 | GRUPO6 | GRUPO7 | GRUPO8 |
|--------------|---------------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | -,627  | -,709  | ,563   | ,847   | -,596  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,373   | ,291   | ,437   | ,153   | ,404   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SEXOM        | Pearson Correlation | ,627   | ,709   | -,563  | -,847  | ,596   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,373   | ,291   | ,437   | ,153   | ,404   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ID18_19      | Pearson Correlation | ,794   | ,807   | -,645  | -,549  | ,223   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,206   | ,193   | ,355   | ,451   | ,777   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ID20_39      | Pearson Correlation | ,983*  | ,998** | -,889  | -,767  | ,312   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,017   | ,002   | ,111   | ,233   | ,688   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ID40_59      | Pearson Correlation | ,601   | ,635   | -,415  | -,462  | ,268   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,399   | ,365   | ,585   | ,538   | ,732   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ID60+        | Pearson Correlation | -,898  | -,921  | ,756   | ,691   | -,311  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,102   | ,079   | ,244   | ,309   | ,689   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SOL          | Pearson Correlation | -,601  | -,743  | ,352   | ,938   | -,836  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,399   | ,257   | ,648   | ,062   | ,164   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| CAS          | Pearson Correlation | ,378   | ,553   | -,109  | -,904  | ,947   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,622   | ,447   | ,891   | ,096   | ,053   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | -,857  | -,797  | ,812   | ,343   | ,113   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,143   | ,203   | ,188   | ,657   | ,887   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| DIV          | Pearson Correlation | ,918   | ,897   | -,830  | -,540  | ,096   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,082   | ,103   | ,170   | ,460   | ,904   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | ,960*  | ,975*  | -,847  | -,728  | ,295   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,040   | ,025   | ,153   | ,272   | ,705   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| NSLNE        | Pearson Correlation | -,989* | -,939  | ,985*  | ,541   | ,002   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,011   | ,061   | ,015   | ,459   | ,998   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SLE          | Pearson Correlation | -,778  | -,887  | ,575   | ,958*  | -,720  |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,222   | ,113   | ,425   | ,042   | ,280   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | -,324  | -,231  | ,531   | ,010   | ,325   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,676   | ,769   | ,469   | ,990   | ,675   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | ,496   | ,578   | -,458  | -,765  | ,569   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,504   | ,422   | ,542   | ,235   | ,431   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SecUnificado | Pearson Correlation | ,988*  | ,957*  | -,942  | -,589  | ,079   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,012   | ,043   | ,058   | ,411   | ,921   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SecComplem   | Pearson Correlation | ,996** | ,964*  | -,978* | -,618  | ,089   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,004   | ,036   | ,022   | ,382   | ,911   |
|              | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |



Correlations

|                 |                     | GRUPO4  | GRUPO5 | GRUPO6 | GRUPO7 | GRUPO8 |
|-----------------|---------------------|---------|--------|--------|--------|--------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | ,930    | ,888   | -,966* | -,574  | ,043   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,070    | ,112   | ,034   | ,426   | ,957   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | ,977*   | ,961*  | -,960* | -,684  | ,173   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,023    | ,039   | ,040   | ,316   | ,827   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PATRAO          | Pearson Correlation | ,928    | ,983*  | -,792  | -,884  | ,503   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,072    | ,017   | ,208   | ,116   | ,497   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| TPContapp       | Pearson Correlation | -,993** | -,951* | ,986*  | ,583   | -,044  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,007    | ,049   | ,014   | ,417   | ,956   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | -,571   | -,719  | ,319   | ,940   | -,859  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,429    | ,281   | ,681   | ,060   | ,141   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | ,911    | ,813   | -,962* | -,289  | -,269  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,089    | ,187   | ,038   | ,711   | ,731   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | -,444   | -,258  | ,668   | -,348  | ,804   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,556    | ,742   | ,332   | ,652   | ,196   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | ,077    | ,063   | -,222  | -,140  | ,011   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,923    | ,937   | ,778   | ,860   | ,989   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | -,997** | -,978* | ,944   | ,650   | -,146  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,003    | ,022   | ,056   | ,350   | ,854   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | ,994**  | ,973*  | -,938  | -,636  | ,135   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,006    | ,027   | ,062   | ,364   | ,865   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | -,854   | -,819  | ,772   | ,427   | -,006  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,146    | ,181   | ,228   | ,573   | ,994   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| Desempregada    | Pearson Correlation | -,460   | -,593  | ,329   | ,904   | -,805  |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,540    | ,407   | ,671   | ,096   | ,195   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| Empregada       | Pearson Correlation | ,460    | ,593   | -,329  | -,904  | ,805   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,540    | ,407   | ,671   | ,096   | ,195   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | ,994**  | ,960*  | -,981* | -,613  | ,081   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,006    | ,040   | ,019   | ,387   | ,919   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | ,974*   | ,955*  | -,963* | -,674  | ,159   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,026    | ,045   | ,037   | ,326   | ,841   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | ,992**  | ,972*  | -,967* | -,670  | ,154   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,008    | ,028   | ,033   | ,330   | ,846   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | 1,000   | ,980*  | -,958* | -,658  | ,146   |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,       | ,020   | ,042   | ,342   | ,854   |
|                 | N                   | 4       | 4      | 4      | 4      | 4      |

**Correlations**

|          |                     | GRUPO4 | GRUPO5 | GRUPO6 | GRUPO7 | GRUPO8 |
|----------|---------------------|--------|--------|--------|--------|--------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | ,980*  | 1,000  | -,888  | -,792  | ,340   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,020   | ,      | ,112   | ,208   | ,660   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | -,958* | -,888  | 1,000  | ,460   | ,103   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,042   | ,112   | ,      | ,540   | ,897   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | -,658  | -,792  | ,460   | 1,000  | -,836  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,342   | ,208   | ,540   | ,      | ,164   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | ,146   | ,340   | ,103   | -,836  | 1,000  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,854   | ,660   | ,897   | ,164   | ,      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | -,965* | -,893  | ,995** | ,445   | ,115   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,035   | ,107   | ,005   | ,555   | ,885   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | -,123  | -,286  | -,165  | ,616   | -,797  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,877   | ,714   | ,835   | ,384   | ,203   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ABSTAR91 | Pearson Correlation | -,036  | ,144   | ,321   | -,579  | ,851   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,964   | ,856   | ,679   | ,421   | ,149   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PARTAR91 | Pearson Correlation | ,036   | -,144  | -,321  | ,579   | -,851  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,964   | ,856   | ,679   | ,421   | ,149   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ABSTCM89 | Pearson Correlation | ,628   | ,739   | -,381  | -,807  | ,673   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,372   | ,261   | ,619   | ,193   | ,327   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PARTCM89 | Pearson Correlation | -,628  | -,739  | ,381   | ,807   | -,673  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,372   | ,261   | ,619   | ,193   | ,327   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| ABSTAM89 | Pearson Correlation | ,641   | ,746   | -,398  | -,791  | ,645   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,359   | ,254   | ,602   | ,209   | ,355   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |
| PARTAM89 | Pearson Correlation | -,641  | -,746  | ,398   | ,791   | -,645  |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,359   | ,254   | ,602   | ,209   | ,355   |
|          | N                   | 4      | 4      | 4      | 4      | 4      |

**Correlations**

|              |                     | GRUPO9 | GRUPO0 | ABSTAR91 | PARTAR91 | ABSTCM89 |
|--------------|---------------------|--------|--------|----------|----------|----------|
| SEXOH        | Pearson Correlation | ,500   | ,124   | -,126    | ,126     | -,393    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,500   | ,876   | ,874     | ,874     | ,607     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| SEXOM        | Pearson Correlation | -,500  | -,124  | ,126     | -,126    | ,393     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,500   | ,876   | ,874     | ,874     | ,607     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| ID18_19      | Pearson Correlation | -,711  | -,545  | ,365     | -,365    | ,868     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,289   | ,455   | ,635     | ,635     | ,132     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| ID20_39      | Pearson Correlation | -,901  | -,298  | ,148     | -,148    | ,753     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,099   | ,702   | ,852     | ,852     | ,247     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| ID40_59      | Pearson Correlation | -,498  | -,688  | ,525     | -,525    | ,882     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,502   | ,312   | ,475     | ,475     | ,118     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| ID60+        | Pearson Correlation | ,801   | ,496   | -,326    | ,326     | -,875    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,199   | ,504   | ,674     | ,674     | ,125     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| SOL          | Pearson Correlation | ,373   | ,826   | -,762    | ,762     | -,953*   |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,627   | ,174   | ,238     | ,238     | ,047     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| CAS          | Pearson Correlation | -,122  | -,884  | ,872     | -,872    | ,875     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,878   | ,116   | ,128     | ,128     | ,125     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| VIUVOS       | Pearson Correlation | ,869   | ,192   | ,011     | -,011    | -,630    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,131   | ,808   | ,989     | ,989     | ,370     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| DIV          | Pearson Correlation | -,878  | -,321  | ,131     | -,131    | ,755     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,122   | ,679   | ,869     | ,869     | ,245     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| SEPARADO     | Pearson Correlation | -,876  | -,381  | ,217     | -,217    | ,813     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,124   | ,619   | ,783     | ,783     | ,187     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| NSLNE        | Pearson Correlation | ,993** | -,001  | ,169     | -,169    | -,529    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,007   | ,999   | ,831     | ,831     | ,471     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| SLE          | Pearson Correlation | ,587   | ,660   | -,571    | ,571     | -,918    |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,413   | ,340   | ,429     | ,429     | ,082     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| PRIMARIO     | Pearson Correlation | ,449   | -,780  | ,770     | -,770    | ,461     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,551   | ,220   | ,230     | ,230     | ,539     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| PREPARAT     | Pearson Correlation | -,381  | -,029  | ,063     | -,063    | ,245     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,619   | ,971   | ,937     | ,937     | ,755     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| SecUnificado | Pearson Correlation | -,965* | -,153  | -,023    | ,023     | ,652     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,035   | ,847   | ,977     | ,977     | ,348     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| SecComplem   | Pearson Correlation | -,979* | -,037  | -,119    | ,119     | ,557     |
|              | Sig. (2-tailed)     | ,021   | ,963   | ,881     | ,881     | ,443     |
|              | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |

**Correlations**

|                 |                     | GRUPO9 | GRUPO0 | ABSTAR91 | PARTAR91 | ABSTCM89 |
|-----------------|---------------------|--------|--------|----------|----------|----------|
| MEDIO           | Pearson Correlation | -,937  | ,174   | -,292    | ,292     | ,347     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,063   | ,826   | ,708     | ,708     | ,653     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| SUPERIOR        | Pearson Correlation | -,944  | -,017  | -,114    | ,114     | ,524     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,056   | ,983   | ,886     | ,886     | ,476     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| PATRAO          | Pearson Correlation | -,797  | -,431  | ,308     | -,308    | ,821     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,203   | ,569   | ,692     | ,692     | ,179     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| TPContapp       | Pearson Correlation | ,987*  | ,002   | ,156     | -,156    | -,530    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,013   | ,998   | ,844     | ,844     | ,470     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| TFAMNREM        | Pearson Correlation | ,338   | ,835   | -,780    | ,780     | -,943    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,662   | ,165   | ,220     | ,220     | ,057     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| TPContadeoutrem | Pearson Correlation | -,981* | ,166   | -,350    | ,350     | ,369     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,019   | ,834   | ,650     | ,650     | ,631     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| MembCooperativa | Pearson Correlation | ,663   | -,745  | ,865     | -,865    | ,328     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,337   | ,255   | ,135     | ,135     | ,672     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| OUTSITUA        | Pearson Correlation | -,119  | ,592   | -,501    | ,501     | -,461    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,881   | ,408   | ,499     | ,499     | ,539     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| Habit_Rural     | Pearson Correlation | ,959*  | ,168   | -,002    | ,002     | -,664    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,041   | ,832   | ,998     | ,998     | ,336     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| Habit_Urb       | Pearson Correlation | -,956* | -,183  | ,012     | -,012    | ,675     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,044   | ,817   | ,988     | ,988     | ,325     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| ISOLADA         | Pearson Correlation | ,832   | ,317   | -,119    | ,119     | -,724    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,168   | ,683   | ,881     | ,881     | ,276     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| Desempregada    | Pearson Correlation | ,273   | ,354   | -,389    | ,389     | -,481    |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,727   | ,646   | ,611     | ,611     | ,519     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| Empregada       | Pearson Correlation | -,273  | -,354  | ,389     | -,389    | ,481     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,727   | ,646   | ,611     | ,611     | ,519     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO1          | Pearson Correlation | -,980* | -,021  | -,133    | ,133     | ,544     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,020   | ,979   | ,867     | ,867     | ,456     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO2          | Pearson Correlation | -,946  | ,002   | -,132    | ,132     | ,507     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,054   | ,998   | ,868     | ,868     | ,493     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO3          | Pearson Correlation | -,960* | -,053  | -,091    | ,091     | ,563     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,040   | ,947   | ,909     | ,909     | ,437     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |
| GRUPO4          | Pearson Correlation | -,965* | -,123  | -,036    | ,036     | ,628     |
|                 | Sig. (2-tailed)     | ,035   | ,877   | ,964     | ,964     | ,372     |
|                 | N                   | 4      | 4      | 4        | 4        | 4        |

Correlations

|          |                     | GRUPO9 | GRUPO0 | ABSTAR91  | PARTAR91  | ABSTCM89  |
|----------|---------------------|--------|--------|-----------|-----------|-----------|
| GRUPO5   | Pearson Correlation | -,893  | -,286  | ,144      | -,144     | ,739      |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,107   | ,714   | ,856      | ,856      | ,261      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| GRUPO6   | Pearson Correlation | ,995** | -,165  | ,321      | -,321     | -,381     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,005   | ,835   | ,679      | ,679      | ,619      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| GRUPO7   | Pearson Correlation | ,445   | ,616   | -,579     | ,579      | -,807     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,555   | ,384   | ,421      | ,421      | ,193      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| GRUPO8   | Pearson Correlation | ,115   | -,797  | ,851      | -,851     | ,673      |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,885   | ,203   | ,149      | ,149      | ,327      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| GRUPO9   | Pearson Correlation | 1,000  | -,112  | ,280      | -,280     | -,431     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,      | ,888   | ,720      | ,720      | ,569      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| GRUPO0   | Pearson Correlation | -,112  | 1,000  | -,979*    | ,979*     | -,848     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,888   | ,      | ,021      | ,021      | ,152      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| ABSTAR91 | Pearson Correlation | ,280   | -,979* | 1,000     | -,1,000** | ,741      |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,720   | ,021   | ,         | ,000      | ,259      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| PARTAR91 | Pearson Correlation | -,280  | ,979*  | -,1,000** | 1,000     | -,741     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,720   | ,021   | ,000      | ,         | ,259      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| ABSTCM89 | Pearson Correlation | -,431  | -,848  | ,741      | -,741     | 1,000     |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,569   | ,152   | ,259      | ,259      | ,         |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| PARTCM89 | Pearson Correlation | ,431   | ,848   | -,741     | ,741      | -,1,000** |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,569   | ,152   | ,259      | ,259      | ,000      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| ABSTAM89 | Pearson Correlation | -,450  | -,837  | ,724      | -,724     | ,999**    |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,550   | ,163   | ,276      | ,276      | ,001      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |
| PARTAM89 | Pearson Correlation | ,450   | ,837   | -,724     | ,724      | -,999**   |
|          | Sig. (2-tailed)     | ,550   | ,163   | ,276      | ,276      | ,001      |
|          | N                   | 4      | 4      | 4         | 4         | 4         |

## ANEXO V



## - - Correlation Coefficients - -

|          | ABSAM_89                   | ABSAR_91                   | ABSCM_89                   | ALSAG_91                  | ALSEL_91                  | ALSES_91                  |
|----------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|
| ABSAM_89 | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,     | ,7236<br>( 4)<br>P= ,276   | ,9993<br>( 4)<br>P= ,001   | -,1682<br>( 4)<br>P= ,832 | -,6921<br>( 4)<br>P= ,308 | -,9731<br>( 4)<br>P= ,027 |
| ABSAR_91 | ,7236<br>( 4)<br>P= ,276   | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,     | ,7411<br>( 4)<br>P= ,259   | ,4919<br>( 4)<br>P= ,508  | -,0082<br>( 4)<br>P= ,992 | -,5464<br>( 4)<br>P= ,454 |
| ABSCM_89 | ,9993<br>( 4)<br>P= ,001   | ,7411<br>( 4)<br>P= ,259   | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,     | -,1341<br>( 4)<br>P= ,866 | -,6703<br>( 4)<br>P= ,330 | -,9657<br>( 4)<br>P= ,034 |
| ALSAG_91 | -,1682<br>( 4)<br>P= ,832  | ,4919<br>( 4)<br>P= ,508   | -,1341<br>( 4)<br>P= ,866  | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,    | ,7968<br>( 4)<br>P= ,203  | ,3795<br>( 4)<br>P= ,620  |
| ALSEL_91 | -,6921<br>( 4)<br>P= ,308  | -,0082<br>( 4)<br>P= ,992  | -,6703<br>( 4)<br>P= ,330  | ,7968<br>( 4)<br>P= ,203  | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,    | ,8398<br>( 4)<br>P= ,160  |
| ALSES_91 | -,9731<br>( 4)<br>P= ,027  | -,5464<br>( 4)<br>P= ,454  | -,9657<br>( 4)<br>P= ,034  | ,3795<br>( 4)<br>P= ,620  | ,8398<br>( 4)<br>P= ,160  | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,    |
| BARRA_91 | ,8290<br>( 4)<br>P= ,171   | ,5761<br>( 4)<br>P= ,424   | ,8133<br>( 4)<br>P= ,187   | -,4078<br>( 4)<br>P= ,592 | -,6585<br>( 4)<br>P= ,342 | -,8312<br>( 4)<br>P= ,169 |
| PARAM_89 | -1,0000<br>( 4)<br>P= ,000 | -,7236<br>( 4)<br>P= ,276  | -,9993<br>( 4)<br>P= ,001  | ,1682<br>( 4)<br>P= ,832  | ,6921<br>( 4)<br>P= ,308  | ,9731<br>( 4)<br>P= ,027  |
| PARAR_91 | -,7236<br>( 4)<br>P= ,276  | -1,0000<br>( 4)<br>P= ,000 | -,7411<br>( 4)<br>P= ,259  | -,4919<br>( 4)<br>P= ,508 | ,0082<br>( 4)<br>P= ,992  | ,5464<br>( 4)<br>P= ,454  |
| PARCM_89 | -,9993<br>( 4)<br>P= ,001  | -,7411<br>( 4)<br>P= ,259  | -1,0000<br>( 4)<br>P= ,000 | ,1341<br>( 4)<br>P= ,866  | ,6703<br>( 4)<br>P= ,330  | ,9657<br>( 4)<br>P= ,034  |
| TXANA_91 | -,6517<br>( 4)<br>P= ,348  | ,0293<br>( 4)<br>P= ,971   | -,6267<br>( 4)<br>P= ,373  | ,8488<br>( 4)<br>P= ,151  | ,9927<br>( 4)<br>P= ,007  | ,8065<br>( 4)<br>P= ,193  |

(Coefficient / (Cases) / 2-tailed Significance)

" , " is printed if a coefficient cannot be computed



- - Correlation Coefficients - -

|          | ABSAM_89                  | ABSAR_91                  | ABSCM_89                  | ALSAG_91                  | ALSEL_91                 | ALSES_91                 |
|----------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|---------------------------|--------------------------|--------------------------|
| TXDES_91 | -,7260<br>( 4)<br>P= ,274 | -,8442<br>( 4)<br>P= ,156 | -,7506<br>( 4)<br>P= ,249 | -,5055<br>( 4)<br>P= ,494 | ,1179<br>( 4)<br>P= ,882 | ,5857<br>( 4)<br>P= ,414 |
| TXMIN_91 | -,8939<br>( 4)<br>P= ,106 | -,7229<br>( 4)<br>P= ,277 | -,9073<br>( 4)<br>P= ,093 | -,1327<br>( 4)<br>P= ,867 | ,4932<br>( 4)<br>P= ,507 | ,8317<br>( 4)<br>P= ,168 |

(Coefficient / (Cases) / 2-tailed Significance)

" , " is printed if a coefficient cannot be computed

|          | BARRA_91                  | PARAM_89                   | PARAR_91                   | PARCM_89                   | TXANA_91                  | TXDES_91                  |
|----------|---------------------------|----------------------------|----------------------------|----------------------------|---------------------------|---------------------------|
| ABSAM_89 | ,8290<br>( 4)<br>P= ,171  | -1,0000<br>( 4)<br>P= ,000 | -,7236<br>( 4)<br>P= ,276  | -,9993<br>( 4)<br>P= ,001  | -,6517<br>( 4)<br>P= ,348 | -,7260<br>( 4)<br>P= ,274 |
| ABSAR_91 | ,5761<br>( 4)<br>P= ,424  | -,7236<br>( 4)<br>P= ,276  | -1,0000<br>( 4)<br>P= ,000 | -,7411<br>( 4)<br>P= ,259  | ,0293<br>( 4)<br>P= ,971  | -,8442<br>( 4)<br>P= ,156 |
| ABSCM_89 | ,8133<br>( 4)<br>P= ,187  | -,9993<br>( 4)<br>P= ,001  | -,7411<br>( 4)<br>P= ,259  | -1,0000<br>( 4)<br>P= ,000 | -,6267<br>( 4)<br>P= ,373 | -,7506<br>( 4)<br>P= ,249 |
| ALSAG_91 | -,4078<br>( 4)<br>P= ,592 | ,1682<br>( 4)<br>P= ,832   | -,4919<br>( 4)<br>P= ,508  | ,1341<br>( 4)<br>P= ,866   | ,8488<br>( 4)<br>P= ,151  | -,5055<br>( 4)<br>P= ,494 |
| ALSEL_91 | -,6585<br>( 4)<br>P= ,342 | ,6921<br>( 4)<br>P= ,308   | ,0082<br>( 4)<br>P= ,992   | ,6703<br>( 4)<br>P= ,330   | ,9927<br>( 4)<br>P= ,007  | ,1179<br>( 4)<br>P= ,882  |
| ALSES_91 | -,8312<br>( 4)<br>P= ,169 | ,9731<br>( 4)<br>P= ,027   | ,5464<br>( 4)<br>P= ,454   | ,9657<br>( 4)<br>P= ,034   | ,8065<br>( 4)<br>P= ,193  | ,5857<br>( 4)<br>P= ,414  |
| BARRA_91 | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,    | -,8290<br>( 4)<br>P= ,171  | -,5761<br>( 4)<br>P= ,424  | -,8133<br>( 4)<br>P= ,187  | -,6887<br>( 4)<br>P= ,311 | -,3015<br>( 4)<br>P= ,698 |

(Coefficient / (Cases) / 2-tailed Significance)

" , " is printed if a coefficient cannot be computed

- - Correlation Coefficients - -

|          | BARRA_91                  | PARAM_89                 | PARAR_91                  | PARCM_89                 | TXANA_91                  | TXDES_91                 |
|----------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|---------------------------|--------------------------|
| PARAM_89 | -,8290<br>( 4)<br>P= ,171 | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,   | ,7236<br>( 4)<br>P= ,276  | ,9993<br>( 4)<br>P= ,001 | ,6517<br>( 4)<br>P= ,348  | ,7260<br>( 4)<br>P= ,274 |
| PARAR_91 | -,5761<br>( 4)<br>P= ,424 | ,7236<br>( 4)<br>P= ,276 | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,    | ,7411<br>( 4)<br>P= ,259 | -,0293<br>( 4)<br>P= ,971 | ,8442<br>( 4)<br>P= ,156 |
| PARCM_89 | -,8133<br>( 4)<br>P= ,187 | ,9993<br>( 4)<br>P= ,001 | ,7411<br>( 4)<br>P= ,259  | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,   | ,6267<br>( 4)<br>P= ,373  | ,7506<br>( 4)<br>P= ,249 |
| TXANA_91 | -,6887<br>( 4)<br>P= ,311 | ,6517<br>( 4)<br>P= ,348 | -,0293<br>( 4)<br>P= ,971 | ,6267<br>( 4)<br>P= ,373 | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,    | ,0252<br>( 4)<br>P= ,975 |
| TXDES_91 | -,3015<br>( 4)<br>P= ,698 | ,7260<br>( 4)<br>P= ,274 | ,8442<br>( 4)<br>P= ,156  | ,7506<br>( 4)<br>P= ,249 | ,0252<br>( 4)<br>P= ,975  | 1,0000<br>( 4)<br>P= ,   |
| TXMIN_91 | -,4947<br>( 4)<br>P= ,505 | ,8939<br>( 4)<br>P= ,106 | ,7229<br>( 4)<br>P= ,277  | ,9073<br>( 4)<br>P= ,093 | ,4064<br>( 4)<br>P= ,594  | ,9212<br>( 4)<br>P= ,079 |

(Coefficient / (Cases) / 2-tailed Significance)

" , " is printed if a coefficient cannot be computed

- - Correlation Coefficients - -

|          | TXMIN_91                  |
|----------|---------------------------|
| ABSAM_89 | -,8939<br>( 4)<br>P= ,106 |
| ABSAR_91 | -,7229<br>( 4)<br>P= ,277 |
| ABSCM_89 | -,9073<br>( 4)<br>P= ,093 |
| ALSAG_91 | -,1327<br>( 4)<br>P= ,867 |
| ALSEL_91 | ,4932<br>( 4)<br>P= ,507  |
| ALSES_91 | ,8317<br>( 4)<br>P= ,168  |
| BARRA_91 | -,4947<br>( 4)<br>P= ,505 |
| PARAM_89 | ,8939<br>( 4)<br>P= ,106  |
| PARAR_91 | ,7229<br>( 4)<br>P= ,277  |
| PARCM_89 | ,9073<br>( 4)<br>P= ,093  |
| TXANA_91 | ,4064<br>( 4)<br>P= ,594  |

(Coefficient / (Cases) / 2-tailed Significance)

" , " is printed if a coefficient cannot be computed

- - Correlation Coefficients - -

```
          TXMIN_91
TXDES_91  ,9212
          (    4)
          P= ,079

TXMIN_91  1,0000
          (    4)
          P= ,
```

(Coefficient / (Cases) / 2-tailed Significance)

" , " is printed if a coefficient cannot be computed